

Edgar Rice Burroughs

# Tarzan

O Rei da Jangal





Edgar Rice Burroughs

Tarzan  
o Rei da Jângal

Digitalização de Digital Source

Formatação de LeYtor

*Tradução de*

GODOFREDO EANGEL

*Do original norte-americano:*

TARZAN, LORD OF THE JUNGLE

## CAPÍTULO 1

# Tantor, o elefante

SEU desconforme corpanzil bamboleava-se indolente para um e outro lado, quando Tantor, o elefante, preguiçava à sombra do rei das florestas. Naqueles seus domínios ele sentia-se quase onipotente. Dango, Sheeta e até Numa, o poderoso, eram o mesmo que nada para o paquiderme. Havia cem anos ele vagueava por aquela terra que por espaço de séculos sem conta tremera sob os pesados passos de seus antepassados.

Vivia em paz com Dango, a hiena, Sheeta, a pantera, e Numa, o leão. Só o homem lhe declarara guerra, o homem, que se distingue entre todas as criaturas por viver em luta com todos os seres vivos, inclusive os da sua própria espécie. Só o homem, o cruel; o homem, o inexorável; o homem, o mais odiado dos organismos vivos produzidos pela Natureza. Durante todos os cem anos de sua existência Tantor conhecera o homem. Homens pretos, ali houvera sempre. Conhecera espadaúdos guerreiros negros armados de lanças e arcos, pequenos guerreiros negros, árabes de cor acobreada, com implacáveis mosquetes, e homens brancos com poderosos rifles expressos e carabinas para elefantes. Os brancos apareceram por último e eram os piores. Mas Tantor não odiava os homens — nem mesmo os homens brancos. Ódio, vingança, inveja, avareza, cobiça são alguns dos "preciosos" sentimentos reservados exclusivamente para a obra mais nobre na Natureza; os animais "inferiores" não os conhecem. Não conhecem a espécie de medo que os homens sentem e sim a prudência intrépida que conduz o antílope e a zebra, cautelosos e vigilantes, ao mesmo bebedouro do leão.

Tantor compartia da prudência de seus iguais e evitava os homens — especialmente os brancos; por isso, se existissem ali, naquele dia, outros olhos além dos seus, para ver, seu dono quase poderia pôr-lhes o testemunho em dúvida, ou julgar-se-ia vítima de uma ilusão, atribuindo-a à meia luz da floresta, ao observar a forma humana deitada de bruços no rijo dorso do elefante, a modorrar, àquela hora calma, ao balanço monótono do corpanzil daquele, pois, apesar de ter a pele bronzeada pelo sol, aquele corpo era evidentemente o de um homem branco. Mas ali não havia outros olhos para os verem; e Tantor sentia-se imerso em grande sonolência, enquanto Tarzan, o Senhor das Florestas, cochilava nas costas de seu possante amigo. Soprava do lado do norte, frouxamente, um vento morno, que não trazia às narinas sensíveis do homem-macaco nenhum cheiro inquietador. Descera a paz sobre as coisas e aqueles dois seres sentiam-se contentes.

Na floresta, os beduínos Fahd e Motlog caçavam ao norte do "menzil" (acampamento) do xeque Ibn Jad, de el-Guad, em Beni Salem. Havia escravos negros em companhia deles. Caminhavam cautamente e em silêncio, seguindo rastros frescos de elefante. Os pensamentos dos acobreados árabes estavam no marfim, e o dos escravos pretos na carne desse animal. Era chefe desses escravos Fejjuan, também negro e da tribo Gala, destro guerreiro comedor de carne crua e caçador afamado.

Fejjuan, assim como seus companheiros, pensava em carne fresca, mas também seu pensamento estava em El-Habash, a terra onde em menino o roubaram. Ele tinha a idéia de voltar à solitária cabana gala de seus pais. Talvez que El-Habash já não ficasse longe. Durante meses Ibn Jad viajara para o sul e depois já percorrera longo trajeto na direção leste. El-Habash devia estar perto. Quando disso tivesse certeza, findar-se-ia sua vida de escravo e Ibn Jad perderia seu melhor escravo gala.

A dois dias de marcha para o norte, no extremo sul da Abissínia, ficava a palhoça cônica do pai de Fejjuan, quase no roteiro traçado por Ibn Jad havia um ano, desde que empreendera aquela louca aventura, a conselho de um sábio saar, adivinho de fama. Mas Fejjuan tanto ignorava a exata localização da casa de seu pai, como os planos exatos de Jad. Ele apenas sonhava agora e seus sonhos recendiam a carne crua.

Sobre as cabeças dos caçadores as folhagens das árvores pareciam atorporadas pelo mormaço. E abaixo das folhagens acalentadoras de outras árvores, ao alcance de um tiro de flecha, para a frente, modorravam Tarzan e Tantor, com seus sentidos apurados, momentaneamente amortecidos pelo influxo apaziguador da segurança em que imaginava estar, pois o estado de sonolência é corolário inevitável do meio-dia equatorial.

Fejjuan, o escravo gala, fez alto em sua perseguição e fez também, com uma ordem silenciosa da mão erguida, parar os que o acompanhavam. Bem à sua frente, confusa-mente vislumbrada por entre os troncos e os ramos, estava a mole oscilante de um gigantesco elefante. Fejjuan fez um aceno a Fahd, *que se foi*, de manso, postar-se ao lado do preto. O escravo gala indicou através da folhagem uma forma de cor parda. Fahd ergueu seu velho mosquete à altura do ombro. Uma língua de flama, um estampido, uma fumarada e o elefante, intacto, fugia pela floresta.

Quando, assustado pelo tiro, Tantor se pôs em fuga, Tarzan despertou sobressaltado, e pôs-se instantaneamente de pé; nesse instante, porém, o paquiderme passou por sob um galho baixo que bateu na cabeça *do* homem-macaco, arremessando-o ao chão, onde ele se quedou inerte e sem sentidos.

Possuído de terror, o elefante só pensava em fugir; e correu para o norte, nas entranhas daselva, deixando em seu caminho um sulco de árvores arrancadas e de

vegetação rasteira esmagada. Ele, porventura, não percebera que seu amigo jazia exânime e ferido, à mercê do inimigo comum — o homem. Tantor não achava que Tarzan fosse um Tarmangani, pois para ele homem branco era sinônimo de aborrecimento, dor, incômodo, ao passo que Tarzan dos Macacos significava para ele unicamente companheiro sincero, paz, felicidade. Entre todos os animais das selvas, à exceção dos de sua própria espécie, ele confraterniza apenas com Tarzan.

— Que azar! Errou o tiro! — exclamou Fejjuan.

— Por Maomé! — resmungou Fahd. — Foi o demo que desviou a bala. Mas vamos ver — talvez esteja ferido.

— Qual, ferido! errou, mesmo, o alvo!

Os dois homens precipitaram-se para frente, seguidos pelos companheiros, a procurar no chão o desejado rasto de sangue. Fahd estacou de chofre.

— Olá! Que é isto! — exclamou. — Atirei "el-fil" e matei um cristão!

Os outros reuniram-se logo ali.

— É verdade! é o cão de um cristão, e nu em pêlo! — observou Motlog.

— Ou algum selvagem da floresta — sugeriu outro. — Em que parte do corpo a bala acertou, Fahd?

Eles curvaram-se e viraram o corpo de Tarzan para o outro lado.

— Não há sinal de bala em parte alguma.

— Está morto? Talvez que ele também estivesse a caçar "el-fil" e fosse morto pelo enorme animal.

— Não está morto — disse Fejjuan que se ajoelhara e aplicara o ouvido ao peito do homem-macaco. — Está vivo e, pelo galo que tem na testa, julgo que se acha momentaneamente sem sentido devido a alguma pancada que levou. Veja, ele está no caminho aberto pelo elefante na ocasião em que fugiu. Caiu ferido no momento dessa fuga.

— Deixe-me acabar com ele — disse Fahd desembainhando sua "khusa".

— Por Alá, não faça isso! Guarda a faca, Fahd — opinou Motlog. — Esperemos que o xeque diga se o devemos matar. Você está sempre ansioso por derramar sangue!



*Tollog voltou-se rápido e um grito de terror partiu-lhe da boca ao ver sobre ele, de olhos vermelhos e furioso, o vulto colossal de um elefante.*

— Mas ele não passa de um cristão — insistiu Fahd. — Quer então que o carreguemos até o acampamento?

— O homem já está a mover-se — disse Fejjauu. — Em pouco poderá caminhar sem nosso auxílio. Mas talvez recuse acompanhar-nos, e veja que músculos de gigante os seus! Apre! Que homem!

— Amarre-o — ordenou Fahd.

Em vista destas palavras, amarraram-lhe as mãos atravessadas sobre o ventre, com correias de couro de camelo. Se não o fizessem em tempo custar-lhes-ia realizar o seu intento, pois apenas o amarraram, Tarzan abriu os olhos e lentamente começou a ter acordo com a realidade. Ele sacudiu a cabeça como um grande leão e com isso



acabou de recobrar os sentidos. Incontinenti reconheceu que eram árabes e compreendeu o que se passara.

— Por que amarraram meus pulsos? — perguntou-lhes em sua própria língua. — Tirem estas correias!

Fahd riu-se.

— Você pensa, vil cristão, que é algum grande xeque que possa tratar os beduínos como se eles fossem cães?

— Eu sou Tarzan — respondeu o homem-macaco na entoação de quem dissesse: "Eu sou o xeque dos xeques".

— Tarzan! — exclamou Motlog. Ele levou Fahd para um lado e, abaixando a voz, segredou-lhe: — O pior azar que nos poderia suceder era fazer algum mal a este homem! Em todas as aldeias por que passamos nas últimas semanas ouvimos falar em seu nome. "Esperem, até que volte Tarzan, o Senhor das Florestas!" ameaçavam os pretos. "Ele os matará quando souber que levaram homens desta região para servirem de escravos!"

— Quando desembainhei minha "khusa" você não devia ter-se oposto, Motlog — recriminou-o Fahd — mas ainda não é demasiado tarde. E ele bateu com a mão no cabo de sua faca.

— Nada. nada! — protestou Motlog. — Nós arranjam os escravos nesta região. Eles estão ainda conosco e é certo fugirem alguns deles. E imagine se estes últimos forem contar na terra deste grande xeque que nós o matamos! Nenhum de nós regressará vivo a el-Guad.

— Vamos então levá-lo a nosso chefe Ibn Jad, para que ele assum a responsabilidade de tudo.

— Isso é que é falar sensato — apoiou Motlog. — Quanto ao que o xeque queira fazer com este homem, é coisa que só a ele diz respeito. Vamos!

Quando eles tornaram para o lugar onde se achava Tarzan, este fitou-os interrogativamente.

— Que resolveram fazer comigo — perguntou. — Se quisessem proceder avisadamente, cortariam estes nós e conduzir-me-iam à presença de seu xeque. Desejo dizer duas palavras a Ele.

— Nós somos uns pobres subalternos — disse Motlog — por isso não nos compete dizer o que será feito do senhor. Tanto é assim, que vamos levá-lo ao nosso xeque para este resolver.

O xeque Ibn Jad, de el-Guad, achava-se sentado de pernas cruzadas no compartimento aberto, destinado aos homens de sua barraca, e a seu lado estava

sentado seu irmão Tollog e um jovem beduíno de nome Zeyd, o qual sem dúvida se sentia menos atraído pela companhia do xeque do que pela proximidade do cômodo reservado às mulheres, cômodo que se achava apenas separado daquela espécie de sala por uma cortina alta e larga, pendente da travessa central da barraca, o que possibilitava ver-se momentaneamente, às vezes, a encantadora Ateja, filha de Ibn Jad. Também podia-se entrever Hirfa, a mulher deste, vista esta que em nada acelerava o ritmo do coração de Zeyd.

Enquanto os homens conversavam, as mulheres se afanavam em seus trabalhos domésticos, no compartimento que lhes era reservado. Hirfa estava a colocar um quarto de carneiro numa grande "jidda" de bronze, a fim de cozê-lo para a próxima refeição, enquanto Ateja, sua filha, transformava em sandálias uma velha bolsa de couro de camelo impregnada ainda do aroma das tâmaras nascidas em inúmeras palmeiras. Ao mesmo tempo em que o faziam, não perdiam palavra da conversa travada no cômodo da frente.

— Já viajamos bastante e sem acidentes desde que saímos de nossa terra — dizia Ibn Jad — e o percurso foi mais longo porque eu não quis atravessar el-Habash, a fim de não ser assaltado ou seguido pelos pretos dessa região.

Agora vamos rumar para o norte e penetrar em el-Habash bem perto do lugar onde o adivinho nos revelou existir a cidade-tesouro de Nimmr.

— E julga que encontraremos facilmente essa cidade misteriosa, desde que nos achemos nas divisas de el-Habash? — inquiriu Tollog, seu irmão.

— Julgo, sim. Isto é sabido pelo povo que mora nesta zona, ao sul e distante de Habash. O próprio Fejjuan, que é do país de Habash, embora depois de grande nunca tivesse estado nessas paragens, já ouviu falar a respeito, em menino. Aprisionaremos alguns dos habitantes da região e, com a mercê de Alá, descobriremos meios de desatar-lhes as línguas e saber a verdade.

— Oxalá esse tesouro não seja como o que existe no grande rochedo el-Howwara, na planície de Medain Salih — comentou Zeyd. — Um espírito mau o guarda fechado em uma torre de pedra, e dizem que se o tirarem, grandes desgraças assolarão o gênero humano, voltando-se os homens contra seus amigos e até mesmo contra os irmãos, filhos de seus pais e suas mães, e guerreando os reis do mundo todo, uns contra os outros.

— É certo — confirmou Tollog. — Já ouvi uma pessoa de Hazim dizer que um sábio Moghreby foi ter ali, em uma de suas viagens, e, consultando os sinais cabalísticos de seu livro de magia, descobriu que em verdade o tesouro ali está.

— Mas ninguém se atreve a tirá-lo — disse Zeyd.

— Oral — exclamou Ibn Jad. — Não existe nenhum espírito mau a guardar os

tesouros de Nimmr. Só haverá carne e sangue da gente de Habash, e dessa nos encarregaremos a poder de pólvora e balas. O tesouro será nosso, a troco do trabalho de o tomarmos.

— Permita Alá que esse tesouro seja tão fácil de achar como o de Gerieh — disse Zeyd — que fica a um dia de viagem ao norte de Tebuk, nas ruínas antigas de uma cidade cercada de muralhas. Nessa cidade, todas as sextas-feiras rolam pelo chão moedas de ouro e continuam a correr, deserto em fora, até o pôr do sol.

— Chegados a Nimmr, não nos será difícil encontrar o tesouro — asseverou-lhe Ibn Jad. A dificuldade estará em sairmos de el-Habash com o tesouro e a mulher; e se ela for bela como diz o adivinho, os homens de Nimmr a defenderão mais ferozmente do que ao próprio tesouro.

— Muitas vezes os magos mentem — opinou Tollog.

— Quem vem chegando? — exclamou Ibn Jad olhando a mata que rodeava por todos os lados seu "menzil".

— Por Alá! São Fahd e Motlog a voltar da caça — disse Tollog. — Assim Alá permita que tenham trazendo marfim e carne.

— Estão a voltar muito cedo — observou Zeyd.

— Mas não vêm com as mãos vazias — e Ibn Jad apontou o gigante nu que acompanhava os caçadores em seu regresso.

O grupo que rodeava Tarzan aproximou-se da barraca do xeque e fez alto.

Vestido com seu "thob" sujo, de algodão, e tendo o lenço, que costumava trazer à cabeça, puxado para a parte inferior do rosto, Ibn Jad expôs somente seus dois olhos rapaces à atenta inspeção do homem-macaco, que ao mesmo tempo viu Tollog, irmão do xeque, de olhos vivos e rosto picado de bexiga, e a fisionomia, não desfavorecida pela natureza, do jovem Zeyd.

— Qual dos senhores é o xeque? — perguntou Tarzan em tom autoritário que contrastava com as correias de couro amarradas em seus pulsos.

Ibn Jad condescendeu em deixar que o lenço do rosto lhe caísse para o pescoço.

— Sou eu — disse ele. — E qual o nome por que o conhecem, cristão?

— Costumam chamar-me Tarzan dos Macacos, maometano.

— Tarzan dos Macacos... — refletiu Ibn Jad. — Já ouvi este nome.

— Sem dúvida. Ele é bem conhecido dos árabes que vêm arranjar escravos por aqui. E por que invadiu os meus domínios sabendo que não permito que se escravize minha gente?

— Não vimos buscar escravos — afirmou Ibn Jad — p sim comprar

pacificamente marfim.

— É mentira, maometano — replicou Tarzan calmo. — Estou a ver no seu "menzil" escravos maniuemas e galas, e sei que não se acham aqui por sua própria vontade. Eu estava, também, presente quando seus caçadores deram um tiro em um elefante. Isso é que se chama comprar pacificamente marfim? Não! Vocês são uns ladrões e Tarzan dos Macacos não consente isso em suas terras. Não passam de uns ousados rapinadores!

— Por Alá! que somos homens honestos — bradou Ibn Jad. — Fahd e Motlog saíram à caça apenas para trazer carne. Se eles atiraram algum "el-fil" foi, certo, por se enganarem, tomando-o por alguma fera.

— Basta! — exclamou Tarzan. — Tirem as correias que me amarram e preparem-se para voltar para o lugar do norte donde vieram. Terão uma escolta e carregadores até o Sudão, encarrego-me de arranjá-los.

— Fizemos viagem longa e apenas queremos negociar em paz — insistiu Ibn Jad. — Pagaremos a nossos carregadores o seu trabalho e não arranharemos escravos nem atiraremos outra vez contra elefantes. Deixe-nos seguir nosso caminho que, ao voltarmos, lhe daremos boa paga pelo seu consentimento para atravessarmos suas terras.

Tarzan abanou negativamente a cabeça.

— Não! Deverão voltar imediatamente. Vamos, desamarrem-me!

Ibn Jad semicerrou os olhos, redargüindo:

— Oferecemos-lhe a paz e lucros, cristão, e você não quer; se prefere a guerra, terá guerra. Está em nosso poder e lembre-se de que os inimigos mortos não incomodam. Pense nisto. — E, voltando-se para Fahd: — Levem-no daqui e amarrem-lhe os pés também.

— Veja o que faz, maometano — avisou Tarzan — pois os braços do homem-macaco são compridos — até morto eles poderão alcançar e filar você pelo gasnete.

— Dou-lhes até à noite para se resolver, cristão, e saiba que Ibn Jad não regressará enquanto não obtiver aquilo que veio buscar.

Conduziram então Tarzan e o puseram, a certa distância da barraca de Ibn Jad, em uma pequena "hejra"; mas apenas chegados ao interior dessa tenda, foram precisos três homens para atirá-lo ao chão e amarrar-lhe os pés, mesmo já tendo as mãos atadas.

Na barraca do xeque os beduínos tomavam seu café, adubado com cravo-da-índia, cinamomo e outras especiarias, comentando a má sorte que tiveram; pois, apesar de sua bravata, Ibn Jad sabia perfeitamente que agora só recorrendo à rapidez e com as

mais propícias circunstâncias poderiam ver coroada de êxito sua empresa.

— Se não fosse Motlog — disse Fahd — não haveria motivo de aborrecimentos com referência ao cristão, pois eu já tinha minha faca pronta para degolar aquele cão quando Motlog interveio.

— E a notícia dessa morte se espalharia em toda a zona antes do sol se pôr segunda vez, e teríamos toda a gente dele em nosso encalço — rebateu Motlog.

— Por Alá — sobreveio Tollog, o irmão do xeque. — Melhor seria que Fahd houvesse feito o que queria. Pois, afinal de contas, ficaremos em melhores lençóis deixando o cristão viver? Se o soltarmos, sabemos que ele reunirá seus homens e nos expulsará destas paragens. E se o mantivermos prisioneiro e algum escravo fugir, não contará tudo a sua gente e não a teremos sobre nós com mais certeza ainda do que se o houvéssemos morto?

— Tollog, você está a falar de coisas cheias de sabedoria — aprovou Ibn Jad, com um movimento de cabeça.

— Mas espere — prosseguiu Tollog — ainda tenho a dizer palavras de mais valor. — ele inclinou-se para frente, fazendo sinal aos outros para que se aproximassem mais; e continuou, baixando a voz: — Se esse homem se escapasse ou se nós o soltássemos esta noite, nada haveria de mau naquilo que algum escravo fugido pudesse ir contar à gente dele.

— Ora! — exclamou Fahd contrariado. — Seria ainda pior do que se algum escravo fugido fosse ou não denunciar-nos, uma vez que o próprio cristão iria buscar pessoalmente os seus, para nos atacar. Parece que Tollog tem miolos de camelo.

— Você não me acabou de ouvir, meu irmão — prosseguiu Tollog, para o xeque, abstraído da presença de Fahd. Apenas *pareceria* aos escravos que esse homem havia fugido, pois pela manhã não o veriam mais e nós lhe lamentaríamos muito a fuga, ou diríamos: "Decerto Ibn Jad ficou em boa harmonia com o estrangeiro, pois este partiu para a mata bendizendo-o".

— Não compreendo bem seu pensamento, meu irmão — disse Ibn Jad.

— O cristão está amarrado longe daqui na "hejra". A noite vai ser escura. Uma delgada lâmina de faca entre suas costelas seria o bastante. Há entre nós alguns escravos fiéis que fariam o que mandássemos e nada contariam depois. Eles prepararão uma cova, de cujo fundo um Tarzan morto não conseguirá fazer-nos mal algum.

— Por Alá. é claro que você têm sangue de xeque, Tollog — exclamou Ibn Jad. — A sabedoria de suas palavras o atesta. Você dirigirá a coisa, de modo a fazer-se tudo em segredo e bem feito. Caiam as bênçãos de Alá sobre sua cabeça!

E, dizendo-o, Ibn Jad levantou-se e entrou no compartimento interior.

# Os companheiros da selva

Baixaram as trevas da noite sobre o acampamento do xeque Ibn Jad. No interior da pequena barraca onde seus captores o deixaram, Tarzan procurava libertar-se dos nós que lhe constringiam os pulsos, mas as rijas correias de couro de camelo resistiam até à força de seus músculos de atleta. Às vezes ele quedava-se a escutar os rumores noturnos da selva, muitos dos quais outros ouvidos humanos não perceberiam, e interpretava sempre com acerto a significação de cada um. Ouviu quando Numa passou, e quando passou Sheeta, a pantera; em seguida, de muito longe e tão fraco que parecia apenas um vaguíssimo sussurro, chegou-lhe, trazido pelo vento, o urro de um elefante.

Do lado de fora da barraca de Ibn Jad achava-se Ateja, a filha dele, e junto a ela estava Zeyd. Os dois estavam muito achegados, e o rapaz tinha entre as suas as mãos da moça.

— Diga, Ateja — murmurava ele — que você só ama a seu Zeyd.

— Quantas vezes quer que o repita? — sussurrou a jovem.

— Não ama a Fahd?

— Juro que não! — exclamou ela,

— Em todo caso, tenho a impressão de que seu pai a destina para Fahd.

— Meu pai quer que me case com Ele, mas não confio nesse homem, e não poderia pertencer a uma pessoa que não me inspira amor nem confiança.

— Eu também não confio em Fahd — disse Zeyd. — Ouça-me, Ateja! Duvido da fidelidade dele para com seu pai, e não só da dele, como também de outro homem cujo nome não me atreverei nem mesmo a cochichar. Várias vezes tenho-os visto a confabular em voz baixa quando julgam não serem observados por outras pessoas.

A moça sacudiu a cabeça.

— Eu sei. Nem é mesmo necessário cochichar-se o nome — e odeio-o tanto quanto a Fahd.

— Mas ele é de seu próprio sangue — lembrou-lhe o jovem.

— Que tem isso? Não é Ele, também, irmão de meu pai? Se este vínculo de parentesco não o mantém fiel a Ibn Jad, que o trata bem, por que devo ter-lhe consideração? Não! Considero-o traidor para com meu pai, mas este parece nada ver. Estamos a grande distância de nossa terra e se por acaso o xeque morresse, seria Tollog, como parente mais próximo, quem assumiria esse posto com todos os

seus deveres e honras. Penso que ele conseguiu a adesão de Fahd prometendo-lhe defender, junto a meu pai, as pretensões dele sobre mim, pois notei que Tollog vive a elogiá-lo a meu pai.

— E também repartir os despojos depois do assalto à cidade do tesouro — insinuou Zeyd.

— Não é inverossímil — respondeu a jovem. — Mas, por Alá, que será isto?

Puseram-se instantaneamente de pé os beduínos que se achavam sentados em torno da fogueira onde faziam o café. Sobressaltando em seus toscos abrigos, os escravos negros espiaram a escuridão em torno. Muitos passaram a mão nos mosquetes. Baixou de novo o silêncio sobre o "menzil", onde todos prestavam ouvidos, em grande tensão nervosa. Não se repetiu o urro selvagem e sobrenatural que os assustara.

— Por Mafoma! — bradou Ibn Jad. — Esse urro de animal feroz partiu do meio do acampamento e no entanto aqui só existem homens e alguns poucos animais domésticos.

— Não teria sido o... — e quem o sugeria deteve-se, como atemorizado pela simples idéia de ser verdade o que pensara.

— Mas ele é um homem, e esses sons foram o bramido de uma fera — insistiu Ibn Jad. — Não podia ter sido Ele.

— Mas ele é um cristão — lembrou Fahd. — Talvez tenha parte com o diabo.

— E o grito veio do lado da "hejra" onde ele ficou amarrado — observou outro árabe.

— Vamos lá! — disse Ibn Jad. — Precisamos apurar o caso.

De mosquetes preparados, os árabes, iluminando o percurso com lanternas de papel, aproximaram-se da "hejra" onde estava Tarzan. O que ia à frente espiou medrosamente o interior da mesma.

— Ele está aqui — disse.

Sentado no centro da barraca Tarzan observava os árabes com expressão um tanto desdenhosa. Ibn Jad entrou.

— Você ouviu um grito? — perguntou ao homem-macaco.

— Ouvi-o, sim. E você xequê Ibn Jad, veio perturbar meu repouso por motivo tão insignificante, ou veio soltar-me?

— Que grito era esse? Que significa Ele? — interrogou Ibn Jad.

Tarzan dos Macacos sorriu sinistramente.

— Era um grito de apelo de um animal a outro de sua própria e. "iécie —



explicou. — Sempre que ouve as vozes dos habitantes da mata o nobre beduíno costuma tremer de medo?

— Ele nada teme! — grunhiu Ibn Jad. — Pareceu-nos que os sons partiram desta "hejra", e por isso apressamo-nos a vir ver se alguma fera havia entrado no "menzil" e atacado você. A idéia de Ibn Jad é soltá-lo amanhã.

— E por que não me solta esta noite?

— Minha gente teme você. Ela quer que, apenas solto, parta imediatamente daqui.

— Partirei incontinenti. Não desejo permanecer em seu "menzil" infestado de piolhos.

— Mas não podemos mandá-lo para a mata à noite, hora em que "el-adrea" erra por ela a caçar — objetou o xeque.

Tarzan dos Macacos teve outra vez um de seus raros sorrisos:

— Tarzan sente-se em mais segurança entre os leões da selva do que os beduínos em seu deserto. A noite das selvas não incute terror em Tarzan.

— Só amanhã — replicou incisivo o xeque.

E, fazendo um sinal a seus companheiros, todos se afastaram juntos.

Tarzan viu-lhes as lanternas de papel oscilar através do acampamento em direção à barraca do xeque; em seguida ele estirou-se a fio comprido, aplicando um dos ouvidos ao chão.

Quando os homens do acampamento ouviram o bramir de fera rasgar a quietude da noite incipiente, sentiram-se cheios de vaga inquietação; aqueles sons, todavia, não tinham sentido para eles. No entanto, longe dali, na mata, um ser os ouviu fracamente e lhes compreendeu a significação: foi o imenso animal, o grande couraçado pardo da floresta — Tantor, o elefante. De novo ele ergueu a tromba e urrou prolongada-mente. Seus pequenos olhos brilharam com um rubro clarão feroz e, no mesmo instante, abalou floresta a fora, em trote rápido.

Aos poucos baixou o silêncio sobre o acampamento do xeque Ibn Jad. Os árabes e seus escravos foram estender-se em esteiras para dormir. Só o xeque e seu irmão estavam ainda sentados, a fumar, na barraca do primeiro — a fumar e a conversar em voz baixa.

— Não deixe os escravos ver você matar o cristão, Tollog — aconselhou Ibn Jad. — Faça isso pessoalmente, em segredo e em silêncio, e em seguida vá acordar dois escravos. Fejjuan pode ser um deles, porque desde criança nos tem sido fiel.

— Abbas também é fiel e robusto — propôs Tollog.

— Muito bem! Ele pode ser o segundo — concordou Ibn Jad. — Mas é melhor

que não saibam o modo por que o cristão morreu. Diga-lhes que ouviu um barulho na direção da "hejra" e que quando chegou paia ver o que era, já o encontrou morto.

— Pode confiar em minha descrição, meu irmão — assegurou-lhe Tollog.

— E recomende-lhes segredo — continuou o xeque. — Só nós quatro deveremos ter conhecimento da morte do cristão e do lugar da cova. Pela manhã diremos aos outros que ele fugiu à noite. Deixe como prova disso as correias cortadas, no interior da "hejra". Compreendeu?

— Por Alá! perfeitamente.

— Muito bem. Vá agora. Todos dormem.

O xeque levantou-se e Tollog imitou-o. O primeiro entrou no outro compartimento da barraca, e o último dirigiu-se em silêncio, através da escuridão da noite, para o lado onde ficava a "hejra" de sua vítima.

Rompendo o matagal, vinha vindo Tantor, o elefante. Fugiam de seu caminho os animais mansos e as feras. Até Numa, o leão, se afastou roncando, para um lado, dando passagem ao poderoso paquiderme.

Tollog, o irmão do xeque, entrou de manso na barraca de Tarzan; mas este, deitado e com o ouvido em terra, ouvira-lhe os passos que se aproximavam desde o momento em que o árabe saíra da barraca de Ibn Jad. Tarzan ouviu também outros sons, e, assim como interpretava os mesmos, interpretou os da furtiva aproximação de Tollog; convenceu-se de que seus passos se dirigiam para a "hejra" onde ele estava — e também compreendeu o fim que ali o levava. Pois com que intuito, a não ser o de tirar-lhe a vida, um beduíno iria procurar Tarzan a tais desoras da noite?

Quando Tollog entrava às apalpadelas na barraca, Tarzan se achava sentado, e com o busto erguido. Feriu então outra vez os ouvidos do beduíno o horrível brado que alarmara o acampamento, no princípio daquela noite. Mas desta vez, percebeu que soara nas trevas da própria "hejra" em que Ele, Tollog, se achava.

O beduíno, assustado, bradou:

— Por Alá! — e recuou precipitadamente para a porta. — Que animal está aí? Você está sendo atacado, Tarzan?

Despertaram outros homens no acampamento, mas nenhum se atreveu a sair para fazer investigações. Tarzan sorriu e conservou-se calado.

— Cristão! — repetiu Tollog. Mas não teve ainda resposta Cauto, empunhando a faca, o beduíno saiu da "hejra". Prestou ouvidos. Não percebeu nenhum som provindo de seu interior, Correndo prestes a seu próprio alojamento, tomou uma lanterna de papel e dessa vez levou também o mosquete já engatilhado. Erguendo a lanterna sobre a cabeça, Tollog espiou o interior da barraca, vendo então o homem-

macaco, sentado no chão, a encará-lo. Não havia ali fera alguma! Só então o beduíno compreendeu.

— Com mil raios! Foi você, cristão, que deu aqueles terríveis gritos.

— Com que então, beduíno, vem matar o cristão? — perguntou Tarzan.

Chegaram da selva o rugido de um leão e o urro de um elefante, mas a "boma" que protegia o acampamento era alta e de agudos espinhos, e perto dela havia guardas e fogueiras para espantar as feras, por isso Tollog não deu atenção àqueles rumores familiares da noite. Ele não respondeu à pergunta de Tarzan, mas pôs a um lado a lanterna e o mosquete e desembainhou a faca, o que constituía uma resposta eloqüente.

À escassa luz da lanterna de papel Tarzan olhava esses preparativos. Ele viu a expressão cruel do rosto mal-encarado do árabe. Viu-o ainda aproximar-se lento, de faca erguida, pronta para ferir.

O árabe estava agora quase sobre Ele, com os olhos a fuzilar à frouxa luz da lanterna. Chegou aos ouvidos do homem-macaco um rumor na extremidade remota do acampamento, acompanhado de uma praga em árabe. Foi então que Tollog desfechou uma facada contra o peito de Tarzan: mais rápido, porém, que Ele, o prisioneiro ergueu as mãos atadas e repeliu violentamente o braço do beduíno. E, ato contínuo, postou-se de joelhos.

Soltando uma praga, Tollog desferiu novo golpe e de novo Tarzan o evitou; mas desta vez, jogando os braços, bateu com eles no ouvido do beduíno, que se foi estatelar no chão da "hejra"; Tollog, porém, ergueu-se no mesmo instante e desta vez com o ímpeto de um touro enfurecido, o que não o impediu de mostrar maior sagacidade, pois em vez de continuar a atacar de frente, rodeou rapidamente Tarzan, para o esfaquear pelas costas.

Procurando rodar sobre os joelhos para enfrentar o antagonista, o homem-macaco perdeu o equilíbrio e, como tinha os pés atados, caiu de bruços, à mercê de Tollog. Um sorriso perverso exibiu os dentes amarelos do árabe.

— Você vai morrer, cristão! — exclamou. E em seguida: — Por Alá! que é isto! — pois súbito, sobre sua cabeça, a barraca fora arrancada do chão e arremessada ao longe, na escuridão da noite.

Tollog volveu-se rápido e um grito de terror partiu-lhe da boca ao ver sobre ele, de olhos vermelhos e furioso, o vulto colossai de um elefante. No mesmo instante uma flexível tromba rodeou-lhe o corpo e Tollog, irmão do xeque, foi erguido alto e projetado ao longe, em meio às trevas, do mesmo modo como sucedera à barraca.

Por espaço de segundos Tantor ficou a olhar em volta, raivoso, em desafio, e em seguida baixou a tromba, com ela tomou Tarzan do solo, ergueu-o bem alto sobre a

cabeça, e, virando-se para trás, atravessou rapidamente o "menzil" em direção à mata. Uma sentinela assustada deu-lhe um tiro e fugiu. A outra jazia esmagada e morta no lugar onde Tantor a atirara, ao entrar no acampamento. Momentos depois Tarzan e Tantor desapareciam nas trevas do bojo da floresta.

Houve rebuliço no "menzil" do xequê Ibn Jad. Homens armados cruzavam-se para todos os sentidos a indagar a causa do alarma, e a procurar o inimigo que os atacava. Alguns foram ao lugar onde o cristão se achava preso, mas tanto a "hejra" como ele haviam desaparecido. Perto dali, a barraca de um dos maiores de Ibn Jad jazia por terra desarmada. Debaixo dela, mulheres gritavam e um homem soltava pragas. Sobre a lona estava Tollog, o irmão do xequê, a vomitar sujas invectivas árabes, em vez de dar graças a Alá, pois Tollog fora de rara sorte. Se ele caísse em outro lugar que não em cima de uma barraca mal segura, morreria na queda ou ficaria malferido.

Ibn Jad, que buscava informar-se do sucedido, chegou no momento em que Tollog se desembaraçava das dobras do pano da barraca.

— Por Mafoma — bradou Ele. Que sucedeu? Que está fazendo meu irmão, em cima da tenda de Abd-el-Aziz?

Um escravo aproximou-se a correr, gritando:

— O cristão fugiu levando a "hejra" consigo! Ibn Jad voltou-se para Tollog.

— Não me pode explicar o que houve, meu irmão? — interrogou. — É certo que o cristão fugiu?

— Fugiu, sim — respondeu Tollog. — ele tem parte com satanás, que assumiu a forma de "el-fil" e carregou o cristão para a mata depois de me atirar sobre a barraca de Abd-el-Aziz, que está ainda a gritar e a praguejar, como se fosse Ele, e não eu, o atacado.

Ibn Jad abanou a cabeça. Ele sabia que Tollog era mentiroso; mesmo assim não podia compreender como fora parar em cima da tenda de Abd-el-Aziz.

— Que dizem as sentinelas? — perguntou o xequê. — Onde estavam elas?

— Estavam em seu posto — relatou Motlog. — Eu também me achava lá. Uma delas se achava morta, e a outra deu um tiro no animal quando ele fugia.

— E que conta ela? — inquiriu Ibn Jad.

— Que viu o elefante chegar e entrar no acampamento, matar Yemeny e precipitar-se para o lado da "hejra" onde o cristão estava. Nesse lugar arrancou a "hejra" e projetou Tollog para o ar. Em seguida tomou o preso e carregou-o para a floresta. E foi nesse momento, ao passar, que Hasan o atirou.

— E errou o tiro — adivinhou Ibn Jad.

O xeque refletiu alguns instantes; em seguida retornou para sua barraca.

— Partamos amanhã bem cedo — disse.

E logo se espalhou a notícia de que a manhã seguinte iam levantar o acampamento.

Tantor internou-se na floresta com Tarzan, muito tempo, até chegarem a uma pequena clareira tapeçada de relva. Nesse lugar o elefante delicadamente depôs no chão o homem-macaco e montou guarda junto a Ele.

— Pela manhã, Tantor — disse Tarzan ao elefante — quando Kudu, o sol, sair outra vez a caçar pelo firmamento, e houver luz para se enxergarem as coisas, procuraremos um modo de cortar estas correias; agora vamos dormir.

Numa, o leão, Dango, a hiena, Sheeta, a pantera, passaram a noite perto daquele lugar. O cheiro do inerte homem-macaco chegou forte às suas ventas; mas, quando viram o animal que montava guarda a Tarzan e ouviram os roncoss ameaçadores do gigantesco elefante, passaram de largo, enquanto Tarzan dos Macacos dormia.

Ao romper do dia, houve grande lufalufa no "menzil" de Ibn Jad. Mal ingeriram o magro primeiro almoço, a barraca do xeque foi desarmada pelas mulheres; a este sinal caíram também por terra as outras; e, daí a uma hora, a caravana beduína seguia veloz para o norte, na direção de el-Habash.

Os árabes e suas mulheres montavam os cavalos do deserto que haviam resistido às penosas jornadas já feitas, desde sua partida, do norte, ao passo que os escravos trazidos por eles de seu próprio país caminhavam a pé, armados de mosquetes, à frente e atrás da coluna, na qualidade de askaris. Quanto aos carregadores, eram os pretos que haviam forçado a entrar para seu serviço no percurso. Estes transportavam toda a bagagem e vigiavam, no caminho, os rebanhos de cabras e carneiros.

Zeyd cavalgava ao lado de Ateja, a filha do xeque, e com mais freqüência seu olhar fixava o perfil dela do que a trilha à sua frente. Fahd, cujo cavalo se emparelhava com o de Ibn Jad, lançava, espaço em espaço, olhares coléricos na direção daqueles dois. Tollog, o irmão do xeque, rangia os dentes de raiva, a essa mesma vista.

— Zeyd é um namorado mais animoso que você Fahd — ciciou o mesmo aos ouvidos do moço. — ele murmurou mentiras aos ouvidos de Ateja e por isso esta não quer saber de mim — lamentou-se Fahd.

— Se o xeque for favorável a você... — sugeriu Tollog.



*Despertou ao sentir o ramo curvar-se, como ao peso de um animal de grande porte.*

— Mas não o é — retrucou Fahd. — Uma palavra sua me valeria muito. Você prometeu me ajudar.

— Por Alá, prometi, mas meu irmão é um senhor super-complacente — explicou Tollog. — ele não é contra sua pretensão, mas quer a felicidade da filha e por isso deixa a esta a liberdade da escolha.

— Que fazemos, então?

— Se eu fosse xeque... — insinuou Tollog. — Mas, infelizmente não sou!

— Se fosse, que faria?

— Minha sobrinha pertenceria a quem eu quisesse.

— Mas você não é xeque — suspirou Fahd.

Tollog inclinou-se para Fahd e segredou-lhe ao ouvido:

— Um namorado animoso como Zeyd encontraria o meio de me fazer xeque.

Fahd não deu resposta, limitando-se a seguir em silêncio, cabisbaixo, com a fronte contraída, a refletir.

# Os macacos de Toyat

TRÊS lentos dias surgiram no oriente e passaram sobre a úmida floresta, indo perder-se no outro extremo remoto do mundo. Durante esses três dias os árabes se encaminharam para o norte, em direção a el-Habash. E nesses três lentos dias Tarzan dos Macacos jazeu na pequena clareira, amarrado e inerme, enquanto a seu lado Tantor montava guarda. Uma vez por dia o grande elefante trazia alimento e água para o homem-macaco.

As correias de couro de camelo continuavam sòlidamente atadas e nenhum auxílio sobrevinha para livrar Tarzan de seu crescente desconforto e dos perigos que corria. Ele chamara Manu, o macaquinho, para roer-lhe os atilhos, mas Manu, sempre leviano, prometera que sim, mas esquecera a promessa. E assim continuava o homem-macaco, sem se queixar, à maneira dos animais, esperando alívio a sua situação e sabendo que ele poderia vir sob a forma da morte. Pela manhã do quarto dia Tantor mostrou-se agitado. Suas breves batidas pelos arredores esgotaram os recursos que perto poderia encontrar para alimentar-se, e ao homem que se achava a seus cuidados. Ele queria ir-se dali, levando Tarzan consigo; mas o homem-macaco estava agora convicto de que embrenhar-se mais para a região dos elefantes diminuiria as probabilidades de auxílio, pois compreendia só poder valer-lhe Mangani, o macaco-grande. Tarzan sabia que estava mais ou menos fora dos limites da região dos Manganis; mesmo assim, restava uma vaga probabilidade de que algum bando dos grandes antropóides passasse por perto e o descobrisse, enquanto, se Tantor o levasse mais para o norte, até essa tênue probabilidade de socorro desapareceria para sempre. Tantor queria partir. Ele tocou Tarzan com a tromba, enrolou-a no corpo dele e levantou-o.

— Ponha-me no chão outra vez, Tantor — disse o homem-macaco.

O paquiderme obedeceu, mas voltou-se e se afastou. Tarzan observou-o a atravessar a clareira, em direção às árvores do outro lado. Ali Tantor hesitou, parou e volveu-se. Olhou para Tarzan e urrou. Escavou a terra com uma das enormes presas, parecendo encolerizado.

— Vá procurar alimento — disse Tarzan — e depois volte. Amanhã os Manganis podem vir aqui.

Tantor barriu outra vez, e voltando-se para o outro lado, desapareceu na selva. Durante algum tempo o homem-macaco ficou ouvindo distanciar-se as passadas de seu velho amigo.



— Foi-se — disse consigo. — Não posso recriminá-lo por isso. Talvez fizesse muito bem. Que adiantaria ficar aqui ainda hoje, amanhã ou depois?

Passou-se a primeira metade do dia. Pesou sobre a floresta o silêncio da tarde. Só os insetos se movimentavam. Eles aborreciam Tarzan, assim como aos outros animais silvestres, mas achava-se imunizado contra o veneno de seus ferrões, depois de sofrer-lhes, a vida inteira, a inoculação.

Súbito começou grande estardalhaço nas árvores. Os Manuzinhos e seus irmãos, irmãs e primos vinham em louco alvoroço a meia altura das árvores, a guinchar, palrear e xingar.

— Manus! — chamou Tarzan — quem vem aí?

— Os Manganis! Os Manganis! — chiaram os macaquinhos.

— Vão chamá-los, Manus! — ordenou o homem-macaco.

— Temos medo deles!

— Vão pelas pontas altas dos ramos — instou Tarzan. — Nessa altura eles não os podem alcançar. Digam-lhes que um dos seus está amarrado aqui. Digam-lhes que venham soltar-me.

— Temos medo!

— Eles não alcançarão vocês nas pontas altas! Vão, que depois ficarão sendo seus amigos.

— Os Manganis não trepam bem no alto, por isso vou chamá-los — disse um macaquinho velho.

Os outros, detendo-se em sua fuga, voltaram-se para ver o companheiro de barbas cinzentas a afastar-se velozmente por entre os ramos mais altos das árvores maiores.

E Tarzan esperou.

Daí a instantes ouviu as graves vozes guturais dos seus companheiros, grandes macacos, os Manganis. Talvez houvesse entre eles algum que o conhecesse. Podia acontecer, também, que o bando viesse de mui longe, e não o conhecesse nenhum deles, o que todavia Tarzan punha em dúvida. Nos antropóides, porém, estava sua última esperança. E ficou a escutar e a esperar. Ouviu Manu guinchar e palrear, marinhando em altura maior que a dos Manganis. Em seguida, baixou repentino silêncio sobre a floresta. Só se ouvia o trilar e o zumbir dos insetos.

O homem-macaco cravou a vista na direção donde vinha o ruído da aproximação dos antropóides. Ele sabia o que se passava atrás da basta muralha de folhagens. Sabia que naquele instante dois olhos ferozes esquadrihavam a clareira, procurando algum inimigo, receosos de qualquer cilada ou armadilha. Sabia ainda que sua vista despertaria no primeiro momento desconfiança, medo, furor; pois que razão teriam

eles para amar os cruéis e implacáveis Tarmanganis, ou para neles confiar?

Havia o grande perigo de que, vendo-o, se retirassem quietos, sem se mostrar. Se tal se desse, seria o fim dele, Tarzan, pois de outros seres, que não os Manganis, ele não poderia esperar socorro. Foi tendo isto em mente que lhes gritou:

— Sou um amigo. Os Tarmanganis pegaram-me e amarraram-me as mãos e os pés. Não posso mover-me. Não posso defender-me. Nem posso procurar alimento e água. Venham cortar os nós que me prendem.

Bem defronte, atrás do anteparo da folhagem, uma voz respondeu:

— Você é um Tarmangani.

— Eu sou Tarzan dos Macacos — respondeu o homem-macaco.

— Sim — guinchou Manu — ele é Tarzan dos Macacos. Os Tarmanganis e os Gomanganis o amarraram e Tantor o carregou para aqui. Nas quatro vezes em que Kudu caçou atravessando o céu. Ele viu Tarzan dos Macacos amarrado aqui.

— Eu conheço Tarzan — disse outra voz de trás da folhagem; — e dali a um instante as ramarias se abriam e um enorme macaco peludo deixou-se cair no chão da clareira. Andando com as quatro mãos a fera abeirou-se de Tarzan.

— M'walat! — exclamou o homem-macaco.

— ele é Tarzan dos Macacos — disse o grande símio Mas os outros não compreenderam.

— Quem? — perguntaram.

— Que bando é este? — perguntou Tarzan.

— Toyat é o nosso rei.

— Não lhes diga então quem eu sou — segredou Tarzan — antes de cortar estas correias. Toyat odeia-me. Ele me matará se eu não puder defender-me.

— Sim — concordou M'walat.

— Aqui — disse Tarzan erguendo os pulsos atados. — Parta as correias com os dentes.

— Você é Tarzan dos Macacos, o amigo de M'walat. M'walat fará o que você deseja — respondeu o símio.

É óbvio que, na linguagem deficiente dos macacos, aquilo que se diziam não se parecia a um diálogo entre dois homens; era antes um misto de roncões e grunhidos e trejeitos que, entretanto, não satisfaziam menos às necessidades da conversação, do que o falar mais precioso e correto dos civilizados uma vez que transmitiam claramente o que se queriam dizer o Mangani e o Tarmangani, o Grande Macaco e o Gigante Branco.

Ao mesmo tempo em que outros macacos do bando, vendo que M'walat nada sofrera, se aproximavam da clareira, o último se inclinava e com os fortes dentes cortava a correia de couro de camelo que prendia os pulsos do homem-macaco, fazendo a mesma coisa com a que lhe atava os pés.

Assim que Tarzan se pôs em pé, o resto do bando feroz e peludo pulou no chão da clareira. Vinha à frente Toyat, o macaco-rei, e, atrás dele, mais oito machos adultos, seis ou sete fêmeas e alguns filhotes. Estes e as fêmeas ficaram na retaguarda, mas os machos foram rodear Tarzan e M'walat.

O rei dos macacos roncou, ameaçador, gritando:

— Tarmangani!

Rodeando-o, ele deu um pulo e caiu sobre as quatro mãos; em seguida bateu ferozmente com estas cerradas, no chão; roncou, espumou e deu novos pulos. Toyat procurava excitar-se para atingir o auge da fúria, e cobrar então coragem para atacar o Tarmangani, e com esse procedimento buscava também espertar o selvagem espírito combativo de seus companheiros.

— ele é Tarzan dos Macacos, amigo dos Manganis — disse M'walat.

— É um Tarmangani, inimigo dos Manganis — urrou Toyat. — Eles vêm de longos paus barulhentos matar-nos. Eles matam com um barulho grande nossas companheiras e nossos balus. Matemos o Tarmangani!

— ele é Tarzan dos Macacos — guinchou Gayat. — Quando eu era baluzinho, ele salvou-me de Numa. Tarzan dos Macacos é amigo dos Manganis.

— Matemos o Tarmangani — berrou Toyat, dando um pulo alto.

Alguns outros macacos também pulavam a rodear Tarzan, ao passo que Gayat tomou o partido do homem-macaco. Este os conhecia mui bem. Sabia que daí a mais ou menos tempo o macaco-rei se excitaria ao ápice da fúria e então o atacaria às súbitas. M'walat e Gayat tomariam sua defesa; os demais símios se empenhariam na luta; e desta nem todos sairiam vivos, e nenhum sem ferimentos mais ou menos sérios. E Tarzan dos Macacos não queria lutar contra seus amigos.

— Parem! — ordenou Ele, erguendo a mão aberta para chamar atenção. — Eu sou Tarzan dos Macacos, poderoso combatente. Há muito tempo eu pertenci à tribo de Kerchak; quando Kerchak morreu, tornei-me o rei dos macacos. Muitos de vocês conhecem-me; todos sabem que fui primeiro um Mangani e que sou amigo de todos os Manganis. Toyat quer que vocês me matem porque ele odeia Tarzan dos Macacos. Ele não o odeia por ser Tarmangani e sim porque uma vez Tarzan não deixou que Toyat fosse rei. Já houve muitos tempos de chuva desde que isso sucedeu. Alguns de vocês ainda eram balus. Se Toyat foi um bom rei, Tarzan fica satisfeito; mas agora ele não procede como um bom rei, porque deseja que vocês se

voltem contra seu melhor amigo.

"Ouça, Zutho! — exclamou súbito Tarzan, apontando um enorme símio. — Você quer cravar os dentes na carne de Tarzan. Pois já se esqueceu, Zutho, da vez em que você adoeceu e ia morrer abandonado pelos companheiros? Esqueceu-se de quem lhe levava alimento e água? E também de quem o vigiava, repelindo Sabor, a leoa, Sheeta, a pantera e Dango, a hiena, durante aquelas longas noites?"

À medida que Tarzan falava, em tom de calmo império, os macacos iam parando os pulos e gritos, para lhe ouvir as palavras. Mas era um discurso mui longo para os habitantes da mata. Tanto os grandes como os pequenos macacos são incapazes de concentrar muito tempo a atenção em uma só coisa. Antes que terminasse, já um de seus ouvintes virava um pau podre à procura de larvas suculentas. Zutho franzia as sobrancelhas, num desacostumado esforço mental, para se recordar. Daí a instantes ele disse:

— Zutho lembra-se. Ele é amigo de Tarzan. — E foi postar-se junto a M'walat.

Com isto os outros símios, à exceção de Toyat, mostraram ter perdido o interesse pelo caso, e ou dispersaram-se a procurar alimento, ou se acoraram no relvado.

Toyat ainda bufou de cólera, mas, vendo que seus partidários o abandonavam, continuou em sua dança de guerra a uma distância mais prudente de Tarzan e seus defensores, não tardando também muito que se sentisse atraído pela

ocupação mais vantajosa de procurar apetitosos percevejos do mato.

E foi assim que Tarzan de novo se acamaradou com os grandes antropóides. Enquanto seguia lento, pela floresta, em companhia daqueles peludos animais, ele pensava em sua mãe de leite, Kala, a grande macaca, a única mãe que conhecera; evocava com um assomo de orgulho a ferocidade selvagem com que ela o defendia contra todos os seus naturais inimigos das selvas, contra o ódio e o ciúme do velho Tublat, o companheiro dela, e contra a hostilidade de Kerchak, o terrível e velho macaco.

Quando evocava o enorme tamanho e aspecto feroz do velho Kerchak, Tarzan tinha a ilusão de que o vira na véspera. Que magnífica era aquela fera! Para o espírito infantil do filhote de macaco, Kerchak personificava a ferocidade e a autoridade selvagem, e, mesmo ao lembrá-lo agora, sentia uma impressão de temor respeitoso. E parecia-lhe quase incrível que Ele, Tarzan, tivesse subjugado e matado aquele rei gigantesco.

Também lutou com Terkaz e com Bolgani, o gorila. Memorou Teeka, a quem amara, e também Taaka, Tana e o ne-grinho Tibo, que ele desejara adotar como filho; e deste modo cismava, durante as preguiçosas horas daquele dia, ao passo que Ibn Jad seguia lento e sorrateiro rumo ao norte, para Nimmr, a cidade das panteras e

enquanto, em outra parte das selvas, se urdiam sucessos que iam envolver Tarzan nas malhas de uma grande aventura.

## CAPÍTULO 4

# Bolgani, o gorila

UM dos pretos carregadores enroscou o pé num cipó e, perdendo o equilíbrio, caiu com sua carga ao chão. As situações decisivas originam-se dessas pequeninas coisas. Essa alterou toda a vida de James Hunter Blake, jovem e rico americano, que pela primeira vez caçava na África animais de grande porte com seu amigo Wilbur Stimbol, o qual, tendo passado três semanas nas selvas africanas dois anos antes, era naturalmente o chefe da expedição e autoridade infalível em tudo o que dizia respeito a caçadas de feras, a coisas das matas africanas, safári, alimentação, estados do tempo e negros. O simples fato de que Stimbol era vinte e dois anos mais velho que Blake, aumentava naturalmente suas pretensões à onisciência.

Estes elementos não constituíam por si só a base das crescentes divergências entre os dois homens, pois Blake era um moço de vinte e cinco anos, um tanto fleumático, que mais se divertia do que se irritava com o egotismo de Stimbol. O primeiro atrito produzira-se no ponto terminal da via férrea, pois devido aos modos dominadores e mau gênio

de Stimbol, foram forçados a desistir do fim essencial da expedição que, de excursão quase científica para coleta de estudos fotográficos dos aspectos selvagens da África, se rebaixara a simples excursão venatória.

No ponto terminal da via férrea, quando faziam preparativos para conseguir equipamento e um safári, Stimbol tanto ofendera e injuriara o fotógrafo, que este os abandonara, retornando à costa. Para Blake foi uma decepção, mas afinal conformou-se em seguir avante e colher as fotografias que pudesse com sua máquina. Ele não era homem que matasse pelo mero prazer de matar, e o que primeiramente planejaram era limitarem-se a caçar para se alimentarem, a não ser meia dúzia de animais para troféus de caça que Stimbol desejava acrescentar à sua coleção.

Houvera de começo algumas altercações motivadas pelo modo brutal com que Stimbol tratava os pretos — mas Blake esperava a não repetição de tais contrariedades, pois Stimbol prometera deixar a direção do safári ao companheiro e abster-se de continuar a maltratar os pretos.

Eles internaram-se nas selvas mais do que planejaram, tinham tido a máxima falta de sorte no referente à caça e já estavam a pique de voltar para a estação terminal da via férrea. Parecia então a Blake que, depois de todo o sucedido, iriam encerrar a excursão sem ulteriores divergências e voltar juntos, ainda amigos, para a América: mas foi exatamente quando um preto carregador enroscou o pé no cipó e, perdendo o

equilíbrio, [caiu.com](http://caiu.com) sua carga no chão.

Mesmo à frente desse carregador Blake e Stimbol seguiam a par; e como impelida por uma potestade malfazeja, a carga abalroou em Stimbol. fazendo-o cair ao chão. Stimbol e o carregador ergueram-se entre as risadas dos pretos que presenciaram o acidente. O carregador ficou irritado. E Stimbol, rubro de cólera:

— Maldito negro estúpido! — bradou; e antes que Blake pudesse intervir ou o carregador fugir-lhe à cólera, o enfurecido branco saltou sobre a carga caída e deu no negro um bofetão terrível que o prostrou por terra; e, depois de caído, Stimbol pregou-lhe ainda um pontapé. Mas um apenas! pois, antes de repetir a dose, Blake o agarrou pelo ombro.

fê-lo dar meia volta e esbofeteou-o do modo como ele fizera ao preto.

Stimbol caiu; e, rolando para ficar de lado, pôs a mão no revólver que trazia à cinta. Mas, apesar de sua rapidez Blake foi ainda mais rápido.

— Largue isso! — gritou-lhe ríspido, alvejando Stimbol com seu quarenta e cinco. A mão do último deixou a co-ronha do revólver.

— Levante-se! ordenou Blake. E depois que ele se ergueu:

— Ouça-me agora, Stimbol — tudo acabou-se entre nós. Amanhã cedo dividiremos o safári e o equipamento, e seja para onde for que você vá, eu tomarei direção oposta.

Enquanto assim falava, Blake repôs o revólver na cintura e o preto erguera-se, às voltas com o nariz a sangrar, ao passo que os outros pretos sombriamente o contemplavam. Blake fez sinal ao carregador para retomar a carga caída e em pouco o safári seguia outra vez o seu caminho — safári taciturno, sem risadas nem cantigas.

Blake acampou no primeiro lugar apropriado, pouco antes do meio-dia, para poderem fazer à tarde a divisão do equipamento, dos alimentos e dos homens, de modo que os dois safáris pudessem seguir a viagem bem cedo, na manhã seguinte.

Stimbol, carrancudo, não auxiliou; chamou dois askaris, que são os nativos armados que servem de soldados para o safári, e foi com eles caçar. Mal se haviam distanciado um quarto de légua do acampamento, por uma trilha batida de animais, onde seus passos não produziam rumor, quando o nativo que ia à frente ergueu a mão como sinal para se deterem.

Stimbol adiantou-se cauto e o preto apontou para a esquerda, entre a folhagem. Stimbol viu um vulto negro a afastar-se lentamente.

— Que é aquilo? — sussurrou.

— É um gorila — respondeu o preto.

Stimbol ergueu a carabina e disparou-a contra o vulto que se distanciava. O preto não se surpreendeu de vê-lo errar o alvo.

— Mil demônios! — rugiu o branco. — Vamos persegui-lo. Faço questão de matá-lo. Que magnífico troféu de caça, não será!

A mata por exceção era ali menos densa, e mais de uma vez ainda avistaram o gorila a fugir. A cada uma delas Stimbol atirava-o e errava o tiro. Os negros, no íntimo, saboreavam aqueles fiascos. Eles não gostavam de Stimbol.

A certa distância, achando-se Tarzan dos Macacos a caçar com a tribo de Toyat, ouvira o primeiro tiro e incontinenti trepara numa árvore, e dirigira-se rápido, de copa em copa, para o lado donde viera o som. Ele tinha certeza de que o tiro não fora dado pelos árabes, pois conhecia perfeitamente, para diferenciá-las umas das outras, as detonações de seus mosquetes e as das modernas armas de fogo.

Não era impossível que os árabes tivessem alguma carabina, porém o mais provável era aquilo significar a presença de homens brancos, e Tarzan tratava sempre de averiguar quais os estranhos que estavam em suas terras e por que motivo. Raro apareciam ali então, e dantes não apareciam de todo — e era desse tempo que Tarzan tinha saudades pois quando chegam os homens brancos, vão-se de vez a paz e a felicidade.

Ora correndo por entre as árvores, ora pulando de ramo em ramo, Tarzan seguia, com precisão infalível, a direção donde vinham os sons dos sucessivos disparos; e ao chegar-se mais perto do cenário da perseguição de Bolgani, o gorila, ouviu o farfalho estalante do mato rasteiro e vozes de seres humanos.

Fugindo Bolgani com mais rapidez do que cautela, e com o espírito e a atenção absorvidos pela idéia de escapar ao detestado Tarmangani e ao seu terrível pau trovejante, que estrondava cada vez que o Tarmangani o avistava, deixou ele de usar as costumeiras precauções e seguia a correr mata em fora, esquecido do que outros inimigos poderiam estar em seu caminho; e foi por isso que deixou de ver Histah, a serpente, encolhida em sinuosas voltas no ramo pendente de um próximo patriarca das florestas.

De humor naturalmente impulsivo e irritadiço, a enorme cobra foi perturbada e aborrecida pelo estralejo do mato causado por aquela fuga e perseguição e pelos estampidos da carabina. Geralmente um daqueles ofídios consentiria que um grande gorila passasse indene; mas em sua atual disposição de espírito ele atacaria o próprio Tantor.

Com os olhos redondos, fixamente cravados no peludo Bolgani, espreitava-lhe a aproximação; e quando o gorila passou sob o seu galho, Histah projetou-se sobre Ele.



Quando as grandes roscas potentes, implacáveis, silenciosas, enlearam Bolgani, este tentou livrar-se de seu arrocho terrível. Grande é a força de Bolgani; maior, porém, é a de Histah, a serpente. Um único e medonho grito quase humano saiu da garganta de Bolgani assim teve acordo de sua má sorte; e barafustou, a tentar inutilmente libertar-se daqueles anéis de rijo aço vivo, que o iriam esmagar até sua tremenda pressão esfacelar-lhe os ossos, até que todo ele se transfizesse em uma pasta, que desapareceria entre as mandíbulas escanceladas da serpente.

Foi esta cena vista simultaneamente por Stimbol e Tarzan — o primeiro, a tropeçar desasadamente na cipoalha do solo, e Tarzan, semideus da floresta, pendendo harmoniosamente de um ramo, entre a folhagem, a meia altura do chão.

Eles chegaram ao mesmo tempo, mas só a presença de Tarzan não era conhecida dos mais, pois, como sempre, movia-se em silêncio e com a maior cautela, precavendo-se contra as possíveis surpresas de situações desconhecidas.

Quando ele baixou os olhos, sua vista penetrante e seu conhecimento da mata lhe revelaram, em um relance, a tragédia de que Bolgani era vítima; em seguida viu Stimbol erguer a carabina. com intenção de apossar-se. com um só tiro, de dois régios espécimes animais.

Tarzan não sentia grande afeição por Bolgani, o gorila. Desde criança, o peludo e gigantesco animal de forma humana fora o inimigo natural do homem-macaco. Sua primeira luta mortal fora com Bolgani. Durante anos ele temera, ou antes o evitara por prudência, pois Tarzan ignorava o que era ter medo, e apenas tivera mais idade, continuara a evitar Bolgani pela simples razão de que sua gente, os grandes macacos, o evitavam.

Mas naquele momento, quando ele viu o grande animal perseguido pelos dois inimigos naturais tanto dos Manganis como dos Bolganis, surgiu-lhe no íntimo súbita simpatia por Ele, a qual destruiu a prevenção de toda sua vida.

Ele estava bem por cima de Stimbol e tão rápido foram o pensamento e os músculos do homem-macaco, que mesmo antes de o americano acabar de erguer sua arma, Tarzan caiu-lhe nas costas derrubando-o ao chão; e antes que Stimbol pudesse perceber o que sucedia, muito antes de, a cambalear e praguejar, poder ficar de pé, Tarzan, que estava desarmado e arrancara a faca de caçador, de Stimbol, de sua bainha, saltou sobre o novelo convulsionante constituído pela serpente e pelo gorila. Stimbol, ao se pôr de pé, estava disposto a detonar sua arma contra o intruso brutal; entanto, aquilo que viu nesse instante lhe tirou momentaneamente do espírito o desejo de vingar-se.

Ali estava quase nu, com uma simples tanga, um gigante branco, de cabelos pretos e pele bronzeada pelo sol, a lutar com a terrível serpente e ao observá-lo Stimbol

estremeceu de espanto, -por notar que os rancos surdos e ferozes que ouvia, não só provinham da garganta selvagem do gorila, como também da garganta daquela figura de semideus das selvas, que lutava em sua defesa.

Dedos de aço apertavam o pescoço da serpente, bem perto da cabeça, ao mesmo tempo em que os da mão livre desferiam sucessivos golpes com a faca de Stimbol no corpo convulsionado e enroscado da serpente. Com a entrada, na luta, desse novo e mais ameaçador inimigo, Histah foi em parte forçada a afrouxar a pressão, contra Bolgani, tendo a princípio a intenção de cingir Tarzan com o mesmo abraço, para poder esmagar os dois ao mesmo tempo; mas logo percebeu que aquele animal sem pêlos e semelhante a um homem, constituía claramente uma ameaça para sua vida, reclamando por isso toda a sua atenção; e por essa causa ela de pronto se desenleou do corpo de Bolgani; e, cheia de fúria e dor, a vergastar o chão, e toda a agitar-se nervosamente, em ímpeto destruidor, procurou prender o homem-macaco; mas onde quer as roscas de seu corpo dele se aproximassem a afiada faca feria fundo a já lacerada carne de Histah.

Bolgani, cuja centelha vital quase o abandonara, jazia a arquejar no chão, incapaz de correr em auxílio de seu salvador, ao passo que Stimbol, de olhos arregalados de terror e espanto, se mantinha em distância segura passageiramente esquecido, tanto de seus desejos de troféus de caça, como de seu desejo de vingança.

Ali estava Tarzan, só, a enfrentar uma das mais possantes criações da natureza, num duelo de morte, cujo resultado o americano julgava prever, pois que homem nascido de mulher pode esperar, sem auxílio, escapar aos apertões do circulo mortal de uma enorme serpente?

Já Histah havia rodeado o tronco e uma das pernas do homem-macaco, mas seu poder de constrição, diminuído pelos terríveis ferimentos que recebera, era incapaz de esmagar, sem permitir reação, o adversário; e agora toda a atenção de Tarzan se concentrava em golpear com a lâmina da faca do caçador, num só lugar, o corpo debilitado da serpente, para tentar parti-la em dois pedaços.

Tanto Histah como o homem estavam ensangüentados; e rubros, também se achava a relva e o mato rasteiro num raio de muitos metros, quando num esforço final Histah constringiu violentamente suas gigantescas espirais para esmagar a vítima; mas nesse instante Tarzan, com um poderoso golpe, secionou a coluna vertebral do grande ofídio.

A parte inferior, sem cabeça, a açoitar o chão e a retorcer-se, caiu para um lado, enquanto o homem-macaco, ainda a lutar com a parte restante da serpente, empregava suas forças sobre-humanas num último e violento arranco para desenrolar de si a serpente moribunda. Em seguida, sem dar um olhar a Stimbol ele voltou-se para Bolgani.

— Você está mortalmente ferido? — perguntou, na linguagem dos grandes macacos.

— Não — respondeu o gorila. — Eu sou Bolgani! Eu mato os Tarmanganis!

— Eu sou Tarzan dos Macacos — disse seu salvador. — Não deixei que Histah o matasse.

— Então não vai matar Bolgani? — perguntou o gorila.

— Não. Quero que sejamos amigos.

Bolgani franziu as sobrancelhas com o esforço para meditar sobre este grande problema. E daí a pouco falou:

— Sejam amigos. O Tarmangani que está atrás de você quer matar-nos com o seu pau trovejante. Vamos matá-lo primeiro.

E pos-se penosamente de pé.

— Não — dissentiu Tarzan. — Vou mandar o Tarmangani embora.

— Você? ele não obedecerá!

— Eu sou Tarzan, o Senhor das Florestas — respondeu o homem-macaco. — A palavra de Tarzan é a lei nas selvas.

Stimbol, que fora o espectador dessa cena, supondo que o homem e o macaco estivessem roncando ameaças um para o outro, estava certo de que ia presenciar nova luta. Se ele adivinhasse a verdade e suspeitasse que os dois o consideravam um inimigo comum, sentir-se-ia muito menos à vontade. Em dado momento, com a carabina em pontaria, Stimbol se foi em direção a Tarzan, precisamente quando este se voltava para dirigir-se a Ele.

— Fique de um lado, moço, para eu liquidar esse gorila — disse Stimbol. — Depois do pega com a serpente, duvido de que goste que esse bicho pule em você.

O americano não estava muito certo da atitude que o gigante branco assumia, pois muito, muito recente era sua impressão do modo assustador e desconcertante com que aquele homem selvagem fizera a própria apresentação; mas sentia-se tranqüilo por empunhar uma carabina, ao passo que o desconhecido não tinha armas; calculou, porém, que o gigante branco se daria por feliz livrando-se das amabilidades do gorila, o qual, de acordo com o suposto conhecimento de Stimbol sobre tais feras, parecia deveras ameaçador.

Tarzan parou exatamente entre Bolgani e o caçador e observou este último.

— Abaixе sua carabina — disse-lhe em seguida. — O senhor não vai atirar o gorila.

— Como não vou! — bradou Stimbol. — Então, secundo seu modo de pensar, por

que foi que o vim perseguindo pela mata?

— Foi por uma falsa suposição — respondeu Tarzan.

— Que falsa suposição? interrogou Stimbol.

— A de que ia matá-lo. O senhor não fará tal.

— Sabe quem sou, moço? — perguntou Stimbol.

— Isso não me interessa — respondeu friamente Tarzan.

— Pois é melhor interessá-lo. Sou Wilbur Stimbol, da firma Stimbol & Companhia, corretores da Bolsa de Nova York!

De "Nova York" eram palavras mágicas. Até em Paris e em Londres elas abriram muitas portas e fizeram dobrar-se muitos joelhos. Raro deixavam de produzir o efeito que aquele arrogante argentário intentava causar.

— Que está fazendo em meu território? — perguntou o homem-macaco, não dando atenção à orgulhosa jactância de Stimbol.

— Seu território? Que diabo é você?

Tarzan voltou-se para os dois pretos que se conservavam de um lado, pouco atrás de Stimbol.

— Eu sou Tarzan dos Macacos — disse no dialeto deles. — Que está fazendo este homem em minhas terras? Quantos são os da expedição? quantos brancos?

— Grande Bwana — disse um dos pretos com profundo respeito — reconhecemos que o senhor era Tarzan dos Macacos quando o vimos pular da árvore e matar a grande serpente. Ninguém mais, em toda a selva, seria capaz de fazer o mesmo. Este branco é um mau senhor. Há outro branco com Ele. O outro é bom. Eles vieram caçar Numa, o leão, e outros grandes animais das selvas. Mas não têm tido sorte. Vão regressar amanhã.

— Onde fica o acampamento? — indagou Tarzan. O preto que falara indicou-lhe o rumo, explicando:

— Não é longe daqui.

O homem-macaco voltou-se para Stimbol, dizendo:

— Volte para seu acampamento. Mais tarde, esta noite, lá irei para falar com o senhor e com seu companheiro. Enquanto isso, não cace mais, a não ser para alimentar-se, nos domínios de Tarzan.

Havia um quê na voz e nos modos do desconhecido que afinal permeara a espessa sensibilidade de Stimbol, causando-lhe uma espécie de temor respeitoso — coisa que raro sentia no passado, a não ser em presença de fortunas maiores que a sua. Mas não respondeu. Conservou-se de pé, a observar o gigante dirigir-se para o lado

do gorila. Por espaço de alguns momentos ouviu-os roncar um para o outro e, em seguida, com enorme assombro, viu-os embrenhar-se na mata, juntos, lado a lado. E quando as ramas se fecharam sobre os dois encobrindo-os à sua vista, Stimbol tirou o capacete e limpou com um lenço de seda o suor que lhe marejara na testa no instante em que vira a folhagem entreabrir-se para dar passagem àquela singular parelha.

Afinal, com uma imprecação, virou-se para seus homens.

— Um dia perdido! — lamentou. — Quem é esse sujeito? Vocês parecem conhecê-lo.

— ele é Tarzan — respondeu um dos pretos.

— Tarzan? Nunca ouvi falar nele — retrucou Stimbol.

— Todos os que conhecem a mata, conhecem Tarzan.

— Hum! — rosnou Stimbol. — Não será nenhum piolhento selvagem quem dirá a Wilbur Stimbol onde ele pode ou não pode caçar.

— Patrão — disse o preto que falara primeiro — a palavra de Tarzan é a lei nas florestas. Não o ofenda.

— Não é para me darem conselhos que os pago, malditos negros! — esbravejou Stimbol. — Se digo que quero caçar, temos de caçar — não se esqueçam disto!

Mas de regresso ao acampamento não viram mais caça alguma — ou, pelo menos, Stimbol não viu. Agora, se os pretos viram ou não, isso é lá com eles.

# Os Tarmanganis

DURANTE a ausência de Stimbol, do acampamento, Blake ocupara-se a repartir as provisões de boca e o equipamento em duas partes iguais, que iam ser submetidas à inspeção e à aprovação do companheiro; quanto, porém, à repartição dos carregadores e askaris, Blake a deixara para depois da volta dele. E estava a escrever em seu diário quando o caçador e os dois pretos retornaram ao acampamento.

Ao primeiro lance d'olhos Blake notou que Stimbol se achava de mau humor; mas sendo esse o costumado estado de espírito de seu companheiro mais velho, não se preocupou muito com isso; era-lhe até mais um motivo para sentir alívio na manhã seguinte, quando se livrasse da companhia de seu rabugento amigo.

Interessou mais a Blake o ar taciturno dos dois askaris que foram caçar com Stimbol, pois significaria, talvez, que este último tivera novo ensejo de os maltratar ou injuriar, com o que aumentaria a dificuldade de repartir o safári. Desde o momento em que Blake resolvera separar-se do amigo, pressentiu que um dos maiores obstáculos à realização desse plano seria encontrar suficiente número de homens que se submetessem voluntariamente aos métodos disciplinadores de Stimbol para carregar-lhes a bagagem e as provisões e zelar as mesmas e a pessoa dele.

Quando Stimbol passou e viu o equipamento dividido fechou-se mais sua carranca.

— Vejo que você pôs todas as coisas à mostra — observou, parando em frente de Blake.

— Sim, eu queria que visse que estão repartidas com igualdade, antes de acondicioná-las.

— Não quero cacetear-me com essas coisas — respondeu Stimbol. — Sei que não me iria lograr na partilha.

— Obrigado — respondeu Blake.

— E os negros?

— A divisão não vai ser tão fácil. Você sabe que não os tratava muito bem, por isso muitos não estarão ansiosos para irem em sua companhia.

— Nesse ponto está totalmente errado, Blake. Nossas divergências são devidas a você nada conhecer sobre os pretos. Você os trata muito delicadamente. Os negros

não o respeitam e eles só gostam daqueles que se fazem respeitar. Eles acham que quem lhes bate é que é o senhor; e o senhor é quem velará por eles. Não se animarão a acompanhá-lo longo trecho. Você dividiu a tralha, deixe-me agora dividir os pretos — isto está mais no meu gênio — e farei com que você fique com um bom magote de confiança ao qual amedrontarei com o castigo divino, para não se atreverem, a outra coisa, exceto a serem-lhe fiéis.

— Mas de que modo quer dividi-los? — perguntou Blake.

— Do seguinte. Em primeiro lugar, você terá os homens que quiserem acompanhá-lo — e garanto que são mui poucos. Reunirei a todos e explicarei que vamos separar-nos e que aqueles que desejarem pertencer a seu safári se distanciem dos outros. Em seguida eu escolherei uns bons pretos dos restantes, e deixar-lhe-ei o suficiente para completar seu quinhão. Compreendeu? não é bem pensado?

— Muito bem — concordou Blake. Ele desejava que o plano desse o pronto efeito que Stimbol imaginava, mas estava longe de acreditar em tal; por isso, propôs uma alternativa à qual recorressem em última instância. — Caso algum de nós tenha dificuldade para obter o número necessário de voluntários — continuou Blake — creio que poderemos consegui-lo prometendo uma gratificação adicional a ser paga quando chegarmos com segurança à estação da via férrea. Se eu ficar com poucos farei essa proposta.

— Não é mau expediente, se tem receios de não permanecerem no safári depois de nos separarmos — aprovou Stimbol. — Isso também será mais uma garantia para a sua segurança. Quanto aos meus, eu saberei o modo de fazê-los andar direito. Que acha da idéia de reuni-los agora, para resolvermos já o caso?

Ele vagueou o olhar em torno até enxergar o capataz.

— Venha cá! — bradou. — Depressa!

O preto aproximou-se e estacou ante os dois brancos.

— O senhor me chamou, Bwana? — perguntou.

— Reúna a todos os homens — ordenou Stimbol — e traga-os aqui dentro em cinco minutos, para nos entendermos com eles — traga-os todos, até o último.

— Sim, Bwana.

Depois que o capataz se retirou, Stimbol voltou-se para Blake, perguntando:

— Algum desconhecido veio hoje ao acampamento?

— Não; por quê?

— Encontrei um branco selvagem quando estava a caçar — respondeu Stimbol. — ele ordenou-me que não caçasse mais. Que sabe a respeito? — e Stimbol deu uma gargalhada.

— Um branco selvagem?

— Sim. Suponho que é algum lunático. Os negros pareciam conhecer qualquer coisa sobre Ele.

— Quem é?

— Disse chamar-se Tarzan. Blake franziu a testa, exclamando:

— Oh! você encontrou Tarzan dos Macacos e ele mandou que não caçasse mais?

— Sim. Mas você parece que o conhece e respeita, Blake!

— Sem dúvida! e se me mandar sair da mata, sairei,

— Você sairá, mas não Wilbur Stimbol.

— Por que ele ordenou que saísse? — perguntou Blake.

— Limitou-se a ordenar-mo, eis tudo. Não me quis deixar matar um gorila que eu estava seguindo. O sujeito salvou o gorila de uma serpente, matou esta, ordenou-me que saísse da mata e disse que viria mais tarde ao nosso acampamento; em seguida foi-se com o gorila, como velhos camaradas. Nunca vi coisa como essa, mas pouco se me dá do que ele pense que é; só sei o que sou, e o que pretendo fazer e não será um lunático que me faça daqui partir antes que eu mesmo o resolva.

— Então acha que ele é um louco?

— Considerarei louco todo o homem que andar na mata nu e desarmado.

— Você achará que ele não é tal, Stimbol; e se não quiser ficar em mais apuros do que nunca imaginou que ficasse, faça o que o Tarzan dos Macacos ordenou.

— Que sabe a respeito dele? Já o viu alguma vez?

— Não — respondeu Blake — mas já ouvi nossos homens dizer muita coisa a respeito. Ele faz parte dessa região, assim como a floresta ou como os leões; muito poucos de nossos homens o viram, se é mesmo que o viram, mas ele impressiona suas imaginações como se fosse algum de seus demônios; e os pretos têm o máximo medo de incorrer em seu desagrado. Se eles acham que Tarzan está metido nisso, para nós será falta de sorte.

— Perfeitamente; mas tudo o que digo é que se esse homem-macaco tiver tento não meterá o nariz nos negócios de Wilbur Stimbol.

— E disse que vem ver-nos? — perguntou Blake. — Está bem, convém mesmo que o vejamos. Quase não tenho ouvido falar em outra coisa desde que palmilhamos esta zona.

— É interessante eu nunca ter ouvido falar nele — disse Stimbol.

— Você nunca conversou com os pretos — lembrou-lhe Blake.



— Parece que tenho mais que fazer que conversar com eles — resmungou Stimbol.

— Pois seria melhor fazê-lo.

— Eu não me acamarado com pretos — replicou Stimbol. Blake teve um sorriso.

— Aqui estão os homens — disse Stimbol. Ele voltou-se para os carregadores e askaris que esperavam e pigarreou. — O senhor Blake e eu vamos separar-nos — avisou. — Dividimos tudo entre nós. Vou caçar um pouco mais para o oeste, rodearei depois pelo sul e retornarei à costa por um novo roteiro. Não sei quais são os planos do senhor Blake, mas ele vai repartir os carregadores e os askaris e quero que fiquem bem cientes de que não estou a brincar. Metade de vocês irá com o senhor Blake, quer queiram quer não.

Ele parou para causar mais impressão, para deixar que suas palavras calassem mais fundo no ânimo dos ouvintes.

— Como de costume — prosseguiu — desejo que todos fiquem contentes e felizes, por isso vou dar àqueles que quiserem ir com o senhor Blake a oportunidade para acompanhá-lo. Ouçam agora. Os volumes que estão daquele lado são dele, e os deste lado são meus. Todos os que quiserem acompanhar o senhor Blake, passem para o lado dos volumes dele!

Houve um momento de perplexidade da parte dos pretos e em seguida alguns se dirigiram em silêncio para o lado dos volumes de Blake. Outros acompanharam-nos dali a pouco, por que se demoraram mais a compreender a significação das palavras de Stimbol e por fim todos foram ficar do lado dos volumes daquele.

Stimbol voltou-se para o companheiro com uma risada e um meneio da cabeça.

— É o cúmulo! — exclamou. — Já viu como esta gente é burra? Não se podia explicar as coisas mais claramente e veja o resultado! Nenhum deles me compreendeu.

— Está bem certo disso. Stimbol? — perguntou Blake. Stimbol não atinou imediatamente com o que ele queria dizer; quando isso sucedeu, fechou a cara.

— Não seja tolo — prorrompeu. — Ê claro que me compreenderam mal. — Voltou-se colérico para os pretos. — Vocês são uns cabeças de pau, uns idiotas! São incapazes de compreender o que se diz? — perguntou. — Eu não falei que todos iriam com o senhor Blake, e sim aqueles que quisessem ir. Agora os mais, os que me quiserem acompanhar, fiquem do outro lado, junto aos meus volumes. Vamos, depressa!

Ninguém tomou a direção dos volumes de Stimbol. Ele ficou rubro de raiva.

— Isto é uma insubordinação! — trovejou. — Quem quer que a tenha fomentado,

sofrerá por isso. Venha aqui você! — E fez sinal ao capataz. — Quem fomentou esta rebelião? Foi o senhor Blake que lhes disse que procedessem assim?

— Não seja tolo, Stimbol — disse Blake. — Ninguém insinuou os homens e nisto não há insubordinação. O plano foi seu. Os homens apenas fizeram aquilo que você disse, e se não fosse o seu insuportável egoísmo, você preveria que o resultado seria exatamente este. Estes pretos são entes humanos. A certos respeitos são entes humanos extremamente sensíveis, e sob muito pontos de vista parecem verdadeiras crianças. Você lhes bate, pragueja contra eles, insulta-os, por isso eles o temem e o odeiam. Fez tudo isso, e por essa razão colheu apenas o que semeou. Peço a Deus que lhe sirva de lição. Só há um modo de você conseguir esses homens, e é oferecer-lhes grande gratificação. Quer fazer assim?

Stimbol sentiu por fim momentaneamente abalado o seu convencimento e desapontou-se ao compreender que Blake tinha razão. Certo momento pareceu desorientado. De caras carrancudas, os pretos conservavam-se mudo, o olhar cravado nele. E nesses olhares não havia um único de expressão amistosa. Ele volveu-se para Blake dizendo:

— Veja o que consegue deles. Blake dirigiu-se aos pretos:

— É preciso que metade de vocês acompanhe o senhor Stimbol até à costa. Ele pagará dobrado aos que o acompanharem, contanto que o sirvam fielmente. Conversem uns com os outros e mandem-nos mais tarde a sua resposta, por intermédio do capataz. É tudo o que queríamos. Podem ir embora.

Durante o resto da tarde os dois brancos conservaram-se em suas respectivas barracas; os pretos aglomeravam-se em grupos, a cochichar. Blake e Stimbol não tomaram juntos a refeição da noite, mas depois desta os dois, de cachimbo na boca, foram ter um com o outro, para esperarem a comunicação do capataz. Daí a meia hora Blake mandou o preto que lhe servia de criado chamar o capataz. Em pouco chegou este, postando-se defronte do jovem.

— Então os homens resolveram quais são os que vão acompanhar o senhor Stimbol? — perguntou Ele.

— Nenhum quer acompanhar o velho Bwana — respondeu o intermediário. — Todos desejam ir com o Bwana moço.

— Mas o senhor Stimbol os pagará bem — lembrou Blake — e metade de vocês precisa acompanhá-lo.

O preto abanou a cabeça.

— Por mais dinheiro que pague — disse ele — nenhum quer ir com Ele.

— Vocês prometeram vir e voltar conosco — disse Blake

— e agora precisam cumprir o combinado.

— O que combinamos foi vir com os dois e voltar também com os dois; nada se falou em voltarem os dois separados. Estamos dispostos a cumprir nosso trato e o velho Bwana poderá voltar em segurança com o Bwana moço.

Era incisivo o tom do representante dos pretos. Blake refletiu alguns momentos antes de responder:

— Está bem. Pode ir embora. Amanhã cedo trataremos novamente deste assunto.

Poucos instantes depois de se dispersarem os pretos, surgiu de repente das trevas a figura de um homem, à luz da fogueira do acampamento.

— Oh... Sim... Mas... É você? — gaguejou Stimbol.

— Eis o homem selvagem, Blake!

O jovem americano voltou-se, vendo então o gigante branco de pé, no círculo de luz. Observou-lhe os traços corretos do rosto, a calma dignidade, o ar majestoso e sorriu intimamente ao lembrar-se do modo com que Stimbol descrevera aquele semideus — a quem chamara lunático!

— Então o senhor é Tarzan dos Macacos! — disse. Tarzan inclinou a cabeça.

— E o senhor? — perguntou.

— Jim Blake, de Nova York — respondeu o americano.

— Caçador, naturalmente?

— Fotógrafo amador.

— Seu companheiro estava utilizando-se de uma carabina — lembrou-lhe Tarzan.

— Não sou responsável pelos seus atos. Não mando nele — respondeu Blake.

— Nem ninguém mais — prorrompeu Stimbol.

Tarzan dignou-se de olhar Stimbol um instante, mas não lhe deu atenção à basófia.

— Ouvi a conversação entre o senhor e o capataz — disse, dirigindo-se a Blake.

— Alguns dos pretos já me contaram alguma coisa sobre o seu companheiro e hoje tive duas ocasiões de formar um juízo com observações pessoais minhas, por isso presumo que se vão separar por desarmonia de gênio. É isso mesmo?

— Sim — reconheceu-o Blake.

— E quais os seus planos, para depois da separação?

— Pretendo internar-me um pouco mais para o oeste e em seguida dar uma volta por... — começou Stimbol.

— Estou-me dirigindo ao senhor Blake — interrompeu-o Tarzan. — Quanto ao senhor, já firmei minha resolução.

— E qual é ela, com mil...

— Cale-se! — advertiu o homem-macaco. — Continue, sr. Blake.

— Não temos tido muita sorte — respondeu Blake — principalmente por nunca concordarmos com os métodos a empregar. O resultado é que só tirei uma única fotografia decente de animal selvagem. Tive a idéia de ir para o norte colher fotografias de leões. Desagrada-me voltar sem alguma coisa para exhibir, em paga do tempo e dinheiro que empreguei na expedição; mas agora que os homens se recusam a acompanhar-nos separados, nada resta fazer senão tornar à costa pelo caminho mais curto.

— Parece que vocês dois não tomam na mínima consideração meu modo pessoal de pensar — resmoneou Stimbol. — Empreguei nesta excursão tanto tempo e dinheiro como Blake. Vocês se esquecem de que estou aqui para caçar e, mais ainda, de que vou caçar, não voltando por enquanto para a costa, só por ter encontrado qualquer maldita criatura, seja ou não um homem-macaco,

Outra vez Tarzan não lhe deu atenção.

— Aprontem-se para partir uma hora, mais ou menos, depois do nascer do sol — disse ele a Blake. — Não se preocupe com a repartição do safári. Estarei aqui para encarregar-me disso e dar-lhes minhas últimas instruções.

E, tendo assim falado, voltou-se para o outro lado e desapareceu na escuridão da noite.

## CAPÍTULO 6

# Ara, o raio

ANTES do alvorecer já o campo estava em rebuliço e, na hora determinada, os volumes se achavam preparados e tudo o mais pronto para a viagem. Os carregadores aguardavam, parados, a ordem para o safári seguir para leste, em direção à costa. Blake e Stimbol fumavam em silêncio. A folhagem de uma árvore próxima moveu-se com o curvar de um ramo e Tarzan dos Macacos pulou agilmente ao chão do acampamento. Romperam das bocas dos pretos exclamações de assombro — de assombro claramente repassado de terror. O homem-macaco encaminhou-se para eles e falou-lhes no seu próprio dialeto:

— Eu sou Tarzan dos Macacos, o Senhor das Florestas. Vocês trouxeram homens brancos aos meus domínios para matar meu povo. Estou contrariado com isso. Aqueles de vocês que quiserem continuar vivos e voltar para suas aldeias e para junto de suas famílias, devem seguir à risca o que Tarzan ordenar.

— "Você — e indicou o principal capataz — acompanhará o branco mais moço, a quem permito tirar fotografias em minhas matas, onde e quanto tempo queira. Escolha metade dos homens do safári para acompanhar o Bwana moço.

"E você — dirigiu-se ele a um capataz inferior — tome os homens que restarem, e escoltem o Bwana mais velho à primeira estação de estrada de ferro, pelo caminho mais curto e no mínimo possível de tempo. Ele não tem licença de caçar e nem de matar animais, a não ser para alimento ou em defesa. Não desobedeçam. Lembrem-se sempre de que Tarzan está vigilante e de que Tarzan nunca se esquece."

Em seguida voltou-se para os brancos:

— Senhor Blake, tudo está resolvido. Pode partir quando quiser com seu safári e dirigir-se para onde quiser. Quanto a caçadas, deixo a matéria ao seu próprio critério — o senhor é hóspede de Tarzan.

"E o senhor — dirigiu-se a Stimbol — retire-se imediatamente desta zona pelo caminho mais curto. Dou-lhe a permissão de carregar armas de fogo para usá-las em defesa própria. Se abusar desta permissão, eu lhas farei tomar. Não cace — nem para a alimentação; seu capataz se encarregará desta."

— Tire o cavalo da chuva! — bravateou Stimbol. -Se entende que vou tolerar essa interferência arbitrária em meus direitos de cidadão americano, engana-se redondamente. Pois poderia comprar quarenta vezes você e mais sua maldita floresta e seria como se não gastasse um centésimo. Por Deus, Blake, diga a esse pobre idiota quem sou, antes que ele se meta em camisa de onze varas.

Tarzan falou ao capataz que escolhera para Stimbol:

— Podem pegar as cargas e partir. Se este branco não os acompanhar, deixem-no ficar para trás. Velem por Ele, se o mesmo me obedecer e conduzam-no com segurança à primeira estação. Obedeçam às ordens dele que não estiverem em conflito com as que dei. Sigam!

Daí a instantes o safári de Stimbol partia, e, a pedido de Tarzan, o de Blake também deixava o acampamento. Stimbol praguejou e ameaçou, mas seus homens, carrancudos, não lhe deram atenção, metendo-se em fila, pela floresta, em direção a leste. Tarzan, por sua vez, desapareceu entre as folhagens das árvores, ficando Stimbol. Finalmente, só, no acampamento abandonado.

Contrariado em seus planos e quase a espumar de fúria, ele correu atrás de seus homens, berrando ordens e ameaças que não eram ouvidas. Mais tarde, porém, naquele mesmo dia, trombudo e quieto, já ele caminhava quase à frente da longa fila de carregadores e askaris, convencido, por fim, de que o poder do homem-macaco era maior que o seu; mas em seu íntimo fervia a indignação e seu espírito revolvia tumultuosamente planos de vingança — planos cuja inutilidade reconhecia.

Querendo certificar-se de que suas ordens eram seguidas, Tarzan tomou grande dianteira, indo esperá-los na for-quilha de uma árvore pensa sobre a vereda por onde Stimbol devia passar. Ouviu a distância os sons dos passos do safári em marcha. Vindo pela vereda, em sentido oposto, aproximava-se algum ser vivo. O homem-macaco não o podia ainda ver, mas sabia qual era. Sobre as copas das árvores as nuvens moviam-se baixas, mas nenhuma aragem agitava as folhagens da mata.

Surgiu no caminho um alto e peludo animal de forma humana. Assim que se tornou visível, Tarzan dos Macacos chamou-o em voz abafada, de seu poleiro:

— Bolgani!

O gorila estancou. Ereto sobre os membros traseiros, olhou para seu lado.

— Eu sou Tarzan — disse o homem-macaco. Bolgani respondeu, num grunhido:

— Eu sou Bolgani.

— O Tarmangani vem vindo — avisou Tarzan.

— Eu mato! — roncou Bolgani.

— Deixe o Tarmangani passar — disse Tarzan. — ele e sua gente possuem muitos paus trovejantes. Mandeí este Tarmangani ir-se embora da mata. Deixe-o passar. Afaste-se um pouco do caminho que os estúpidos Gomanganis, e o Tarmangani, que ainda é mais estúpido, passarão sem saber que Tarzan e Bolgani se acham perto.

Um trovão ribombou longe no firmamento que se escurecia e os dois entes da selva olharam para cima, para os amplos domínios das forças da Natureza, mais

selvagens e destruidoras que as suas próprias.

— Pand, o trovão, está caçando no céu — observou o homem-macaco.

— ele caça Usha, o vento — disse Bolgani.

— Agora vamos ouvir Usha fugir por entre as árvores. — Tarzan olhou as nuvens escuras que baixavam mais. — Até Kudu, o sol, teme Pand, pois ele esconde a cara quando Pand está caçando.

Ara, o raio, riscou o firmamento sombrio. Para os dois seres da selva ele era uma flecha partida do arco de Pand, e as grandes gotas de chuva que pouco depois começaram/ a cair era Meeta, o sangue da Usha, o vento, a sair de muitas feridas.

As frondes agora se encurvavam e continuavam a ouvir o retumbo dos trovões. As ramas chicoteavam o ar, porque Usha irrompera floresta adentro. A escuridão aumentou. A chuva caía em cataratas. Chocavam-se no ar folhagens, e os galhos e troncos estralejavam partindo-se. Com ensurdecadora bulha os elementos davam largas a sua cólera. Os animais selvagens tranziavam-se de terror daquele poder que reconheciam como supremo. Tarzan acocorara-se na for-quilha de uma grande árvore, onde a chuva fustigava seu dorso inclinado. A um lado do caminho, onde se agachara. Bolgani estava lastimosamente molhado. Os dois esperavam. Não podiam fazer outra coisa.

Sobre eles desencadeara-se a tormenta e em louca fúria trovões explodiam e ecoavam ensurdecadoramente. - Houve um relâmpago cegante e o ramo onde estava Tarzan lascou-se e caiu na trilha que lhe ficava embaixo.

Desacordado, o homem-macaco ficou onde tombara achando-se em parte seu corpo debaixo do grande galho quebrado.

Tão súbito como viera, a tempestade aplacou-se e Kudu, o sol, rompeu por entre as nuvens. Bolgani, ainda aterrorizado, conservava-se quieto e mudo no lugar onde se agachara. Bolgani não desejava atrair a atenção de Pand, o trovão.

Todo encharcado, a tremer de frio e cheio de furor, Stimbol caminhava na escorregadia e lamacenta vereda. Ele não sabia que seu safári ficara a regular distância para trás dele, pois o americano fora sempre andando, ao passo que os pretos, enquanto durara a tormenta, se refugiaram sob as árvores.

Em uma curva do caminho ele súbito encontrou um galho caído atravancando-o. À primeira vista não percebeu haver um corpo de homem debaixo desse galho, mas quando o viu e reconheceu, a esperança ressurgiu-lhe no peito. Morto Tarzan, ele teria a liberdade de fazer o que quisesse; mas estaria verdadeiramente morto o homem-macaco?

Stimbol precipitou-se para diante e, ajoelhando-se, aplicou um ouvido no peito do

homem que estava deitado por terra. Houve em seu rosto uma expressão de desapontamento. Tarzan não estava morto. Mas, improvisamente, desapareceu essa expressão do rosto de Stimbol — seus olhos tiveram um brilho de astúcia e ao mesmo tempo voltou-os para trás, para o trilho por onde viera. Não enxergava seus homens! Vivamente relanceou a vista em torno. Ele achava-se a sós com o causador de sua humilhação, e este se achava inconsciente!

Stimbol supunha que estava só. Não viu a figura cabeluda que em silêncio se erguera logo que o som dos passos dele, a aproximarem-se, chegara a seus ouvidos sensíveis e nesse instante estava a espreitá-lo dentre a folhagem — a espreitá-lo e ao corpo imóvel do homem-macaco.

Stimbol desembainhou a sua faca de caça. Ele poderia enterrá-la no coração do homem selvagem e correr em seguida para trás. Seus homens o encontrariam a esperá-los no percurso. Depois chegariam juntos ao lugar onde se achava o cadáver de Tarzan, sem que os pretos adivinhassem como este morrera.

O homem-macaco fez um movimento — estava a recobrar os sentidos. Stimbol compreendeu dever agir prontamente; mas, no mesmo instante em que ia desfêchar o golpe, um longo braço peludo surgiu entre a folhagem e uma potente mão lhe apanhou o ombro. Soltando um grito e uma praga ele voltou o olhar para o rosto hediondo de Bolgani. Procurou ferir a felpuda fera com a faca, mas o animal arrebatou-lhe a frágil arma e atirou-a longe, em meio ao mato rasteiro.

As grandes presas amarelas do gorila se achavam arreganhadas junto ao pescoço de Stimbol no momento em que Tarzan abriu os olhos.

— Kreeg-ah! — gritou o homem-macaco.

Bolgani parou e olhou para seu companheiro da selva.

— Deixe-o ir embora — disse Tarzan.

— O Tarmangani queria matar Tarzan! — explicou o gorila. — Bolgani não deixou! Bolgani vai matá-lo.

E roncou hòrridamente.

— Não — ordenou Tarzan. — Solte o Tarmangani.

O gorila largou Stimbol no instante em que o primeiro dos pretos do caçador aparecia ao longe; e quando Bolgani viu os pretos e seu elevado número, aumentou-lhe o nervosismo e a irritação.

— Entre no inato, Bolgani — disse Tarzan. — Tarzan se encarregará deste Tarmangani e dos Gomanganis.

Com um ronco de despedida o gorila mergulhou entre a folhagem, na penumbra da mata, ficando Tarzan dos Macacos face a face com Stimbol e seus subalternos.



— Você tomou uma boa chamada, não, Stimbol? — disse o homem-macaco. — Foi muita sorte sua não me ter matado. Eu estava aqui por duas razões. Uma era ver se você me obedecia às recomendações e a outra protegê-lo de seus próprios homens. Não me agradou o modo com que eles o olhavam esta manhã no acampamento. Não lhes seria difícil deixá-lo extraviado nas selvas, como sabe, e isto lhe daria cabo da vida com tanta segurança como um veneno ou uma faca. Eu me sentia com certa responsabilidade a seu respeito, devido a você ser branco, mas agora sinto-me livre de quaisquer vínculos raciais que hajam influído para eu assim pensar. Não o matarei, Stimbol, como merece; mas de agora em diante dirigir-se-á para a costa sem o meu auxílio e assim descobrirá, sem dúvida, que não se podem adquirir muitas amizades nas selvas, nem dar-se ao luxo de um só inimigo desnecessário.

Ele voltou-se para os pretos de Stimbol, dizendo:

— Tarzan dos Macacos vai seguir seu próprio rumo. Vocês talvez não o vejam mais. Cumpram seu dever com este homem enquanto ele obedecer às ordens de Tarzan, mas não consentam que ele cace.

Com esta advertência final o homem-macaco guindou-se aos ramos baixos de uma árvore próxima e desapareceu entre a folhagem.

Quando Stimbol, depois de insistentes perguntas aos pretos, compreendeu que Tarzan praticamente assegurara que eles não o veriam mais, readquiriu muito de sua primitiva arrogância e de suas fanfarronadas egoístas. Mais uma vez era ele quem mandava nos pretos; e gritava com eles, violento, rogava-lhes pragas, ridicularizava-os. Pensou que assim se dava importância a seus olhos. Acreditou que, sendo pessoas simples, poderia enganá-los fazendo-os julgar que não temia Tarzan, caçoando das ordens de Tarzan a seu respeito. Agora que Tarzan prometera não reaparecer, Stimbol sentia poder com mais segurança desobedecer-lhe às ordens; e, por isso, ao chegarem ao ponto onde iam acampar Stimbol viu um antílope, e, sem hesitar um momento, o atirou e matou-o.

Nessa noite todos no acampamento se mostravam trombudos; os pretos reuniam-se aos grupos e cochichavam entre si.

— ele matou um antílope, por isso Tarzan se encolerizará conosco — disse um deles.

— Tarzan nos castigará por isso — opinou o capataz.

— O Bwana é um homem mau — disse outro preto. — Melhor seria que morresse.

— Nós não podemos matá-lo. Tarzan assim o disse.

— Se o abandonarmos na mata, ele morrerá.

— Tarzan nos disse que cumpríssemos o nosso dever.

— Mas disse que o cumpríssemos somente enquanto o mau Bwana obedecesse às ordens dele.

— ele desobedeceu.

— Então poderemos abandoná-lo.

Exausto com a longa caminhada, Stimbol dormiu como uma pedra. Ao despertar, o sol já ia alto. Ele gritou a seu ajudante. Não teve resposta. Gritou de novo mais alto, acrescentando ao berro uma praga. Ninguém atendeu. Não se ouviam quaisquer sons no acampamento.

— Estes negros preguiçosos! — grunhiu. — Eu já irei espertá-los.

Levantou-se e vestiu-se, mas, enquanto se vestia, o silêncio do acampamento o impressionou, como se encerrasse alguma ameaça, por isso aprontou-se às pressas e saiu da barraca. Apenas deu um passo para fora, compreendeu a verdade quase no primeiro relance. Não se via por ali nenhum ser humano, como também desapareceram, exceto um, os volumes de provisões. Ele fora abandonado no coração da África.

Seu primeiro impulso foi pegar a carabina e correr atrás dos pretos, mas em seguida refletiu no perigo de assim proceder, compreendendo que a última coisa em que poderia pensar era em entregar-se outra vez às mãos daqueles homens que não tiveram o mínimo escrúpulo em abandoná-lo a uma morte quase certa.

Se quisessem libertar-se dele, os pretos achariam facilmente para tal fim meios mais rápidos, caso ele voltasse e os quisesse forçar de novo a obedecer-lhe.

Só restava uma alternativa, que era ir procurar Blake e ficar em companhia dele. Sabia que Blake não o deixaria morrer abandonado nas selvas.

Os pretos não o deixaram sem provisões nem levaram a carabina e as munições desta, mas a dificuldade, agora, para Stimbol, estava principalmente no transporte dos comestíveis. Havia-os ali com abundância para muitos dias, mas compreendeu não os poder carregar pela mata, juntamente com a carabina e as munições. Ficar onde estava o alimento, seria igualmente inútil. Blake ia voltar para a costa por outro caminho; o homem-macaco, por sua vez, dissera que não acompanharia mais o safári de Stimbol; poderiam passar vários anos, provavelmente, antes que por acaso outra criatura humana aparecesse naquele caminho apenas raro em raro trilhado pelos animais da selva.

Ele sabia que o separavam agora do amigo dois dias de viagem, mas, se jornadeasse depressa, e Blake não o fizesse mui rapidamente, poderia alcançá-lo daí a uma semana. Talvez Blake achasse algum bom lugar para tirar fotografias de feras

e aí acampasse bastante tempo. Nesse caso Stimbol mais prontamente o alcançaria.

Ele sentiu-se em melhor disposição de espírito depois de resolver adotar este plano de ação, e, após um bom almoço, fez um pequeno volume de provisões, o bastante para durar uma semana, encheu o cinturão e os bolsos de cartuchos, e voltou pela mesma vereda por onde viera.

Foi fácil segui-la pois era bem visível e aquela era a terceira vez que Stimbol a percorria; desta maneira, não teve dificuldade em chegar ao lugar do acampamento onde ele e Blake se haviam separado.

Ao chegar, relativamente cedo, a essa pequena clareira, ele resolveu seguir avante e caminhar o quanto pudesse, antes de anoitecer, limitando-se a descansar ali alguns minutos. Quando se achava sentado com as costas apoiadas ao tronco de uma árvore, não notou um movimento nas pontas de uma moita de ervas altas, a poucos metros de distância; e, mesmo que o houvesse notado, sem dúvida não ligaria importância ao caso.

Ao acabar de fumar um cigarro, Stimbol ergueu-se, preparou de novo o volume e partiu na direção que os homens de Blake haviam tomado cedo, na manhã daquele mesmo dia; mas apenas andara uns dois metros, estacou de chofre ouvindo o ronco ameaçador de um leão sair do meio de uma touça de capim, bem à sua frente. Quase ao mesmo tempo entreabriram-se as gramíneas, surgindo na abertura uma cabeça de juba negra.

Com um grito de terror, Stimbol jogou ao chão o volume e a carabina e correu de pronto para a árvore, sob a qual estivera sentado. Como a sentir-se um tanto surpreendido, o leão parou um momento a observá-lo, mas em seguida precipitou-se a atacá-lo, considerando-o presa fácil.

Lançando para trás o olhar assustado, Stimbol sentiu mais terror ainda; o leão parecia tão perto e a árvore tão distante! Se a distância dá mais encanto ao que se vê, a proximidade também pode às vezes ter as suas vantagens. Nesse momento ela serviu para acelerar no mais surpreendente grau o ímpeto do homem perseguido, pois, apesar de não ser mais moço, trepou nos ramos baixos da árvore com uma agilidade que, embora não graciosa, era digna de um acrobata exercitado.

Essa pressa, porém, não era excessiva. As garras de Numa agatanharam-lhe a bota, fazendo-o içar-se para os

mais altos ramos, onde ficou extenuado e resfolegante, a olhar a dentuça ameaçadora do carnívoro.

Por espaço de alguns instantes Numa roncou para Ele; depois com um bufo, virou-se e caminhou majestosamente para a direção da moita donde surgira. No caminho parou a farejar o volume de provisões que Stimbol atirara ao chão e era evidente

que o irritara o cheiro de homem que aderira ao mesmo, pois recomeçou a roncar raivoso. Rolou-o para outro lado e recuou, cauteloso; em seguida, com um urro, pulou sobre o volume e começou a mordê-lo e a desfazê-lo até seu conteúdo espalhar-se pelo chão; de tal forma ele mordeu as latas e caixetas, que mal ficaria intacta uma delas; e, enquanto isso, Stimbol, encarapitado na árvore, contemplava a destruição de suas provisões, sem meios de evitá-lo. Vinte vezes se maldisse a si mesmo por ter jogado ao chão a carabina; mais vezes ainda jurou vingar-se dos pretos. Consolou-se, porém, com a idéia de que Blake não estaria longe e de que este possuía provisões abundantes que poderia aumentar com as compras e as caçadas. Quando o leão se afastasse, ele desceria para tomar a direção seguida pela comitiva de Blake.

Cansado de comer o conteúdo das caixetas e latas, Numa continuou a encaminhar-se para a moita de capim alto, mas de novo teve a atenção atraída e dessa vez pelo pau trovejante do Tarmangani. O leão\*cheirou a carabina atirada ao solo, bateu-lhe com a pata e em seguida tomou-a entre as mandíbulas. Stimbol contemplava aterrado esta cena. Iria a fera estragar-lhe a arma? Ficaria ele sem meios de defender-se ou de conseguir o que comer?

— Deixe aí! — bradou Stimbol. — Deixe aí!

Sem dar atenção aos esbravejos do homem, Numa recolheu-se a seu esconderijo, levando consigo a carabina.

O resto daquela tarde, e a noite toda, foram uma eternidade de terrores para Wilbur Stimbol. Enquanto durou o dia, o leão permaneceu na moita próxima, impedindo o infeliz americano de continuar a jornada em busca do acampamento de Blake; e, após o anoitecer, nada faria Stimbol descer da árvore para os paralisantes horrores da mata, mesmo que soubesse que o leão se afastara e nenhum ruído lhe anunciasse a proximidade de perigo; mas houve ruídos que

o anunciaram. Desde pouco depois do escurecer até quase o despontar do dia, reinou um perfeito pandemônio de uivos, roncos, bufos, grunhidos e ladridos bem debaixo de sua árvore, como se todas as feras das matas houvessem emprazado reunir-se ali.

Ao despontar o dia, houve silêncio e paz na floresta, em torno dele — e só lonas em tiras, e caixetas e latas vazias davam mudo testemunho do banquete das hienas, o qual, certamente, se tornou histórico na vida das selvas. Numa partira, deixando os restos de um animal que ele estivera a comer para prato de resistência do banquete das hienas, banquete para o qual Stimbol fornecera os "hors d'oeuvres".

Stimbol desceu a tremer. E viu-se vaguear nas selvas uma lastimosa figura humana de olhos arregalados, a sobressaltar a cada ruído, como a personificação do

terror. Poucas pessoas reconheceriam naquela figura a pessoa de Wilbur Stimbol, da firma Stimbol & Companhia, corretores de Nova York.

## CAPÍTULO 7

# A cruz de pedra

A TEMPESTADE que surpreendera o safári de Stimbol causou devastação ainda maior nos planos de James Blake, modificando com a simples queda de um raio o curso de sua vida inteira.

Acompanhado por um só preto que carregava sua máquina fotográfica e uma carabina de sobressalente, Blake afastou-se do caminho seguido pelos seus homens para procurar fotografar leões, pois todos os indícios anunciavam a presença dos grandes carnívoros no lugar que estavam a percorrer.

Sua intenção era seguir paralelamente ao caminho por onde iam seus pretos e reunir-se a Eles no acampamento, à tarde. O rapaz que o acompanhava era inteligente e prático, e ficou combinado a direção e a rapidez do safári em movimento, recaindo inteiramente no preto auxiliar toda a responsabilidade de conduzir Blake com segurança ao acampamento referido. Tendo confiança no rapaz, Blake não se preocupou com o correr do tempo ou a direção tomada, empregando toda sua atenção à faina absorvente de conseguir as suas fotografias. Pouco depois de separar-se do safári, Blake e seu companheiro encontraram uma manada de sete ou oito leões, sendo um magnífico e velho macho, uma leoa e cinco ou seis filhos de meio crescimento até crescimento completo.

Ao verem Blake e seu companheiro, os leões afastaram-se lentamente pelo chão da floresta. Os dois homens os acompanharam aguardando uma boa oportunidade, uma feliz coincidência de hora, luz e agrupamento que permitissem ao branco tirar um retrato do modo que ele desejava. O preto sabia qual a direção seguida pelo safári, e os movimentos dos leões não perturbavam os seus cálculos. Sabia também a que distância e em que direção ele e seu companheiro se afastavam. Voltar para o caminho do safári seria muito simples para Ele; quanto a Blake, porém, confiando inteiramente no preto, não prestou atenção, quer ao tempo gasto, quer à direção tomada.

Por espaço de duas horas seguiram os rastos dos leões, sentindo-se às vezes animados, ao avistarem, ora um ora vários membros do grupo real, mas nunca se apresentava ensejo para um bom filme. Em seguida o céu começou rápido a embruscar-se e poucos minutos após desencadeou-se a tempestade, com toda terrível fúria só possível a uma tempestade equatorial; e foi então que ensurdecedor estampido de trovão e um raio ofuscante causaram um grande desastre para James Blake.

Ele não poderia saber quanto tempo ficara desacordado por efeito do raio que

caíra a poucos passos do lugar em que se achava. Ao abrir os olhos, já a tempestade passara e o sol brilhava através do dossel de folhagem da floresta. Ainda aturdido, e sem compreender a causa e a extensão da catástrofe, soergueu-se sobre um cotovelo e circunvagou o olhar em torno.

Uma das primeiras coisas que viu ao recobrar os sentidos auxiliou-o a cair mais prontamente em si. A menos de cinqüenta metros de distância estava um grupo de sete leões que o encaravam solenemente. Os característicos individuais dos leões diferem tanto de um a outro deles, como a dois indivíduos da raça humana, e do mesmo modo que um homem, pode um leão ter seus estados particulares de espírito e as suas idiossincrasias pessoais.

Estes leões que o observavam, não tinham grande experiência do contacto com homens; poucos homens até então tinham visto; nunca haviam sido caçados; estavam de estômago farto; e Blake nada fizera que transtornasse seus facilmente irritáveis sistemas nervosos. Ainda bem para Blake, esses leões se mostravam simplesmente curiosos; mas Blake não sabia tudo isso. Só sabia que sete leões ali estavam a menos de cinqüenta metros, que eles não se achavam em uma jaula e que embora os perseguisse para obter' fotografias, aquilo que então mais desejava não era sua máquina e sim sua carabina.

Sutilmente, para não irritar as feras, ele procurou em torno a sua arma. Com grande consternação não a avistou; nem estava ali o preto com a carabina de sobressalente. Onde se acharia seu companheiro? Na dúvida, amedrontado com a vista dos leões, ele de bom grado fugiria. Dez metros além havia uma árvore muito convidativa. Blake perguntava-se a si mesmo se os leões o iriam atacar no momento em que se levantasse. Ele procurou recordar-se de tudo que ouvira contar acerca de leões, mas não se lembrou senão daquilo que se refere a quase todos os animais perigosos, isto é, de que se uma pessoa foge a correr, eles correm, perseguindo o fugitivo. Para chegar até à árvore era preciso andar quase na direção dos leões.

Estava Blake a hesitar quando o mais novo dos *leões* se chegou mais perto dele alguns passos! Isto o fez resolver-se de pronto, pois Blake compreendeu que quanto mais perto os leões ficassem dele, menos probabilidade teria de chegar até à árvore no caso de que as feras preferissem cortar-lhe os passos.

No meio de uma enorme floresta, totalmente rodeado de árvores, a natureza fora tão caprichosa, que o fizera cair desacordado quase no centro de uma clareira natural. Existia uma boa árvore a uns cinqüenta metros de distância, do lado oposto àquela em que se achavam os leões. Blake deu um olhar furtivo para ela e em seguida fez depressa seus cálculos. Se fosse correr em direção à árvore mais distante, os leões teriam que percorrer cem metros enquanto ele percorresse cinqüenta, ao passo que se preferisse a árvore mais próxima, os leões andariam

quarenta metros enquanto ele percorresse dez. Não havia dúvida, por isso, de que maiores eram as probabilidades de salvação, se ele buscasse refúgio na árvore mais próxima, pela vantagem de ter o dobro de probabilidades favoráveis. Por outro lado, correr em direção aos sete leões, subentendia mais riscos para Ele, devido ao efeito excitante que isso poderia produzir nas feras.

James Blake estava francamente, irreprimivelmente apavorado, mas só se os leões fossem psicanalistas imaginariam a verdade, quando ele seguiu devagar e como que descuidoso em direção a eles... e à árvore. O mais difícil para Blake era conseguir que as pernas não o traíssem. Elas queriam correr. Também o queriam seu coração e seu cérebro. Apenas a sua força de vontade lhes sofria o impulso.

Foram momentos de angústia para James Blake, aqueles em que deu a primeira meia dúzia de passos, com sete grandes leões a observar-lhe a aproximação. Ele viu que os leões se iam mostrando agitados e que a leoa já se movia. O leão velho roncava; e o mais novo, que estava mais à frente, fustigava as ancas com a cauda, baixava a cabeça e mostrava os dentes, continuando a avançar.

Blake estava quase a chegar à árvore quando sucedeu qualquer coisa — nunca ele lhe soube a causa, mas o certo é que inexplicavelmente a leoa se voltou para trás e afastou-se num pulo, a emitir um uivo surdo, sendo acompanhada pelos seis leões.

O homem encostou-se ao tronco da árvore e abanou-se com o chapéu.

— Safa! — arquejou Ele. — A minha vontade é que o primeiro leão que eu veja, depois de hoje, seja no jardim zoológico de minha terra.

Mas os próprios leões o esqueceram ante aquilo que pouco depois descobriu, após chamar repetidamente o preto, sem obter resposta, o que fez Blake resolver-se a ir procurá-lo. Não teve que se distanciar muito; pouco atrás.

No começo da clareira, Blake encontrou restos de carne humana assada e um cano de carabina enegrecido e meio derretido. Da máquina fotográfica não se viam vestígios. O raio que fizera Blake cair atingira sem dúvida o carregador de sua arma, fulminando-o instantaneamente, fizera explodir todas as munições, destruíra a máquina fotográfica e também a carabina que o preto levava consigo.

Mas que fora feito da carabina que estava nas mãos dele, Blake? ele pesquisou em todas as direções, sem nada encontrar, o que o forçou, por fim, a concluir que seu desaparecimento teria sido causado por algumas dessas peças singulares que certas cargas elétricas pregam com tanta freqüência na fraca e insignificante humanidade.

Reconhecendo plenamente que estava perdido e sem ter a mínima idéia da direção em que seu safári pretendia acampar, Blake pôs-se a caminhar às cegas para o lado em que esperava encontrar o verdadeiro rumo. Mas enganava-se. Seu safári dirigia-



se para o nordeste. E Blake encaminhava-se para o norte.

Durante dois dias ele errou pela floresta espessa, dormindo à noite em galhos de árvores. Uma vez seu sono agitado foi perturbado pela oscilação do ramo em que ele se recostava. Despertou ao sentir o ramo curvar-se, como ao peso de um animal de grande porte. Olhando em torno, divisou dois grandes olhos ferozes a fosforescer na escuridão. Blake reconheceu que era uma pantera; tirou no mesmo instante o revólver e detonou-o de perto. Com um urro terrível o grande felino pulou ou caiu da árvore ao chão. Blake não chegou a saber se o atingira. O animal não voltou e nem descobriu sinal dele na manhã seguinte.

Ele encontrou alimento e água com abundância; mas na manhã do terceiro dia saiu da floresta, vendo-se então nas faldas de uma serra elevada; e, pela primeira vez, de uma semana àquela parte, pôde ver, sem empecos, o céu azul, e o horizonte e tudo o que ficava entre este e Ele. Blake não notara ter-se sentido oprimido com a penumbra e densidade da mata, mas o fato é que nesse momento sentiu o alívio de um sentenciado que após longos anos de clausura é restituído à liberdade e à luz do dia. Já não era problemática a salvação e sim unicamente questão de tempo. Sentia desejo de cantar e gritar, mas absteve-se de fazer, pois procurava conservar as forças, limitando-se a seguir em direção à montanha. Ele não encontrara aldeias de indígenas nas florestas e esperava que se lhe deparassem em lugar de abundantes águas correntes e bem providas de caça, como o seria naturalmente a encosta da montanha.

Chegando ao alto de uma saliência do solo, ele avistou um canal de rochas em cujo fundo corria um pequeno veio d'água. A aldeia deveria estar perto da água. Se seguisse aquele riacho, chegaria a ela. Era mui fácil. Ele desceu da saliência e dirigiu-se à beira da corrente e teve aí a satisfação de encontrar uma trilha batida paralela à mesma. Animado pela idéia de encontrar logo os naturais, e crendo não ser difícil obter-lhes os préstimos para ajudá-lo a descobrir seu safári, Blake tomou a trilha que beirava o riacho.

Andou cerca de meia légua por ela acima, sem descobrir sinais de habitação humana; mas, a uma volta do caminho, viu-se ao pé de uma cruz branca e musgosa de enormes proporções; toda de pedra, ela se erguia bem no meio do caminho até à altura de uns vinte metros. Carcomida pelo tempo, dava a impressão de ser muito antiga o que era confirmado pelos restos de uma inscrição quase apagada, em uma das faces de seu maciço pedestal.

Blake examinou as letras gravadas na pedra, mas não lhes pôde decifrar o sentido. Pareciam caracteres da língua inglesa antiga, mas deixou de lado tal possibilidade como ridícula de admitir-se. Sabia não poder estar longe da fronteira sul da Abissínia e que os abissínios eram cristão. Assim explicava a presença da cruz, mas

não a impressão de sinistra ameaça que lhe causava aquele antigo símbolo religioso. Por que estava ali a cruz? Que significava ela?

Ereta, muda, corroída pelo tempo, parecia ordenar-lhe que parasse, que não se aventurasse mais além no desconhecido. Advertia-o a que voltasse, mas não parecia que o fizesse por bondade ou proteção e sim com arrogância e hostilidade.

Dando uma risada, Blake procurou enxotar a apreensão que o empolgava, e continuou andando; mas, ao passar em frente ao grande monólito branco, fez o sinal da cruz, embora não fosse católico. Surpreendeu-se ele próprio por ter praticado esse ato que não lhe era habitual, mas não conseguiu explicá-lo e nem a impressão estranha e sobrenatural do poder e personalidade que parecia ter aquela cruz carcomida.

O caminho deu uma volta e estreitou-se entre dois colossais rochedos despenhados de um pico rochoso sobranceiro. Outros penedos se sucediam cada vez mais numerosos à frente e dos dois lados. Figurava-se-lhe estar perto do fim da grota e mesmo assim não encontrava o mínimo vestígio de povoado. Onde levaria aquele caminho? Deveria ter um fim e uma significação. Ele descobriria o primeiro; e, se fosse possível, também a última.

Ainda sob a influência depressora da contemplação da cruz, Blake passou entre os dois rochedos; mas no instante em que acabava de passar surgiram dois homens, um atrás e outro à frente dele. Eram negros corpulentos, de traços delicados e por si mesmo não causaria, esse fato, surpresa ou maravilha. Blake contava encontrar negros na África; mas não os encontrar com gibões de couro primorosamente ornamentados com uma cruz vermelha no peito, calções justos e sandálias presas com correias que se cruzavam até perto dos joelhos, nem vira negros a usar elmos de pele de pantera que lhes cobriam a cabeça até abaixo das orelhas; nem armados com largas espadas de dois gumes e de piques, espécie de chuço ou lança, de pontas curtas e agudas.

— Quem é o senhor? — perguntou um dos pretos em inglês antiquíssimo.

Se aquele homem lhe falasse em grego, Blake não ficaria mais atônito do que com a estranheza daquele modo arcaico de dizer, a sair da boca de um negro da África Central, no século XX.

Mudo de assombro não pôde de pronto responder.

— Naturalmente é algum Mouro, Paul! — disse o preto que estava atrás de Blake — pois não compreendeu a sua pergunta.

— Nada, Peter Wiggs! Tão certo como me chamo Paul Bodkin, ele não é um infiel, coisa que pude ver com os meus próprios olhos.

— Seja quem for, vá apresentá-lo ao capitão da guarda, que o interrogará, Paul

Bodkin.

— Não haveria mal em interrogá-lo você primeiro, se ele quisesse responder.

— Cale essa boca e leve-o ao capitão — disse Peter. — Ficarei aqui até sua volta a vigiar o caminho.

Paul postou-se de lado e fez sinal a Blake para ir adiante. Em seguida foi andando atrás dele; e não era preciso o americano voltar-se para saber que a ponta ornamentada do pique já estava em posição ameaçadora.

À frente de Blake o caminho era plano e ele o seguiu em direção aos penhascos, onde dali a pouco avistou a boca negra de um túnel na escarpa rochosa. Encostados ao lado de um nicho que se via à entrada, estavam alguns archotes feitos de palha torcida ou raminhos estreitamente atados e embebidos em resina. Paul Bodkin escolheu um deles, tirou um isqueiro do bolso, feriu a pederneira com um fuzil e, quando as fagulhas inflamaram a isca, ele acendeu o archote; em seguida, empurrando de novo Blake com a ponta do pique, entraram os dois no túnel. O americano observou que este era estreito e cheio de meandros, o que lhe facilitaria a defesa. O chão, gasto e alisado pelo trânsito, estava tão polido, que reverberava os clarões do archote. Os lados e a parte de cima mostravam-se enegrecidos da fuligem dos milhares, talvez, de archotes que haviam passado por aquele singular caminho que conduzia... até onde?

## CAPÍTULO 8

# A insídia da serpente

ABANDONADO na selva, acabrunhado pela colossal catástrofe que se abatera contra Ele, com a faculdade do raciocínio entorpecida pelo terror, Wilbur Stimbol errava entre a mataria, como acochado por todos os horrores que a imaginação lhe podia sugerir. Os frangalhos restantes de sua roupa achavam-se empastados de imundícias e mal recobriam a sujidade de seu corpo emagrecido. Tornaram-se-lhe brancos os cabelos que um dia foram grisalhos, iguais em cor aos pêlos crescidos de sua barba de quatro dias ele seguia um caminho largo e apisoado por homens brancos, cavalos, carneiros, e cabras que ali passaram aquela semana; em sua cega inexperiência de um morador de cidade ele supunha que os rastos que via fossem do safári de Blake. E foi assim que chegou, estropiado, exausto, ao "menzil" de Ibn Jad.

Fejjuan, o escravo gala, avistou-o e foi incontinenti levá-lo à barraca do xeque Ibn Jad, onde este, seu irmão Tollog e outras pessoas estavam, de pernas cruzadas, sentados numa esteira, a tomar café.

— Por Alá! Que estranha criatura você capturou, Fejjuan! — disse o xeque.

— Talvez seja algum santo homem — respondeu o preto — pois parece pobre e está sem armas e sujíssimo. Sim, não pode deixar de ser algum santo eremita.

— Quem é você? — perguntou Ibn Jad.

— Perdi-me na mata e estou quase a morrer de fome. Dê-me o que comer — pediu Stimbol.

Mas os dois não compreendiam as línguas um do outro. — É um cristão também — observou Fahd, desdenhoso. — Talvez um francês.

— Parece mais um inglês — opinou Tollog.

— É possível que seja da França — sugeriu Ibn Jad. — Fale na língua vil daquele país, Fahd, já que você serviu como soldado na Argélia.

— Quem é você, estrangeiro? — perguntou Fahd em francês.

— Sou um americano — respondeu Stimbol aliviado pela descoberta desse meio de comunicação com os árabes. — Perdi-me na mata, e estou a morrer de fome.

— Ele é da América, e estava perdido e com fome — traduziu Fahd.

Ibn Jad mandou que lhe trouxessem alimento e o americano, enquanto comia, conversava com Fahd. Stimbol referiu que os seus homens o abandonaram e que pagaria bem se o conduzissem à costa. O chefe beduíno não tinha desejo de sofrer mais tempo o estorvo da presença daquele homem velho e fraco, e por isso sentia-se

inclinado a mandar cortar-lhe o pescoço, o que era o meio mais fácil de resolver o problema mas Fahd, impressionado com a grande fortuna que aquele homem se jactava de ter, via a possibilidade de obter avultada recompensa ou resgate, pelo que insistiu com o xeque para que permitisse a estada do americano, por algum tempo, ao menos, entre eles, prometendo levá-lo para sua própria barraca e responsabilizar-se por Ele.

— Ibn Jad queria matar você, cristão — disse mais tarde Fahd a Stimbol — mas Fahd o salvou. Lembre-se disso | quando vier o tempo de dar a recompensa e lembre-se, também, de que Ibn Jad amanhã se achará disposto a matá-lo como se acha hoje, e que sua vida está sempre nas mãos de Fahd. Quanto vale isto?

— Dar-lhe-ei uma fortuna — respondeu Stimbol.

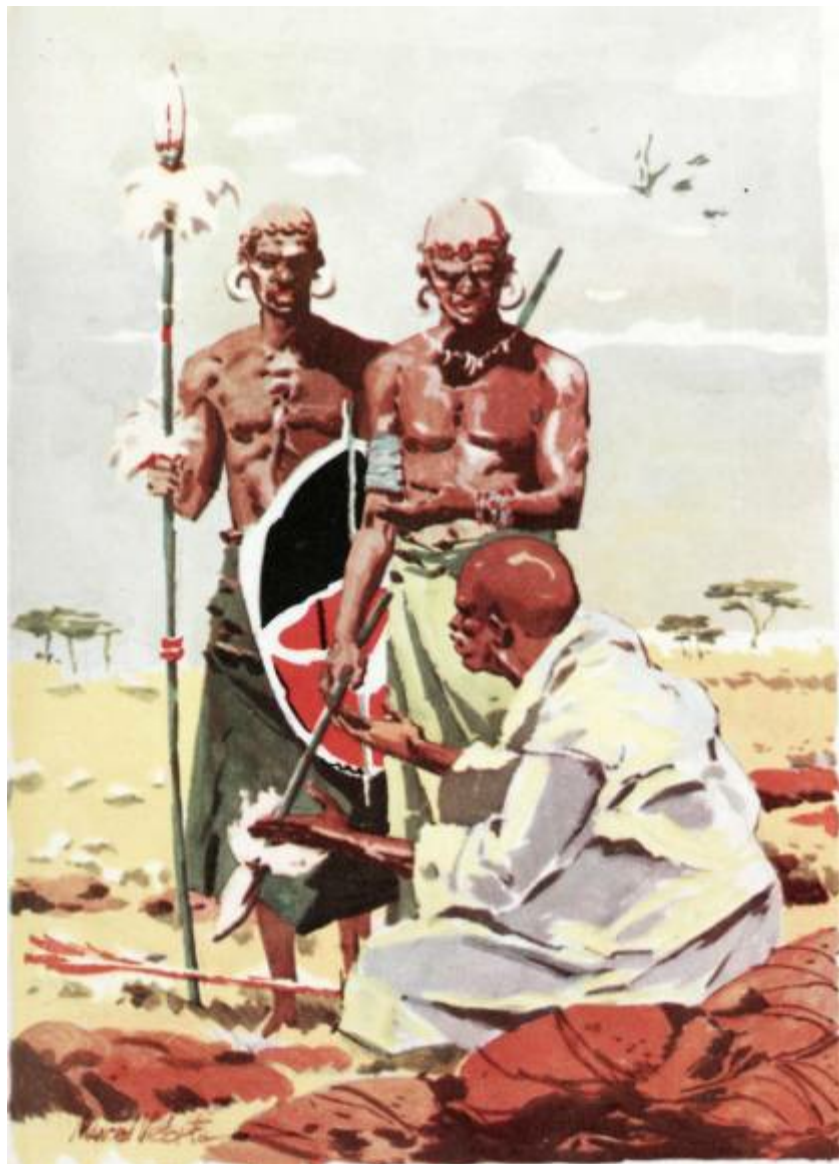
Nos dias subsequêntes, Fahd e Stimbol travaram mais estreito conhecimento, e, à proporção que lhe voltavam as forças e a sensação de segurança, também voltavam as costumadas jactâncias de Stimbol. Ele conseguiu causar profunda impressão no beduíno com sua riqueza e importância, e tão generosas promessas fazia que Fahd começou a antegozar uma vida de opulência, conforto e poderio; e, à medida que lhe aumentavam a cobiça e a ambição, também crescia o receio de que alguém lhe arrebatasse aquela possibilidade de enriquecer. Como Ibn Jad era, logicamente, seu mais poderoso concorrente, Fahd não perdia ocasião de fazer calar-lhe no espírito que o xeque estava sequioso de seu sangue; o fato, porém, era que o xeque se interessara tão pouco por Wilbur Stimbol, que lhe esqueceria totalmente a presença, ali, se não lhe sucedesse às vezes ver o homem, quando seguiam viagem, ou nos acampamentos.

Entretanto, de uma coisa verdadeiramente Fahd deu conhecimento a Stimbol, e foi o fato de fermentar discórdia e traição entre os beduínos — e assim fez, para utilizar o americano em benefício próprio, quando isto se tornasse necessário.

E continuamente, embora devagar, os árabes aproximavam-se cada vez mais da misteriosa cidade de Nimmr; e enquanto eles prosseguiram a viagem, a pretensão de Zeyd à mão de Ateja, a filha de Ibn Jad, ia ganhando terreno, ao passo que Tollog procurava fazer insinuações, que favorecessem a pretensão de Fahd aos olhos do xeque. Isso ele fazia sempre, mas somente quando Fahd o poderia ouvir, pois na verdade seu único desejo era frisar para com o jovem traidor a grandeza da obrigação em que se achava para com Ele. A Tollog, quando se tornasse xeque, pouco se daria que a mão de Ateja fosse pertencer a esta ou àquela pessoa

Mas Fahd não se sentia satisfeito com os progressos da sua causa. Os zelos cada vez mais se assenhoreavam dele, até chegar ao ponto de não mais poder ver Zeyd sem que surgisse em seu espírito a idéia de sua morte; por fim, essa idéia obcecou-o. Ele planejava de contínuo libertar-se e libertar o mundo desse seu rival mais feliz.

Espreitava-o e também a Ateja; e um dia, afinal, concebeu um plano, para cuja execução logo surgiu ensejo.



*Fejfan não era tolo. Ele sabia ser difícil convencer os galas de que era de seu próprio sangue...*

Fahd notara que todas as noites Zeyd se afastava do grupo que se reunia na barraca do xeque e que Ateja, por sua vez, ao terminar seus trabalhos caseiros, esgueirava-se da casa para a escuridão da noite. Fahd seguiu Zeyd e afinal se confirmou o que já era mui visível para ser magnificado com o nome de suspeita — Zeyd e Ateja tinham encontros noturnos.

E, uma noite, Fahd deixou de tomar parte nas reuniões da barraca do xeque. Em vez disso, foi ocultar-se perto da barraca de Zeyd, e depois que este saiu para ir conversar com Ateja, Fahd entrou sorrateiramente na barraca do rival e tirou dela o seu mosquete. Este já estava carregado. Sub-repticiamente foi andando por trás das

barracas, através do acampamento, até o lugar onde Zeyd esperava a sua amada. Ali postou-se atrás dele.

A pequena distância, sentado no compartimento da frente da sua barraca com seus amigos, e iluminado pelas lanternas de papel, Ibn Jad, o xeque, era claramente visível para os dois moços que se achavam fora. entre as trevas da noite. Ateja estava ainda no compartimento das mulheres.

De pé atrás de Zeyd, Fahd ergueu o velho mosquete e fez pontaria — pontaria muito cuidadosa mas não para acertar em Zeyd. Isso não, porque a astúcia de Fahd não era inferior à da raposa. Se Zeyd fosse assassinado, ninguém poderia desconvencer Ateja de que seu assassino era Fahd. Este bem o sabia, e estava igualmente certo de que Ateja não daria a sua mão ao assassino do seu amado.

Além de Zeyd estava Ibn Jad, mas Fahd também não apontava a arma contra Ele. Em que pessoa ele apontava? Em ninguém. Ainda não chegara a hora de matar o xeque. Primeiro deveriam apossar-se do tesouro, de cujo segredo supunha fosse apenas o xeque depositário.

Fahd fazia pontaria em uma estaca da barraca do xeque. Visou cuidadosamente e em seguida puxou o gatilho. A carga de chumbo lascou a madeira um palmo da cabeça de Ibn Jad; no mesmo instante Fahd atirou ao chão o mosquete e pulou contra o assustado Zeyd, enquanto em altas vozes dava o alarma.

Sobressaltados pelo tiro e pelo grito, acorreram homens de todas as direções e entre eles se achava o xeque. Este encontrou Zeyd fortemente seguro pelas costas, por Fahd.

— Que significa isto? — perguntou Ibn Jad.

— Por Alá, Ibn Jad, que ele quase o matou! — bradou Fahd. — Cheguei no momento oportuno; no instante em que atirava, agarrei-o pelas costas, do contrário ele o teria morto.

— É mentira! — gritou Zeyd. — O tiro saiu de trás de mim, e se alguém atirou em Ibn Jad, foi Fahd e não outro.

De olhos arregalados, Ateja correu para perto de seu namorado.

— Não foi você quem fez isso, Zeyd! diga-me que não foi você!

— Tão certo como Alá ser meu deus e Maomé seu profeta, que não fui eu — jurou Zeyd.

— Eu nunca o julgaria capaz de tal — disse Ibn Jad.

Por esperteza Fahd não se referiu ao mosquete. Absolutamente calculava que esta prova seria mais forte se o descobrisse outra pessoa e não Ele; e certo estava que o descobririam. Não se enganara. Tollog encontrou-o.

— Aqui está o mosquete — exclamou.

— Vamos examiná-lo na claridade — disse Ibn Jad. — Isto dissipará nossas dúvidas com mais certeza do que qualquer língua mentirosa.

Enquanto o grupo se movia para o lado da barraca, Zeyd sentia o alívio de uma pessoa que escapara da morte, pois sabia que a prova do mosquete o ia inocentar. Não poderia ser o seu. Ele apertou a mão de Ateja que caminhava a seu lado.

À luz das lanternas de papel, na barraca de Ibn Jad, este examinou a arma, enquanto os outros, de pescoço estirado, se aglomeravam em torno dele. Bastou um único olhar. O xequ ergueu o rosto de expressão severa.

— É de Zeyd — declarou.

Ateja teve um sobressalto e se afastou de seu amado.

— Não fui eu quem atirou! Isto foi algum arranjo -gritou Zeyd.

— Levem-no daqui! — exclamou Ibn Jad. — Amarrem-no sòlidamente.

Ateja precipitou-se para o lado do pai, a cujos pés caiu de joelhos exclamando:

— Não o mate! Não podia ter sido Ele. Eu sei que não foi Ele.

— Silêncio, menina! — ordenou o xequ ríspido. — Vá para o quarto e fique lá!

Eles conduziram Zeyd para sua própria barraca e o amarraram fortemente.

Na barraca do xequ os mais velhos dos árabes se achavam sentados para proferir sua sentença, enquanto de trás das cortinas do compartimento das mulheres Ateja prestava ouvidos.

— Fuzilem-no ao amanhecer do dia!

Foi esta a sentença que Ateja ouvia proferirem contra seu namorado.

Fahd consigo mesmo teve um sorriso satânico; em seu alojamento escuro Zeyd esforçava-se para se livrar dos nós que lhe tolhiam os movimentos, pois embora não tivesse ouvido a sua condenação, sabia antecipadamente o destino que o esperava. No compartimento das mulheres da barraca do xequ a filha deste achava-se insone e inconsolável. Seus longos cílios estavam úmidos de lágrimas mas seu sofrimento era silencioso. Ela esperava, olhos arregalados, a prestar ouvidos, e dentro em pouco tempo sua paciência foi recompensada porque ouviu os sons da respiração profunda de Ibn Jad e de sua mulher Hirfa. Eles dormiam. Ateja levantou-se e furtivamente ergueu a beirada do pano da barraca, junto à esteira onde ela dormia, e passou em silêncio por baixo dele para o compartimento da frente. Pelo tato ela achou o mosquete de Zeyd no lugar onde Ibn Jad o deixara. Tomou uma trouxinha feita com um lenço velho, cujo conteúdo ela preparara antes, naquela noite, quando Hirfa, ocupada com os trabalhos domésticos, se ausentara temporariamente do



compartimento das mulheres.

Ateja saiu da barraca do pai e deslizou cautelosa ao longo da única rua irregular, entre as barracas dos árabes, chegando enfim à de Zeyd. Durante breves instantes ela se deteve à porta, a prestar ouvidos, e em seguida entrou pisando de manso com as suas sandálias.

Mas Zeyd, sem poder dormir, ainda a lutar com os amarrilhos, ouviu-a chegar.

— Quem é? — perguntou.

— Pstl — sussurrou a moça. — Sou eu, Ateja. Ela avizinhou-se dele.

— Meu amor! — murmurou Zeyd.

Habilmente a jovem cortou as correias que lhe prendiam os pulsos e os pés.

— Trouxe aqui alimento, munições e o seu mosquete — disse Ateja. — Estas coisas e a liberdade eu as dou a você — quanto ao mais dependerá de você mesmo. Sua égua está amarrada perto das outras. Longe é a terra de el-Guad, no caminho não faltarão perigos, mas dia e noite Ateja rezeirá para Alá o conduzir em segurança. Apresse-se, meu amor!

Zeyd cingiu-a contra o peito, beijou-a e em seguida desapareceu na escuridão da noite.

## CAPÍTULO 9

# Sir Richard

O CHÃO do túnel, ao longo do qual Paul Bodkin levava Blake, subia cada vez mais e em vários pontos apresentava séries de degraus que conduziam a níveis mais altos. Para Blake aquele comprido túnel parecia interminável. Nem seu próprio mistério impressionante dissipava a monotonia das paredes imutáveis que por breve instante surgiam silenciosas à luz frouxa do archote, e silenciosamente remergulhavam, para trás, na sombra ciméria, para serem substituídas por outros trechos de paredes invariavelmente iguais.

Mas, assim como sucede a todas as coisas, aquele túnel também tinha um termo. Blake divisou-o a princípio como uma pequena e remota mancha de luz e daí a pouco saía ao espaço livre e ensolarado e descortinava um grande e belo vale cheio de árvores. Achou-se em um como tabuleiro ou plataforma rochosa sita a mais de cem metros acima da base da montanha perfurada pelo túnel. Os paredões de rochas caíam ali verticalmente e à sua direita aquele plano terminava também ex-abrupto a menos de uma cinquentena de metros. Em seguida volveu a vista para a esquerda e seus olhos se arregalaram de assombro.

Atravessada naquele tabuleiro penhascoso havia uma sólida muralha de pedra, flanqueada de grandes torres redondas com altas e estreitas seteiras. Via-se no meio da muralha uma alta porta levadiça, além da qual Blake divisou dois negros a montar guarda. Os trajos destes eram exatamente iguais aos dos seus captores, mas achavam-se armados de alabardas, cujas hastes descansavam no chão.

— Ó da guarda! — bradou Paul Bodkin. — Abram a porta para mim e um prisioneiro!

Ergueu-se lentamente a alta grade da porta e Blake e o seu condutor passaram por baixo dela.

Logo ao entrar enxergava-se à esquerda, construída na encosta da colina, uma edificação que era evidentemente a casa da guarda. Em frente a ela madraceava cerca de uma vintena de homens armados, uniformizados como Paul Bodkin, e trazendo cada qual ao peito a cruz vermelha. Viam-se cavalos vistosamente ajaezados presos pelas rédeas a uma reforçada balaustrada de madeira. Seus belos chairéis revocavam à memória de Blake certos quadros que ele vira, de cavaleiros da Inglaterra medieval.

Pareciam-lhe coisas tão irreais os pretos com suas vestiduras estranhas, a maciça barbacã torreada que interceptava o caminho e os jaezes dos cavalos, que Blake

supunha que nada mais o surpreenderia; culminou, porém, seu espanto, vendo abrir-se uma das duas portas da casa da guarda e dela sair um guapo jovem, a envergar uma cota de malha em cima da qual trazia um leve brial de pano grosseiro, cor de púrpura. Na cabeça o jovem trazia um elmo de pelo de pantera, de cuja parte inferior saía uma espécie de cer-vilheira ou gorjal de malha que lhe rodeava e protegia todo o pescoço. Só estava armado com uma larga espada e uma adaga, mas, encostada a um lado da casa da guarda, perto da entrada, via-se uma comprida lança, e, junto a ela, um escudo brasonado no centro com uma cruz vermelha.

— Oh! Que me traz aí, Paul! — exclamou o jovem, num inelês também arcaico.

— Um prisioneiro, meu nobre senhor — respondeu Paul Bodkin, respeitoso, no mesmo idioma antigo.

— É um mouro, certamente — comentou o moço.

— Se me atrevo a contradizê-lo, sir Richard, direi não me parecer tal — respondeu Paul Bodkin.

— Por quê?

— Porque o vi, com meus próprios olhos, persignar-se, ao passar em frente da cruz de pedra.

— Traga-mo depressa!

Bodkin impeliu Blake com a ponta do pique; mas, o americano mal o sentiu, tão absorvido trazia o espírito pela súbita compreensão de tudo. E riu-se intimamente de sua obtusidade em não o perceber mais cedo. Entendia tudo agora. E aqueles malandros julgavam poder desfrutá-lo! E a verdade é que quase o conseguiram.

Encaminhou-se a passos rápidos para o jovem e parou-lhe à frente, tendo nos lábios um sorriso ligeiramente sarcástico. Aquele encarou-o com altivez.

— Onde vem, e que faz no Vale do Santo Sepulcro? Apagou-se o sorriso de Blake. Era demais.

— Acabe com essa comédia, rapaz — disse com lentidão. — Onde está o diretor?

— Diretor? Por Deus, que não sei o que pretende dizer.

— Sabe-o perfeitamente — tornou Blake em tom vivo e sarcástico. — Nem que eu estivesse ébrio, vocês não me in trajariam!

— Tome cuidado, criatura! Não compreendo a significação de todas as suas palavras, mas desagrada-me o tom em que as diz. Isso sabe a uma afronta, e tal não toleram os ouvidos de Richard Montmorency.

— Mostre então ser o que é — advertiu-o Blake. — Se o diretor não estiver perto, chame seu ajudante ou o fotógrafo filmador.

— Eu mostrar ser quem sou? Pensa que seja outra pessoa, que não Richard Montmorency, um nobre cavaleiro de Nimmr?

Blake abanou com impaciência a cabeça e em seguida volveu o olhar para os guardas que os rodeavam, de pé, a ouvir-lhes a conversação. Imaginou que alguns deles estariam a rir-se da peça que lhe intentavam pregar, mas só viu fisionomias solenes e sérias.

— Diga-me — dirigiu-se ele na Paul Bodkin — algum de vocês não sabe onde está o diretor?

— Diretor? — repetiu Bodkin a abanar a cabeça. — Não há ninguém de tal qualidade em todo o país de Nimmr, ou em todo o Vale do Santo Sepulcro.

— Desculpe — disse Blake — naturalmente enganei-me; mas, se não há diretor, há de haver um guarda de hospício. Posso falar com Ele?

— Um guarda? Ah, sim! — e seu rosto irradiou, por haver compreendido. — O guarda é sir Richard.

— Meu Deus! — exclamou Blake, voltando-se para o moço. — Perdoe-me, pois supus que o senhor fosse uma das pessoas internadas.

— Internadas? O senhor fala um idioma estranho e mesmo assim tem o sabor da língua inglesa — respondeu gravemente sir Richard. — Mas Paul Bodkin tem razão — no dia de hoje sou eu, em verdade, o guarda da porta do castelo.

Blake começava a duvidar da sua própria sanidade mental, ou, pelo menos, de estar a entender bem. Tanto o moço como os pretos não apresentavam nenhum dos característicos fisionômicos dos loucos.

— Desculpe-me — disse ele com um de seus sorrisos francos, tão famosos pela cordialidade, entre seus conhecidos. — Procedi como um imbecil, mas estive muito tempo em grande tensão nervosa e no final de tudo andei perdido dias na mata sem me alimentar convenientemente.

"Julguei que queriam divertir-se à minha custa e não me sentia disposto a esse desfrute quando esperava acolhida amistosa e hospitaleira. Diga-me onde estou e que país é este".

— Está na cidade de Nimmr — respondeu o moço.

— Penso ser hoje dia de festa nacional ou coisa semelhante? — perguntou Blake.

— Não o entendo — respondeu seu interlocutor.

— Estou estranhando toda essa pompa.

— Pompa? Oh, que idéias estranhas tem esta criatura!

— Sim, todos esses uniformes.

— Que têm de mais os meus trajes? Certo não serão maravilhosamente novos, mas ao menos me parecem mais belos

que os seus. Prestam-se perfeitamente aos serviços diários de um cavaleiro.

— Não quer dizer que se vista assim todos os dias?

— Por que não? Mas basta de falar em tal. Não desejo trocar mais palavras com o senhor. Levem-no dois de vocês para dentro. Quanto a Bodkin, retorne para a entrada do túnel.

O jovem voltou-se reentrando na casa da guarda, enquanto dois soldados, não muito amavelmente, impeliram Blake para a mesma.

Viu-se este em um cômodo de teto alto, paredes de pedras e grandes vigas e caibros trabalhados à mão e enegrecidos pelo tempo. No pavimento de lajes havia uma mesa. O jovem sir Richaid sentou-se em um banco, atrás da mesma, postando-se Blake, ladeado pelos guardas, à sua frente.

— Seu nome? — perguntou o fidalgo.

— Blake.

— Só Blake? Nada mais?

— James Hunter Blake.

— Qual é o seu título, em seu país?

— Não tenho título.

— Ah! Não é então um "gentleman"?

— Todos consideram-me tal.

— Qual o seu país?

— Estados Unidos da América.

— Estados Unidos da América! Não existe semelhante país, criatura.

— E por que não?

— Nunca ouvi falar nele. Que fazia o senhor no lugar da cruz de pedras? Ignorava ser proibido lá ir?

— Já lhe contei que me perdi na mata. Não sabia onde estava. Tudo o que desejo é reunir-me a meu safári ou ir para a costa.

— Isto é impossível. Estamos cercados de mouros. Durante setecentos e trinta e cinco anos somos sitiados pelos seus exércitos. Como atravessou as fileiras inimigas? Como pôde atravessar seu grande exército?

— Não há exército algum cercando-os.

— Como mente de tal forma a Richard Montmorency, vilão? Se fosse de sangue azul teria de dar-me satisfação por essa injúria no campo de honra. Mas parece-me algum espião plebeu mandado aqui pelo sultão. Melhor é que me confesse tudo, pois se eu o conduzir ante o príncipe, ele lhe arrancará a verdade por meios não muito agradáveis. Confesse tudo'

— Nada tenho a confessar. Leve-me à presença de seu príncipe ou de quem quer que seja seu chefe; talvez que Ele, ao menos, me mate a fome.

— Aqui mesmo terá o que comer. Ninguém dirá que Richard Montmorency enxotou de sua porta um homem faminto. Olá, Michel! Michel! Onde está esse mandrião Michel!

Abriu-se a porta de um compartimento interno e por ela saiu um rapaz de olhos sonolentos, a esfregar um punho sujo em cada um dos mesmos. Trajava um saio curto, tinha as pernas metidas em calções verdes e justos e trazia no capacete uma pluma.

— Dormindo outra vez, malandro! — ralhou sir Richard. — Vá buscar pão e carne para este pobre viandante. Não se demore até amanhã, ouviu?

O criado cravou em Blake os olhos esbugalhados e como que estupificados de espanto, perguntou:

— É um mouro, meu amo?

— Que vem isso ao caso? — disse áspero sir Richard. — Nosso Senhor Jesus Cristo não alimentava a multidão sem perguntar se havia descrentes em meio a ela? Apresse-se, estafermo! O forasteiro sente muita fome.

O servidor voltou-se e saiu lerdamente da sala a enxugar o nariz com a manga da roupa. A atenção de sir Richard reverteu para Blake.

— A fortuna não o desfavoreceu, rapaz — comentou ele — Pena é não ter sangue nobre e ser homem de baixa estirpe.

— Nunca me considere de baixa estirpe — disse Blake com uma careta.

— Seu pai não era, pelo menos, cavaleiro?

Blake refletiu rapidamente. Nesse instante, longe estava ainda de aventurar-se a alguma conjectura que lhe explicasse os costumes e modos antiquados de sir Richard; mas aquilo de

que estava certo, era de que o homem, demente ou não, dizia as coisas a sério; e caso fosse demente, parecia-lhe grandemente sensato cair em seu agrado.

— É verdade — respondeu. — Meu pai é maçom grau trinta e três e cavaleiro templário.

— Bravos! Eu estava certo disso! — exclamou sir Richard.

— E também eu o sou — acrescentou Blake, ao notar o bom resultado da afirmação anterior.

— Eu tinha a certeza! toda a certeza! — prorrompeu sir Richard. — Seu feitio denuncia sangue nobre. Mas por que procurou enganar-me? Com que então é um dos humildes cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão, que guardam o caminho dos peregrinos da Terra Santa! Isto explica e dignifica seus trajos pobres.

Blake ficou surpreso com essa interpretação, pois as palavras — cavaleiros templários — sempre lhe sugeriam alvas plumas ondulantes, pomposos trajos e espadas coruscantes. Ignorava que nos tempos de sua origem eles se vestiam com as roupas velhas que obtivessem da generosidade alheia.

Nesse momento Michel voltou tendo em uma das mãos uma travessa de carne de carneiro fria e algumas fatias de pão, e na outra um frasco com vinho. Ele pôs tudo isso na mesa, em frente de Blake. e foi buscar a um aparador dois piches de metal, onde verteu parte do conteúdo do frasco.

Sir Richard levantou-se e, tomando um dos piches, ergueu-os à altura da cabeça.

— Salve, sir James! — exclamou. — Seja bem-vindo a Nimmr e ao Vale do Santo Sepulcro!

— Também "quebro a munheca" em sua saúde — respondeu Blake.

— Curiosa saudação! — observou sir Richard. — Calculo, todavia, que os costumes ingleses devem ter mudado muito desde os tempos de Ricardo Coração de Leão, quando meus nobres antepassados partiram para a grande cruzada, em companhia do rei. "Quebro a munheca"! É estupendo! Não quero que essa frase me saia da memória. Vou esperar que algum cavaleiro beba à minha saúde para espantá-lo com essa frase! Mas, que distração! Traga, Michel, um tamborete para sir James. Coma, senhor cavaleiro. Deve estar a morrer de fome!

— Palavra, que estou — respondeu Blake, sinceramente, ao sentar-se no tamborete que Michel lhe trouxe. Não havia facas nem garfos, mas havia seus dedos, e destes Blake se utilizou largamente, enquanto o jovem chefe da guarda sorria satisfeito para Ele, do outro lado da mesa tosca.

Depois de Blake ter saciado a fome, sir Richard mandou Michel preparar-lhes cavalos.

— Vamos descer até o castelo, sir James — explicou. — Já não é meu prisioneiro, senão meu amigo e hóspede. Jamais me perdoarei a recepção incivil que lhe fiz.

Montados em corcéis garbosos e acompanhados a respeitosa distância por Michel,

os dois desceram o tortuoso caminho da encosta da montanha. Sir Richard levava agora escudo e lança. Presa junto à ponta desta, flutuava galhardamente ao vento uma bandeirola. O sol faiscava no metal de sua cota de malha e um sorriso adejava-lhe no rosto franco ao conversar com o seu ex-prisioneiro. Aquilo para Blake parecia um quadro maravilhoso destacado das páginas de uma novela. Mesmo assim, desmentindo-lhe a aparência marcial, havia naquele rosto uma simplicidade infantil que captou desde logo a simpatia de Blake, pois vendo-o era impossível alguém julgá-lo capaz de um ato desairoso.

O fato de acreditar de pronto nas palavras de Blake revelava uma credulidade aparentemente incompatível com a alta inteligência que transparecia em suas nobres feições; e o americano preferiu atribuí-la a uma índole não falseada e a uma inata inteireza de caráter, que não podia admitir perfídia em outrem.

Em certo ponto da estrada, que contornava a lomba de um morro, Blake viu outra balbacã interceptando o caminho e, além dela, as torres e o corpo de um castelo antigo. A uma ordem de sir Richard, os guardas da porta abriram-na para eles, e os três entraram na estrada que atravessava o pátio. O intervalo entre as muralhas exterior e interior parecia descurado e esquecido. Frondeavam nesse recinto algumas velhas árvores; e à sombra de uma, bem perto da porta exterior, preguiçavam alguns homens armados, dois dos quais embebidos num jogo que se assemelhava ao gamão.

Renteava a muralha interior largo fosso cujas águas refletiam as pedras cinzentas da mesma e as parreiras antigas que, crescendo do outro lado, chegavam a recobri-la de um debrum de pâmpanos verdes os quais, aqui e ali, pendiam até embaixo, do lado exterior.

Bem defronte da porta da barbacã achava-se a grande porta levadiça da muralha interna, precedida de uma ponte também levadiça sobre o fosso, as quais dificultavam o acesso ao largo pátio do castelo; mas, a uma palavra de sir Richard, ergueu-se a grade da porta e, transpondo com estrépito a ponte levadiça, os cavaleiros penetraram no pátio interior.

Ante os olhos atônitos de Blake erguia-se um majestoso castelo de pedras rotas, ao passo que à direita e à esquerda, no interior do amplo pátio, estendiam-se grandes jardins bem tratados, onde se agrupavam brilhantes companhas de homens e mulheres que bem poderiam ter pertencido à corte do rei Artur.

À vista de sir Richard e de seu companheiro, os componentes dos grupos mais próximos fitaram Blake com interesse e evidente surpresa. Muitos saudaram sir Richard e fizeram-lhe perguntas quando os dois jovens apearam e entregaram os cavalos a Michel.

— Que nos trazes aí, ó Richard? Um sarraceno? — gritou-lhe um deles.



— Nada, nada! — respondeu Richard. — É um brioso cavaleiro que deseja prestar suas homenagens ao príncipe. Onde está ele?

— Acolá — indicaram-lhe um extremo do pátio onde maior companhia se reunira.

— Venha, sir James! — chamou Richard.

E desceram juntos o pátio, seguidos de perto pelos cavaleiros e damas que faziam perguntas e comentários com uma franqueza que fez subir o sangue ao rosto de Blake. As mulheres gabavam-lhe o porte e as feições, ao passo que os homens, talvez por ciúmes, faziam observações pouco lisonjeiras sobre sua roupa rasgada e suja, e sobre a forma, para eles ridícula, de seu corte; e grande, em verdade, era o contraste entre as ricas dalmáticas, calções justos e chapéus coloridos dos nimmrenses, com sua camisa caqui e calças compridas e botinas de couro de cabra, agora sujas, rasgadas e esfoladas.

As mulheres estavam tão ricamente vestidas como os homens; traziam longos mantos de tecidos preciosos e tinham os cabelos e as espáduas recobertos de delicados manteletes de várias cores e primorosos bordados.

Nenhum desses homens, nem os do grupo de que se aproximavam, usava cotas de malha, mas Blake vira dois cavaleiros que a traziam, um deles junto à porta exterior, e o outro na porta interna, e disso concluiu que somente ao exercer suas funções militares usavam aquelas pesadas e incômoda-: vestimentas.

Quando chegaram ao grupo reunido no extremo do pátio, sir Richard, com os cotovelos, abriu caminho até o centro do mesmo, onde se via um homem alto e de imponente aspecto a conversar com os que o rodeavam. Quando sir Richard e Blake pararam à sua frente, todos os presentes silenciaram.

— Príncipe, meu senhor — disse Richard inclinando-se — trago-lhe aqui sir James, digno cavaleiro templário, que, com a proteção de Deus, conseguiu atravessar as linhas inimigas e chegar a salvamento às portas da cidade de Nimmr.

O homem alto encarou perscrutadoramente Blake, não parecendo grandemente crédulo.

— Disse que veio do Templo de Salomão do reino de Jerusalém? — perguntou Ele.

— Sir Richard compreendeu mal — respondeu Blake.

— Como?! Então não é um cavaleiro templário?

— Sim, mas não venho de Jerusalém.

— Deve ele ser um dos intrépidos senhores cavaleiros que guardam o caminho dos peregrinos para a Terra Santa — sugeriu uma jovem que se achava de pé ao lado do príncipe.

Blake fitou vivamente a quem falara e, quando seus olhos se encontraram, ela baixou os dela, não antes de deixá-lo ver que eram belíssimos e estavam em um não menos belo rosto oval.

— Mais certo é que seja algum espião mouro mandado pelo sultão — opinou, em tom ríspido, um homem carrancudo que também estava perto do príncipe.

A jovem ergueu os olhos para o último dizendo:

— ele não tem aspecto de um mouro, meu pai.

— Que sabe você sobre aspecto de mouro, criança? — retorquiu o príncipe. Já viu muitos em sua vida?

Os fidalgos riram gostosamente, o que fez a jovem espinhar-se.

— O fato é que sir Malud e o senhor príncipe não têm visto mais mouros do que eu — replicou com sobrançeria. — Pecamos a sir Malud que nos descreva um mouro.

O moço carrancudo enrubesceu de cólera, redargüindo:

— Eu, pelo menos, senhor príncipe, reconheço à primeira vista um cavaleiro inglês, e este homem tanto o é, como eu, sir Malud, sou mouro.

— Basta! — disse-lhe o príncipe; e dirigindo-se em seguida a Blake. — Se não é de Jerusalém, donde é então que o senhor vem?

— De Nova York — respondeu o americano.

— Veja! — segredou sir Malud à moça. — Não é certo o que eu disse?

— Que foi que disse? Que ele era de Nova York? Ondo fica essa terra?

— Ê algum covil de infíeis — asseverou Malud.

— De Nova York? É algum lugar da Terra Santa? — inquiriu o príncipe.

— Chamam-lhe às vezes Nova Jerusalém — explicou Blake.

— E para chegar a Nimmr, atravessou os exércitos inimigos? Diga-me, senhor cavaleiro, têm eles muitos homens armados? E como estão dispostas suas forças? Acham-se perto do Vale do Santo Sepulcro? Julga que pretendem atacar-nos logo? Vamos, conte-nos tudo, com o que nos prestará grande serviço.

— Atravessei dias a fio a floresta sem avistar viva alma — disse Blake. — Não há inimigo algum a cercá-los.

— Como?! — exclamou o príncipe.

— Eu não disse a vossa alteza? — sobreveio Malud. — Ê um espião. Quer fazer-nos crer que estamos em segurança, para que as forças do sultão nos encontrem desprevenidos e tomem Nimmr e o Vale.

— É incrível! Talvez tenha razão, sir Malud! — prorrompeu o príncipe. — Nenhum inimigo? Seria possível que os cavaleiros de Nimmr aqui residissem sete séculos e meio sem que alguma horda de infiéis cercasse o seu reduto?

— Isso chega a ser "gozado"! — comentou Blake.

— Hein? A ser o quê? — indagou o príncipe.

— Esse cavaleiro tem um esquisito modo de falar, alteza — explicou Richard — mas não o considero um inimigo da Inglaterra. Estou pronto a responder pela sua lealdade.

— Quer entrar para meu serviço? — perguntou o príncipe.

Relanceando o olhar em sir Malud, Blake ficou hesitante... Mas em seguida volveu-o para a jovem... e respondeu:

— Raios me partam se não quero!



*Que a cólera de Allah e a dos amigos de Tarzan caiam sobre este criminoso*

# O regresso de Ulala

NUMA estava com fome. Havia três dias e três noites que ele caçava mas sempre acabava logrado. Talvez Numa estivesse a envelhecer. Já não tinha muito agudos o faro e a vista, nem tão rápidos os pulos, nem calculava tão bem o momento do ataque, que uma fração de segundo ou a distância de um fio de cabelo significariam a diferença entre uma barriga cheia e a continuação da fome.

Talvez Numa estivesse a envelhecer. Mesmo assim, era ainda uma poderosa máquina de destruição; e agora, com o sofrimento da fome, sua ferocidade se multiplicara, a astúcia acrescera-lhe, e afoitava-se a correr grandes riscos, para encher o estômago. Era um Numa excitado, irascível, feroz, que estava agachado ao lado do caminho. Suas orelhas erguidas, seus olhos fixos e fuzilantes, suas ventas a fremir, o leve abanar de sua cauda, tudo isto provava que ele pressentira a presença de outro ser vivo.

Trazido pelo vento chegara às ventas de Numa um cheiro de homem. Quatro dias antes, tendo o estômago cheio, Numa certamente se afastaria ao primeiro indício da presença de um homem, mas aquele dia era outro, e outro também era Numa.

Fazia três dias que Zeyd fugira do "menzil" de Ibn Jad regressando pelo mesmo caminho; e ele pensava em Ateja, e no remoto el-Guad, sua terra, e regozijava-se por ter sido favorecido pela sorte, que lhe permitira fugir. Sua égua seguia devagar pelo caminho da caravana, sem que ele a apressasse, porque a distância a vencer era grande. E, bem à sua frente, uma fera o esperava emboscada.

Mas não foram só os ouvidos de Numa que deram pela sua aproximação, nem suas ventas as únicas que farejaram a aproximação do homem — perto havia, agachado num galho, outro ente cuja presença Numa não notara.

Ansioso em excesso, temendo ficar sem seu alimento, Numa foi inleliz em seu ataque. Pela trilha abaixo avizinhava-se o cavaleiro. Ele devia passar a um metro de Numa, mas Numa não podia esperar. Antes de a presa estar ao alcance de seu pulo, Ele, com terrível rugido, precipitou-se contra a mesma. O animal, aterrado, recuou e procurou girar sobre as patas traseiras, mas, perdendo o equilíbrio, caiu, e na queda desmontou Zeyd; entretanto, um segundo depois ele se erguia e fugia a galope, a voltar pelo mesmo caminho, deixando o cavaleiro no lugar para onde o leão arremetia.

O árabe viu horrorizado, quase já sobre Ele, a enorme cara e os dentes arreganhados do felino. Em seguida, viu outra coisa que igualmente inspirava terror,

e foi um gigante nu saltar de um ramo e cair nas costas do grande felino. Viu também um braço de cor bronzeada rodear o pescoço da fera, enquanto era esta arremessada à terra, com o peso e o impulso do corpo de seu atacante. Ainda viu uma faca longa relampejar no espaço, e cravar-se repetidas vezes no leão, que, enfurecido, buscava inutilmente desalojar das costas aquele corpo estranho. Ouviu os rugidos e roncos do leão, e, de mistura com estes, outros rugidos e roncos que o arrepiaram de medo, pois notou que eles saíam da boca do homem-fera.

Em seguida Numa ficou inerte e o gigante se ergueu, pôs um pé sobre o corpo dele e, volvendo o rosto para o céu, soltou um pavoroso berro que gelou a medula dos ossos do árabe — um berro que poucos humanos haviam ouvido e que era o grito de vitória de um macaco.

Foi então que Zeyd reconheceu seu salvador e tremeu de novo com medo, por ver que era Tarzan dos Macacos. Este baixou o olhar para o árabe, dizendo:

— Você é da comitiva de Ibn Jad.

— Sou apenas um pobre diabo — respondeu Zeyd. — Acompanhei meu xeque para onde ele me levava. Não fique contra Zeyd, ó xeque das florestas, por estar em suas terras. Rogo-lhe que poupe minha pobre vida, que Alá o protegerá.

— Não pretendo fazer-lhe mal, beduíno — respondeu Tarzan — é só de Ibn Jad a culpa do que fizeram em meu território. Ele está perto daqui?

— Não: ele está a muitos dias de viagem deste lugar.

— Onde se acham seus companheiros? — perguntou o homem-macaco.

— Não tenho companheiros.

— Está viajando só?

— Sim.

Tarzan franziu a testa e disse áspero:

— Tome cuidado, beduíno, se estiver a mentir a Tarzan!

— Juro por Alá que disse a verdade. Viajo só.

— Por quê?

— Fahd me fez uma cilada para julgarem que tentei contra a vida de Ibn Jad, o que, juro por Alá, é uma mentira que brada aos céus; eles iam fuzilar-me; mas Ateja, a filha do xeque, cortou à noite as correias que me prendiam e eu fugi.

— Qual é o seu nome?

— Zeyd.

— Para onde vai? para sua terra?

— Sim, para el-Guad.

— Você não pode, viajando só, livrar-se dos perigos da viagem — advertiu-lhe Tarzan.

— Bem o receio, mas minha morte era certa se eu não fugisse à cólera de Ibn Jad.

Por espaço de alguns momentos Tarzan refletiu em silêncio. E em seguida disse:

— Grande deve ser o amor de Ateja, a filha do xeque, e também sua confiança em você.

— É verdade, grande é o nosso amor; Ateja, porém, sabia ser eu incapaz de matar-lhe o pai a quem tanto ama.

Tarzan fez uma aceno afirmativo.

— Creio em suas palavras e estou pronto a auxiliá-lo. Você não pode prosseguir só na viagem. Vou levá-lo até a aldeia mais próxima e aí o chefe lhe fornecerá guerreiros que o conduzam até a aldeia seguinte, e assim, de aldeia em aldeia, irá acompanhado até o Sudão.

— Que Alá o proteja! — exclamou Zeyd.

— Diga-me uma coisa — falou-lhe Tarzan enquanto atravessavam a selva dirigindo-se à aldeia mais próxima, que ficava a dois dias de viagem para o sul — conte-me o que Ibn Jad veio fazer nesta zona. Não é verdade que esteja a procurar marfim. Tenho razão?

— Tem, sim, xeque Tarzan — disse Zeyd. — Ibn Jad veio procurar um tesouro, e não marfim.

— Qual tesouro?

— O da cidade de Nimmr. em el-Habash — explicou Zeyd. — Foi um adivinho que lhe revelou a existência a Ibn Jad. Tão grandes são as riquezas de Nimmr, que mil camelos não lhe carregariam a décima parte. Elas consistem em ouro, jóias... e em uma mulher.

— Uma mulher?

— Sim, e de tão maravilhosa beleza, que no norte seria vendida por preço que ultrapassaria todos os sonhos de fortuna de Ibn Jad. Certamente o senhor já ouviu falar em Nimmr.

— Às vezes os galas falam a respeito desta cidade — disse Tarzan — mas sempre julguei que ela não tivesse mais realidade do que outros lugares fantásticos em cuja existência acreditam. E Ibn Jad empreendeu essa longa e perigosa viagem só baseado nas palavras de um adivinho?

— Quem, melhor que um adivinho, pode saber as coisas? — replicou Zeyd.

Tarzan dos Macacos ergueu os ombros.

Durante os dois dias que levaram para chegar à aldeia Tarzan ficou ciente da existência de um homem branco no acampamento de Ibn Jad, mas pela descrição de Zeyd não ficou sabendo ao certo se se tratava de Blake ou de Stimbol.

Enquanto Tarzan viajava para o sul juntamente com Zeyd3 Ibn Jad seguia rumo ao norte para el-Habash. Fahd conferenciava em segredo com Tollog e Stimbol conspirava com Fahd, ao passo que Fejjuan, o escravo gala, aguardava paciente o momento de sua liberdade e Ateja sentia-se triste por causa de Zeyd.

— Como você foi criado nessa região, Fejjuan — disse ela um dia ao escravo gala — diga-me se acha possível Zeyd chegar a el-Guad viajando só.

— Absolutamente não — respondeu o preto; — a esta hora ele já deve estar morto.

A jovem recalcou um soluço.

— Fejjuan a acompanha em sua tristeza, Ateja — disse o preto — pois Zeyd era um bom rapaz. Assim Alá lhe poupe a vida e castigue o verdadeiro culpado.

— Que quer você dizer? — perguntou Ateja. — Você sabe, Fejjuan, quen, deu o tiro em Ibn Jad, meu pai? Não foi Zeyd? diga-me que não foi Zeyd! Mas as suas palavras me dão a entender aquilo que antes eu bem sabia. Zeyd não seria capaz de atentar contra a vida de meu pai.

— Nem atentou — respondeu Fejjuan.

— Diga-me o que sabe a respeito.

— E não contará a outra pessoa quem lho disse? — inquiriu Ele. — Eu passaria um mau pedaço se a pessoa em quem estou pensando soubesse que a vi fazer o que fez.

— Juro por Alá que a ninguém contarei, Fejjuan — protestou a moça. — Diga-me o que sabe!

— Eu não vi quem atirou seu pai — respondeu o preto — mas cheguei a ver outra coisa antes do tiro.

— E que foi?

— Vi Fahd entrar sorrateiro na barraca de Zeyd e sair dela com o mosquete do mesmo. Eis o que vi.

— Eu bem o sabia! eu bem o sabia! — exclamou a jovem.

— Mas Ibn Jad não acreditará, se a senhora o disser.

— Compreendo; mas agora que estou sabedora de tudo, acharei talvez um meio de fazer Fahd pagar com seu sangue o sangue de Zeyd — prorrompeu Ateja

revoltada.

Durante dias a fio Ibn jad jornadaeu pelas faldas das alcantiladas montanhas atrás das quais ele calculava existir a misteriosa cidade de Nimmr, procurando uma passagem que

esperava encontrar sem recorrer aos nativos, cujas aldeias cuidadosamente evitara receando alguma oposição a seus desejos.

As aldeias eram afastadas umas das outras, o que facilitava o evitar-se contato estreitos com os naturais, embora fosse impossível os galas ignorarem sua presença na região. Os pretos não desejavam aproximar-se dele e Ibn Jad, por sua vez, não tinha intenção de molestá-los, salvo se fosse impossível levar a bom termo a empresa sem o seu auxílio; nesta hipótese estava disposto a recorrer a falsas promessas ou a implacável crueldade conforme um desses expedientes se antolhasse mais próprio para a realização de seu intento.

À medida que os dias se passavam, crescia a impaciência de Ibn Jad, pois, por mais que procurasse, não encontrava passagem para transpor as montanhas, nem outro qualquer acesso para o vale legendário, onde jazia a cidade-tesouro de Nimmr.

— Por Alá! — exclamou ele um dia. — Se existe uma cidade de Nimmr, deve existir também uma entrada para ela, e essa entrada, hei de descobri-la! Traga-me os escravos galas, Tollog! Por intermédio deles poderemos encontrar solução para o caso.

Tollog conduziu os escravos galas à barraca de Ibn Jad, e o velho xequê interrogou-os. mas nenhum sabia ao certo por onde se podia penetrar em Nimmr.

— Neste caso, por Alá! — exclamou Ibn Jad — haveremos de sabê-lo dos indígenas da região!

— Eles são poderosos guerreiros, meu irmão — ponderou Tollog — e nos internamos muito em sua zona. Se os irritar mos, cairão sobre nós e nos farão passar maus bocados.

— Somos beduínos — disse Ibn Jad com orgulho — e estamos armados de mosquetes. Que poderiam fazer contra nós unicamente com suas lanças e flechas?

— Mas são numerosos e nós poucos — redargüiu Tollog.

— Não os hostilizaremos enquanto não nos levarem a esse extremo — disse Ibn Jad. — Procuraremos primeiro, de modo amistoso, captar-lhes a confiança e arrancar-lhes por esse meio o segredo.

— Fejjuan! — exclamou Ele, voltando-se para o corpulento negro. — Você é desta região. Já o ouvi dizer que ainda se lembrava dos tempos da infância na cabana de seu pai, e que a história de Nimmr não lhe era desconhecida. Vá procurar



sua gente. Faça com que nos tratem como amigos. Conte-lhes que o grande xeque Ibn chegou a sua terra com intenções amistosas e que trouxe presentes para seus chefes. Diga-lhes também que deseja visitar a cidade de Nimmr, e que, se o conduzirem até ela, serão bem recompensados.

— Estou às suas ordens — disse Fejjuan, encantado com essa oportunidade de fuga, com a qual sonhava há tanto tempo. — Quando deverei partir?

— Prepare-se esta noite e siga ao romper do dia — respondeu o xeque.

E foi assim que Fejjuan, o escravo gala, partiu na madrugada seguinte do acampamento de Ibn Jad, para procurar alguma aldeia de sua própria gente.

Pelo meio-dia ele encontrou um trilho batido que conduzia para o oeste, e meteu-se resolutamente por Ele, calculando que melhor se livraria assim de suspeitas do que tentando aproximar-se sorrateiramente de uma aldeia gala.

Fejjuan não era tolo. Ele sabia ser difícil convencer os galas de que era de seu próprio sangue, pois tinha contra si não só suas roupas e armas árabes, como também a circunstância de falar defeituosamente a língua gala, após o curso de tantos anos de ausência do seu país natal; e que era animoso, provava-o o fato de conhecer bem o gênio suspicaz e guerreiro de seu povo e seu ódio inato aos árabes, e mesmo assim aproveitar alegremente aquele ensejo de ir ter com eles.

Fejjuan ignorava a que distância ficaria a primeira aldeia, pois não ouvia sons nem sentia cheiros que lho fizessem saber; mas súbito surgiram no trilho, adiante dele, três corpulentos guerreiros galas, e percebeu, mesmo sem voltar a cabeça, que atrás de si vinham outros.

No mesmo instante Fejjuan ergueu as mãos em sinal de paz, e assim fazendo, sorriu.

— Que veio fazer ao país dos galas — indagou um dos guerreiros.

— Estou à procura da casa de meu pai — respondeu Fejjuan.

— A casa de seu pai não fica no país dos galas — grunhiu um dos pretos: — você é um dos que vêm roubar nossos filhos e filhas.

— Não — respondeu Fejjuan. — Sou um gala também.

— Se o fosse, falaria melhor a nossa língua. . Sabemos o que você está dizendo, mas não fala do mesmo modo que um gala.

— Isto é porque fui roubado em criança e vivi todo esse tempo em meio aos beduínos, a falar somente a língua deles.

— Como se chama?

— Os beduínos chamam-me Fejjuan, mas o meu nome gala é Ulala.

— Acha que ele está dizendo a verdade? — perguntou um preto a um dos companheiros. Quando eu era criança tive um irmão que se chamava Ulala.

— Onde está ele agora? — perguntou o outro guerreiro.

— Não o sabemos. Talvez o leão o tenha devorado. Ou talvez o povo do deserto o haja roubado. Quem saberá dizer?

— É possível que ele fale a verdade — disse o segundo guerreiro. — Talvez seja seu irmão. Pergunte-lhe o nome de seu pai.

— Como se chama seu pai? — inquiriu o primeiro guerreiro.

— Naline — respondeu Fejjuan.

A esta resposta os guerreiros galas deram mostras de excitação e cochicharam entre si por alguns segundos. Em seguida o primeiro voltou-se de novo para Fejjuan.

— Você tinha um irmão?

— Sim — respondeu Fejjuan.

— Qual era o nome dele?

— Tabo — respondeu Fejjuan sem hesitar.

O guerreiro que o interrogara pulou para o ar, soltando um grito de admiração.

— É Ulala! — bradou Ele. — Ê o meu irmão. Eu sou Tabo, Ulala. Ainda se lembra do mim?

— Tabo! — exclamou Fejjuan. — Eu não o reconheceria, pois você era pequeno quando me roubaram e agora está homem feito. Onde moram nossos pais? Estão ainda vivos? Gozam saúde?

— Eles estão vivos e bem dispostos, Ulala — respondeu Tabo. — Hoje se acham na aldeia do chefe para tomarem parte em um conselho, devido à presença de alguns homens do deserto em nosso país. Você veio com eles?

— Sim. sou escravo do povo do deserto — respondeu Fej-juan. — Fica longe a aldeia do chefe? Quero ver meu pai e minha mãe e também dar ao chefe um recado do povo do deserto que entrou no seu país.

— Venha, meu irmão! — disse Tabo. — Não fica longe a aldeia do nosso soba. Ah, Ulala, quando eu podia imaginar que o veria outra vez, depois de o ter por morto tantos anos! Grande será a alegria de nossos velhos pais. Mas, diga-me, o povo do deserto mandou você voltar para junto de seu povo? Morou com os mesmos tantos anos! Talvez já tenha casado com alguma mulher da raça deles. Está certo de que não tem mais estima por eles do que pelas pessoas a quem passou sem ver tantos anos?

— Não gosto dos beduínos — respondeu Fejjuan — nem me casei com pessoa da

raça deles. Meu coração sempre teve a esperança de regressar para as montanhas de meu país natal, para a casa de meu pai. Amo meu povo, Tabo. Nunca mais me separarei dele.

— A gente do deserto foi má para você... tratou você com crueldade? — perguntou Tabo.

— Pelo contrário, os árabes tratam-me muito bem — respondeu Fejjuan. — Não os odeio, mas também não os amo. Eles não são do meu sangue. Entre eles não passo de um escravo.

Enquanto conversavam, os pretos iam seguindo o trilho que conduzia à aldeia, mas haviam feito dois guerreiros ir adiante correndo, para levar aos pais de Ulala a alegre nova da chegada do filho que estivera tanto tempo sumido. E foi por isso que, ao avistarem a aldeia, já vinha ao seu encontro grande multidão de galas a rir e a gritar e à frente deles viam-se o pai e a mãe de Fejjuan, com os olhos turvos de lágrimas, de afeto e júbilo, as quais borbotaram ao ver o filho há tanto tempo perdido.

Terminadas as saudações entre o filho e os pais, todos os outros, homens, mulheres e crianças, aglomeraram-se em volta do recém-vindo para saudá-lo também. Em seguida Tabo conduziu Fejjuan para a aldeia e o levou à presença do chefe.

Batando era velho. Já era o soba quando Ulala foi roubado. Mostrou-se desconfiado, receando alguma cilada do

povo do deserto. E fez muitas perguntas a Fejjuan sobre coisas do tempo de sua infância. Interrogou sobre a casa do pai e sobre os nomes dos companheiros de brinquedos e outras coisas íntimas que um impostor não poderia saber; feito isto, levantou-se, apertou Fejjuan nos braços e esfregou a cara na cara dele.

— Você é mesmo Ulala — exclamou. — Bem-vindo seja à terra de sua gente. Conte-me agora que é que o povo do deserto veio fazer aqui. Foi para arranjar escravos?

— O povo do deserto sempre arranja escravos quando os pode apanhar mas não é esse o fim da vinda de Ibn Jad e sim descobrir o tesouro.

— Que tesouro? — perguntou Batando.

— ele ouviu falar no tesouro da cidade de Nimmr — respondeu Fejjuan — e está a procurar um caminho para chegar ao vale onde fica essa cidade. Por isso mandou-me procurar os galas para o levarem até lá. Ele dará muitos presentes e promete grande recompensa depois de apoderar-se dos tesouros de Nimmr.

— ele o diz com sinceridade? — perguntou Batando.

— Nunca existe sinceridade na boca dos moradores do deserto — respondeu Fejjuan.

— E se não achar o tesouro de Nimmr quererá naturalmente achar tesouros e escravos nas terras dos galas para compensar os gastos da longa viagem que empreendeu até aqui? — perguntou Batando.

— Batando fala com a grande sabedoria de seus muitos anos — respondeu Fejjuan.

— Que sabe ele sobre Nimmr? — perguntou o velho chefe.

— Nada, além daquilo que lhe disse um velho adivinho árabe — respondeu Fejjuan. — ele revelou a Ibn Jad que existe um grande tesouro na cidade de Nimmr e uma belíssima mulher que renderia uma grande fortuna se fosse vendida no norte.

— O adivinho nada mais disse? — inquiriu Batando. — Não contou a dificuldade para entrar-se no vale proibido?

— Não.

— Então poderemos guiá-lo até à entrada do vale — disse Batando a sorrir velhacamente.

## CAPÍTULO 11

# Sir James

ENQUANTO Tarzan e Zeyd jornadaavam em direção à aringa de nativos onde o homem-macaco pretendia aliciar uma escolta para o árabe, durante a primeira parte de sua viagem de retorno para o deserto, Zeyd teve tempo de meditar sobre muita coisa; e sentindo, afinal, o respeito e confiança incutidos por seu guia selvagem, dirigiu-se, um dia, suplicante a Ele:

— Grande xeque das selvas, com sua bondade ganhou a imperecível fidelidade de Zeyd, que lhe vai pedir uma nova mercê.

— Qual? — perguntou o homem-macaco.

— Ateja, a quem eu amo, ficará em perigo nesta região inóspita enquanto Fahd estiver junto a ela. Não me atreveria atualmente a voltar ao "menzil" de Ibn Jad, caso o pudesse encontrar, mas fá-lo-ei, mais tarde, dando tempo para arrefecer a cólera de Ibn Jad, e então o convencerei de minha inocência e estarei perto de Ateja para protegê-la contra Fahd.

— Como?! Ousaria fazer tal coisa? — perguntou Tarzan.

— Eu desejaria ficar na aldeia para onde me está levando, até Ibn Jad regressar, em direção a el-Guad. E a única oportunidade que em toda a minha vida eu teria de tornar a ver Ateja, pois não poderia atravessar o Sudão só e a pé, se o senhor me forcesse a sair de seus territórios.

— Tem razão — conveio o homem macaco. — Poderá ficar aqui seis meses. Se até então Ibn Jad não voltar, darei ordem para o levarem à minha casa. De lá encontrarei um modo para reconduzi-lo são e salvo a sua própria terra.

— Caíam as bênçãos de Alá sobre sua cabeça! — invocou Zeyd.

E quando, por fim, chegaram à aldeia, Tarzan obteve de seu chefe a promessa de aí conservar Zeyd até Ibn Jad voltar

Partindo da aringa, Tarzan tomou o rumo norte, por o haver interessado a revelação de Zeyd, de existir um prisioneiro europeu entre os árabes. Inconcebível lhe parecia que Stimbol, a quem ele mandara seguir para leste, em direção à costa, estivesse tão para o noroeste, como lho fazia crer a referência de Zeyd; mais provável, por isso, figurava-se que o prisioneiro fosse Blake, com quem Tarzan simpatizara. Claro era, também, que o prisioneiro poderia ser outro, mas em qualquer hipótese, Tarzan não se conformava facilmente com a idéia de permitir que um branco ficasse prisioneiro dos beduínos.

Mas Tarzan não tinha pressa, porque Zeyd lhe dissera que os árabes o conservavam consigo na expectativa de um resgate. Daria primeiro rápida olhadela no acampamento de Blake e depois seguiria as pegadas dos árabes. Viajava, porém, lentamente. Encontrou no segundo dia os macacos de Toyat e por espaço de dois dias caçou com eles, renovando conhecimento com Gayat e Zutho, escutando as tagarelices da tribo e brincando muitas vezes com os balus.

Deixou-os depois e prosseguiu através da inata, detendo-se uma vez a metade de um dia para irritar Numa, bulindo com ele e atormentando-o, quando se regalava com uma presa caçada de fresco, até a terra tremer com os rugidos que, louco de furor, soltava o rei dos animais.

Dissolvendo-se-lhe o tênue verniz de civilização, com o qual ele era conhecido como lorde Greystoke, o homem-macaco tornava a ser o ente primitivo, o animal selvagem, com a mesma naturalidade e simplicidade com que alguém muda de trajos. Só em suas amadas selvas, entre os selvagens filhos delas, Tarzan dos Macacos era verdadeiramente Tarzan, pois na presença dos civilizados sentia sempre certo retraimento, resultante, sem dúvida, da desconfiança natural que os seres das matas sentem pelo homem.

Cansado de jogar frutas secas em Numa, Tarzan seguiu pelas árvores, a meia altura das mesmas e repousou à noite já bem longe dali; de manhã, sentindo o cheiro de Bara, a corça, ele a caçou e comeu. Em seguida, sentindo preguiça, dormiu outra vez, até que o despertasse o estalar de galhos quebrados e o rumor de pesadas passadas.

Farejou o ar com suas narinas sensíveis, aplicou o ouvido que escutaria o ruído de uma formiga a andar e teve um sorriso de prazer. Tantor aproximava-se dali.

Durante metade do dia ele se embalou em seu largo dorso, a ouvir a tagarelice dos Manus, os macaquinhos, a chalar e a xingar entre as árvores. Em seguida continuou a viagem.

Dois dias após encontrou um grande bando de macaquinhos. Esses pareciam excitadíssimos e, ao vê-lo, começaram a guinchar e a pairar.

— Bom dia, Manus! — gritou o homem-macaco. — Eu sou Tarzan, Tarzan dos Macacos. Que há de novo?

— Gomanganis! Gomanganis! — gritou um deles.

— Esquisitos Gomanganis! — guinchou outro.

— Gomanganis com paus trovejantes — chalrou um terceiro.

— Onde? — perguntou o homem-macaco.

— Ali! Ali! — clamaram em coro, apontando para o nordeste.

— A muitos sonos de distância? — interrogou Tarzan.

— Pertinho! pertinho! — disseram os macacos.

— Há um Tarmangani com eles?

— Não; há apenas Gomanganis. Com seu trovão mataram um Manuzinho e o comeram. Gomanganis maus!

— Tarzan vai falar com eles — disse o homem-macaco.

— Eles matarão Tarzan com seu pau trovejante e o comerão — profetizou um Manu de barbas cinzentas.

O homem-macaco riu-se e precipitou-se por entre as árvores na direção indicada pelos manus. Não se afastara muito quando começou a sentir fracamente o cheiro deixado pelos pretos; foi acompanhando esse cheiro até ouvir, em dado momento, suas vozes ao longe.

Em silêncio e cautamente Tarzan caminhou pelas árvores tão silenciosamente como a sombra que o acompanhava, até chegar a um galho que ficava sobre um acampamento de negros.

No mesmo instante reconheceu o safári do jovem americano Blake e um segundo depois deixou-se cair ao chão ante os atônitos pretos. Alguns quiseram correr, mas outros o reconheceram.

— Ê o Grande Bwana! — clamaram eles. — É Tarzan dos Macacos.

— Quem é o capataz? — perguntou Tarzan. Um preto espadaúdo aproximou-se dele.

— O capataz sou eu — disse o preto.

— Onde está seu senhor?

— Desapareceu há muitos dias — respondeu o negro.

— Como?

— Não sabemos. Ele caçava com um dos nossos. Houve uma grande tempestade. Nenhum deles voltou. Procuramos os dois na mata mas não os pudemos encontrar. Esperamos no acampamento onde ficaram de ir ter conosco. Não foram. Não sabíamos o que fazer. Seríamos incapazes de abandonar o jovem Bwana que era tão bom para nós, mas calculamos que estaria morto. Não tínhamos provisões que durassem mais outra lua. Resolvemos então voltar e contar o acontecido aos amigos do jovem Bwana.

— Fizeram muito bem — disse Tarzan. — Encontraram-se com uma caravana de árabes na floresta?

— Não chegamos a vê-la — respondeu o capataz — mas procurando o jovem

Bwana vimos o lugar em que o povo do deserto havia acampado. E pelos sinais fazia pouco tempo.

— Onde?

O preto indicou-lhe o lugar:

— Foi na vereda que leva ao norte do país dos galas, na Abissínia; e, ao levantarem acampamento, tomaram a direção do norte.

— Podem voltar para sua aldeia — disse Tarzan — mas levem primeiro os objetos do jovem Bwana para os amigos dele guardá-los, e em seguida enviem um mensageiro à casa de Tarzan com este recado: "Mandem cem waziris encontrar-se com Tarzan ao norte do país dos galas. Dirijam-se até a lagoa existente entre os rochedos lisos e redondos, e sigam a pista da gente do deserto".

— Sim, Grande Bwana, faremos o que nos ordena — disse o capataz.

— Repita o meu recado.

O preto fez o que lhe era ordenado.

— Muito bem! — disse Tarzan. — Agora vou-me. Não matem Manu, o macaquinho, se puderem encontrar outro alimento, pois Manu é primo de Tarzan e de vocês.

— Faremos o que nos recomenda. Grande Bwana.

No castelo do príncipe Gobred, estava James Hunter Blake a aprender os deveres de um cavaleiro de Nimmr. Sir Richard tomara-o sob sua proteção, e assumira a responsabilidade de sua educação e de seu procedimento.

O príncipe Gobred, que compreendeu de pronto a ignorância completa de Blake, das mais simples regras da cavalaria, mostrava-se francamente descrente do resultado, e sir Malud quase manifestava franca hostilidade; mas o leal sir Richard era cavaleiro mui querido, e por isso correu tudo a seu contento. Talvez, outrossim, que a influência da princesa Guinalda influenciasse sua alteza pois o mais valioso dos tesouros do príncipe de Nimmr era sua filha; e a curiosidade e o interesse de Guinalda foram excitados pelo romance da chegada daquele belo cavaleiro desconhecido à cidade oculta e esquecida de Nimmr.

Sir Richard fizera Blake utilizar-se de seu próprio guarda-roupa até que um tecelão, um contramestre. Uma costureira e um armeiro lhe fizessem seus trajes pessoais. E não demoraram muito. Daí a uma semana estava já sir James com roupa, cota de malha e ginete apropriados a um cavaleiro de Nimmr; e quando falou a sir Richard do pagamento de tudo isso, descobriu que dinheiro era coisa ali quase desconhecida. Existiam, conforme lhe disse o amigo, algumas moedas levadas para



ali havia setecentos e trinta e cinco anos, pelos seus antepassados; mas os pagamentos se faziam com prestação de serviços.

Os cavaleiros serviam o príncipe e este se encarregava de sua manutenção. Eles protegiam os agricultores e os trabalhadores manuais, e por seu turno recebiam desses profissionais aquilo de que necessitavam. Os servos eram alimentados e vestidos pelo príncipe ou pelos cavaleiros para quem trabalhavam. As jóias e os metais preciosos mudavam muitas vezes de dono em troca de objetos ou serviços; cada transação, porém, era uma permuta sem padrões fixos de valores.

Eles pouco se preocupavam com riquezas. Os cavaleiros tinham em mais alta conta a honra e a bravura e estas eram bens inestimáveis. O artífice tinha como recompensa o prazer pela alta perfeição de seu trabalho e as honras que este lhe granjeava.

O vale fornecia alimentação abundante. Os servos cultivavam o solo. Os libertos eram os artífices, os homens de armas, os criadores de animais; os cavaleiros defendiam Nimmr contra os seus inimigos, entregavam-se a justas e caçavam no vale e nas montanhas circunvizinhas.

À proporção que os dias se passavam. Blake adquiria maior proficiência nas regras da cavalaria, sob a sábia orientação de sir Richard. O que achou mais difícil foi o uso da espada e do escudo, não obstante sua habilidade em esgrima nos tempos de estudante, pois os cavaleiros de Nimmr tudo ignoravam sobre o emprego defensivo de suas espadas de dois gumes e raro utilizavam-se da ponta para outro fim que não fosse o golpe de misericórdia. Para eles a espada era quase exclusivamente uma arma cortante, e o escudo sua única defesa; mas à medida que Blake adquiria prática, começava a compreender que seu conhecimento de esgrima lhe poderia, em algum ensejo, ser útil, de modo que seu descanso no emprego do escudo se contrabalançaria com vantagem pela sua destreza em usar a espada como meio de defesa, e sua ofensiva também levaria vantagem pelo uso oportuno da ponta da arma, contra o qual eles nada ou pouco se premuniam.

Blake achou menos difícil brandir a lança, pois o uso destro dessa arma dependia largamente da perícia em cavalgar e Blake era excelente cavaleiro, comprovava sua reputação como jogador de pólo.

O pátio exterior existente entre as muralhas interna e externa do castelo, e que cercava completamente este, era, do lado do norte ou vale, destinado unicamente à prática e adestramento na cavalaria. Naquele ponto o pátio era amplíssimo, e junto à muralha interior achava-se construído grande estrado de madeira que, na hipótese de um ataque ao castelo, podia ser prontamente retirado.

Havia ali justas semanalmente, ao passo que os grandes torneios, que com menos

freqüência ocorriam, se realizavam em um campo, além das muralhas do castelo, no fundo do vale.

Diariamente muitos cavaleiros e damas iam observar os exercícios que enchiam o pátio de vida, movimento e colorido nas horas matinais. Cruzavam-se no ar ditos chistosos, faziam-se apostas e lastimavam-se ironicamente os contendores cuspidos da sela durante os exercícios e os cavaleiros receavam o ridículo mais do que a própria morte.

Nas justas preparatórias feitas semanalmente, a assistência observava maior reserva, mas naquelas práticas diárias seus motejos raiavam às vezes pela brutalidade.

Foi perante uma assistência destas que Blake fez seu aprendizado e, como sua presença constituía uma novidade, os espectadores eram em número maior que o costumado; e havendo os amigos de sir Malud e os de sir Richard tomado tácitamente partido a seu respeito, tanto os aplausos como as zombadas eram altos e acintosos.

Até o príncipe comparecia com freqüência. Quanto a Guinalda. Ali estava sempre. Em breve transpareceu que o príncipe propendia ligeiramente para o lado de sir Malud, e o resultado natural foi o pronto aumento de adesões ao partido deste último.

Os exercícios dos adolescentes escudeiros que um dia ingressariam no mundo encantado da cavalaria, efetuavam-se às primeiras horas da manhã. Seguiam-se as pelejas de adestramento entre cavaleiros, no decurso das quais sir Richard ou algum de seus amigos cuidavam do ensino de Blake no ponto mais afastado do pátio; e foi durante esses exercícios que se patenteou a perícia excepcional do americano em cavalgar, a qual provocou aplausos do próprio príncipe Gobred.

— Bravos! — exclamava este. — O homem e o cavalo parecem formar um corpo único!

— Só por simples acaso é que ele não foi ao chão — comentou Malud.

— Talvez — concordou Gobred — mas dá prazer vê-lo em cima da sela.

— Não maneja a lança mal — admitiu Malud. — Mas, pelo sangue de Cristo! já viu alguém mais canhestro com o escudo? Parece-me que com uma travessa da baixela ele faria mais proezas!

A pilhéria desencadeou gargalhadas, com as quais Guinalda não fez coro, circunstância que não escapou a Malud, cujos olhares com preferência se volviam para ela.

— Ainda acredita que aquele vilão seja um cavaleiro, princesa Guinalda? —

perguntou Ele.

— Disse eu acaso alguma coisa? — replicou ela.

— Não a vi rir — lembrou-lhe Malud.

— Ele é aqui um forasteiro distante de sua pátria, por isso não se me afigura cavalheiresco nem delicado procurar ridicularizá-lo — respondeu Guinalda. — Foi por isso que não ri. Não achei graça.

Mais tarde, nesse mesmo dia, quando Blake foi ter com os outros no jardim, incorporou-se diretamente ao grupo de Malud e seus partidários. Não foi isso mero acaso, pois nunca fazia esforços para evitar Malud ou os amigos deste; e, ao que parecia, não se incomodava com suas indiretas veladas e insinuações. Malud atribuiu a fato à sua obtusidade e ignorância de rústico, o que ele insistia que Blake era; mas havia outros que admiravam a atitude de Blake, nela vendo a afoiteza intencional, que a falta de perspicácia de Malud não lhe deixava perceber.

A maioria dos habitantes de Nimmr tomava, satisfeita, o partido do recém-chegado. Ele trouxera consigo uma aura de novidade que os desoprimia do ambiente pesado que, de sete séculos e meio àquela parte, reinava em Nimmr. Ele introduzira também palavras e expressões novas, e novos pontos de vista que muitos adotavam alegremente, e se não fora a desrazoável hostilidade de sir Malud, Blake teria sido recebido de braços abertos.

Sir Richard era muito mais popular que sir Malud, mas não possuía a riqueza deste em cavalos, armas e apaniguados, e, por conseguinte, menos influência tinha junto ao príncipe Gobred. Entretanto, havia muitos espíritos independentes partidários de sir Richard por gostarem dele, ou porque em seu procedimento não atendiam a conveniências diplomáticas — muitos destes tornaram-se leais amigos de Blake.

Nem todos os que naquela noite rodeavam Malud eram contrários ao americano, mas na maioria riam-se quando Malud ria e ficavam sérios quando Malud o ficava, pois nas cortes dos reis e dos príncipes floresce fortemente o espírito de imitação.

Blake foi acolhido com muitos sorrisos e inclinações de cabeça quando ele se adiantou e inclinou ante a princesa Guinalda que fazia parte do grupo e que, pelo seu sangue real, tinha direito a sua primeira saudação.

— Fez proezas esta manhã, sir James — disse a princesa, amavelmente. — Deu-me grande prazer vê-lo caracolar em seu cavalo.

— Penso que seria maior façanha ele servir-nos um quarto de caça em sua "travessa" — chanceou Malud.

Estas palavras provocaram risos que Malud se encorajou a provocar novos

aplausos.

— Pelo meu rei! — exclamou — armem-no de uma travessa e de uma faca, que fará prodígios.

Blake redargüiu:

— Por falar em servir caça, e já que o espírito de sir Malud parece mais ocupado com isto do que com assuntos de cavalaria, sabe algum dos senhores o bastante para eu servir-lhe carne de porco?

— Nós todos o ignoramos, galhardo cavaleiro — respondeu Guinalda. — Rogamos-lhe que no-lo diga.

— Diga-nos, sim — sobreveio Malud com arrogância — já \* que é tão bom entendedor. Sei que vai dizer-nos alguma coisa

saborosa, malandro!

— Inda bem que o reconhece, meu velho!

— Mas diga o que bastaria para servir-nos carne de porco — insistiu sir Malud distribuindo piscadelas ao seu redor.

— Uma travessa, uma faca e a sua pessoa, sir Malud!

— respondeu Blake.

Decorreram alguns segundos antes que seus espíritos simples alcançassem o aguilhão dessas palavras. Foi a princesa Guinalda quem primeiro desferiu uma alegre casquinada, à qual logo depois todos fizeram coro, explicando alguns a outros o remoque.

Não é verdade — nem todos riram. Sir Malud ficou sério. Quando ele compreendeu o significado da chacota, tornou-se primeiramente rubro e, em seguida, muito pálido, pois sir Malud desamava ser alvo do ridículo, o que sempre acontece com os que mais gostam de ridicularizar os outros.

— Este perro se atreve a afrontar Malud? Este lacaio plebeu?

— Pese bem suas palavras, senão... — retrucou Blake.

— Espere que amanhã o escorraçarei pelo vale do Santo Sepulcro abaixo com uma roda de pau nas costas! — bradou Malud.

— Conte com isso! — replicou Blake. — Ê o que verá amanhã cedo, no pátio do sul, com...

— Pode escolher as armas, perro! — disse Malud.

— Não me chame perro, porque isso me desagrada — disse Blake, muito calmo. Nesse momento ele não sorria.

— Preciso expor-lhe certas coisas, sir Malud, que poderão ser boas para a salvação de sua alma. O cavaleiro é a única pessoa em Nimmr que, sem motivo, não me trata bem. Supõe-se grande cavaleiro, mas não o é. Não tem inteligência, nem caráter, nem cortesia. Nem é o que em meu país se chamaria um homem distinto. Possui algum cavalos e uns poucos de homens de armas. É apenas isso o que tem; sem isso não alcançaria o favor do príncipe e, sem esse favor, não teria amigos. Não é bom nem digno como sir Richard, que em si reúne todas as qualidades dos cavaleiros que, séculos a fio, foram a glória das armas. Nem é tão destro como eu, que com suas próprias armas o enfrentarei, quando estivermos na liça, em nossos cavalos, e empunhar a espada e o escudo!

Ao verem a cólera de Malud, as pessoas presentes se foram aos poucos afastando de Blake, que, ao acabar de falar, se achava só, a alguns passos do adversário e dos que cercavam a este. Foi então que um dos presentes saiu do grupo de Malud e se dirigiu para Blake. Era Guinalda.

— Senhor cavaleiro — disse ela com um sorriso amável — vamos passear um pouco no jardim.

E, tomando-lhe o braço, levou-o para o extremo sul do pátio oriental.

— A senhora é encantadora! — foi tudo o que Blake achou para dizer.

— Acha realmente que o sou? — perguntou ela. — É difícil saber se os homens falam a verdade quando se dirigem a uma pessoa da minha posição. A verdade, como diz o povo, é dita mais vezes a escravos do que a príncipes.

— Espero prová-lo com o meu procedimento — afirmou Ele.

Eles então já se achavam a certa distância dos mais; e a jovem, num impulso instintivo, pôs súbito a mão sobre a dele.

— Trouxe-o até aqui, sir James, para conversarmos a sós. O senhor é entre nós um estranho, não se acha acostumado a nossos usos e ignora a prática da cavalaria... a tal ponto, que muitos duvidam de seus direitos a essa condição. É valente em excesso, ou então muito simples, pois do contrário não escolheria espada e escudo para pelejar com sir Malud, sendo ele habilíssimo em seu manejo e o senhor um desasado. E trouxe-o aqui para falar-lhe que irá amanhã procurar uma morte certa.

— Que outro recurso tenho agora? — perguntou Blake.

— O senhor é destro com a lança — disse Guinalda — e não é mui tarde ainda para escolher novas armas. Peço-lhe que assim o faça.

— Sente interesse por mim? — inquiriu Blake.

Pode existir um mundo de significação em muito poucas palavras.

A jovem baixou o olhar alguns instantes e em seguida, com um toque de altivez,

fixou-o no dele, respondendo:

— Sou filha do príncipe de Nimmr e interessa-me até o mais humilde dos súditos de meu pai.

— Isto por algum tempo servirá de freio, sir James — disse Blake a si mesmo; mas, contentando-se com sorrir, nada redargüiu à jovem.

Com isso ela bateu o pé e exclamou encolerizada:

— Seu sorriso é muito afoito, ele não me agrada nada. Seu atrevimento é grande para com a filha de um príncipe!

— Apenas perguntei se sentia interesse pela minha vida. Até um gato poderia perguntar tal coisa.

— E eu lhe respondi. Por que sorriu, então?

— Porque seus olhos me responderam antes de seus lábios falarem e vi que eram seus olhos que me diziam a verdade.

Ela, com arrebatamento, bateu novamente o pé, exclamando:

— Sua petulância é inexcedível! Não ficarei aqui para ouvir mais afrontas.

E alteou a fronte e dirigiu-se com ar altivo para o grupo de onde se havia afastado.

Blake alcançou-a no caminho e disse-lhe em tom baixo:

— Amanhã combaterei de espada e escudo com sir Malud. Com uma sua prenda em meu elmo eu venceria a melhor espada de Nimmr.

Sem se dignar de dar a perceber que lhe ouvira essas palavras a princesa Guinalda foi incorporar-se ao grupo que rodeava sir Malud.

## CAPÍTULO 12

# “Amanhã você morrerá”

FIZERAM grandes festejos ria aldeia de Batando, o soba negro, na noite em que Ulala regressou. Mataram uma cabra e muitos frangos, e em abundância para todos houve frutas, pão de cassava (espécie de mandioca) e uma bebida fermentada fabricada pelos nativos. Também houve danças e músicas. Por causa disso, amanheceu antes que fossem dormir em suas esteiras, do que resultou que Fejjuan apenas pôde falar com o velho chefe sobre assuntos sérios depois do meio-dia.

Indo procurá-lo, achou-o sentado em uma sombra, em frente de sua palhoça, e um tanto indisposto devido à orgia da noite antecedente.

— Batando, vim aqui para conversarmos sobre a gente do deserto — disse Ulala.

Batando teve um resmungo. A cabeça doía-lhe.

— Ontem o chefe disse que a levaria até a entrada do vale proibido — disse Fejjuan. — Tem essa intenção, de fato, e não pretende atacá-los?

— Isso não será necessário se a levarmos até a entrada do vale — respondeu Batando.

— Está falando por enigmas, chefe! — disse Fejjuan.

— Escute, Ulala — respondeu o velho soba. — Quando você era criança, eles o roubaram de seu povo e o levaram para o seu país. Até você ficar moço, sucederam muitas coisas que não sabe e existem outras de que se esqueceu. Não é difícil entrar no vale, especialmente pelo norte. Todos os galas conhecem o lugar da passagem ao norte, pelas montanhas ou onde fica o túnel, além da grande cruz que assinala a entrada do sul. Só há estes dois caminhos para lá se entrar. Todos os galas os conhecem; mas o que nenhum gala sabe é por onde se pode sair do misterioso vale.

. — Que quer dizer com essas palavras, Batando? — perguntou Fejjuan. — Se há dois caminhos para entrar, haverá também dois para sair.

— Não! Para sair não há nenhum! — repetiu o chefe. — Até quando alcança a memória de homem, e pelas histórias de nossos pais e dos pais de nossos pais, é bem sabido haverem muitas pessoas entrado no vale mas sabe-se também que nenhuma das que entraram conseguiu sair.

— E por que não saíram? Batando abanou a cabeça dizendo:

— Quem sabe lá?! Não podemos adivinhar qual foi o seu destino.

— E que espécie de gente habita o vale? — interrogou Fejjuan.

— Também isto se ignora. Nenhum homem que a viu voltou para contar-nos.

Dizem alguns que são os espíritos dos mortos e outros que o vale é povoado por panteras mas o certo é que ninguém sabe a verdade. Vá, portanto, Ulala, e diga ao chefe do povo do deserto, que o guiaremos até a entrada do vale. Se assim fizermos, não precisaremos combater com ele e a sua gente, nem eles nos importunarão outra vez — e Batando riu-se de sua própria astúcia.

— O chefe mandará homens comigo, para guiarem os árabes até o vale? — perguntou Fejjuan.

— Não — respondeu Batando. — Diga-lhes que iremos ter com eles nestes três dias. Nesse intervalo reunirei muitos guerreiros de outras aldeias, pois não confio na gente do deserto. E assim prevenidos os guiaremos através do nosso país. Explique isso a seu chefe e também que em paga do trabalho ele deverá entregar-nos todos os escravos galas que o acompanham, antes de entrar no vale misterioso.

— Isso Ibn Jad não fará — disse Fejjuan.

— Talvez que sim: quando ele se vir rodeado de guerreiros galas, terá grande prazer em fazer mais coisas ainda.

E Fejjuan, o escravo gala, voltou para junto de seus senhores e transmitiu-lhes tudo aquilo que Batando lhes mandara dizer.

Ibn Jad a princípio recusou restituir os escravos, mas quando Fejjuan o convenceu de que se tal não fizesse não teria guias para o levarem à entrada do vale e que sua recusa em libertar os escravos provocaria a hostilidade dos galas, resolveu consentir, mas intimamente matutava que antes de cumprir a promessa acharia um jeito de lograr Batando.

Fejjuan só teve um pesar traindo os árabes, e a causa era sua estima por Ateja; mas, sendo fatalista, consolou-se dizendo consigo que o que tinha de ser, seria, apesar de tudo o que ele pudesse fazer.

E enquanto Ibn Jad esperava e Batando reunia os seus guerreiros pretos de longe e de perto, Tarzan dos Macacos chegara à lagoa das rochas lisas e redondas e depois seguiu a pista dos beduínos.

Desde que soube, por intermédio dos pretos de Blake, que o jovem americano desaparecera, e também que não tinham mais visto Stimbol desde que esse se separara de Blake e partira para a costa, o homem-macaco mais convicto ficou de ser Blake o prisioneiro branco que estava junto com os árabes.

Ele não se preocupava muito com a segurança dele, pois, se os beduínos esperavam o pagamento de um resgate em troca de sua vida não haveria o perigo de o matarem. Assim raciocinando, Tarzan não se deu pressa enquanto seguia os rastros de Ibn Jad e sua caravana.



Dois homens achavam-se sentados em bancos toscos, de um e de outro lado de uma mesa. Entre eles ardia lentamente uma candeia de azeite com torcida de algodão, que iluminava tenuamente as lajes de pedra do pavimento e projetava fantásticamente suas sombras nas paredes de pedra rofa.

Por uma janela estreita entrava a aragem noturna que inclinava a chama da candeia ora para um, ora para outro lado. Em cima da mesa via-se um tabuleiro de xadrez e neste, algumas peças de madeira.

— É seu o lance, Richard — disse um dos dois homens.

— Esta noite você parece não prestar grande atenção ao jogo.

— Estou a pensar no dia de amanhã, James, e sinto o coração confrangido — respondeu o outro.

— E por quê? — perguntou Blake.

— Malud não é o melhor manejador de espada de Nimmr — respondeu sir Richard — mas... — ele hesitou em terminar a frase.

— Eu sou o pior — terminou-a Blake, rindo-se. Sir Richard olhou e sorriu.

— Está sempre a galhofar, mesmo em face da morte

— disse. — Parecem-se a você todos os homens de seu estranho país?

— É seu o lance, Richard — avisou de novo Blake.

— Não deixe seu escudo impedir que você veja a espada dele, James — aconselhou Richard. — Tenha sempre o olhar nos olhos dele, para saber onde ele vai golpear e em seguida intercepte o golpe com o escudo, pois sir Malud é lento no ataque e sempre seu olhar anuncia onde a lâmina vai ferir. Conheço-o perfeitamente, pois temos combatido muitas vezes.

— E ele nunca o matou — observou Blake.

— Eram exercícios apenas e o caso amanhã é diferente, pois Malud desejará que seja uma luta de morte, para lavar com sangue o ultraje que recebeu.

— ele me quererá matar só por isso? — comentou Blake.

— Nesse caso não deixa de ser um patife!

— Se a razão fosse só essa, ele contentar-se-ia de ver correr um pouco de sangue, mas há outra coisa de agravo.

— Qual? Mal tenho falado com ele uma dúzia de vezes

— disse Blake.

— Está enciumado.

— Enciumado? E por quê?

— ele pretende casar-se com a princesa e já notou o modo com que você a fita — explicou Richard.

— Ora! — exclamou Blake a avermelhar-se.

— Não foi ele o único que o observou — continuou Richard.

— Você está doido? — voltou Blake, desabrido.

— É certo que os homens com frequência olham assim a princesa, pois ela é incomparavelmente bela, mas...

— E ele matou a todos esses?

— Não, pois a princesa *não os olha* da mesma maneira. Dando uma risada, Blake apoiou-se no encosto do banco

e disse:

— Cada vez me convenço mais de que você está louco — de que vocês todos o estão. Admito que eu pense que a princesa seja verdadeiro primor, mas creia, meu amigo, que ela prefere não me pôr os olhos.

— Entendo bastante o seu falar exótico para apreender-lhe a significação, Blake, mas garanto-lhe que você não me ilude. O olhar da princesa raro se aparta dos seus olhos, por ocasião dos exercícios de manejo de armas; e, quanto aos seus, ao fixá-la... Já reparou no olhar de um cão a adorar o dono?

— Ora, deixe-se de besteiras! — disse Blake.

— Por essa causa, Malud desejará arredá-lo de seu caminho, e se me aflijo é porque voto a você grande afeição.

Blake levantou-se e deu volta à mesa.

— Você é uma pérola, Richard — disse, pousando afetuosamente a mão no ombro do amigo. — Não se entristeça, porém, porque ainda não estou -morto. Conheço minha bisonhice no manejo da espada, mas aprendi muita coisa, nas últimas semanas sobre possibilidades. Creio, por isso, que sir Malud vai ter uma pequena surpresa.

— Sua coragem e confiança de muito podem valer. James, mas não sobrepujam uma vida inteira de exercícios com a espada, e esta é, no caso, a vantagem de seu contrário.

— O príncipe Gobred é favorável à pretensão dele? — perguntou Blake.

— Por que não? Malud é poderoso cavaleiro, dono de um grande castelo e possuidor de muitos cavalos e homens de armas. Assim como uma dúzia de cavaleiros, ele tem um bom cento de homens.

— Há muitos cavaleiros possuidores de castelos e homens de armas? — inquiriu Blake.

— Alguns vinte, talvez — disse Richard.

— E moram perto do castelo de Gobred?

— Nas abas das serras, dentro do raio de duas léguas de distância do castelo do príncipe.

— E não moram outras pessoas nesse grande vale? — interrogou Blake.

— Já ouviu falar em Bohun? — perguntou Richard.

— Sim, muitas vezes... Por quê?

— ele se declara rei, mas nenhum de nós o considera tal. Ele e seus partidários habitam o outro extremo do vale. São, mais ou menos, iguais a nós em número e estamos sempre em guerra contra eles.

— Mas já ouvi referências a um grande torneio para o qual os cavaleiros se andam exercitando. Supus que Bohun e seus cavaleiros tomariam parte nele.

— Tomarão, sim. Todos os anos, durante três dias, a começar da primeira segunda-feira da Quaresma, verificam-se tréguas desde tempos imemoriais, entre os frentistas e os costistas, durante as quais se realiza o Grande Torneio

— um ano, na planície fronteira à cidade de Nimmr e, no ano seguinte, na planície defronte da cidade do Santo Sepulcro, como eles a chamam.

— Frentistas e costistas? Que diabo quer isto dizer?

— perguntou Blake.

— Você é cavaleiro de Nimmr e ainda o ignora? — espantou-se Richard.

— O que sei sobre cavalaria mal dá para encher uma casquinha de noz — confessou Blake.

— Então precisa sabê-lo. Vou lho explicar — disse Richard. — E preste bem atenção, porque vou começar pelo princípio.

Ele encheu dois picheis com o vinho de um frasco que se achava no pavimento, a seu lado, tomou um trago e iniciou a narração.

— O rei Ricardo I partiu da Sicília na primavera de 1191, com seus numerosos cavaleiros, em direção a São João d'Acre, onde se ia encontrar com o rei francês Filipe Augusto, a fim de arrebatarem a Terra Santa do poder dos mouros. Mas o rei Ricardo se retardou no caminho para conquistar Chipre, punindo assim o vil déspota que proferira um insulto contra Berengaria, com quem Ricardo ia casar.

"Quando a numerosa frota se fez de vela continuando a viagem para São João d'Acre, muitas donzelas de Chipre iam ocultas nos navios, junto aos cavaleiros que se agradaram de seus lindos rostos; mas aconteceu dois desses navios serem impelidos por uma tormenta para fora de suas rotas e naufragarem nas costas

africanas.

"Um desses contingentes era comandado por um cavaleiro de nome Bohun e o outro por um de nome Gobred e, embora viajassem juntos, conservavam-se apartados, exceto quando repeliam algum ataque.

"E, assim, buscando Jerusalém, chegaram a este vale que os partidários de Bohun declararam ser o do Santo Sepulcro, dando então a cruzada por finda. E tiraram do peito as cruzes que aí traziam cosidas todos os cruzados ainda não chegados a seu destino, passando-as para as costas, a significarem com isso o termo da cruzada e sua resolução de retornarem à pátria.

"Gobred insistiu em não ser este o Vale do Santo Sepulcro, pelo que a cruzada deveria prosseguir. Por isso ele e todos os seus seguidores conservaram a cruz no peito e edificaram uma cidade e um forte castelo para defenderem a entrada do vale, a fim de impedir que Bohun e os seus regressassem à Inglaterra antes de finda sua missão.

"Bohun atravessou o vale e edificou uma cidade e um castelo para impedir que Gobred continuasse a viagem em direção ao lugar onde este sabia que o Santo Sepulcro ficava, e durante cerca de sete séculos e meio os descendentes de Bohun impediram os descendentes de Gobred de partir para ir libertar a Terra Santa do domínio dos sarracenos, ao passo que durante esse mesmo tempo os descendentes de Gobred não deixaram os de Bohun regressar à Inglaterra, para opróbrio da cavalaria.

"Gobred assumiu o título de príncipe e Bohun o de rei e esses títulos se transmitiram de pais a filhos no decurso dos séculos; e do mesmo modo os parciais de Gobred continuaram a usar até hoje a cruz no peito, pelo que são chamados frentistas. e os de Bohun a cruz nas costas, com isto se denominando costistas".

— E vocês ainda pretendem seguir avante para libertar a Terra Santa? — inquiriu Blake.

— Sim — respondeu Richard — e os costistas retornar à Inglaterra; mas há muito compreendemos a inutilidade de nossas respectivas tenções, por estarmos cercados de grande exército de mouros e sermos mui poucos para enfrentá-los. Em tal conjuntura, não acha que o mais sensato era permanecermos aqui?

— Acho que grande surpresa sentiriam se marchassem contra Jerusalém ou retornassem a Londres — observou Blake. — Afinal de contas, Richard, eu no caso de vocês permaneceria aqui. Porque compreende que após setecentos e cinqüenta anos a maioria de seus patrícios já se esqueceu de vocês e até os mouros não saberiam o que pensai se os vissem atacar Jerusalém.

— Talvez haja sensatez em suas palavras, James — concordou Richard. — Como

não conhecemos outro país, sentir-nos-emos mais satisfeitos aqui.

Durante algum tempo os dois silenciaram, a refletir. Blake foi o primeiro a falar.

— Interessa-me esse grande torneio. Disse-me que começa na primeira segunda-feira da Quaresma? Não tardará muito.

— Não. Por que o interessa?

— Pergunto-me se estaria em condições de tomar parte nele. Penso que dia a dia melhora no manejo da lança.

Sir Richard encarou-o com tristeza, abanando a cabeça.

— Amanhã você morrerá!

— Oh! Que modo de animar a gente! — protestou Blake.

— Limito-me a dizer a verdade, bom amigo — respondeu Richard. — Consterna-me extremamente que seja verdade, mas o é de fato — você amanhã não conseguirá vencer sir Malud. Bem desejaria eu tomar o seu lugar na contenda. Mas não é lícito. Consolo-me, porém, com a idéia de que procederá corajosamente e morrerá como bom cavaleiro, sem mácula no seu escudo. Confortará grandemente a princesa Guinalda saber que você morreu assim.

— Julga isso?

— Sinceramente.

— E se eu não morrer ela ficará aborrecida?

— Eu não chegaria a afirmar tal coisa — ponderou Richard — mas o certo é que nenhuma dama rejubila quando lhe matam o noivo... e se você não morrer, isso significa que matou sir Malud.

— Já são noivos, então? — perguntou Blake.

— Não, mas geralmente os consideram tais. Entanto, ainda não foi oficialmente comunicado o contrato de casamento.

— Está bem, já que vou morrer amanhã — disse Blake — convém que tire uma soneca esta noite.

E deitou-se sobre uma grosseira colcha de lã estendida sobre um monte de capim em um canto do pavimento lajeado e recobriu-se com outra colcha idêntica, embora sentisse menos sono que em ocasião alguma. Saber que no dia seguinte se empenharia em luta de morte com um cavaleiro medieval, dava-lhe naturalmente muita apreensão, mas Blake era mui jovem e confiante em si para acreditar que pudesse ser morto. Sabia ser isso possível, mas não pretendia deixar que essa idéia o impressionasse em excesso. Havia outra, porém, que o impressionava, e muito, e também o enraivecia, e era pensar nos projetados desposórios de sir Malud de West

Castle com Guinalda, princesa de Nimmr.

E perguntava-se como fora tão asno para deixar-se apaixonar por aquela princesinha medieval que provavelmente o olharia com se fosse o pó de suas sandálias. E como proceder com relação a sir Malud? Suponhamos que o matasse na manhã seguinte? Essa morte faria Guinalda infeliz. E se não desse cabo dele? Que significaria isso? Sir James Blake preferiu não pensar em tal.

## CAPÍTULO 13

# Na barraca de Zeyd

IBN JAD esperou três dias em seu acampamento, mas não chegaram os guias para mostrar-lhe a entrada do vale, conforme prometera Batando, por isso mandou mais uma vez Fejjuan ir procurar o chefe para pedir-lhe urgência, pois sempre no espírito de Ibn Jad existia o medo de Tarzan dos Macacos, a idéia de poder ele voltar para atrapalhar-lhe os planos e castigá-lo.

O xeque sabia que agora estava fora dos territórios de Tarzan mas não ignorava também que, em regiões como aquelas, em que os limites são tão vagos, esta circunstância não constituía para ele segurança. Sua única esperança era que Tarzan resolvesse esperá-lo regressar pelos seus próprios territórios, e isso Ibn Jad estava firmemente resolvido a não fazer. O que ele planejava era voltar diretamente para o oeste, passando assim ao norte dos lugares freqüentados pelo homem-macaco, até apanhar o caminho pelo qual viera do deserto onde morava.

Na barraca do xeque estavam sentados este, com Tollog, seu irmão, Fahd e Stimbol, além de alguns outros árabes.

Conversavam sobre a demora de Batando em mandar guias e seus receios de alguma traição, pois já lhes era bem notório que o velho chefe estava arrebanhando um grande exército de guerreiros; e embora Fejjuan afirmasse que não os empregaria contra os árabes se Ibn Jad não usasse perfídia, sentiam-se apreensivos com esse fato.

Ao fazer os trabalhos da casa, Ateja não mais cantava ou sorria segundo o seu costume, porque tinha o coração cheio de cuidados pela sorte de seu amado. Ela ouviu a conversação dos árabes, mas a mesma não a interessou. Raramente olhava por cima da cortina de separação o compartimento da frente da barraca e quando isto sucedia seus olhos faiscavam de cólera ao avistar o semblante de Fahd.

Olhando assim uma vez, por acaso, avistou Fahd a prestar atenção para fora e depois a manifestar espanto.

— Por Alá, Ibn Jad! — exclamou subitamente. — Olhe quem vem chegando!

Assim como os outros, Ateja volveu a vista para a direção indicada por Fahd e do mesmo modo que os outros soltou uma pequena exclamação de espanto, com a diferença de que as dos homens eram acompanhadas de pragas.

Atravessando o acampamento vinha direito no rumo da barraca do xeque um gigante requeimado do sol, armado de lança, arco e flechas e uma faca. Das costas pendia-lhe um escudo oval e a tiracolo trazia um rolo de corda feito à mão com

fibras vegetais.

— Tarzan dos Macacos! — bradou Ibn Jad. — Que a maldição de Alá caia sobre Ele.

— Naturalmente trouxe consigo seus guerreiros negros e os deixou ocultos na floresta — segredou Tollog — de outro modo ele não se atreveria a entrar no acampamento dos beduínos.

Ibn Jad sentia-se em aflições e revolia rápidas idéias na cabeça quando o homem-macaco parou bem defronte da abertura exterior da barraca. Tarzan relanceou os presentes com um olhar. E seu olhar se deteve afinal em Stimbol.

— Onde está Blake? — perguntou ao americano.

— O senhor é que o deve saber — rosnou Stimbol.

— Não o viu depois que se separaram?

— Não.

— Está certo disso? — insistiu o homem-macaco.

— Naturalmente que estou. Tarzan voltou-se para Ibn Jad.

— O senhor mentiu-me. Não está aqui para negociar e sim para descobrir e saquear uma cidade, a fim de roubar-lhe um tesouro e também as mulheres.

— É mentira! — gritou Ibn Jad. — Quem lhe contou isto mentiu.

— Não penso que ele tenha mentido. Parecia um rapaz direito.

— Quem foi? — perguntou Ibn Jad.

— Ele chama-se Zeyd.

Quando Ateja ouviu este nome, centuplicou-se seu interesse pela conversa.

— ele disse isto e mais outras coisas e acredito que me tenha contado a verdade.

— Que foi mais que ele lhe disse, cristão?

— Que outra pessoa roubou o seu mosquete e tentou matar você, Ibn Jad, e em seguida pôs nele a culpa.

— É mentira, assim como tudo o mais que ele contou! — exclamou Fahd.

Ibn Jad, de carranca fechada, ficou sentado a refletir, mas daí a instantes voltou-se para Tarzan com um sorriso. Concebera uma idéia astuciosa.

— Sem dúvida o pobre Zeyd supunha estar a dizer a verdade, e o motivo de supô-lo era o mesmo que o levou a querer matar seu xeque, Quero dizer que sempre teve o cérebro fraco, mas eu nunca julgaria que fosse um louco perigoso. Ele o enganou, Tarzan dos Macacos, e isto eu posso provar com todos os meus companheiros, assim como o cristão que aqui se acha; todos lhe dirão que procurei obedecer as suas



ordens e sair de seus territórios. Que outra coisa fiz senão viajar pelo norte, de volta para minha terra?

— Se pretendia obedecer-me, por que me conservou prisioneiro e mandou seu irmão matar-me à noite? — perguntou Tarzan.

— Está novamente a julgar-me mal — disse Ibn Jad em tom sentido. — Meu irmão foi cortar as cordas que o prendiam e soltá-lo mas o senhor atirou-se sobre Ele. Depois veio o elefante e levou-o consigo.

— Nesse caso, por que seu irmão levantou a faca e gritou: Morra, cristão!? — perguntou o homem-macaco. — Quando um homem assim fala está a mostrar bondade?

— Eu apenas gracejava — murmurou Tollog.

— Pois aqui estou outra vez — disse Tarzan — mas não é para gracejos. Meus waziris se acham a chegar. Eu com eles trataremos de mostrar-lhes o seu caminho para o deserto.

— Não desejo outra coisa — apressou-se a dizer o xeque. — Pergunte ao cristão se não é verdade que nos achamos perdidos. Por isso nos dará prazer ter quem nos guie pelo caminho certo. Aqui estamos cercados pelos guerreiros galas. Seu chefe os andou reunindo durante dias e neste momento receamos um ataque. Não é verdade, cristão? — acrescentou dirigindo-se a Stimbol.

— Sim — confirmou Stimbol.

— Se é verdade que quer deixar esta zona — disse Tarzan — ficarei aqui para o ver realizar essa tenção. Amanhã o senhor partirá. Enquanto isso mande preparar-me uma barraca... e que desta vez não haja mais traições.

— Nada receie — asseverou-lhe Ibn Jad, que voltou em seguida o rosto para o compartimento das mulheres. — Hirfa! Ateja! — chamou. — Aprontem a barraca de Zeyd para o xeque das florestas.

Um tanto separada das outras, mas não longe da barraca de Ibn Jad, as duas mulheres armaram a barraca para Tarzan; e depois das estacas fincadas Hirfa voltou para os seus serviços domésticos, deixando a filha a arranjar o pano e o mais.

No momento em que Hirfa nada podia ouvir, Ateja correu para onde estava Tarzan e perguntou-lhe:

— Oh, cristão! O senhor viu o meu Zeyd? ele corre perigo?

— Deixei-o em uma aldeia cujo soba velará por ele até a gente de Ibn Jad regressar para o deserto. Ele está bem, e em segurança.

— Fale-me sobre Ele, cristão, pois meu coração está sequioso por notícias suas — implorou a moça. — Como chegou a encontrá-lo? Onde estava?

— Sua égua o havia derrubado ao fugir de um leão que quase devorou o seu namorado. Por acaso eu estava perto e pude matar a fera. Em seguida levei Zeyd até a aldeia de um chefe meu amigo, pois eu sabia que ele não sobreviveria aos perigos da mata caso prosseguisse viajando só e a pé. Eu pretendia fazê-lo sair desta zona em segurança, mas Zeyd pediu-me para ficar até que vocês voltassem. Dei esta permissão. Daqui a poucas semanas reverá seu amado.

Lágrimas umedeceram os longos e negros cílios de Ateja — lágrimas de alegria — e ela tomou a mão de Tarzan e beijou-a.

— Minha vida pertence-lhe, cristão — exclamou — pois me restituiu o meu querido Zeyd.

Quando Fejjuan, o escravo gala, atravessou naquela noite o acampamento de seus senhores, ele avistou Ibn Jad e Tollog sentados na barraca do xeque a cochichar; e Fejjuan, que bem conhecia o natural perverso daquela digna parelha, perguntou a si próprio o que estariam os dois a planejar.

Por trás da cortina de separação Ateja deitou-se de bruços na esteira em que dormia, mas não para conciliar o sono. Pôs-se, em vez disso, a escutar a conversação sussurrada entre seu pai e seu tio.

— Precisamos arredá-lo de nosso caminho.

— Mas seus waziris estão a chegar — objetou Tollog. — Se aqui não o encontrarem, que pensarão eles? Não acreditarão nas explicações que lhes dermos. Cairão então sobre nós. Ouvi dizer que são terríveis.

— Por Alá! — exclamou Ibn Jad. — Mas se o homem aqui ficar, tudo estará perdido. É melhor correremos algum risco, do que voltar de mãos vazias para nossa terra, depois de todo o trabalho que tivemos.

— Se acha, meu irmão, que me vou encarregar outra vez desse negócio, você está muito enganado. Uma só vez chega bastante.

— Não, não será você; precisamos descobrir algum meio. Não existe algum entre nós que deseje, mais que qualquer outro, ver-se livre de Tarzan? — perguntou Ibn Jad, como se falasse a si próprio.

— Há o outro cristão! — exclamou Tollog. — ele odeia-o. Ibn Jad bateu as mãos de contente.

— Você descobriu o meio, meu irmão!

— Mas mesmo assim nos tornarão responsáveis pela sua morte — lembrou-lhe Tollog.

— Que importa isso, desde que nos tenhamos descartado dele? Não poderemos ficar em pior situação do que agora. Suponha que Batando chegue amanhã com os

guias? Nesse caso o xeque das florestas saberia que mentimos para ele e poderia fazer-nos passar um mau quarto de hora. Não; urge que nos livremos dele esta noite.

— Mas como? — indagou Tollog.

— Ouça! concebi um plano. Escute bem, meu irmão! — e Ibn Jad esfregou as mãos e sorriu, mas ele talvez não sorriria se soubesse que Ateja estava a ouvi-lo e se tivesse visto um vulto silencioso agachado nas trevas, ao lado da barraca.

— Conte-me, Ibn Jad, qual é o plano — disse Tollog interessado.

— Pois bem, todos sabemos que o cristão Stimbol odeia o xeque das matas. Ele já o proclamou alto e bom som muitas vezes, aqui em conversação em minha barraca.

— Vai fazer Stimbol matar Tarzan dos Macacos?

— Adivinhou minha idéia — disse Ibn Jad.

— Mas como nos livraremos da responsabilidade se o mandarmos matar dentro do nosso próprio acampamento? — objetou Tollog.

— Espere eu acabar de falar! Não mandarei o cristão matar Tarzan; apenas sugerirei a idéia; e, quando ele a executar, mostrar-me-ei cheio de cólera e horror por esse assassinio praticado em meu "menzil". E provarei minha boa-fé mandando matá-lo imediatamente por esse crime. Por esta forma nos livraremos de dois cães descrentes e ao mesmo tempo estaremos em condições de convenceremos os waziris de que o fizemos como amigo de seu chefe, pois lamentaremos muito sua morte... assim que os waziris chegarem.

— Alá seja louvado, por eu ter um tal irmão! — aprovou Tollog em êxtase.

— Vá imediatamente chamar o cristão Stimbol! — ordenou Ibn Jad. — Mande-o vir aqui só; e, depois que ele se for para cumprir a sua missão, você retorne à minha barraca.

Ateja tremia em sua esteira; e, ao mesmo tempo, a figura silenciosa agachada do lado de fora da barraca do xeque levantou-se depois da partida de Tollog e desapareceu na escuridão da noite.

Chamado com urgência na sua barraca, que era a mesma de Fahd, Stimbol, a quem Tollog recomendou cautela, dirigiu-se sem fazer bulha para a barraca do xeque onde encontrou este a esperá-lo.

— Sente-se, cristão! — convidou o árabe.

— Que diabo quer comigo a esta hora da noite? — interrogou Stimbol.

— Eu estava conversando com Tarzan — disse Ibn Jad — e como você é meu amigo e ele não, mandei chamá-lo para contar-lhe o que ele planeja a seu respeito.

Tarzan se intrometeu em todos os meus projetos e quer expulsar-me dessa região, mas isto nada é em comparação com o que pretende fazer com você.

— Que diabo quer ele ainda comigo? — interrogou Stimbol. — Sempre se está metendo nos negócios alheios!

— Você não gosta dele? — perguntou Ibn Jad.

— Que razões teria para gostar? — e Stimbol empregou um sujo adjetivo aplicado a Tarzan.

— Pois gostará menos ainda quando eu lhe contar o que ouvi — disse Ibn Jad.

— Diga-me então o que foi.

— ele afirmou-me que você matou seu companheiro Blake — explicou o xeque — e por esse motivo Tarzan vai matar você amanhã.

— Hein? como é? matar-me? — inquiriu Stimbol. — ele pensa que pode fazer isso? Julga-se então um... imperador romano?

— No entanto foi o que ouvi de sua boca — reafirmou Ibn Jad. — ele aqui é todo-poderoso. Ninguém discute os

atos do grande xeque das florestas. Amanhã ele matará você.

— Mas... você, Ibn Jad, não o deixará fazer isso. Sem dúvida não o deixará, não é verdade?

Stimbol estava a tremer de terror. Ibn Jad ergueu as mãos espalmadas, perguntando:

— Que posso eu fazer?

— Você pode... pode muito bem fazer alguma coisa.., e naturalmente fará — disse em tom lastimoso o apavorado americano.

— Nada pode alguém fazer neste caso. .. a não ser você mesmo — segredou o xeque.

— Que quer dizer com isso?

— ele está a dormir na barraca que lhe foi armada e... você tem uma faca afiada.

— Eu nunca matei nenhum homem — gemeu Stimbol.

— Nem também nunca foi morto — lembrou-lhe o xeque. — Por isso, esta noite deverá matar, se não quiser amanhã ser morto.

— Meu Deus! — exclamou Stimbol.

— Já é tarde — disse Ibn Jad — vou para a minha esteira dormir. Já avisei você... e você fará o que for preciso.

E, assim dizendo, levantou-se como para entrar ao compartimento contíguo.

Stimbol ergueu-se a tremer e saiu a cambalear para a noite escura. Ele hesitou por um momento e, em seguida, agachou-se e foi de gatinhas e em silêncio, através da escuridão, para o lado da barraca onde estava o homem-macaco.

Mas, antes que ele para ali se dirigisse, Ateja correria para avisar o homem que salvara o seu amado das garras do leão; e ela já estava quase na barraca que ajudara a armar para Tarzan, quando um vulto saiu de outra tenda e, tapando-lhe a boca e agarrando-a pela cintura, reteve-a com firmeza.

— Onde vai? — sussurrou uma voz em seu ouvido, voz que imediatamente ela reconheceu como sendo a de seu tio; mas, sem esperar resposta, Tollog acrescentou: — Sei que ia avisar o cristão, por ser amigo do seu namorado!

Volte para a barraca de seu pai. Se ele souber disso, matará você. Vá!

E empurrou-a para o lado donde ela viera.

E Tollog teve um sorriso satânico, por ter atrapalhado o plano da jovem filha do xeque. Rendeu graças a Alá pelo acaso de achar-se em lugar donde pudera impedir que ela cavasse a ruína de todos eles; e ao mesmo tempo em que Tollog, irmão do xeque, sorria consigo mesmo, uma mão estirou-se nas trevas por trás dele e apertou-lhe o pescoço e levou-o à força daquele lugar.

Tremendo, banhado em frio suor, e tendo firme entre os dedos crispados o cabo de uma faca, Wilbur Stimbol seguia sorrateiramente nas trevas em direção à barraca de sua vítima.

Stimbol era homem irascível, fanfarrão e covarde; mas jamais cometera um homicídio. Todas as fibras de seu ser se revoltavam à idéia do que ia fazer. Ele não queria matar, mas era como um animal encantado; julgava ter a morte a encará-lo frente a frente, só lhe deixando uma possibilidade de salvação.

Ao entrar na barraca do homem-macaco procurou insensibilizar-se para praticar o ato que ali o levava, e era nesse instante um homem perigoso e formidável aquele que engatinhava para o lado do vulto que se achava deitado no escuro, envolto em um velho albornoz.

## CAPÍTULO 14

# Espada e escudo

APENAS o sol começava a dourar as torreolas do castelo do príncipe de Nimmr, um rapaz jogou para o lado a colcha que o cobria, esfregou os olhos e espreguiçou-se. Em seguida sacudiu outro rapaz aproximadamente de sua mesma idade, que dormia a seu lado.

— Acorde, Edward! Acorde, grande madraço! — gritou. Edward virou-se na cama e tentou dizer "hein?" e bocejar ao mesmo tempo.

— Levante-se, preguiçoso! — repetiu Michel com energia. — Esqueceu-se de que seu amo vai hoje viajar para que o matem?

Edward sentou-se, e desta vez perfeitamente desperto. Seus olhos coriscaram de indignação.

— Mentira! — bradou em tom convicto. — ele de um só golpe abrirá a cabeça e o peito de sir Malud. Não há cavaleiro de músculos possantes como os de sir James. Não seja ingrato, Michel, para com o amigo de sir Richard, que se mostra tão delicado e bom até para nós dois.

Michel deu um palmada no ombro do companheiro, dizendo:

— Eu estava brincando, Edward. Deposito minhas esperanças em sir James; mesmo assim... — fez uma pausa — receio...

— Receia o quê?

— Que ele não seja bem destro em usar espada e escudo para vencer sir Malud, pois embora tivesse a força de dez homens, de nada ela serviria sem a necessária habilidade em seu manejo.

— Você o verá! — sustentou, firme, Edward.

— Vejo que sir James tem um escudeiro fiel — disse uma voz atrás deles.

. Voltando-se, enxergaram sir Richard de pé, no limiar da entrada. E sir Richard acrescentou:

— Assim todos os seus amigos lhe desejassem com essa sinceridade um bom dia!

— Adormeci ontem à noite rogando a Nosso Senhor Jesus Cristo que guie a lâmina, de sua espada através do elmo de sir Malud — disse Edward.

— Muito bem! Levante-se agora e vá cuidar das armas de seu amo e dos arreios de seu corcel, para que ele penetre na liça como convém a um nobre cavaleiro de Nimmr.

E, dadas estas instruções, sir Richard afastou-se.

Eram onze horas daquele dia de fevereiro. O sol iluminava o grande pátio do norte do castelo de Nimmr, centelhando nas cotas de malha polidas de nobres cavaleiros e nas lanças e alabardas dos homens de armas e realçando os alegres coloridos dos trajos das damas aglomeradas no grande estrado junto à muralha interior.

Sob um dossel armado na parte central de seu palanque, achavam-se o príncipe Gobred e seus íntimos e, dos dois lados, até as extremidades do tablado, viam-se nobres cavaleiros e damas de Nimmr; atrás deles se colocaram os homens de armas que se achavam de folga, os libertos, e, bem atrás de todos, os servos, pois, de acordo com as generosas normas da casa dos Gobred, estes fruía muitos privilégios.

Em cada extremo da liça havia um pavilhão a que davam aspecto festivo os pendões, as cores e as divisas dos respectivos donos: uma com o verde e dourado de sir Malud, e a outra com o azul e prata de sir James.

À frente de cada um desses pavilhões, perfilavam-se dois homens de armas resplandecentes nos seus trajos novos e com o metal de suas alabardas coriscando ao sol, e havia um cavaliço a segurar as rédeas dum fogoso cavalo ricamente ajaezado, enquanto os escudeiros dos combatentes se afanavam nos preparativos de última hora para o encontro.

Um trombeteiro, de garbosa estatura, com o seu instrumento à cintura aguardava sinal para o toque que anunciava a entrada de seu senhor na arena.

A poucos metros para trás, havia outro corcel para o cavaleiro que ia acompanhar o contendente do respectivo pavilhão.

No pavilhão azul e prata estavam sentados Blake e sir Richard; este último dava ordens e conselhos, e dos dois era o mais nervoso. A cota, a cervilheira e o elmo de Blake eram de resistentes escamas de aço, sendo o último acolchoado por dentro e revestido exteriormente de pele de pantera, protegendo bem a cabeça contra um golpe comum de espada; trazia cosida ao peito uma grande cruz vermelha e de um ombro pendiam as fitas de uma roseta de cores azul e prata. Em um cabide de madeira, suspenso do alto do pavilhão, estavam a espada e o escudo de Blake.

O grande estrado achava-se regurgitante. O príncipe Gobred olhou a altura do sol e disse algumas palavras a um cavaleiro que estava a seu lado. Este deu uma ordem breve a um trombeteiro postado perto do compartimento do príncipe e daí a instantes ressoaram no pátio as notas claras e fortes de uma trombeta. No mesmo instante houve intensa lufa-lufa nos dois pavilhões dos extremos da liça, ao passo que no vasto cadafalso todos os rostos se voltavam para o pavilhão de sir Malud ou para o de sir James.

Vermelho de excitação, Edward precipitou-se no interior do pavilhão e, tomando a espada, passou-lhe o boldrié na cintura de Blake e afivelou-o do lado esquerdo, e depois, abraçando o escudo, saiu do pavilhão acompanhando seu senhor.

Como Blake se dispusesse a montar, Edward segurou-lhe o estribo, enquanto o cavaliço procurava aquietar o impaciente cavalo. Depois de Blake montar (o que não foi pequena façanha, dado o peso da cota de malha) o escudeiro tocou-lhe a perna e olhou-o, dizendo:

— Rezei por sua tenção, sir James; sei que sairá vencedor.

Fitando-o, por sua vez, Blake viu-lhe lágrimas nos olhos; e notou-lhe a voz levemente embargada pela comoção.

— Você é um bom rapaz, Edward — respondeu. — Prometo-lhe que não se envergonhará por minha causa.

— Como poderia suceder tal coisa, sir James? Mesmo morto, o senhor seria uma nobre figura de cavaleiro — e tão bela, que julgo não se poder ver outra igual — afirmou-lhe Edward apresentando ao amo seu escudo redondo.

Sir Richard já havia também montado e, após um seu sinal, de que se achavam prontos, soou o toque da trombeta próxima do pavilhão de sir Malud, e este nobre senhor avançou em seu cavalo, acompanhado por um só cavaleiro.

O trombeteiro de sir Blake anunciou igualmente a entrada deste na liça e então o americano, seguido de sir Richard, cavalgou em direção ao grande estrado. Houve murmúrios de aplausos aos dois contendores, os quais aumentavam à medida que avançavam para ir encontrar-se em frente ao palanque do príncipe Gobred.

Aí chegados, os cavaleiros sofream as montarias e cada qual levou o punho da espada aos lábios e o beijou, como saudação. E enquanto Gobred os exortava a combater honrosamente, como veros cavaleiros, e lhes lembrava as regras de uso em tais recontros, os olhos de Blake buscavam o rosto de Guinalda.

A princesinha, sentada perto do pai, tinha o busto hirto e olhava fixamente para a frente. Parecia palidíssima, o que foi causa de Blake perguntar-se se ela não estaria doente.

— Como ela é bela! — disse ele consigo.

E, malgrado não parecesse tê-lo olhado uma só vez, essa circunstância não denotava desprezo, pois também não olhara Malud.

Soou de novo a trombeta. Os quatro cavaleiros voltaram devagar para a extremidade da liça, e os dois principais esperaram o último sinal para o ataque. Blake retirou o braço da alça de couro de seu escudo e arremessou-o ao chão.

Edward, seu escudeiro, fitou-lhe o olhar pasmado.



— Senhor cavaleiro! — gritou-lhe. — Está doente? Sente-se desfalecer? Deixou cair o escudo.

E, apanhando-o, apresentou-o a sir Blake, apesar de saber perfeitamente que seus olhos não o enganaram e que seu amo havia jogado ao chão a sua única defesa.

Para o horripilado Edward aquilo parecia ter uma única explicação, que sua fidelidade não lhe consentia admitir um só momento — e era que sir Blake se preparava para desmontar, recusando-se a combater com sir Malud, conferindo-lhe a vitória com sua abstenção e atraindo sobre si o desprezo e a decisão de toda Nimmr.

Ele correu para o lado de sir Richard, que não reparara no ato de Blake.

— Sir Richard! Sir Richard! — exclamou abafadamente.

— Sir James está sentindo algum horrível mal-estar!

— Hein? Que é? Que quer dizer, rapaz? — inquiriu Richard.

— Ele atirou fora o escudo — disse, aflito, o adolescente.

— Naturalmente sente-se muito mal, pois do contrário não se recusaria a combater.

Esporeando o animal, Richard se emparelhou com Blake.

— Está doido, homem? — perguntou. — Se desistir deste encontro, será a desonra para seus amigos!

— Onde você descobriu tal coisa? — redargüiu Blake.

— Quem disse que não quero combater?

— Mas seu escudo? — perguntou Richard.

Do compartimento do príncipe partiu um incisivo toque de trombeta. Era o sinal de arremeter. Sir Malud esporeou o animal ao som da fanfarra de seu trombeteiro.

— Deixá-lo onde está — volveu Blake para seu amigo.

— Seu escudo! — gritou desesperado sir Richard.

— Aquele trambolho me atrapalhava — bradou Blake, fincando as esporas no cavalo para se encontrar com o valoroso Malud.

Richard deixou-se ficar mais para trás, o que também fez o cavaleiro de seu contrário, em relação a este.

Pairava um sorriso confiante nos lábios de sir Malud, que relanceava o olhar, freqüente, nos cavaleiros e damas do estrado; quanto a Blake, cavalgava de olhar fixo em seu antagonista.

Os ginetes haviam partido a galope e, ao se aproximarem um do outro, sir Malud esporeou mais o seu; e Blake percebeu que seu intento era derrubá-lo vencido do

primeiro ímpeto, ou, pelo menos, desorientá-lo, de modo a poder sir Malud desferir-lhe bom golpe antes que retornasse a si.

Malud levava a espada meio erguida do lado esquerdo, ao passo que Blake se achava em guarda, posição desconhecida aos cavaleiros de Nimmr, cujos escudos constituíam sua única defesa.

Os combatentes aproximavam-se, pelo lado esquerdo, um do outro; e, no momento de encontrar-se, sir Malud ergueu-se nos estribos, baixou a espada para ganhar mais impulso, e descrevendo com ela um rápido círculo, desfechou terrível golpe em direção à cabeça de Blake.

Foi nesse instante que no estrado algumas pessoas deram pela falta do escudo de sir James.

— O escudo!

— Sir James não tem escudo!

— ele perdeu o escudo!

Frases como estas erguiam-se agora de todos os pontos da plataforma. E, do seu lado direito, quando os campeões se encontravam em frente do palanque do príncipe Gobred, Blake ouviu um grito de mulher, mas não pôde voltar-se para ver se fora Guinalda quem gritara.

No momento do encontro Blake jogou súbito o cavalo contra o de Malud, de modo a toparem um com o outro, e pôs todo o seu peso na direção, ao passo que Malud, erguido nos estribos para desferir o golpe, se achava como a equilibrar-se sobre o animal; e, tendo o escudo pronto para a defesa, não podia guiar aquele.

Abalado o equilíbrio de Malud, seu golpe perdeu o impulso e mudou de direção, indo a lâmina da espada, com grande surpresa para o cavaleiro, embater-se na lâmina da de Blake, ao longo da qual deslizou, afastando-se de seu alvo.

No mesmo instante, como com a mão esquerda podia governar livremente o cavalo, por não ter o estorvo de um escudo, Blake colheu rédeas, recuando para a esquerda e com a ponta da sua lâmina varou a cota de malha no ombro esquerdo de Malud, tocando-lhe a carne, antes que o cavalo do adversário recuasse para fora de seu alcance.

Estrondosos aplausos partiram da assistência, pela habilidade magistral do golpe. Então o cavaleiro de Malud esporeou o animal até o lugar do príncipe, e formulou, gritando, um protesto:

— Sir James não tem escudo! O combate é desigual!

— Mas a vantagem é de seu cavaleiro e não de sir James — disse o príncipe.

— Não queremos qualquer vantagem sobre Ele! — tornou sir Jarred, o

companheiro de sir Malud.

— Que diz a isto? — perguntou Gobred a sir Richard. — Sir James está sem escudo por algum acidente ocorrido antes de entrar na liça?

— Não, ele o atirou ao chão para que "aquele trambolho não o atrapalhasse", mas se sir Jarred faz questão de igualdade, basta sir Malud jogar também o dele para o lado.

— Perfeitamente — disse Gobred a sorrir.

Interessados apenas em sua pendência, e não na discussão de seus padrinhos, os dois campeões continuavam o combate singular, Manava sangue do ombro de Malud, o qual lhe escorria pelas costas, sujando-lhe o brial e os arreios de seu cavalo.

Grande grita partia da assistência, pois muitos em altas vozes reclamavam o escudo e outros se entusiasmavam com a destreza com que sir James fizera manar o primeiro sangue. Faziam-se apostas, e embora sir Malud ainda tivesse muito maior cotação, já as probabilidades contra Blake não eram tão numerosas. E os que não tinham dinheiro para arriscar nas apostas, arriscavam jóias, armas e cavalos. Um partidário entusiástico de sir Malud propôs apostar três cavalos contra um em como aquele seria o vencedor. Mal lhe saíram da boca essas palavras, uma dúzia de pessoas prontificou-se

a aceitar a aposta; se, no entanto, antes da primeira corrida, ele propusesse dez cavalos contra um, não apareceria quem aceitasse a parada.

Desaparecera agora o sorriso do rosto de sir Malud e já ele não olhava mais para a assistência. Seus olhos fagulhavam cólera enquanto galopava de novo em direção a Blake, que julgava ter-se prevalecido de feliz acaso.

Não embaraçado por um escudo, Blake tirava todo o proveito da agilidade do animal que cavalgava e que era o mesmo que cavalgara desde sua chegada a Nimmr, de modo que ele e o cavalo já estavam muito afeitos um ao outro.

Novamente sir Malud viu seu ferro deslizar inofensivo sobre a espada do adversário, e, em seguida, com enorme surpresa, a ponta da espada de sir James passar lépida sob seu escudo e entrar-lhe a um lado do peito. Não era ferimento fundo mas doeu-lhe e de novo manou sangue.

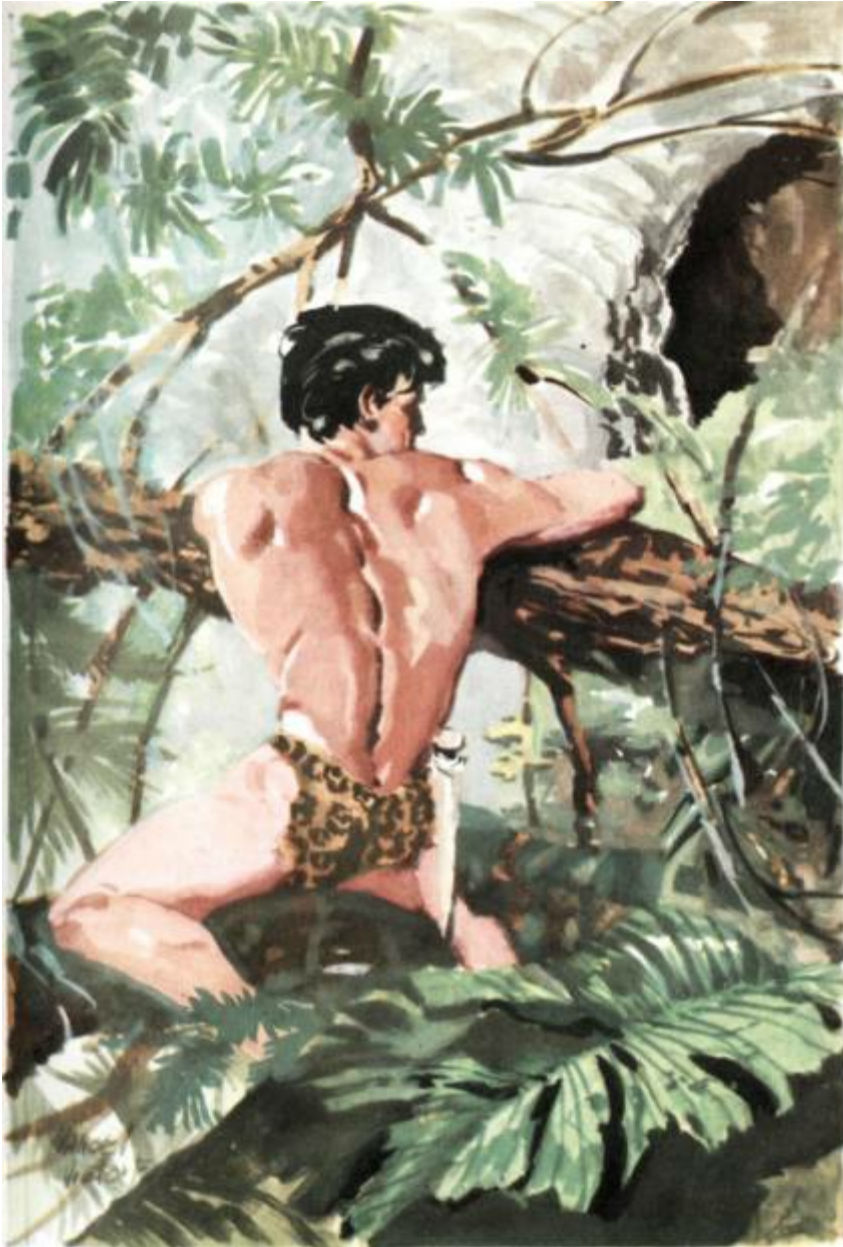
Raivoso, Malud atirou novo bote — mas Blake fizera rápido o animal recuar e, antes que Malud pudesse governar o seu, o americano o atacou de novo; e desta feita foi com violenta cutilada no elmo.

Semi-aturdido e no auge do furor, Malud girou a espada e brandiu-a sobre a cabeça de Blake, resolvido a derrubá-lo morto. As lâminas embateram-se, retinindo,

bem defronte do palanque de Gobred; houve uma viva sucessão de golpes, cujos lampejos ofuscavam a vista dos espectadores; e em seguida, com grande pasmo de todos, e principalmente de sir Malud, a espada desse nobre cavaleiro saltou-lhe do punho indo cair por terra, entregando-o à mercê do adversário.

Malud colheu as rédeas e conservou-se ereto, na sela, a esperar. Ele sabia, e Blake também, que de acordo com as regras das justas, Blake tinha o direito de passar o antagonista a fio de espada, a menos que este pedisse mercê — e ninguém, e Blake menos que qualquer outro, esperava tal coisa de um tão brioso e altivo cavaleiro.

Empertigado no selim, Malud esperou Blake avançar para matá-lo. Fizera-se silêncio tão completo no tablado, que nitidamente se ouvia o cavalo de sir Malud mascar o freio. Blake volveu-se para sir Jarred e disse:



*Durante algum tempo ficou Tarzan espreitando.*

— Senhor cavaleiro, chame um escudeiro para que apanhe a espada de sir Malud e lha entregue.

Trovejaram de novo aplausos na assistência mas Blake voltou-lhe as costas e trotou para o lado de Richard, a esperar que o antagonista ficasse novamente na posse de sua arma.

— Então, meu velho, quantas dúzias de escudos me oferece agora?

Richard riu-se:

— Tem tido sorte, James — respondeu. — Pois creio que um bom campeão há muito já o haveria partido em dois.

— Era o que sucederia, se Malud me tivesse acertado um de seus golpes — asseverou-lhe Blake.

Mas sir Malud, novamente armado, cavalgava em direção a Blake. Fez o animal estacar ante o americano e inclinou-se.

— Rendo minhas homenagens a um nobre e generoso cavaleiro — disse, em tom cortês.

Blake também se inclinou.

— Está pronto, senhor?

Malud, com a cabeça, acenou que sim.

— Em guarda, então! — bradou o americano.

Por instantes os dois caracolaram os animais tomando posição. Blake alçou a espada e Malud ergueu o escudo contra o rosto, para defender do golpe; e como este não caísse, Ele, segundo Blake o previra, baixou de novo o escudo; assim o fez, o gume da espada do americano caiu pesadamente no alto de seu capacete.

O braço de Malud descaiu-lhe inerte ao lado; ele oscilou na sela e em seguida pendeu para diante e tombou ao solo. Ágil, malgrado a pesada cota de malha, Blake apeou-se e foi até o lugar onde o inimigo jazia por terra, e que era quase em frente do palanque de Gobred. Colocando o pé sobre o peito de Malud. encostou a ponta da espada no pescoço dele.

A multidão inclinava-se para diante, a fim de ver o vencedor administrar o golpe de misericórdia; mas Blake não cravou a lâmina. Erguendo o rosto para o príncipe, disse-lhe:

— Eis aqui um brioso cavaleiro com quem não tive verdadeira querela. Poupo-lhe a vida para seu serviço, alteza, e bem assim para aqueles que o amam.

E, assim dizendo, voltou o olhar para a princesa Guinalda. Após isso, beirando a longa plataforma, retornou a seu pavilhão, acompanhado por sir Richard a cavalo e entre os estrondosos aplausos dos cavaleiros, damas, homens de armas, libertos e servos.

Edward e Michel aproximaram-se exultantes do com-peão vencedor. O primeiro ajoelhou-se, abraçou as pernas de Blake e beijou-lhe a mão, chorando ao mesmo tempo de alegria e entusiasmo.

— Eu o sabia! Eu o sabia! — exclamou Ele. — Não lhe disse, Michel, que meu senhor cavaleiro venceria sir Malud?

No pavilhão de Blake os alabardeiros, os trombeteiros e os cavaliços escancaravam a boca de orelha a orelha, em gaitadas de exultação.

Poucos minutos antes eles se envergonhavam de ter sido destacados para servir o contendor mais fraco e agora impavam de orgulho, proclamando Blake o maior herói de Nimmr. Grande ia ser sua ufania, entre os companheiros de serviço, ao se reunirem em torno da mesa tosca da sala onde tomavam as refeições.

Em meio de um incessante tagarelar foi que Edward tirou a cota de malha de Blake, e Michel a de Richard, pois o inesperado da vitória lhes duplicara a alegria.

Blake seguiu dali para seu alojamento e Richard acompanhou-o e quando os dois ficaram sós, Richard pôs a mão no ombro de Blake, dizendo:

— Praticou uma ação nobre e cavalheiresca, meu amigo, mas não sei se mui sensata.

— Por quê? — inquiriu Blake. — Acha-me capaz de cravar uma espada num pobre cordeiro indefeso?

Richard abanou a cabeça e afirmou:

— Era o que ele faria se os papéis estivessem invertidos.

— Bem, isso seria lá com Ele; quanto a mim, não me seria possível. Na terra donde vim não nos ensinaram que seja perfeitamente moral ferir uma criatura prostrada em terra, inerte — explicou Blake.

— Se a questão entre os dois não fosse mais grave do que parece, você poderia usar dessa magnanimidade; mas Malud tem ciúmes de você e esse ciúme absolutamente não diminuirá com o que sucedeu hoje. Aplicando-lhe o golpe de misericórdia, você se teria livrado de um poderoso e temível inimigo, e tal era o seu direito; mas agora criou para si um inimigo ainda pior, porque ao ciúme se acrescentarão ódio e inveja, em vista de sua proeza. Você, James, o fez cair no ridículo, e isso, pelo que conheço do homem, sir Malud nunca lhe perdoará.

Os cavaleiros e senhores da corte do príncipe Gobred banquetavam-se em uma

grande mesa, no imenso salão de jantar do castelo. Ali trezentas pessoas poderiam sentar-se à mesma mesa, sendo necessário, para servi-las, um batalhão de criados. Havia leitoas assadas inteiras, levadas no espeto para a mesa, pernizes de carneiro, quartos de caça, travessas de legumes, vinho, cerveja, e, como remate, monumentais pudins.

Soavam muitas risadas e altos comentários. Os comensais formavam um quadro animado e fascinador para os olhos de sir James, quando ele se foi sentar, como de costume, bem no fim da mesa, em sua qualidade de neófito nas fileiras da cavalaria de Nimmr.

O reencontro entre ele e sir Malud era o assunto do dia; recebeu muitos parabéns e teve de responder a numerosas perguntas sobre onde e como adquirira aquela singular técnica no manejo da espada. Embora o tivessem visto com seus próprios olhos, parecia-lhes inconcebível que um homem sem um escudo pudesse triunfar sobre outro provido desse objeto essencial.

O príncipe Gobred e sua família estavam sentados ao lado da mais alta nobreza de Nimmr, a uma mesa um pouco mais elevada que a outra e atravessada no extremo desta, como o traço superior de um T. Se uma pessoa desejasse à mesa falar a alguém longe de seu lugar, recorreria ao simples expediente de erguer a voz; e se vários tivessem ao mesmo tempo essa idéia, soava uma algazarra infernal.

Como Blake se achava sentado bem na ponta da mesa, seria necessário, para alguém que estivesse perto de Gobred, gritar para atrair-lhe a atenção; se notavam, porém, ser o príncipe quem falasse, o resto da companhia fazia geralmente silêncio respeitoso, a não ser que tivesse abusado das bebidas.

Pouco depois de os convivas se sentarem, Gobred levantou-se e ergueu alto sua taça. Fez-se silêncio geral e os cavaleiros e damas também se ergueram e voltaram-se para seu príncipe.

— À saúde de nosso rei! — disse Gobred. — À saúde do magnânimo Ricardo da Inglaterra!

. E em coro, todos responderam:

— ã saúde do nosso rei! "

E beberam à saúde de Ricardo Coração de Leão, setecentos e vinte e oito anos depois de sua morte!

Em seguida ergueram brindes a Gobred, à princesa Brinilda, sua mulher, e à princesa Guinalda.

O príncipe Gobred ergueu-se novamente e disse, alçando a taça:

— ã saúde do brioso cavaleiro que nobre e cavalheirescamente se portou na liça,

na manhã de hoje! À saúde de sir James, cavaleiro templário e, agora também, cavaleiro de Nimmr!

Nem o próprio nome de Ricardo I da Inglaterra suscitara o mesmo entusiasmo que se seguiu a esse brinde a sir James. O olhar de Blake transpôs o comprido salão, indo buscar o lugar onde estava a princesa Guinalda. Viu-a beber à sua saúde e notou que o olhava também, mas, sendo a distância grande, e frouxa a claridade dos archotes de resina das lâmpadas de azeite, não pôde perceber se a expressão do mesmo era de afeto ou desdém.

Quando o rumor arrefeceu um tanto e os comensais retomaram seus assentos, Blake ergueu-se por sua vez, dizendo em voz forte:

— Príncipe Gobred, cavaleiros e damas de Nimmr. vou erguer outra "toast". À saúde de sir Malud!

Reinou, durante momentos, silêncio — silêncio de surpresa, e, em seguida, os presentes se levantaram e beberam à saúde do ausente sir Malud.

— O senhor é singular, cavaleiro sir James, e usa singulares expressões e processos — gritou-lhe Gobred da cabeceira da mesa — mas embora chame "toast" um brinde e empregue dizeres estranhos, parece-nos mesmo assim o compreendemos; e desejamos conhecer mais coisas sobre seu país e os costumes dos nobres cavaleiros que nele moram. Diga-nos: são todos assim cavalheirescos e magnânimos para com os inimigos derrotados?

— Se não o fossem, eles veriam o russo — explicou Blake.

— "Veriam o russo"! — repetiu o príncipe. — Isso é alguma espécie de castigo?

— Vossa alteza o disse, príncipe!

— Naturalmente, que eu o disse! — retrucou severo, Gobred.

— O que eu quis dizer, príncipe, é que vossa alteza bateu na cabeça do prego, isto é, deu no vinte, ou melhor, que adivinhou de pronto. "Ver o russo" é o único castigo admissível em casos tais, para os cavaleiros do Circo Quadrado ou para os cavaleiros do Diamante.

— Do Circo Quadrado! Do Diamante! São ordens de cavalaria para mim desconhecidas. São cavaleiros briosos?

— Alguns são meio desbriados, mas uma boa penca dos mesmos são valentes. Sir Dempsey, por exemplo, é um nobre cavaleiro do Circo Quadrado.

— Existem atualmente outras ordens de cavalaria?

— Temos uma piolheira delas!

— Como? — gritou Gobred.



— Todos são cavaleiros atualmente — explicou Blake.

— Cavaleiros! Então não existem servos? É fantástico!

— Cervos? Sim, mas só em lugares silvestres e jardins zoológicos. Praticamente pode-se dizer que todos somos cavaleiros. Pois, veja o senhor, as coisas mudaram-se bastante desde os tempos do rei Ricardo. O povo revolucionou a antiga ordem de coisas: ridicularizou os cavaleiros e quis liquidar a cavalaria, mas, apenas o conseguiram, todos resolveram ser cavaleiros; por isso temos agora, além de cavaleiros templários, cavaleiros trabalhistas, cooperativistas e comunistas e de outras ordens que neste momento não me açamem.

— Parece-me dever ser um mundo requintado e nobre

— comentou Gobred — pois havendo tantos cavaleiros, é natural que com freqüência contendam uns contra os outros

— Não é verdade?

— Sim, eles às vezes se agatanham — admitiu Blake,

## CAPÍTULO 15

# À sepultura solitária

No INTERIOR sombrio da barraca, Stimbol nada podia ver. Bem à sua frente ouviu um homem a resfolegar, como se estivesse a dormir um sonho agitado. O candidato a assassino parou para dominar seus próprios nervos. Em seguida continuou, polegada a polegada, a engatinhar para diante.

Em dado momento uma de suas mãos encostou no corpo do homem adormecido. Levemente, cautelosamente Stimbol pôs-se a apalpá-lo até perceber perfeitamente a posição em que a vítima estava deitada. Em uma das mãos tinha já pronta a faca afiada. Mas não se atrevia a respirar, de medo de despertar o homem-macaco. Ele pediu a Deus que tornasse pesado o sono de Tarzan, para que do primeiro golpe conseguisse atingir seu coração selvagem.

Estava agora pronto. Escolhera o lugar exato para cravar a lâmina. Ergueu então a faca e enterrou-a em Tarzan. Sua vítima debateu-se, entre convulsões. Golpe após golpe continuou, como presa de uma loucura feroz, a cravar a lâmina na carne macia de sua vítima. Stimbol sentiu sangue quente esguichar-lhe na mão e no pulso.

Cumprida, por fim, sua missão, apressou-se a sair da barraca. Tremia então de tal modo, que mal se podia ter de pé — aterrado, revoltado pelo horrível crime cometido.

De olhos esgazeados, enormes, foi tropegamente até a barraca de Ibn Jad e aí caiu desfalecido. O xeque saiu do compartimento interno e fixou o olhar no vulto que a bruxuleante luz de uma lanterna de papel lhe deixou ver no chão

— Para que veio aqui, cristão? — perguntou Ele.

— Já o fiz, Ibn Jad! — murmurou Stimbol.

— Fez o quê? — bradou o xeque.

— Matei Tarzan dos Macacos.

— Ai! ai! ai! — esganiçou Ibn Jad. — Tollog! onde está você? Hirfa! Ateja! venham aqui! Ouviram o que este cristão está a dizer?

Hirfa e Ateja precipitaram-se para a sala da frente da barraca.

— Ouviram suas palavras? — repetiu Ibn Jad. — ele matou meu amigo, o grande xeque das florestas. Tollog! Fahd! venham depressa!

Sua voz se foi alteando a ponto de se tornar por fim um guincho agudo. De todas as direções convergiam árabes para a sua barraca.

Aturdido pelo que fizera, mudo de surpresa e terror com a inesperada atitude de

Ibn Jad, Stimbol, sem dizer palavra, acocorou-se no centro da sala.

— Agarrem-no — bradou o xeque para o primeiro homem que chegou. — ele matou o nosso grande amigo Tarzan dos Macacos, que ia proteger-nos e guiar-nos, fazendo-nos sair dessa terra perigosa. Agora todos ficarão nossos inimigos. Os amigos de Tarzan irão cair sobre nós e matar-nos. Alá é testemunha de que estou livre de qualquer culpa neste homicídio. Que a cólera de Alá e a dos amigos de Tarzan caiam sobre este criminoso!

A esse momento já todas as pessoas do acampamento se achavam aglomeradas defronte da barraca do xeque e, se ficaram surpreendidas com a súbita afeição que o xeque se pusera a demonstrar por Tarzan, não demonstraram o que sentiam.

— Levem-no daqui! — ordenou Ibn Jad. — Amanhã cedo nos reuniremos para deliberar sobre a sorte dele.

Alguns árabes levaram à força o aterrado Stimbol para a barraca de Fahd, onde o deixaram de mãos e pés amarrados, e ficando Fahd a vigiá-lo. Apenas dali saíram, o beduíno inclinou-se sobre Stimbol e lhe ciciou no ouvido.

— Ê certo que você matou o xeque das florestas?

— Ibn Jad fez-me assim proceder e agora voltou-se contra mim — jeremiou Stimbol.

— E amanhã ele o mandará matar para dizer aos amigos de Tarzan que puniu o assassino deste — disse Fahd.

— Salve-me a vida, Fahd! — suplicou Stimbol. — Salve-me a vida que lhe darei vinte milhões de francos. Juro-o! Apenas me sinta em segurança na mais próxima colônia européia, mandarei buscar esse dinheiro para você. Pense nisso, Fahd — vinte milhões de francos!

— Estou a pensar nisso, cristão — respondeu o beduíno — e também estou a pensar que é mentira. Não existe tanto dinheiro no mundo.

— Juro que tenho dez vezes mais que isso. Se estou mentindo, você pode matar-me. Salve-me! salve-me!

— Vinte milhões de francos! — murmurou Fahd. — ele talvez esteja a dizer' a verdade. Ouça, cristão. Não sei se poderei salvá-lo, mas vou fazer o possível e, se for bem sucedido e você se esquecer dos vinte milhões de francos, eu o matarei nem que para isso tenha de percorrer o mundo inteiro, compreendeu?

Ibn Jad chamou dois escravos boçais e mandou-os buscai o cadáver de Tarzan e levá-lo até o limite do acampamento onde fariam uma cova e o enterrariam.

Com lanternas de papel eles foram à barraca do morto e tomando este envolto no velho albornoz que já o cobria, transportaram-no através do acampamento e o

puseram no chão para cavar uma cova rasa; e foi assim que Tarzan dos Macacos teve a sua sepultura à sombra de uma floresta gigantesca da terra que ele tanto amava.

Terminado o seu trabalho, os escravos rolaram o cadáver, fazendo-o cair na cova, recobriram-no de terra, e ali o deixaram em sua solitária sepultura.

Bem cedo na manhã seguinte Ibn Jad chamou os mais velhos da tribo e, após reunirem-se estes, notaram o desaparecimento de Tollog. Procederam as pesquisas mas não conseguiram encontrá-lo. Fahd sugeriu que ele poderia ter saído cedo para caçar. Ibn Jad explicou-lhes que, se quisessem fugir à cólera dos amigos de Tarzan, eles, beduínos, deveriam imediatamente mostrar que não tinham responsabilidade quanto à morte do homem-macaco; e só poderiam fazer isso e provar sua boa-fé, punindo o matador.

Não foi difícil persuadi-los a tirar a vida de um cristão; houve um, todavia, que pôs objeções. Era Fahd.

— Há duas razões, Ibn Jad, para não matarmos este cristão — disse Ele.

— Por Alá, jamais pode haver motivos para um verdadeiro crente não tirar a vida de um cristão — exclamou um dos velhos.

Mas Fahd retorquiu-lhe:

— Ouçam o que vou dizer que estou certo de que se convencerão de que a razão está comigo.

— Fale, Fahd — disse Ibn Jad.

— Este cristão é homem rico e poderoso em sua terra. Se for possível poupar-lhe a vida, ele renderá um grande resgate... e, morto, de nada nos valerá. Se por acaso os amigos de Tarzan não tiverem conhecimento da morte deste antes de ficarmos em segurança fora desta maldita região, para nada nos terá servido matar Stimbol e, por Alá, mesmo que o matemos, não acreditarão em nossas palavras, quando lhes contarmos que foi ele que assassinou Tarzan e que, para puni-lo, por nossa vez o matamos. Mas, se o conservarmos vivo, até nos encontrarmos com os amigos de Tarzan, caso eles nos alcançassem, lhes diríamos que o conservamos prisioneiro para que a própria gente de Tarzan o punisse, o que lhes agradaria muito mais.

— Suas palavras não são destituídas de sabedoria — admitiu Ibn Jad; — mas suponhamos que o cristão diga mentiras a nosso respeito e invente que fomos nós que matamos Tarzan? Quem sabe se acreditarão mais nas palavras dele do que nas nossas?

— Poder-se-á evitar isso facilmente — disse o velho que tinha falado antes. — Cortemos-lhe a língua para que ele não possa dizer falsidades a nosso respeito.

— Por Alá, que é boa idéia! — exclamou Ibn Jad.

— Por Alá, que não é! — protestou Fahd. — Quanto melhor o tratarmos, maior recompensa ele nos dará.

— Podemos esperar até a última hora — disse Ibn Jad — e então, se nos arriscarmos a perdê-lo e a nossa recompensa, poderemos cortar-lhe a língua.

Desta maneira, ficou entregue aos deuses o destino de Wilbur Stimbol; e Ibn Jad, já livre da ameaça de Tarzan, voltou mais uma vez a atenção aos seus planos para entrar no vale. Acompanhado de forte contingente foi pessoalmente procurar o chefe gala para parlamentar com Ele.

Quando se aproximava da aldeia de Batando, teve de atravessar acampamentos de milhares de guerreiros galas e então compreendeu plenamente o que antes plenamente previra, isto é, que a sua posição era precaríssima e que devia usar a máxima amabilidade e concordar com todas as condições que o velho chefe propusesse.

Batando acolheu-o bastante amavelmente, apesar de fazê-lo com toda a majestade de um poderoso soberano, e afirmou-lhe que na manhã seguinte o acompanharia à entrada do vale, mas que primeiro ele devia entregar a Batando todos os escravos galas que estavam em sua comitiva.

— Mas isso nos deixará sem carregadores ou servos e enfraquecerá muito o meu bando — objetou Ibn Jad.

Batando limitou-se a erguer os negros ombros.

— Deixe que fiquem conosco até voltarmos do vale -implorou o xeque.

— Nenhum gala os acompanhará — disse Batando em tom incisivo.

Na manhã seguinte, muito cedo, desarmaram a barraca de Ibn Jad como sinal para que se dispusesse a partir; e, rodeados de toda parte por guerreiros galas, eles seguiram para as alcantiladas montanhas, em direção ao lugar onde existia a passagem para o vale dos sonhos de Ibn Jad.

Fejjuan e os outros escravos galas que os árabes trouxeram consigo do deserto, reuniram-se a seu próprio povo, felizes pela sua recente libertação. E Stimbol, sem amigos,

amedrontado, em grande abatimento, acompanhava-o cansadamente, escoltado por dois jovens beduínos, tendo constantemente no espírito a lembrança horrível do morto que ficara em sua sepultura solitária.

Subindo resolutamente pelos meandros de um trilho que parecia ser o resto da uma estrada antiga, e outras vezes por lugares onde absolutamente não havia trilhos, os árabes e os seus numerosos guias galgavam cada vez mais alto as íngremes

montanhas que limitavam ao norte o vale do Santo Sepulcro. Ao termo do segundo dia, e depois de haverem acampado ao lado do veio d'água da montanha, Batando procurou Ibn Jad e indicou-lhe bem *em* frente do acampamento uma garganta rochosa, que era a ramificação de uma grande ravina central cavada pelas torrentes.

— Ali está o caminho do vale — disse Ele. — Neste ponto vamos separar-nos. Partiremos amanhã cedo, de regresso a nossa aldeia.

Ao surgir o sol da manhã seguinte, Ibn Jad verificou que os galas haviam abalado durante a noite, mas aquilo que ele não soube foi que os pretos assim procederam devido ao terror que lhes inspiravam os habitantes misteriosos daquele misterioso vale, donde nenhum homem até então havia voltado.

Ibn Jad passou aquele dia preparando um acampamento seguro onde deixar as mulheres e crianças até ele e seus guerreiros voltarem de sua excursão no vale, ou até que soubessem se poderiam levá-las consigo sem perigo e, na manhã imediata, confiando a alguns velhos e meninos a guarda acampamento, ele partiu com seus companheiros. Dali *a* pouco, os que ficaram no acampamento avistaram o último deles a desaparecer na garganta penhascosa existente em frente do "menzil".

## CAPÍTULO 16

# O grande torneio

HAVIA dois dias que, acompanhado de muitos cavaleiros, escudeiros e servidores, o rei Bohun descera de seu castelo, que ficava sobranceiro à cidade do Santo Sepulcro, a fim de atravessar o vale, em direção ao campo fronteiro à cidade de Nimmr, para o Grande Torneio que se realizava anualmente, começando na primeira segunda-feira da Quaresma.

Alegres bandeiras tremulavam em mil pontas de lanças, e de alegres coloridos eram os arreios dos cavalos ricamente ajaezados que orgulhosos carregavam os cavaleiros do Santo Sepulcro. Nas costas destes viam-se cruces, para indicar que terminara a peregrinação à Terra Santa e que se dispunham a regressar à Inglaterra e a seus lares.

Seus elmos, diferentes dos que usavam os cavaleiros de Nimmr, eram recobertos de couro de bezerro, e diferentes também eram as divisas de seus escudos e as suas cores. Mas se não fossem estas e as cruces nas costas, poderiam ser tomados pelos legítimos e fiéis cavaleiros de Gobred.

Possantes bestas de carga, quase ricamente arreadas como os corcéis dos cavaleiros, transportavam as barracas onde iam alojar-se os cavaleiros durante os três dias das justas bem como os objetos de seu uso, armas de sobressalentes e provisões para esses três dias, pois um costume, de mais de sete séculos de antigüidade, proibia que os cavaleiros de Nimmr e os do Santo Sepulcro tomassem suas refeições em comum.

O Grande Torneio era meramente um período de tréguas, durante as quais as duas facções submetiam sua belicosidade a regras especiais que lhes revestiam as façanhas de esplêndida pompa, dando-lhe o caráter de exibição de proezas marciais, que os não combatentes podiam presenciar confortavelmente e sem riscos. Não se permitiam relações amistosas entre os dois partidos, por serem incompatíveis com a seriedade dos recontros — nos quais com freqüência eram mortos guerreiros das duas facções — ou com a disposição de espírito com que se concedia o grande prêmio.

Este prêmio, assim como os outros fatores, concorria a manter a separação existente havia sete séculos e meio entre os frentistas e os costistas, pois consistia na entrega de cinco donzelas que os triunfadores levavam consigo para sua própria cidade, e que nunca mais reveriam as pessoas de sua amizade ou parentesco.

Malgrado esta dor fosse mitigada pelo honroso tratamento que os costumes e as

leis da cavalaria mandavam dispensar-se a essas desditosas jovens acrescia o travor a circunstância de a ela associar-se o estigma da derrota.

De acordo com as regras do torneio, as donzelas tornavam-se protegidas especiais de Gobred ou de Bohun. conforme os louros do torneio fossem colhidos pelos frentistas ou costistas, e eram dadas em honroso matrimônio a cavaleiros do partido vitorioso.

A origem desse costume, que então contava uns bons sete séculos de duração, consistia talvez no sensato desejo, de algum antigo Gobred ou Bohun, de manter, forte e viril, a descendência das duas facções, com essa infusão regular de sangue novo, ou então no desejo de impedir-se que os habitantes das duas cidades se diferenciassem muito em maneiras, costumes e linguagem.

Muitas esposas felizes de Nimmr haviam nascido na cidade do Santo Sepulcro e raro era que as moças relutassem para servir de prêmio. Considerava-se uma honra sua escolha e havia sempre muitas que voluntariamente se ofereciam, excedendo o número das cinco destinadas anualmente a esse sacrifício.

As cinco que constituíam o prêmio oferecido pela cidade do Santo Sepulcro, viajaram naquele ano em cavalos brancos e escoltados por uma guarda de honra com armaduras de prata. As jovens escolhidas entre as mais belas, para honrar a cidade de seu nascimento, estavam opulentamente trajadas e ataviadas de jóias de ouro, prata e pedras preciosas.

Havia muitos dias que se faziam intensos preparativos na planície fronteira a Nimmr. Limpava-se e nivelava-se a arena com pesados rolos de madeira, sofriam os anuais reparos e limpeza os antigos palanques de pedra de onde os espectadores contemplavam as justas, erguiam-se armações de suporte para os dosséis que resguardariam do sol os lugares reservados à nobreza, e plantavam-se estacas para receberem um milhar de bandeiras nas linhas extremas da liça — e nestas e em outras coisas era empregado um batalhão de trabalhadores; e dentro das muralhas da cidade e no castelo que a sobranceava, retiniam, até noite alta, os martelos dos armeiros, a forjar ferraduras, cotas de malha e pontas para lança.

Prometeram a Blake deixá-lo tomar parte no Grande Torneio e ele esperava tão ansioso o dia do seu início, como nos tempos de estudante aguardava os grandes jogos de futebol, Fora incluído em dois embates com espada — num deles, cinco cavaleiros de Nimmr iam batalhar contra cinco do Santo Sepulcro e o outro era um recontro com um único antagonista,- mas com lança combateria uma só vez, no grande encontro final entre cem frentistas e outros tantos costistas — porquanto, se era certo que antes de seu encontro com Malud o consideravam pífio em luta com espada, já agora o príncipe Gobred achava que ele poderia ganhar muitos pontos com esta, ao passo que no manejo da lança o tinha ainda em conta de medíocre.



O rei Bohun e seu séquito estavam acampados em um bosque de carvalhos que ficava aproximadamente a uma milha para o norte da arena. As regras do Grande Torneio não permitiam que se aproximassem mais, enquanto não chegasse a hora designada para sua vinda, no primeiro dia das justas.

Preparando-se para o torneio, Blake seguira o costume adotado por muitos cavaleiros, de usar vestidura de cor distintiva e ajaezar semelhantemente seu cavalo. Sua cota de malha era toda ela negra, apenas atenuando-se essa cor com a pele de pantera que recobria o elmo e com o pendão azul e prata, de sua lança. Os jaezes de sua montaria eram negros, mas com um debrum de prata e azul. Havia, naturalmente, as regimentais cruzes vermelhas cosidas ao seu peito e nos arreios do cavalo.

Quando, na manhã da abertura do torneio, Blake chegou do seu alojamento acompanhado por seu escudeiro Edward, que lhe carregava a lança e o escudo, ele aparecia como uma nota de sombra, entre os cavaleiros vistosamente adornados, e os coloridos vestuários das damas, reunidos no grande pátio, à espera da ordem para montar em seus ginetes de batalha, que estribeiros seguravam pelas rédeas no pátio do norte.

Que sua armadura negra era distinta, evidenciava-se pela atenção que imediatamente atraiu — e que ele se tornara popular entre os cavaleiros e damas de Nimmr, também transparecia pelo modo que o rodeavam; mas divergiam as opiniões quanto à sua cor preferida, pois alguns sustentavam ser muito lúgubre e agoureira.

Guinalda ali também se achava, mas permaneceu sentada no banco onde conversava com uma das jovens escolhidas para o prêmio de Nimmr. Blake descartou-se prestes daqueles que o cercavam e atravessou o pátio em direção ao lugar onde se achava Guinalda. À sua aproximação a princesa olhou-o e teve uma leve inclinação de cabeça para retribuir a sua mesura; em seguida continuou a conversar com a moça.

A repulsa era muito evidente para permitir qualquer dúvida, mas Blake não se resignou a afastar-se sem uma explicação. Ele não podia acreditar que a princesa se mostrasse ainda contrariada unicamente por ter-lhe dito que a mesma sentia por ele interesse maior do que o confessava. Deveria haver outra causa.



Com um *ronco enraivecido* ele virou-se e fugiu, deixando o adversário e sua presa...

Ele não se voltou para afastar-se, embora Guinalda parecesse não o ver. Conservou-se de pé, a esperar com paciência que a princesa lhe desse atenção.

Daí a pouco Blake notou que ela dava sinais de nervosismo, bem como a moça com quem conversava. Havia pausas em sua palestra; um dos pés de Guinalda batia com irritação o chão de lajes e leve rubor lhe recobria as faces. A jovem também se mostrava agitada, retorcendo as pontas do mantelete de gaze que lhe cingia as espáduas e beliscando as ricas ciclas de seu manto. Por fim levantou-se e, inclinando-se ante a princesa, perguntou-lhe se podia ir despedir-se da mãe.

Guinalda permitiu-lhe e após, ficando a sós ela e Blake, e não mais podendo deixar de prestar-lhe atenção, nem desejando fazê-lo, voltou-se irritada para Ele,

dizendo:

— Bem que eu tinha razão! O senhor é um atrevido. Por que ficou assim, a encarar-me, se eu lhe estava a dar mostras de não querer que me aborrecesse? Retire-se!

— Foi porque... — Blake hesitou — porque a amo.

— Como se atreve a dizer tal! — prorrompeu Guinalda pondo-se impetuosamente de pé.

— Pela minha princesa, eu a tudo me atreverei — respondeu Blake — porque a amo.

Guinalda olhou-o de fito um momento, mas em seguida seu lábio superior arqueou-se numa expressão de desdém.

— Mentira! — redargüiu. — Eu soube do que o senhor disse a meu respeito! — e, sem esperar réplica, passou por Ele, para afastar-se dali.

Blake acompanhou-a, protestando:

— O que eu disse? Nada disse que não pudesse repetir ante toda Nimmr! Pois nem mesmo revelei a meu melhor amigo, sir Richard, que a amo. nenhuns outros ouvidos o ouviram, à exceção dos seus.

— Disseram-me coisa diversa — tornou Guinalda, altivamente. — Mas não pretendo discutir mais este caso.

— Mas... — começou a dizer Blake.

Nesse instante, porém, ouviu-se o clangor de uma tuba na porta do norte que dava acesso ao pátio. Era o sinal para os cavaleiros montarem. O pajem de Guinalda chegou correndo a chamá-la para ir para a companhia do pai. Dirigindo-se a Blake, sir Richard tomou-lhe o braço, dizendo calorosamente:

— Venha, James! Precisamos montar agora, porque hoje nosso lugar é na primeira fila dos cavaleiros.

E desta forma Blake viu-se separado da princesa, antes que ela lhe declarasse o motivo de sua inexplicável atitude.

O pátio do norte era um cenário cheio de colorido e movimentos, regurgitando de cavaleiros e damas, de pajens, escudeiros, estribeiros, homens de armas e cavalos, não sendo bastante amplo para acomodá-los todos, pelo que transbordavam para os pátios leste e sul e mesmo pela grande porta oriental, para a entrada que conduzia ao vale.

Por espaço de meia hora reinou uma espécie de caos nas proximidades do castelo do príncipe de Nimmr, mas, ora um ora outro, marechais de campo e arautos a

tressuarem regravam o cortejo quando este partia com lentidão imponente para a estrada sinuosa que descia a montanha em direção à liça.

À frente cavalgavam os marechais e arautos, e atrás deles uma vintena de trombeteiros; vinham, em seguida, só, o príncipe Gobred, e, após o mesmo, um esquadrão de cavaleiros, com as cores de seus pendões a esvoaçarem ao vento. Em seguida vinham as damas, acompanhadas por outra hoste de cavaleiros; marchavam, enfim, na retaguarda, companhia após companhia, os homens de armas — alguns com bestas, outros com piques e outros, ainda, com alabardas de desmarcadas proporções.

Uma centena, talvez, de cavaleiros e homens de armas, ficavam a guardar o castelo e a entrada do vale do Santo Sepulcro, mas estes seriam rendidos, podendo, assim, presenciar os sucessos do segundo e terceiro dia das justas.

Enquanto os cavaleiros de Nimmr desciam para a liça, também os cavaleiros do Santo Sepulcro partiam de seu acampamento em meio ao carvalhal e os marechais de campo das duas facções lhes regulavam os movimentos de modo a entrarem na arena ao mesmo tempo.

As damas de Nimmr saíram do cortejo para tomar seus lugares nos palanques; as cinco donzelas de Nimmr e as cinco da cidade do Santo Sepulcro foram escoltadas até o lugar onde havia um dossel, em um dos extremos da liça; depois disso, os cavaleiros foram formar em fileiras cerradas, ficando os de Nimmr ao sul da liça e os do Santo Sepulcro ao norte.

Gobred e Bohun adiantaram-se em seus cavalos e encontraram-se no centro da arena, onde em voz compassada e solene Bohun formulou o tradicional desafio prescrito pelas regras do Grande Torneio e apresentou a Gobred o gaje cuja aceitação significava a aceitação da luta e assinalava a abertura oficial do torneio.

Quando Gobred e Bohun viraram os cavalos para trás, voltando cada qual para perto de sua gente, os ajustadores que não iam tomar parte nos encontros do dia, entregaram os cavalos aos servidores e foram postar-se nos palanques ao passo que os que iam defender a liça se enfileiravam de novo para rodear toda a arena, com o duplo fim de fazerem ver aos contrários e aos espectadores os que iam pelear naquele dia e também o de ver os prêmios de parte a parte oferecidos.

Além das cinco jovens, havia outros prêmios menores, consistentes em jóias, cotas de malhas, lanças, espadas, escudos, soberbos cavalos e muitas outras coisas valiosas para um cavaleiro ou do agrado de suas damas.

O primeiro desfile foi o dos cavaleiros do Santo Sepulcro, com Bohun à testa e tornou-se notado que, durante a evolução, os olhos do rei se volviavam amiúde para as damas dos palanques. Bohun era moço e acabava de suceder no trono ao pai

recentemente falecido. Mostrava-se arrogante e tirânico e era bem sabido em Nimmr que anos seguidos ele chefiara uma facção que planejava conquistar Nimmr, para que todo o Vale do Santo Sepulcro ficasse sob o governo dos Bohuns.

Em seu árdego ginete com suas flâmulas esvoaçantes e seguido de numerosos cavaleiros, o rei Bohun passou ao longo dos palanques reservados para o povo de Nimmr; e, ao defrontar o palanque central, onde se achavam o príncipe Gobred, sua esposa Brinilda e a princesa Guinalda, seu olhar pousou no semblante da filha de Gobred.

Bohun colheu as rédeas do ginete e ficou-se a encarar de fito o rosto dela. O de Gobred purpureou de cólera, pois o ato de Bohun era uma quebra de cortesia. Estava já a erguer-se, arrebatado, quando Bohun, inclinando-se profundamente, prosseguiu a cavalgar, acompanhado por seus companheiros.

Nesse dia as honras do torneio tocaram aos campeões do Santo Sepulcro, que ganharam duzentos e vinte e sete pontos, contra os cento e seis de Nimmr.

No segundo dia as justas começavam com o desfile dos combates do dia, apenas precedidos ordinariamente por um arauto; mas daquela vez, com geral surpresa, tornou Bohun a passar, à frente de seus cavaleiros, e de novo parou a fim de olhar de fito a princesa Guinalda.

Nesse dia os cavaleiros de Nimmr tiveram um pouco mais de sorte, fazendo só sete pontos menos que os opositores, embora seu resultado nos dois dias somasse duzentos e sessenta e nove, contra trezentos e noventa e sete dos campeões do Santo Sepulcro.

Dessa maneira, ao começar do terceiro dia, os cavaleiros costistas mostravam-se anchos com sua diferença, para mais. de cento e vinte e oito pontos, ao passo que os de Nimmr se sentiam espicaçados pelo desejo de fazer maiores proezas, sabendo que, para ganharem o torneio, necessitariam obter duzentos e trinta e dois pontos dos restantes trezentos e trinta e quatro do milheiro.

Pela segunda vez, infringindo os antigos usos, Bohun cavalgava à frente dos que iam terçar armas, em seu desfile no princípio do terceiro dia; e, mais uma vez, colheu rédeas em frente ao palanque de Gobred, onde seus olhos se fixaram por instantes no belo rosto de Guinalda, antes que começasse a dizer, em seu tom altivo e arrogante:

— Príncipe Gobred de Nimmr, conforme é já sabedor, meus bravos cavaleiros já estão em vantagem de mais de cento e vinte pontos sobre os seus, pelo que, desde já, nos consideramos vitoriosos no Grande Torneio. Mesmo assim desejamos fazer-lhe uma proposta.

— Fale, Bohun! Longe estamos ainda de considerar perdido por nós o Grande

Torneio; se, todavia, tem alguma proposta digna de ser apresentada a um brioso príncipe, creia firmemente que lhe daremos a consideração devida.

— Pode-se dizer que já são nossas as cinco donzelas de Nimmr — disse Bohun — mas, se me der sua filha para rainha da cidade do Santo Sepulcro, consideraremos o Grande Torneio como ganho pelo seu partido.

Gobred empalideceu de cólera, mas, sabendo dominar suas emoções, como convém a um príncipe, respondeu em tom moderado e igual:

— Sir Bohun — recusava-se a dar-lhe o título de rei — suas palavras são afrontosas para os ouvidos de homens dignos, pois • significam achar que a filha de Gobred é objeto para se vender e que a cavalaria de Nimmr adquiriria honra com semelhante transação. Vá para seu lugar na arena, antes que eu mande meus servos expulsá-lo daqui a bastonadas.

— Essa é a sua resposta? — bradou Bohun. — Saiba então que tomarei as cinco donzelas pelas leis do Grande Torneio e tomarei sua filha pela força das armas!

Proferida esta ameaça, fez o cavalo rodar sobre os pés e esporeou-o, afastando-se.

A notícia dessas palavras de Bohun e da sua repulsa, lavrou como fogo nas fileiras dos cavaleiros de Nimmr, de modo que os que iam contender no último dia das justas, se achavam estimulados no mais alto grau para defender a honra de Nimmr e proteger a Princesa Guinalda.

A grande vantagem obtida pelos cavaleiros do Santo Sepulcro nos dois primeiros dias, operava como novo incentivo para a produção de maior empenho, estimulando-os a empregar o máximo de afoiteza e de esforços. Não havia a necessidade de seus marechais enxotarem-nos. A juventude e a cavalaria de Nimmr ouviram o desafio e dar-lhe-iam a resposta na lição

O encontro, à espada e escudo, de Blake com um cavaleiro do Santo Sepulcro, estava determinado para ser o primeiro do dia. Quando a arena se esvaziou, ele partiu ao som das trombetas, paralelamente à fila sul de palanques, ao passo que seu adversário cavalgava ao longo da fila norte, este último detendo-se em frente ao palanque de Bohun e o primeiro em face do de Gobred, onde levou a cruz da espada aos lábios, em homenagem ao príncipe, fitando ao mesmo tempo o olhar na princesa Guinalda.

— Proceda como verdadeiro cavaleiro neste dia de glória e honra para Nimmr — admoestou o príncipe — e caiam as bênçãos do Senhor em sua pessoa e em sua espada, querido sir James!

"Empenho minha espada e minha vida para a glória e a honra de Nimmr!" deveriam ser as palavras de Blake, consoante os usos nos Grandes Torneios. Ele, porém, disse o seguinte:

— Para a glória e a honra de Nimmr e para a proteção de minha princesa, empenho minha espada e minha vida!

Foi evidente, pela expressão da fisionomia de Gobred, que não lhe desagradara essa fórmula, e atenuou-se ao mesmo tempo a expressão de altivo desdém do semblante de Guinalda.

Ela se alçou lentamente e, arrancando uma fita do vestido, chegou-se à frente do palanque e disse:

— Receba esta prenda de sua dama, senhor cavaleiro, usando-a com honra e para a vitória em seu encontro.

Blake sofreu o animal rente à balaustrada e inclinou-se profundamente, enquanto Guinalda prendia a fita em seu ombro. Os dois rostos estavam mui próximos; ele sentiu o capitoso perfume dos cabelos dela e na face sentiu o calor de seu hálito.

— Amo-a — segredou Blake tão baixo, que mais ninguém, exceto ela, poderia ouvir.

— Insolente — respondeu Guinalda em voz tão baixa como a sua. — É por causa das cinco donzelas que o encorajo com esta prenda.

Blake fitou-a bem nos olhos.

— Amo-a, Guinalda, — disse — e... a senhora ama-me também!

E, antes que ela pudesse responder, Blake volveu-se e afastou-se; as trombetas haviam soado; e ele trotou lentamente para o lugar, na extrema do campo, onde ficavam os pavilhões dos cavaleiros de Nimmr.

Aí se achava o escudeiro Edward, em estado de grande excitação, e também sir Richard e Michel, com um marechal de campo, arautos, trombeteiros, homens de armas — uma verdadeira hoste marcial, para o animar e aconselhar.

Blake jogou para o lado o escudo, mas ninguém o iria censurar por isso. Ao contrário — riram aprovadoramente — pois já não o tinham visto derrotar sir Malud, sem outra defesa exceto sua habilidade de cavaleiro e sua espada?

Soaram outra vez as trombetas. Blake cravou as esporas em seu corcel, dirigindo-se para o centro da arena. Do lado oposto partiu ao seu encontro um cavaleiro do Santo Sepulcro.

— Sir James! sir James! — exclamavam os espectadores nos palanques do lado sul, ao passo que nos do norte bradavam o nome de seu campeão.

— Quem é o cavaleiro negro? — perguntavam-se umas às outras as pessoas do lado norte.

—Ele não tem escudo! — gritou alguém. — Sir Guy o abrirá de meio a meio com

a primeira cutilada!

— Sir Guy! sir Guy!



# Os mouros

PRECISAMENTE à hora de começarem os assaltos, no segundo dia do Grande Torneio, no vale do Santo Sepulcro, para baixo da cidade de Nimmr, um bando de homens trigueiros, com trajos sujos e armados de compridos mosquetes, chegava ao cimo da passagem pelo lado norte do vale, avistando, ao fundo, a cidade do Santo Sepulcro e o castelo do rei Bohun.

Eles haviam subido por um trilho que dantes poderia ter sido uma estrada, mas que tanto tempo ficara abandonada, ou com tão pouco trânsito, que mal a vista o distinguia em meio do mato do chão; Ibn Tad, contudo, viu para baixo, a pequena distância, uma estrada mais batida e, além, uma edificação semelhante a uma fortaleza. Para lá da fortaleza avistou o castelo de Bohun.

À frente deste ficavam as barbacãs que defendiam o castelo e a cidade, os quais se achavam na mesma situação relativa das barbacãs e do castelo do lado sul do vale, que serviam para o príncipe Gobred resguardar a cidade de Nimmr

e o vale, contra o assalto dos mouros, que esperavam a qualquer dia.

Procurando não serem vistos, Ibn Jad e seus beduínos desceram de rojo em direção à barbacã, onde um velho e alguns poucos homens de armas montavam frouxa guarda. Os árabes, ocultos no mato rasteiro da montanha, avistaram dois pretos com singulares uniformes e armados de bestas, a caçar coelhos para fora da grande porta das fortificações. Havia anos que eles não avistavam estranhos a descer por aquele caminho antigo e anos também havia que costumavam caçar entre aquela porta e o cimo da montanha, e, não, mais além, pois não lhe permitiam ultrapassar esses limites. Nem tinham grande desejo de fazê-lo, pois embora descendessem dos galas que viviam para além das grimpas da montanha, julgavam que eles próprios também eram ingleses, e que uma horda de mouros os esperava para aniquilá-los caso se aventurassem a afastar-se muito.

Naquele dia caçavam, como sempre soíam fazer, quando ficavam de guarda na barbacã exterior. Caminhavam sorrateiros, à espera da corrida de algum coelho. Eles não viram nas moitas as caras trigueiras dos árabes a espiá-los.

Ibn Jad observou que a grande porta estava aberta e que a folha da mesma subia e baixava verticalmente. Estava então levantada. Grande era a desídia do velho cavaleiro e dos homens de armas, mas o rei Bohun se achava ausente e ninguém havia ali para censurá-los.

Ibn Jad fez sinal a seus companheiros mais próximos para o acompanharem, e

rojou-se lentamente no chão. avizinhandose da porta.

Que faziam o velho cavaleiro e os outros guardas? O primeiro estava a almoçar relativamente tarde, numa das grandes torres da barbacã, e os demais aproveitaram a frouxidão da disciplina para cochilar um pouco, à sombra de algumas árvores do pátio.

Ibn Jad chegou até poucos metros da porta, ficando ali à espera de que os companheiros o alcançassem. Reunidos que foram todos naquele sítio, ele segredou-lhes recomendações e após seguiram de manso até a porta, com os mosquetes engatilhados nas mãos. Ele ia à frente dos companheiros e já se achavam todos no pátio antes que os homens de armas pressentissem que o inimigo ali entrara.

Súbito, despertos, correram com bestas e alabardas, para defender a porta. Seus gritos: "Os mouros! Os mouros!" fizeram o velho cavaleiro e os caçadores de coelhos convergirem para o pátio.

Mais abaixo, no castelo do rei Bohun, os homens que vigiavam as portas e outros guardas que ali ficaram quando Bohun partiu para o Grande Torneio, ouviram estranhos rumores partidos da barbacã exterior. Chegaram até eles gritos de homens e singulares estampidos semelhando os dos trovões, mas ao mesmo tempo diferentes. Tais sons jamais eles ou seus antepassados tinham ouvido. Reuniram-se todos à porta exterior do castelo e os cavaleiros concertaram entre-si o que deveriam fazer.

Sendo bravos, só uma alternativa era possível. Se as sentinelas da barbacã exterior haviam sido atacadas, deveriam apressar-se a ir socorrê-las. Convocando todos os cavaleiros e homens de armas, à exceção de quatro, o marechal do castelo montou a cavalo e galopou em direção à porta externa.

Quando se achavam a meia distância foram avistados por Ibn Jad e seus homens, os quais, havendo vencido os soldados mal armados que guardavam aquela porta, iam descendo para o lado do castelo. Ao ver o contingente de reforço, Ibn Jad e os outros árabes apressaram-se a esconder-se nas moitas de arbustos existentes à beira da estrada. Sucedeu, por essa razão, que o marechal e seus homens passaram por eles sem os avistar. E, distanciados que foram, Ibn Jad e seus árabes saíram de seus esconderijos e continuaram a descer a estrada tortuosa da montanha, em direção ao castelo do rei Bohun.

Os guardas da porta levadiça do castelo, agora perfeitamente vigilantes, conservavam-na aberta, segundo as instruções do marechal, para o caso de dar entrada aos cavaleiros, que se refugiariam no pátio, se chegassem perseguidos pelos mouros. Nessa hipótese, o plano era baixar a porta depois de entrarem os cavaleiros do Santo Sepulcro e em face dos mouros seus perseguidores, porquanto seus

inimigos não poderiam ser outros. Essa a conjectura mais provável, pois eles e seus antepassados não haviam aguardado seu assalto durante sete séculos e meio? E perguntavam-se, por isso, se enfim sucedera o esperado.

Enquanto tal discutiam, Ibn Jad os espreitava a poucos metros de distância, da moita de arbustos onde se ocultara.

Os astutos árabes conheciam a utilidade da porta levadiça e estavam a planejar o melhor meio de entrar no recinto do castelo antes que a baixassem à sua frente. Por fim o xeque sorriu; havia descoberto um meio. Acenou a três homens para se aproximarem e cochichou-lhes aos ouvidos aquilo que tinha em mente.

Ali estavam quatro homens de armas prontos para descer a porta levadiça no momento psicológico, e todos os quatro eram bem visíveis a Ibn Jad e aos três árabes que estavam perto dele. Com cautela, e sem rumor, os quatro árabes ergueram os velhos mosquetes e fizeram cuidadosa pontaria.

— Pronto! — segredou-lhes Ibn Jad; e os quatro tiros detonaram ao mesmo tempo.

Os quatro homens de armas caíram no chão de lajes e Ibn Jad, com todos os seus companheiros, correram e entraram no pátio do castelo do rei Bohun. Em frente deles, para além do pátio, havia outra porta e um largo fosso, mas a ponte levadiça estava descida, e a porta erguida, e sem guardas para protegê-la.

O marechal de campo e seus companheiros cavalgaram sem encontrar obstáculos até ao pátio da barbacã exterior, onde encontraram todos os seus defensores por terra e banhados no próprio sangue e entre eles o velho cavaleiro que deveria vigiar a porta e não o fez.

Um dos homens de armas ainda vivia e, ao agonizar, revelou a terrível verdade. Afinal tinham vindo os mouros atacá-los.

— Onde estão eles? — inquiriu o marechal.

— Não os viu, então, senhor? — perguntou o moribundo. — Eles desceram a estrada em direção ao castelo.

— É impossível! — exclamou o marechal. — Percorremos toda a estrada e não avistamos nenhum.

— Eles desceram para o rumo do castelo — repetiu arque jante o moribundo.

O marechal cerrou o sobrecenho interrogando:

— Eram muitos?

— Não; eram poucos — respondeu o homem de armas. — Apenas a vanguarda dos exércitos do sultão.

Nesse momento a descarga que derribara os quatro guardas da porta do castelo

soou aos ouvidos do marechal e dos seus homens.

— Pela Cruz de Cristo! — exclamou Ele.

— Decerto estavam escondidos no mato quando passamos — sugeriu um cavaleiro ao lado do marechal: — e mandei que conservassem a porta erguida até o nosso regresso! Valha-me Deus! Entreguei, sem querer, o Santo Sepulcro aos mouros. Mate-me, sir Morley!

— Nada, nada, homem! Nós precisamos de todas as lanças e de todas as espadas e bestas que possuímos. Esta não é a hora de pensarmos em tirar sua vida, que o cavaleiro poderá dar a Nosso Senhor, em defesa de seu Sepulcro contra os infiéis.

— Tem razão, Morley — exclamou o marechal. — Fique aqui então com seis homens e vigie esta porta. Voltarei com os outros para combatê-los no castelo.

Mas quando o marechal retornou à porta do castelo. Ele encontrou-a descida e viu um mouro trigueiro e barbudo a encará-lo por entre a grade de ferro. Imediatamente o marechal ordenou que os besteiros atirassem aquele homem; mas, apenas ergueram suas armas, soou forte estrondo que quase os ensurdeceu, ao mesmo tempo que saltava uma língua de fogo de uma coisa estranha que o mouro apontava contra eles. Um dos besteiros deu um grito e caiu de braços; os outros voltaram para trás e fugiram.

Eles eram valentes em face de perigos naturais e esperados, mas procediam como os demais homens ante o sobrenatural e o fantástico; e que poderia haver mais fantástico para eles do que a morte partir com labaredas e estampido, transpor o espaço e abater um de seus companheiros?

Mas sir Bulland, o marechal de campo, era cavaleiro do Santo Sepulcro. Ele desejaria dar aos calcanhares como os simples homens de armas, mas algo, mais poderoso que o medo da morte, o deteve. Era o que chama Honra.

Sir Bulland não poderia fugir e por isso se quedou montado em seu grande cavalo, a desafiar os mouros para uma luta de morte; dizia-lhes que enviassem seu mais bravo cavaleiro para um combate que decidisse quem ficaria de posse da porta.

Mas os árabes já se haviam apossado dela. Além disso, não lhe compreendiam as palavras. Acrescia, ainda, não terem a noção de honra conforme a entendia sir Bulland, nem, talvez, de qualquer outra, além da dos beduínos, pelo que dariam boas risadas se atinassem com a significação das frases do marechal.

Só uma coisa sabiam — ou antes, duas coisas — uma, que ele era um cristão, e outra que estava desarmado. Não consideravam armas sua grande lança e sua espada. Pois nem com uma nem com a outra os poderia atingir. Por esse motivo, um deles fez cuidadosa pontaria no lugar da cota de malha que cobria o coração nobre e cavalheiresco de sir Bulland.

Havendo percorrido o castelo do rei Bohun, Ibn Jad ficou certo de haver descoberto a misteriosa cidade de Nimmr, de que lhe havia falado o adivinho. Ele arrebanhou as mulheres e crianças, e os poucos homens que ali ficaram, e conservou-os debaixo de guarda. Durante alguns minutos teve a idéia de matá-los por serem todos cristãos, mas tal era seu contentamento por haver descoberto e tomado a cidade do tesouro, que resolveu deixá-los vivos — pelo menos temporariamente.

A uma sua ordem os seus companheiros revistaram todo o castelo, à procura do tesouro. Não tiveram decepção, pois grandes eram as riquezas de Bohun. Consistiam em ouro e pedras preciosas do vale do Santo Sepulcro. No decurso de sete séculos e meio os servos das cidades do Santo Sepulcro e de Nimmr estiveram bateando ouro nos leitos dos riachos e a descobrir pedras preciosas da mesma procedência. O valor desse tesouro não era para os habitantes daquelas cidades o mesmo que lhe daria o mundo exterior. Apesar de considerarem essas coisas como bagatelas, eles as apreciavam e guardavam, ou usavam para ornatos, ou, em certas ocasiões, para fazer permutas; entretanto, não conservavam suas jóias fechadas a chave em salas fortes; para que fazê-lo em uma terra onde não se roubavam tais ninharias? Guardavam suas mulheres e cavalos, mas não o ouro ou jóias que possuíam.

Por essa causa, o produto do saque de Ibn Jad constituía um inapreciável tesouro, que realizava seus mais desvairados sonhos de riqueza. Ele arrecadou o que pôde no castelo do rei Bohun, o que foi mais do que esperava encontrar na cidade misteriosa. Mesmo assim, sucedeu uma coisa estranha. Tendo mais riqueza do que as que poderia utilizar, ele queria ainda mais. Não, não se tratava absolutamente de uma coisa estranha, pois Ibn Jad era humano.

Ele e os seus subordinados passaram a noite no castelo do rei Bohun e, durante essa noite, Ibn Jad concebeu um plano, pois vira um amplo vale que se estendia até longe, ate o sopé de outras montanhas, e, junto a essas montanhas, avistara uma coisa parecida a uma cidade.

— Talvez que naquela cidade haja muito mais riquezas — pensou Ibn Jad. — Irei verificar amanhã cedo.

## CAPÍTULO 18

# O cavaleiro negro

Os DOIS cavalos partiram a galope para a liça. Já quase se encontravam quando sir Guy percebeu que seu adversário não tinha escudo. Que importava porém isso? Foram seus próprios companheiros que o mandaram à liça, e, portanto, a responsabilidade era deles e a vantagem de sir Guy. Mesmo que o mandassem sem espada, sir Guy o teria matado sem julgar maculada sua honra de cavaleiro, pois essas eram as leis do Grande Torneio.

Esta descoberta, porém, produziu no cavaleiro do Santo Sepulcro o efeito de distrair-lhe por um instante a atenção da idéia de ganhar vantagem logo de começo, com um hábil ataque.

Ele viu o cavalo do antagonista caracolar no momento exato do encontro. Ergueu-se nos estribos, como o fizera sir Malud, para desfechar terrível golpe; mas Blake atirou o cavalo de esbarro contra a espádua do cavalo de sir Guy. O ferro deste embateu-se com retinir sonoro na lâmina do cavaleiro de Nimmr, e deslizou inofensivo sobre ela. Guy erguera o escudo para proteger o próprio pescoço e a cabeça, e por isso não via James. O cavalo de Guy tropeçou e quase caiu. Enquanto se equilibrava de novo a espada de Blake se insinuou por sob o escudo do cavaleiro do Santo Sepulcro, e sua ponta perfurou o gorjal do adversário e trespassou-lhe o pescoço.

Com um grito que terminou num gargarejo de sangue, sir Guy do Santo Sepulcro caiu para trás, sobre as ancas do cavalo, e estatelou-se no chão, enquanto os palanques do sul prorrompiam em aplausos frenéticos.

As leis do Grande Torneio consideram morto o cavaleiro desmontado, por isso nunca se dá o golpe de misericórdia, para não se matar desnecessariamente um campeão. A regra era o vencedor cavalgar até o pavilhão do vencido, virar em seguida para trás e galopar para o próprio pavilhão, atravessando toda a liça; e nesse lugar permanecia até que um arauto do partido contrário lhe fosse levar o prêmio da vitória.

Por essa razão, como Blake, depois de derrotar sir Guy, pulasse da sela com a espada na mão, e se aproximasse do adversário caído, houve exclamações de surpresa nos palanques do sul, ao passo que nos do norte rugiam protestos coléricos.

Marechais de campo e arautos partiram a todo o galope do pavilhão do costista derrotado; e, vendo isso, sir Richard, receando que atacassem e matassem Blake, galopou com outros cavaleiros do outro extremo da liça.

Blake aproximou-se do cavaleiro desmontado, que jazia deitado de costas, esforçando-se debilmente para levantar-se; e quando os espectadores esperavam vê-lo atravessar sir Guy com a sua espada, viram-no, em vez disso, atirar sua arma no chão e ajoelhar-se ao lado do ferido.

Amparando com um braço os ombros de sir Guy, ele levantou-lhe o busto e encostou-o em seu próprio joelho, enquanto lhe retirava às pressas o elmo e o gorjal; e quando os marechais de campo e os arautos colheram rédeas perto dele, já Blake tentava estancar o esguicho do sangue.

— Um médico! — bradou-lhes. — Sua jugular não foi atingida, mas é preciso estancar o sangue.

Vários cavaleiros apearam-se e rodearam-nos, achando-se entre eles sir Richard. Um arauto do partido de sir Guy ajoelhou-se junto ao ferido, recebendo-o dos braços de Blake.

— Venha! — disse Richard. — Deixe o nobre cavaleiro aos cuidados de seus amigos.

Blake levantou-se. Ele notou a expressão de estranheza nas faces dos cavaleiros que o rodeavam; e, quando se afastava, um deles lhe dirigiu a palavra. Era um velho, um dos marechais de campo de Bohun.

— O senhor é um cavaleiro generoso e nobre — disse ele a Blake — e corajoso também, por ter assim esquecido as regras do Grande Torneio e dos costumes seculares.

Blake encarou-o de fito, dizendo:

— Não dou um ceitil por suas regras ou costumes. No país de onde venho um homem que se preza não abandona nem mesmo um cão que esteja a perder sangue, sem que tente salvá-lo e muito menos um denodado e galhardo rapaz como este; como ferido pela minha mão, eu, pelos costumes de meu país, era obrigado a auxiliá-lo.

— Sim — explicou sir Richard — pois se assim não fosse o castigariam fazendo-o "ver o russo".

Essa primeira vitória do dia foi simplesmente a precursora de uma série de triunfos dos cavaleiros de Nimmr, de modo que, ao chegarem à última peleja, o resultado era quatrocentos e cinquenta e dois pontos deles contra quatrocentos e quarenta e oito de seus opositores. Uma diferença de quatro pontos nada valia, no entanto, naquele momento do torneio, pois o último recontro daria cem, que o Destino poderia fazer pertencer quase completamente a um só dos partidos.

Aquele era um dos mais sensacionais episódios de todo o torneio, e com grande

antecipação ansiosamente esperado. Travariam peleja duzentos cavaleiros, sendo cem de Nimmr contra cem do Santo Sepulcro. Eles formavam de um e outro lado, nas extremas da liça e, ao toque de avançar, arremetiam com lanças contra os adversários, e prosseguiram a contenda enquanto não fossem desmontados todos os cavaleiros de um partido, ou estes, malferidos, não se retirassem da arena. Podiam substituir as lanças quebradas, assim como a um jogador de pólo se permite a trocar de cavalo, se o seu ficou estafado. Poucas regras, aliás, governavam aquela última lide do Grande Torneio, que mais se assemelhava a uma batalha, do que a qualquer de outras cenas daqueles três dias de competições marciais.

Blake ganhara quinze pontos para os cavaleiros de Nimmr no primeiro encontro do dia e, depois, a cavalo com quatro companheiros, combatendo à espada contra cinco contrários, ajudou a acrescentar novos pontos ao resultado dos frentistas.

Ele entrava no último embate porque os marechais tinham em alta conta sua perícia em equitação, compreendendo ser ela mais do que compensadora de sua inexperiência no manear a lança.

Os duzentos cavaleiros de cota de malha evoluíram em imponente desfile, antes do combate final, e em seguida alinharam-se em dois lados opostos da liça, ficando os cem de Nimmr de um lado e os cem do Santo Sepulcro do outro. Seus cavalos de batalha, escolhidos adrede para aquele combate, eram possantes e ligeiros; escolheram-nos por coragem, assim como os jovens que os montavam.

Com poucas exceções, os cavaleiros escavam na casa dos vinte anos, pois, como sucede ainda hoje, os louros dos grandes esportes medievais, eram conferidos aos moços. Só aqui e ali se via algum homem de meia-idade, algum rijo veterano cujo denodo e mão firme resistiram ao curso dos anos e cuja presença incutia confiança nos jovens, incitando-os a empregarem seus máximos esforços, pois os feitos desses campeões eram decantados pelos menestréis nos grandes salões dos castelos de Nimmr.

Os duzentos cavaleiros, em majestosas filas, de lanças erguidas e pendões ondulando ao vento, tendo o sol a faiscar nas cotas de malha, nos escudos, nas pontas das lanças e nos ricos jaezes de seus corcéis, formavam um quadro imponente, enquanto aguardavam o toque de investir.

A recuar e a passarinhar, ansiosos para partir, muitos cavalos de batalha saíram da fila, como o faz o puro-sangue por ocasião de corridas, enquanto um arauto postado a um extremo, na linha central da liça, aguardava o instante em que se formassem as duas filas, para dar o sinal do combate àqueles homens encouraçados de ferro.

Blake se achava perto do centro da fila dos cavaleiros de Nimmr, montado em um feroso cavalo preto impaciente para investir, e tendo à sua frente a flor da cavalaria



do Santo Sepulcro. Com a sua destra empunhava uma pesada lança cujo conto descansava em seu encaixe junto ao estribo e com a esquerda abraçava um grande escudo, do qual não tinha a mínima vontade de se descartar, em face daquela floresta de formidáveis lanças de agudas pontas de ferro.

Enquanto com o olhar media a grande largura da liça, através da qual, daí a pouco, os cem cavaleiros arremeteriam para o lado dele em compacta formação e com as pontas das lanças a projetar-se muito à frente de seu cavalo. Blake compreendeu que seu escudo lhe era uma fraca defesa e, por isso, sentiu certo nervosismo que lhe trouxe à memória momentos idênticos de tensa expectativa do apito do juiz nos seus tempos de futebolista — tempos esses que se lhe figuravam remotos, e em uma outra vida muito diferente.

Iam dar, finalmente, o sinal! Ele viu o arauto alçar a espada. Os duzentos cavaleiros ficaram alerta, lança em riste, e a conter os fogosos animais. Caiu a espada! Trombetas clangorejaram dos quatro cantos da arena. De duzentas gargantas romperam gritos de guerra, e quatrocentas esporas transmitiram aos cavalos o esperado sinal.

As duas filas trupitantes precipitaram-se para a liça, ao passo que duas dezenas de arautos galopavam para os flancos e retaguardas a fim de verificarem as infrações da única regra a que era submetido aquele tumultuoso recontro final e que era o dever de cada cavaleiro atacar o antagonista por cima da mão que segurava as rédeas; atacar o lado direito considerava-se ato desleal, porque, se fosse lícito, poderia o mesmo cavaleiro sofrer o ataque simultâneo de duas lanças, o que lhe impossibilitaria o defender-se.

Por cima da beira de seu escudo Blake enxergou já quase sobre ele a compacta barreira de lanças, de ferrados cavalos de batalha e de grandes escudos. Seu ímpeto veloz parecia irresistível e, ao seu aspecto, Blake, possuidor de profundo respeito, tirou metaforicamente o chapéu aos cavaleiros de antanho.

Já se iam entrechocar as duas filas! Nos palanques, os espectadores emudeceram. De maxilas cerradas, também Blake apontou sua lança contra o cavaleiro mais próximo. da esquerda; os olhares dos dois cruzaram-se num rápido instante, e encolheram-se atrás dos respectivos escudos ao momento em que as duas filas se topavam com um espantoso fragor.

O escudo de Blake foi-lhe atirado contra o rosto e o corpo com força tão terrível que quase o alijou da sela. Sentiu sua própria lança chocar num obstáculo e quebrar-se; em seguida, atordoado, viu-se do outro lado da muralha de lanças, enquanto seu cavalo, desgobernado e em desapode-rada corrida, o carregava para o lado dos pavilhões dos cavaleiros de Bohun.

Com esforço de vontade Blake caiu em si e colheu as rédeas, conseguindo por fim dominar sua montaria; e só depois que o fez, ao voltar-se, pôde ver o resultado da primeira arrancada. Meia dúzia de cavalos levantava-se a custo do chão e cerca de alguns vinte galopavam a esmo sem cavaleiros, pela arena; vinte e cinco cavaleiros, ou mais, jaziam por terra e muitos escudeiros e servidores corriam para socorrer os seus senhores.

Já muitos campeões investiam de novo os adversários. Vendo Blake a um dos cavaleiros do Santo Sepulcro avançar para seu lado, ergueu o coto da lança quebrada para significar que se achava temporariamente fora de combate; e ato continuo retornou, a galope, para o extremo da liça reservada aos de Nimmr, onde Edward o esperava com outra lança.

— Bravos, meu amado senhor! — bradou-lhe Edward, à chegada.

— Acertei no meu homem? — perguntou Blake.

— Se acertou! — disse Edward exultante e ancho de orgulho. — Quebrou a lança no escudo dele e o derribou por terra!

Outra vez armado, Blake voltou para o centro da arena, onde se verificavam muitos combates singulares. Já vários outros cavaleiros haviam caído e os vencedores ansiavam por novos triunfos, aos quais os dos palanques assistiam dando altos gritos e bradando advertências. Quando regressava para o meio da liça, Blake era muito observado dos palanques do norte, reservado às pessoas do Santo Sepulcro.

— O cavaleiro negro! O cavaleiro negro! — clamavam muitas vozes. — Sir Wildred, eis o cavaleiro negro que derrotou sir Guy! Contra Ele, sir Wildred! Contra Ele!

A cem metros de distância, sir Wildred baixou a lança, bradando:

— Em guarda, senhor Cavaleiro Negro!

— Espere sua conta! — gritou-lhe Blake em resposta. Sir Wildred era corpulento e montava um cavalo rijo, de ligeireza de veado e coragem leonina.

Cavaleiro e cavalo constituíam uma parelha inigualável a qualquer dos campeões de Nimmr.

Foi bom, porventura, para maior tranqüilidade de Blake, ver este a sir Wildred como a um cavaleiro qualquer, ignorando ser o mais decantado dos heróis do Santo Sepulcro.

O fato é que todos os cavaleiros pareciam formidáveis para Blake, que ainda não podia compreender como, no embate inicial, alijara da sela o seu contrário.

— Naturalmente o meu "pássaro" perdeu os dois estribos — foi o que cogitou,

quando Edward lhe deu a conhecer a sua vitória.

Mas, como bom e leal cavaleiro, meteu a lança em riste e arrancou contra o temeroso sir Wildred. Vindo do lado dos palanques do sul, o cavaleiro do Santo Sepulcro atravessava o campo em diagonal. Além do mesmo, Blake avistou num relance uma figura esbelta de jovem, de pé no palanque central. Não podia ver-lhe os olhos, mas sabia estarem cravados nele.

— Pela minha princesa! — murmurou, quando sir Wildred cresceu formidável à sua frente.

No momento do encontro, tão terrível foi o embate das lanças nos escudos, que Blake se sentiu deslocado da sela, e atirado violentamente ao chão. Não perdeu os sentidos nem se feriu gravemente, e, ao sentar-se, desfechou subitamente uma risada sarcástica, porque perto, à distância, quando muito, de um comprimento de lança, viu também sir Wildred sentado no solo.

— Perro dos diabos! Está rindo de mim? — irritou-se sir Wildred.

— Se meu aspecto foi tão cômico como o seu. Você também terá motivo para se desbarrigar de riso.

Sir Wildred franziu a testa, exclamando:

— Que estranho falar! É mais fácil eu ser mouro, do que você um cavaleiro de Nimmr.

Blake havia-se levantado.

— Machucou-se muito? — perguntou, caminhando para o lado dele. — Dê-me a mão para eu o ajudar a erguer-se.

— Que singularidade de maneiras, senhor cavaleiro! — observou sir Wildred. — Lembra-me agora que foi o primeiro a prestar socorro a sir Guy, quando o venceu em combate leal.

— Então? Que mal existe nisso? — replicou Blake. — Não tenho nada contra meus nobres adversários. Corremos um bom risco, mas já nos livramos dele. Para que havíamos de ficar sentados, a fazer caretas um para o outro?

Sir Wildred abanou a cabeça comentando:

— Seu procedimento fica além de minha compreensão. A esse tempo haviam ali chegado seus escudeiros e dois servos, mas nenhum dos dois cavaleiros se ferira tão grave na queda que não pudesse andar sem auxílio. Ao partirem para seus respectivos pavilhões, Blake voltou-se e sorriu para Wildred.

— Tchau, meu velho — disse jovialmente. — Espero que nos reencontremos ainda!

Ainda a abanar a cabeça, sir Wildred se afastou mancando, acompanhado pelos dois homens que foram socorrê-lo.

Chegado a seu pavilhão, Blake soube que o resultado do Grande Torneio ainda se achava duvidoso. Somente daí a meia hora foi derrotado o último dos cavaleiros de Nimmr, ficando no campo, vitoriosos, dois cavaleiros do Santo Sepulcro. Mas isto não bastaria para cobrir a diferença de quatro pontos que os frentistas obtiveram antes da lide final. Por essa causa, daí a instantes os arautos anunciaram a vitória dos cavaleiros de Nimmr sobre os adversários, no Grande Torneio, por uma diferença de dois pontos.

Os cavaleiros frentistas, que haviam tomado parte no torneio e ganhado pontos para sua partida, cavalgaram em formação regular e em meio às aclamações dos ocupantes dos palanques do sul, para ir reclamar o grande prêmio. Nem todos os vencedores figuravam entre eles, pois haviam sido mortos ou feridos após as suas vitórias, embora os claros das duas facções fossem bem menores do que o previra Blake. Houvera cinco mortos e talvez alguns vinte feridos impossibilitados de cavalgar, tendo sido atingidos, os dois partidos, em condições mais ou menos iguais.

Quando os cavaleiros de Nimmr atravessavam a arena para reclamarem as cinco donzelas da cidade do Santo Sepulcro, Bohun reunia todos os seus parciais no lado da liça que lhes era reservado, como a preparar a retirada para o seu acampamento. Nesse mesmo instante um cavaleiro do Santo Sepulcro, dissimulado com um capacete de pele de pantera de Nimmr, entrava, pelo lado de trás, no lugar dos palanques do norte, em direção ao do príncipe Gobred.

Bohun achava-se vigilante. Os cavaleiros de Nimmr se encontravam na extrema oposta da arena, absorvidos pelo cerimonial que as regras tradicionais do Grande Torneio prescreviam para a entrega das cinco jovens.

Rente a Bohun estavam dois cavaleiros com o olhar fito no rei. Um deles segurava as rédeas de um cavalo desocupado.

Subitamente Bohun ergueu a mão e arrancou a galope para o meio da liça, aproximando-se um tanto dos cavaleiros de Nimmr, para que o grosso de sua hoste ficasse entre aquela parte do campo e o palanque de Gobred, de modo que aqueles não pudessem ver o que se passasse no referido palanque.

O jovem cavaleiro que estava perto de Bohun e seu companheiro com o cavalo desocupado partiram a todo o galope em direção aos palanques de Nimmr e especialmente ao do príncipe. Tanto que estacaram junto do mesmo, o cavaleiro disfarçado precipitou-se pelo lado de trás nesse palanque, arrebatou Guinalda em seus braços, entregou-a rápido ao jovem cavaleiro, que já a esperava, saltou sobre a grade e montou lépido no cavalo desocupado que se achava preparado para ele; em

seguida giraram os animais sobre as patas traseiras e fugiram, antes que o espantado Gobred ou os que se achavam perto pudessem procurar detê-los. Atrás deles galoparam Bohun e os cavaleiros do Santo Sepulcro no rumo do acampamento que ficava entre os carvalhos.

No mesmo instante reinou verdadeiro pandemônio; um trombeteiro deu um toque de alarma do palanque de Gobred; o príncipe saiu a correr do palanque, demandando o lugar onde o moço estribeiro segurava o seu animal; ignorando o que sucedera, os cavaleiros de Nimmr não sabiam para onde dirigir-se, nem contra quem, pelo que vaguearam desorientados na arena por espaço de alguns momentos.

Gobred, porém, chegou a toda a brida ao lugar onde estavam e gritou:

— Bohun roubou minha filha, a princesa Guinalda. Cavaleiros de Nimmr... — mas, antes que concluísse a frase, ou desse ordens aos seus partidários, já um cavaleiro negro em um cavalo negro atravessava em esfuziante galope as filas dos cavaleiros mais próximos e afastava-se rápido ao encalço dos cavaleiros do Santo Sepulcro.

# Lorde Tarzan

TOLLOG teve um sorriso satânico por haver atrapalhado o plano de Ateja, que desejava avisar o cristão do conluio havido para matá-lo, e deu graças a Alá por tê-lo colocado em situação de interceptar os passos da jovem antes que ela cavasse a ruína de todos eles. No momento em que Tollog, o irmão do xeque, sorria consigo mesmo, saiu uma mão do escuro, atrás dele, e empolgou-o pelo pescoço; e assim preso seguramente, foi levado à força daquele lugar.

Tollog foi conduzido até a barraca que fora de Zevd e que haviam armado para o cristão. Ele debateu-se e tentou gritar socorro mas sentiu-se impotente para fazê-lo, com as mãos de aço que o agarravam e sufocavam.

No interior da barraca uma voz sussurrou-lhe ao ouvido:

— Se você gritar, Tollog, eu o matarei.

Então afrouxou a pressão dos dedos na garganta. E Tollog não pediu socorro, pois reconheceu a voz de quem falara e tinha certeza de que ele não faria uma ameaça vã.

Conservando-se em silêncio deixou-se amarrar fortemente nos pulsos e nos pés; em seguida foi-lhe posta na boca uma mordaça. Sentiu que o embrulhavam com seu albornoz, cobrindo-lhe o rosto, e em seguida... reinou silêncio.

Ele ouviu Stimbol entrar sorrateiro na barraca, mas pensou que fosse ainda a pessoa que o amarrara. E desse modo morreu Tollog, o irmão de Ibn Jad; morreu conforme ele próprio quisera que Tarzan dos Macacos morresse.

E, sabendo que ele morreria assim, o homem-macaco teve um sorriso sardônico, no momento em que se apressava, através da floresta, em seguir na direção sudeste.

Tarzan não procurava os beduínos, e, sim, Blake. Tendo-se certificado de que o branco do acampamento de Ibn Jad era Stimbol, e de que ninguém sabia o paradeiro do outro americano, tratou de voltar depressa para o lugar onde os pretos lhe contaram que seu bwana desaparecera, na esperança de descobrir-lhe o rastro, e caso não pudesse mais auxiliá-lo, pelo menos de saber qual fora o seu destino. Tarzan viajava rápido e seus agudos sentidos da vista e do olfato o auxiliaram grandemente em arrancar à mata os seus segredos; mesmo assim, foi só três dias depois que descobriu o lugar onde Ara, o raio, fulmirara o preto que carregava a carabina de Blake.

Nesse ponto ele descobriu ligeiros vestígios de que o americano se dirigira para o

norte. Tarzan abanou a cabeça, pois sabia existir largo trato de floresta desabitada entre aquele lugar e as primeiras aldeias galas. Também sabia ele que, se Blake sobrevivesse à fome e aos riscos de ser devorado pelos animais selvagens, o resultado certo seria cair vitimado por uma lançada gala.

Durante dois dias Tarzan seguiu rastros que nenhuns outros olhos humanos, exceto os seus, descobririam. Pela tarde do segundo dia chegou onde existia uma grande cruz de pedra erguida no meio de uma estrada antiga. Tarzan estava oculto no mato quando avistou a cruz, pois caminhava como fazem as feras, aproveitando todos os esconderijos, receando os objetos estranhos, sempre pronto para fugir, ou para lutar, conforme a ocasião o exigisse.

Por isso, não foi ele cair cegamente nas garras dos dois homens de armas que vigiavam a entrada do túnel que levava para a cidade de Nimmr. Aos seus ouvidos apurados chegou o som das vozes deles muito antes que os avistasse.

Assim como Sheeta ou Numa se aproximam da presa sorrateiros, também Tarzan dos Macacos rojou-se em silêncio por entre as moitas de arbustos até chegar a poucos metros de distância dos guardas. Com grande espanto seu, os ouviu conversar em um inglês arcaico que, embora compreensivo para Ele, já era como que uma língua estranha. Maravilhou-se de seus trajes antiquados e armas desusadas e teve então a explicação do desaparecimento de Blake cujo triste destino mais ou menos já imaginava qual fora.

Durante algum tempo ficou Tarzan espreitando os dois negros com os olhos fixos, verrumantes — como se fosse o próprio Numa a calcular as probabilidades de um ataque súbito. Viu-os a ambos armados com piques e espadas. Embora no seu inglês, os pretos, dizia-se Tarzan, poderiam dar-lhe alguma notícia de Blake. Mas recebê-lo-iam como amigo ou tentariam subjugá-lo e matá-lo?

Ele compreendeu que não poderia certificar-se da atitude dos dois se ali se conservasse oculto no mato, e, por isso, contraiu-se como faz Numa ao saltar sobre a presa.

Os dois pretos estavam a conversar despreocupados, sem pensar, nem por sombras, em perigo, quando de chofre Tarzan se precipitou sobre as costas do mais próximo, e o atirou ao chão. E o homem-macaco carregou sua vítima para o esconderijo de onde saltara, enquanto o outro preto virava as costas e fugia em direção ao túnel.

O homem que Tarzan agarrara, esperneava para libertar-se, mas o homem-macaco o segurava tão fácil como se ele fora uma criança.

— Fique quieto — avisou — que não lhe farei mal

— Pelas chagas de Cristo! — bradou o negro - que espécie de criatura é o

senhor?

— Sou um homem que não lhe fará mal se lhe disser a verdade — respondeu Tarzan.

— Que quer saber? — interrogou o preto.

— Um homem branco passou por esse caminho há muitas semanas. Onde está Ele?

— Refere-se a sir James? — inquiriu o guarda.

— Sir James! — refletiu Tarzan; e prontamente lembrou-se de que o primeiro nome de Blake era James. — ele chamava-se James — respondeu. — James Blake.

— Então é a mesma pessoa — disse o preto.

— Onde está ele agora?

— Está a defender a honra de Jesus Cristo e a dos cavaleiros de Nimmr, em um Grande Torneio, na arena da planície abaixo da cidade de Nimmr; e se veio atacar nosso bom sir James, encontrá-lo-á entre muitos valentes cavaleiros e homens de armas que aceitarão seu desafio por Ele.

— Procuro-o como amigo — disse Tarzan.

— Se é amigo de sir James, por que, então, saltou sobre mim? — indagou o guarda.

— Eu não sabia como você o recebeu ou como ia receber-me.

— Um amigo de sir James será sempre bem acolhido em Nimmr — disse o preto.

Tarzan apossou-se da espada do preto e permitiu-lhe que se levantasse; quanto ao pique, o mesmo o deixara cair ao ser arrastado para o mato.

— Siga à frente e leve-me onde está o seu senhor — ordenou o homem-macaco — e lembre-se de que pagará com a vida se me armar alguma cilada.

— Não me obrigue a deixar a estrada sem uma sen-tinela que vigie os mouros — suplicou o preto. — Logo meu companheiro voltará com outros homens e então lhes pedirei que o conduzam aonde deseja.

— Está bem — concordou o homem-macaco.

Não se passou muito tempo antes que ouvissem os sons precipites de passos e um forte ferralhar e retinir de metais.

Logo depois Tarzan ficou surpreso por ver um branco, de cota de malha e com espada e escudo, a descer rápido o caminho, acompanhado de doze pretos armados de piques.

— Diga-lhes que se detenham — ordenou Tarzan apoiando a ponta da espada do



preto nas costas do mesmo. — Diga-lhes que quero falar com eles antes que se aproximem muito.

— Parem, por Jesus! — esgüelou-se o preto. — Este homem é amigo de sir James, mas me atravessará com a minha própria espada se os senhores chegarem muito perto. Parlamento daí com Ele, nobre senhor cavaleiro, pois desejo continuar vivo até saber o resultado do Grande Torneio.

O cavaleiro fez alto a poucos passos de Tarzan e observou-o da cabeça aos pés. Em seguida perguntou:

— É em verdade um amigo de sir James? Tarzan acenou que sim.

— Estou-o procurando há muitos dias.

— E sucedeu-lhe algum desastre em que perdeu as suas vestes?

O homem-macaco sorriu ao responder:

— No mato é assim que sempre ando.

— É um nobre cavaleiro e do mesmo país que sir James?

— Eu sou inglês — respondeu Tarzan dos Macacos.

— Inglês! Seja três vezes bem-vindo à cidade de Nimmr! Eu sou sir Bertram, e muito amigo de sir James.

— Eu me chamo Tarzan — disse o homem-macaco.

— E qual é o seu título? — inquiriu sir Bertram. Tarzan ficou intrigado com as maneiras estranhas e o nobre garbo daquele homem que parecia desejar tratá-lo como amigo, mas compreendeu que, fosse quem fosse, o tomaria mais a sério e ficaria mais bem impressionado se soubesse que Tarzan era homem de posição; por isso disse-lhe, com verdade, no seu modo calmo de falar:

— Sou visconde.

— Um par do reino! — exclamou sir Bertram. — O príncipe Gobred ficará satisfeitiíssimo recebendo-o em sua cidade, lorde Tarzan. Venha comigo para que eu lhe forneça trajos de acordo com sua situação social!

Da barbacã exterior Bertram levou Tarzan para o edificio reservado ao cavaleiro comandante dos guardas e ali o fez ficar até voltar do castelo seu escudeiro, que lá fora buscar roupas e um cavalo; e enquanto se achava à espera Bertram narrou a Tarzan tudo o que acontecera a Blake desde sua chegada a Nimmr, e também muita coisa da história singular daquela desconhecida colônia britânica.

Quando o escudeiro voltou com as roupas, verificou-se que serviam para o homem-macaco pois Bertram também era corpulento. Daí a pouco, Tarzan dos Macacos apresentava-se garboso como um cavaleiro de Nimmr e cavalgava em

companhia de sir Bertram, em direção ao castelo. Lá chegados, o cavaleiro anunciou-o na porta como sendo o lorde visconde Tarzan. Logo que entraram, ele apresentou-o a outro cavaleiro a quem persuadiu a montar guarda na porta, para encarregar-se de conduzir Tarzan à liça, a fim de ser apresentado a Gobred e presenciar as últimas cenas do Torneio, se este já não tivesse encerrado quando chegassem.

E, deste modo, Tarzan dos Macacos viu-se vestido de cota de malha e munido de lança e espada, a cavalgar montanha abaixo em direção ao Santo Sepulcro, exatamente quando Bohun punha em execução seu plano vil, raptando a princesa Guinalda.

Muito antes que eles chegassem à liça, Bertram notou que ocorrera algo anormal, pois viam duas nuvens de pó a avançar rapidamente para o norte, distanciando-se da arena, como se uma das hostes dos cavaleiros perseguisse a outra. Ele esporeou o animal e Tarzan imitou-o; e, chegando à liça após galoparem a toda a brida, acharam aí um como pandemônio.

As mulheres preparavam-se para regressar a cavalo a Nimmr, escoltadas por alguns poucos cavaleiros que Gobred mandara para guardá-las. A gente de armas formava em companhias mas tudo se fazia às tontas, e sem nada compreender ao certo; e grande parte dos homens subia aos pontos mais altos dos palanques e olhava para o norte uma nuvem de pó cuja significação ignorava.

Sir Bertram abeirou-se de um de seus amigos.

— Que aconteceu? — perguntou.

— Bohun apoderou-se da princesa Guinalda e levou-a consigo — foi a resposta surpreendente.

— Com mil diabos! — gritou Bertram, preparando-se para novo galope. — Quer acompanhar-me a serviço de nossa princesa, lorde Tarzan?

Como única resposta, Tarzan esporeou seu cavalo, fazendo-o emparelhar-se com o de Bertram. E, estribo contra estribo, os dois se precipitaram através da planície. Nesse momento, muito longe deles, Blake se aproximava cada vez mais dos fugitivos cavaleiros do Santo Sepulcro. Tão densa era a nuvem de pó que levantavam, que os ocultava a seu perseguidor, assim como ocultava este aos mesmos; e, desta forma, era sem vê-los que Blake cada vez mais se avizinhava deles.

O americano não carregava lança nem escudo, mas sua espada lhe oscilava e retinia ao lado, e na cintura, à direita, também tinha o seu revólver quarenta e cinco. Mesmo quando armado com as armas usadas em Nimmr, desde sua chegada a essa cidade, ele trazia consigo aquela arma de um mundo diverso e de outra época.

Quando lhe perguntavam o que era aquilo, respondia ser um talismã que dava sorte, mas intimamente dizia-se que algum dia aquele objeto poderia prestar melhor serviço do que nem por sombras o imaginariam aqueles simples cavaleiros e damas.

Resolvera não se utilizar dessa arma salvo em luta, isto é, como último recurso contra a sorte adversa ou o procedimento desleal de algum contrário; e viva satisfação sentia agora em tê-lo à cinta, pois isso poderia significar a diferença entre a liberdade e o cativo da mulher a quem amava.

Aos poucos se chegava mais perto dos últimos cavaleiros do Santo Sepulcro. Seu cavalo de batalha, adestrado para dar provas da máxima resistência e carregar o grande peso do cavaleiro e sua armadura, conservava-se no centro do grupo fugitivo, apesar do rápido galope em que partiram da arena de Nimmr.

A poeira erguia-se em ondas sob as patas ferradas dos cavalos, Blake ia ao acaso atravessando-a, conseguindo aqui e ali avistar vagamente e de relance os cavaleiros. Seu animal preto, resistente, rápido e corajoso não demonstrava sinal de fadiga. O cavaleiro levava a espada desembainhada, pronta para o ataque. Naquele momento já ele não era um cavaleiro negro, e, sim, pardo. O elmo e a cota de malha, e o luxuoso caparazão de seu cavalo e o próprio cavalo mostravam-se pardos de pó. Blake viu de relance o cavaleiro mais próximo dele. Achava-se também pardo de poeira! Num relâmpago o americano compreendeu o valor daquele disfarce de que o acaso o revestira. Ele podia misturar-se com os adversários, sem que estes suspeitassem que não era um dos seus.

No mesmo instante embainhou a espada e esporeou o animal, mas afastou-se um tanto do cavaleiro antes de passar por ele. Estimulando mais o cavalo, Blake entrou no meio do grupo dos cavaleiros de Bohun. Em algum lugar haveria carga dobrada em um cavalo e era este o que ele tentava descobrir.

Quanto mais se aproximava da frente da cavalgada, maior se tornava o risco de ser descoberto, pois a poeira aí era menos espessa e poderiam se avistar a maior distância as pessoas; como, porém, sua armadura e o rosto, e a pele de pantera de seu elmo estavam revestidos de grossa camada parda, os cavaleiros inimigos não o reconheceram, apesar de o observarem atentamente quando passava por eles.

Um deles interpelou-o:

— É você, Percival?

— Não — respondeu Blake, tocando um pouco mais depressa.

Certo momento, vagamente, e bem adiante ele avistou um grupo compacto de poucos cavaleiros e houve um instante em que julgou divisar entre eles uns trajos esvoaçantes de mulher. Esporeando mais seu murzelo, alcançou-os, verificando então que um deles carregava uma mulher à frente do selim.

Desembainhando a espada, meteu-se por entre os dois cavaleiros que cavalgavam logo atrás daquele que carregava Guinalda. Passando entre eles, Blake com dois golpes de espada fê-los subitamente desmontar.

A um esporear mais vivo, seu cavalo negro se pôs rente ao jovem cavaleiro que levava nos braços a princesa. Tão rápido procedeu que os cavaleiros que cavalgavam à distância do comprimento de um braço não tiveram tempo de perceber o que sucedia e muito menos de evitá-lo.

Num átimo Blake passou o braço esquerdo em tomo da cinta da jovem, ao mesmo tempo em que, com a direita, atravessava à espada o corpo do cavaleiro raptor. E arrebatou Guinalda aos braços inertes dele, ao mesmo tempo em que o cavaleiro, cabeça para baixo, tombava da sua sela.

Tão fundamente espetara a lâmina, que ficou sem a espada que matara quem daquele modo procedera para com a mulher que ele amava.

Soaram gritos de furor, e ao mesmo tempo os cavaleiros arrancaram em sua perseguição e o cavaleiro negro, rédea solta, corria vertiginosamente. Bem atrás de Blake surgiu um cavaleiro gigantesco e outro já estava quase ao seu lado. O primeiro, de pé nos estribos, puxava a espada, ao passo que o segundo já quase atingia Blake, com a ponta de sua lâmina.

A soltar terríveis pragas, e de feições contorcidas pelo furor, eles procuravam matar o temerário que quase lhes inutilizara os planos. Quanto a conseguir inutilizá-los, nem remotamente o admitiam, pois era apenas um contra mil.

Então sucedeu uma coisa que nem eles nem seus antepassados nunca viram. Blake tirou da cinta seu quarenta e cinco; houve um estampido e o cavaleiro que se achava atrás de Blake pendeu para a frente e tombou ao chão. Voltando-se sobre a sela. O americano atirou o outro cavaleiro, entre os olhos.

Cheios de terror, dispararam os corcéis de outros cavaleiros próximos que constituíam ameaça para Blake, e o mesmo fez seu grande cavalo preto; mas ao mesmo tempo em que com a mão direita repunha o revólver na capa e colhia as rédeas, o americano inclinava-se para a esquerda, forçando assim o animal a voltar-se aos poucos para a direção em que ele o desejava levar. O plano de Blake era rodear a vanguarda dos cavaleiros do Santo Sepulcro e voltar-se em seguida para o sul. Rumando para Nimmr.

Ele tinha a certeza de que Gobred e seus companheiros os estariam perseguindo de perto e que seria simples questão de minutos ver Guinalda em segurança, protegida por mil cavaleiros ou mais cada um dos quais, de bom grado, daria a vida por ela.

Mas os cavaleiros inimigos espalhavam-se em frente maior do que Blake

calculara e dado momento ele os viu chegar, a galope, à sua esquerda, o que o forçou a dirigir-se mais ainda para o norte.

Eles se achavam cada vez mais perto; e o americano viu-se outra vez forçado a largar as rédeas e puxar o revólver. Um tiro fez recuar e debandar os animais dos cavaleiros mais ameaçadores, apavorados por aquele inusitado estrondo e pôs o seu cavalo negro em novo paroxismo de terror, do que quase resultou Blake e a jovem serem cuspidos ao chão.

Quando, afinal, pôde dominar o cavalo, viu mui longe, para trás, a nuvem de poeira que indicava a posição dos cavaleiros do Santo Sepulcro, e, bem perto, à sua esquerda, uma grande mata, cujos sombrios recessos lhes proporcionavam, pelo menos para aquela ocasião, um bom esconderijo.

Entrados na floresta, ele sofreu o animal e delicadamente depositou Guinalda no solo. Em seguida apeou-se e amarrou o cavalo preto numa árvore, pois Blake, depois de todas as suas façanhas do dia, se achava estafado e seu murzelo, não menos que ele.

Blake tirou as mantas e o pesado selim do animal, tirou-lhe o grande freio da boca, tornou a pôr-lhe parte das mantas para esperar que ele estivesse menos encalmado. Não dirigindo o olhar à princesa enquanto não acabou de cuidar do cavalo.

Em seguida volveu-se para ela e fitou-a. Apoiada a uma árvore, Guinalda estivera a observá-lo.

— É um bravo, senhor cavaleiro! — disse docemente e acrescentou, com altivez: — porém é, mesmo assim, um insolente!

Blake teve um tênue sorriso. Achava-se fatigadíssimo para querer discutir. Como quem não lhe ouvira as palavras, limitou-se a dizer à princesa:

— Com grande pesar preciso pedir-lhe que puxe sir Galahad pelo cabresto, fazendo passear um pouco, até ele refrescar, pois estou muito exausto para fazê-lo eu próprio.

A princesa Guinalda encarou-o com assombro e gaguejou:

— Quer que eu... que eu puxe o cavalo, eu... uma princesa?

— Não o posso refrescar eu mesmo, princesa — insistiu Blake. — Estou a pôr os bofes pela boca. Não parei até agora, desde o nascer do dia, e sobrecarregado com esta incômoda armadura. É preciso, por isso, que seja a senhora quem o faça.

— É preciso! Quer então dar-me ordens?

— Não discuta, peço-lhe! — advertiu Blake em tom breve. — Sou responsável pela sua salvação e tudo pode depender deste cavalo. Vamos! Faça o que digo!

Puxe-o de um para outro lado, devagar.

Com lágrimas de raiva nos olhos a princesa Guinalda ia replicar-lhe arrebatadamente, mas viu algo no olhar de Blake que a fez silenciar. Encarou-o demoradamente e em seguida afastou-se para onde estava o cavalo. Desamarrando o cabresto que o prendia à árvore, fê-lo passear, lentamente, de um para outro lado, enquanto Blake, sentado, e encostado a um grosso tronco, observava a planície escampada, à espreita do primeiro indício de perseguição.

Mas não o perseguiram, porque os cavaleiros de Nimmr haviam alcançado os do Santo Sepulcro e as duas forças combatiam, sem se deter, galopando cada vez mais para o norte do vale, para o lado da cidade do Santo Sepulcro.

Por espaço de meia hora Guinalda fez o cavalo preto passear. Ela puxava-o em silêncio, e em silêncio Blake observava o vale. Após aquele espaço de tempo ele voltou-se para a moça e levantou-se.

— Basta — disse, dirigindo-se para ela. — Obrigado. Deixe-me friccioná-lo agora um pouco. Eu estava muito exausto para poder fazê-lo antes.

Sem uma palavra ela puxou o animal para o lado dele. Então Blake com folhas secas esfregou o cavalo desde o focinho até à cauda. Havendo terminado, arreou-o de novo e foi sentar-se ao lado da jovem. E fitou-lhe o nariz reto, o lábio superior contraído e o comportamento altivo. "É encantadora", murmurou consigo, "mas egoísta, arrogante e cruel". Quando, porém, Guinalda voltou os olhos para o lado dele, embora sem parecer fitá-lo, como se Blake ali não estivesse, eles pareciam desmentir todas as outras provas desfavoráveis.

O americano notou que seu olhar não parava. Errava de um a outro ponto, insistindo, porém, em sondar a espessura da mata e as copas. Certo momento ela sobressaltou-se e encarou perscrutadoramente certo ponto da selva.

— Que é? — perguntou Blake.

— Parece-me ouvir uma coisa mover-se entre as árvores — disse. — Saíamos daqui.

— Já não tarda o crepúsculo — respondeu ele. — Assim que anoitecer voltaremos para Nimmr em segurança. Alguns dos cavaleiros de Bohun podem estar ainda à sua procura.

— Como! — exclamou a princesa. — Ficaremos aqui até a noite? Não sabe em que lugar estamos?

— Que tem esse lugar? — perguntou Blake.

Inclinando-se para ele, e de olhos arregalados de terror, disse-lhe baixo:

— É a Floresta das Panteras!

— Sim? — perguntou ele, sem interesse.

— É aqui que moram as grandes panteras de Nimmr — continuou ela — e assim anoitece só se pode ficar sem riscos nesta mata tendo-se muitos guardas e grandes fogueiras acesas. E, mesmo assim, nem sempre se fica a salvo, pois não é raro que pulem contra um guarda e o carreguem, devorando-o em distância de ainda se poderem ouvir os gritos. Mas — e os olhos dela tiveram subitamente uma expressão — esqueci-me da estranha arma trovejante com que o senhor matou os cavaleiros de Bohun! Com certeza poderá matar com ela todas as panteras das florestas!

Blake hesitou em desenganá-la, aumentando-lhe os receios.

— Em todo caso — disse ele — talvez seja melhor partirmos agora, pois temos que jornadaear longo trecho e em pouco anoitecerá.

Assim falando, ele caminhou para o lado de sir Galahad. Quase havia chegado onde ele estava, quando o animal ergueu súbito a cabeça; de orelhas fitas e ventas dilatadas cravou o olhar nas sombras que se adensavam na floresta. Por espaço de um momento sir Galahad tremeu como varas verdes e, em seguida, com um relincho assustado, recuou; de um arranco arrebentou o cabresto e em seguida voltou-se e fugiu à disparada para a planície aberta.

Blake puxou o revólver e espiou as brenhas, mas nada viu e nem seu olfato atrofiado poderia sentir o cheiro que chegara fortemente às ventas de sir Galahad.

Dois olhos que ele não podia ver o estavam espreitando, mas não eram os olhos de Sheeta, a pantera.

## CAPÍTULO 20

# “Eu amo-o”

LORDE TARZAN cavalgava com sir Bertram na direção tomada pelos cavaleiros de Nimmr, mas só se reuniram a eles depois que Blake reouvera Guinalda, quando acesa ia a peleja travada logo após a hoste de Gobred alcançar os cavaleiros do Santo Sepulcro.

Ao aproximar-se, Tarzan viu cavaleiros contrários empenhados, dois a dois, em combates mortais. Viu um cavaleiro de Nimmr ser abatido pela lança do adversário: ato contínuo o vencedor, dando com os olhos em Tarzan bradou-lhe:

— Em guarda, senhor cavaleiro!

E, lança em riste, esporeou o cavalo contra Ele.

Foi uma novidade para o homem-macaco, uma nova aventura, uma sensação nova. Ele tanto entendia de justas como de pingue-pongue, mas desde criança manejava lanças, por essa razão sorriu quando o cavaleiro o acometeu.

Lorde Tarzan ficou-se à espera. O cavaleiro do Santo Sepulcro surpreendeu-se ao ver o adversário expectante, imóvel, sem mesmo baixar a lança para recebê-lo.

Lorde Bertram sofreu as rédeas do animal para assistir ao recontro e observar como aquele par inglês se havia em lutas. E ele também ficou perplexo. Estaria louco aquele homem, ou recusava combater?

Ao avizinhar-se o antagonista, Tarzan firmou-se nos estribos e ergueu a mão que empunhava a lança acima e para trás da cabeça; e quando a ponta da lança do adversário se achava ainda a cinco passos de distância o homem-macaco arremessou-lhe a pesada arma, como o fizera tantas vezes a caçar ou a combater.

Não era o visconde Greystoke quem se defrontava com o cavaleiro do Santo Sepulcro; nem era o rei dos grandes macacos — e sim o chefe dos Waziris, e nenhum outro braço do mundo saberia, como o seu, atirar uma lança de guerra.

E sua mão despediu a lança, como um arco projeta uma flecha. Ela acertou no escudo do adversário por cima da saliência central e, lascando-lhe a dura madeira, foi varar o coração do inimigo, enquanto jogava o cavalo para o lado, para deixar passar, a galope, o do antagonista desmontado.

Sir Bertram abanou a cabeça e fincou as esporas no animal para lutar com um inimigo que acabava de desafiá-lo. Ele não estava bem certo de que o ato de lorde Tarzan fosse perfeitamente leal, mas não podia coibir-se de achá-lo estupendo.

Os azares da batalha conduziram Tarzan para o oeste. Perdida a lança, combateu



com a espada. Muita sorte, e sua grande força e maravilhosa agilidade tornaram-no vencedor em dois encontros. A esse tempo o mais forte da peleja se travava ao nordeste.

Tarzan havia dado conta de seu segundo homem, desde que perdera a lança, e um cavaleiro do Santo Sepulcro havia por seu turno matado um cavaleiro de Nimmr. Ficando os dois sós, no campo, aquele sem perda de um instante lançou seu desafio ao homem-macaco.

Jamais em toda a sua vida Tarzan vira homens tão indômitos, tão valentes, tão gulosos de combates. Tarzan enchia-se de admiração por ver a glória que para ele havia em morrer na luta, com um heroísmo que excedia as mostras do mais delirante fanatismo. Que homens! Que combatentes!

Naquele instante era atacado pelo último cavaleiro. Suas espadas retumbaram nos escudos erguidos. Fizeram meia volta e outra vez chocaram. Correram de novo, ainda mais rentes um do outro. Os dois firmaram-se nos estribos para desferirem terríveis cutiladas, cada qual procurando abrir pelo meio o crânio do adversário.

A lâmina do cavaleiro do Santo Sepulcro resvalou do escudo de Tarzan para a cabeça do cavalo deste, mas a de Tarzan o atingiu.

Quando seu animal caía, o homem-macaco pulou ao chão. O antagonista tombou-lhe morto aos pés, ao passo que o cavalo do mesmo disparara em direção à cidade do Santo Sepulcro.

Tarzan olhou em torno. Achava-se só. Longe, para os lados norte e leste, ele via a poeira de combates. A cidade de Nimmr ficava do outro lado da planície, na direção do sul. Quando a batalha terminasse, Blake retornaria e era ele que Tarzan desejava encontrar. O sol já encobria por trás das montanhas do ocidente quando o homem-macaco começou a voltar para Nimmr.

Sua cota de malha era pesada, quente e incômoda, por isso, depois de andar algum tempo, libertou-se dela. Tinha consigo sua faca e sua corda. Destas nunca ele se separava. Jogou para um lado a cota e a espada, e, com um suspiro de alívio, prosseguiu em seu caminho.

Quando Ibn Jad, seguido de seus homens, atravessava o vale em direção à cidade que avistara no extremo oposto do vale, tornou-se preocupado com as espessas nuvens de poeira erguida pelos cavaleiros do Santo Sepulcro e pelos nimmrenses.

Vendo uma floresta perto, ao lado direito, achou mais prudente ocultar-se em sua sombra, até saber melhor o que causava as referidas nuvens, que ele via rapidamente aproximar-se.

Na floresta, a temperatura era fresca e nela se abrigaram Ibn Jad e os demais

árabes.

— Fiquemos aqui — propôs Abd el-Aziz — até a noite, para entrarmos na cidade protegidos pelas trevas.

Ibn Jad aprovou a idéia e, em vista disso, acamparam na floresta, quedando-se em expectativa. Observaram a nuvem de poeira avançar para a cidade do Santo Sepulcro.

— Por Alá, que foi bom nos escaparmos daquela cidade antes da volta dos moradores — disse Ibn Jad.

Eles viram um cavaleiro entrar também na mata ou passar junto a ela em direção ao sul — não o puderam perceber perfeitamente — mas não os interessava um cavaleiro único e por isso não procederam a investigação sobre seu destino. Parecia carregar outra pessoa ou algum grande fardo — a distância não puderam perceber o que era.

— Talvez encontremos maior tesouro na cidade do sul — disse Abd el-Aziz.

— E talvez também a bela mulher à qual o adivinho também se referiu — acrescentou Ibn Jad — pois não a achamos na cidade de onde partimos esta manhã.

— Algumas das mulheres que lá estavam eram mui belas — disse Fahd.

— Mas aquela que procuramos é mais bela do que uma "huri" — observou Ibn Jad.

Eles recomeçaram a avançar ao anoitecer, caminhando cautamente pela borda da floresta. Havia talvez percorrido um quilômetro quando os que iam à frente ouviram sons de vozes. Ibn Jad mandou um dos seus verificar o que era.

Este logo voltou. Seus olhos brilhavam de excitação.

— Ibn Jad — segredou ele — não precisa ir procurar mais longe — a "huri" se acha aqui bem perto!

Em vista das palavras de seu espia, Ibn Jad, seguido pelos seus companheiros, penetrou mais na mata, avizinando-se pelo lado oeste do lugar onde se achavam Blake e Guinalda. Quando o cavalo negro arrebentou o cabresto e Blake puxou o seu revólver, Ibn Jad compreendeu que não ficariam despercebidos mais tempo. Ele chamou Fahd e disse:

— Muitos cristãos entendem a língua que você aprendeu entre os soldados do norte. Dirijsa-se a ele nessa língua, dizendo que somos amigos e que estamos perdidos na floresta.

Quando Fahd viu a princesa Guinalda, seus olhos se semicerraram e todo ele tremeu como um maleitoso. Nunca em toda a sua vida Fahd vira mulher assim tão bela e jamais sonhara que uma "huri" pudesse ser encantadora como ela.

— Não faça fogo — gritou para Blake da moita onde se escondera, — nós somos amigos. Estamos perdidos na floresta.

— Quem são vocês? — inquiriu Blake surpreso de ouvir alguém falar francês no vale do Santo Sepulcro.

— Somos uns pobres moradores do deserto — respondeu Fahd. — Achamo-nos perdidos. Auxilie-nos a encontrar nosso caminho, que as bênçãos de Alá baixarão sobre a sua pessoa.

— Saiam daí, para que eu os veja — disse Blake. — Se são amigos, nada terão a recear de mim. Já tive hoje mais complicações do que desejaria, para querer arranjar mais outra.

Fahd e Ibn Jad apresentaram-se então à sua frente. Vendo-os, Guinalda agarrou-se ao braço de Blake exclamando abafadamente:

— Os mouros!

— Penso que o são de fato — disse Blake — mas não se incomode, porque não nos farão mal.

— Não farão mal a um cruzado? — perguntou incredulamente a princesa.

— Estes sujeitos nunca ouviram falar em cruzados.

— Desagrada-me o modo por que estão a olhar-me — segredou-lhe Guinalda.

— A mim também, mas talvez não nos queiram causar dano.

Com muitos sorrisos os árabes rodearam os dois e, por intermédio de Fahd, Ibn Jad reiterou os protestos de amizade e declarou sua satisfação por encontrar alguém que os orientasse para sair do vale. Fez muitas perguntas acerca da cidade de Nimmr; e, durante todo esse tempo, seus companheiros se foram acercando cada vez mais de Blake.

Súbito se desvaneceram os sorrisos de seus rostos quando, a um sinal do xeque, quatro possantes beduínos saltaram sobre o americano e o atiraram ao chão, tomando-lhe o revólver, enquanto outros dois agarravam a princesa Guinalda.

Em poucos instantes Blake foi fortemente amarrado. Então os árabes discutiram o que deviam fazer dele. Vários preferiam que lhe cortassem o pescoço, mas Ibn Jad se opôs, por se acharem em um vale cheio de amigos daquele homem; poderiam os azares da guerra entregar alguns beduínos às mãos do inimigo e esses teriam melhor tratamento se poupassem a vida daquele homem.

Blake ameaçou, prometeu, suplicou para que soltassem Guinalda, mas Fahd limitou-se a rir e cuspir nele. Durante alguns minutos parecia quase certo que iam matar Blake: um dos beduínos chegou a curvar-se sobre ele com uma faca afiada na mão, à espera de um sinal de Ibn Jad.

Nesse momento Guinalda desembarçou-se daqueles que a agarravam e atirou-se sobre Blake, fazendo de seu próprio corpo escudo para defender-lhe o corpo contra a lâmina.

— Não o matem! — gritou ela. — Se querem derramar sangue de um cristão, tirem a minha vida, mas poupem a dele.

— Eles não a compreendem, princesa Guinalda — disse Blake. — Talvez não me matem, mas isto pouco importa. O essencial é a senhora escapar-lhes.

— Oh! Eles não podem matá-lo! Não podem! Perdoa-me as palavras cruéis que proferi? Eu não dizia a sério. Sentia meu orgulho ferido com aquilo que Malud me contou que o senhor dissera a meu respeito e por isso falei só para magoá-lo, mas não porque assim pensasse. Perdoa-me?

— Perdoar-lhe? Nada tenho que perdoar! Mas que foi que Malud contou?

— Oh! Não me incomode com isso. Não me importa aquilo que o senhor pudesse dizer. Já me esqueci tudo! Repita-me as palavras que proferiu quando eu prendi a minha fita em seu ombro, que tudo perdoarei.

— Mas que disse Malud? — insistiu Blake

— Que o senhor se gabara de que queria fazer que eu o amasse, somente para depois desprezar-me — sussurrou ela.

— Que cão! Você deveria saber que ele mentira, Guinalda.

— Diga o que eu lhe pedi, que acreditarei que ele mentiu — instou a princesa.

— Amo-a! Amo-a, Guinalda! — exclamou Blake.

Os árabes de novo agarraram a jovem, forçando-a a ficar de pé. Ibn Jad e os companheiros ainda discutiam o destino a ser dado a Blake.

— Por Alá! — exclamou finalmente o xeque. — Deixemos o cristão aqui onde está; se ele morrer, não se poderá dizer que fomos nós, os beduínos, que o matamos. — Abd el-Aziz — prosseguiu — leve com você alguns homens e atravesse o vale em direção àquela outra cidade. Eu o acompanharei um pedaço para conversarmos sem que este cristão nos ouça, porque talvez ele entenda a nossa língua mais de que imaginamos.

Enquanto se dirigiam para o sul, Guinalda procurava de novo livrar-se das garras de seus captores, mas sem o conseguir. Eles levaram-na à força. Enquanto não a perdeu de vista, Blake a vira debater-se, e vira também seu amado semblante voltado para Ele; e no momento em que desaparecia entre as árvores, ela proferiu três palavras que para ele significavam mais do que, juntas, todas as línguas do mundo.

— Eu amo-o!

Os árabes detiveram-se longe de Blake; e Ibn Jad disse:

— Vamos separar-nos aqui, Abd el-Aziz. Vá observar se aquela cidade parece rica; se estiver fortemente guardada, não tente tomá-la, e sim dirija-se ao nosso acampamento, que fica atrás do último dos montes do norte; se já o tivermos deixado, deixaremos rastros bem visíveis, para vocês poderem alcançar-nos. Enquanto isso. Vou-me apressar a sair do vale com o rico tesouro que já obtivemos e do qual esta mulher não é a menor das preciosidades. Por Alá! no norte a venderemos por uma grande fortuna a uma dúzia de xeques, à nossa escolha. Vá, Abd el-Aziz! e que Alá o proteja!

Ibn Jad tomou a direção do norte. Ele acreditava que a grande hoste que entrevira, no meio da nuvem distante de pó, já havia regressado à cidade que saqueara, por isso não pensou em tentar sair do vale pelo mesmo caminho por que nele entrara; resolveu, em consequência, escalar as íngremes montanhas em um ponto a oeste daquela cidade, evitando as proximidades do castelo e de seus defensores.

Blake ouviu os passos dos beduínos afastando-se, até morrerem a distância. Ele esforçou-se para soltar-se, mas as correias que o atavam eram mui fortes. Em vista disso, deixou-se ficar quieto. Quão grandes eram o silêncio e a solidão na grande e sombria floresta — a Floresta das Panteras! Ele prestou ouvidos. Esperava escutar, a cada instante, as pisadas macias e o roçar de um grande corpo felpudo nos galhos secos do chão. Os minutos arrastavam-se lentíssimos. Passou-se assim uma hora.

Nasceu a lua — uma lua grande e vermelha, que se erguia silenciosa de trás das montanhas longínquas. Essa lua, que o olhava, também olhava Guinalda. Ele segredou-lhe um recado — um recado para sua princesa. Era a primeira vez que Blake se apaixonara, e quase esquecia os nós da correia e as ferozes panteras, lembrando-se daquelas três palavras que Guinalda lhe dissera no instante da separação.

Que seria aquilo?! Blake scrutou as trevas da floresta com o olhar. Alguma coisa se movia! Sim, eram os sons subtis de patas macias no chão... e o roçar de um peludo corpo nas folhas e ramos... Era a pantera que se avizinhava!

Atenção! Deveria estar outra em uma árvore próxima, pois tinha a certeza de ter visto um vulto sombrio mover-se num galho, quase em cima dele. Os raios do luar nascente infiltravam-se horizontais por entre as árvores, iluminando o lugar onde jazia Blake e uma dezena ou mais de metros para além.

Em dado momento surgiu uma grande pantera naquela nesga enluarada.

Blake viu-lhe os olhos coruscantes e sentiu-os queimar seu corpo como fogo. E não era possível aos seus afastar-se dos da grande fera, como se estivera

acorrentado por um forte magnetismo.

Agachando-se, o carnívoro aproximava-se mais e mais. Avizinhava-se lento, polegada a polegada, com um requinte premeditado de tortura. Ele o viu abanar a sinuosa cauda.

Viu-lhe as grandes presas à mostra. Viu-o também de músculos contraídos chatear contra o chão. Já ia dar o salto! Inerme, horrorizado, Blake não tirava os olhos daquela cara de dentes arreganhados.

Ele viu-o, improviso, pular com a leveza e a agilidade de um gato; mas no mesmo instante viu qualquer coisa cair como um raio, do alto. A pantera foi detida a meio pulo e arrojada para trás, e em seguida os olhos atônitos de Blake viram-na ser içada a uma árvore inclinada sobre aquele lugar.

Ele tornou a avistar o vulto que já enxergara entre os ramos, mas desta vez discernia ser um homem a guindar a pantera por meio de uma corda, cuja laçada terminal lhe apanhara o pescoço, no momento do salto.

A urrar e a agatanhar o espaço com as unhas afiladas, Sheeta, a pantera, era içada para o alto. Uma potente mão alcançou-a e agarrou-a pelo cachão, enquanto outra lhe enterrava uma faca no coração.

Quando Sheeta acabou de barafustar e ficou quieta, a mão que a sustinha largou-a, indo o cadáver cair com surdo retumbo ao chão, junto a Blake. Então a figura, de como de um deus da selva, saltou agilmente ao solo. Blake soltou uma exclamação de pasmo e de prazer:

— Tarzan dos Macacos!

— É Blake? — perguntou Tarzan. — Finalmente o encontrei! E não cheguei fora de propósito!

— Juro, por tudo no mundo, que não! — exclamou Blake.

Tarzan cortou as correias que prendiam o americano.

— Estava a procurar-me? — perguntou Blake.

— Sim. Desde que soube que se havia separado de seu safári.

— Por São Jorge, que boa idéia a sua!

— Quem o deixou amarrado aqui?

— Um grupo de árabes.

Algo semelhante a um rosnido escapou-se da boca do homem-macaco.

— O velho patife Ibn Jad esteve aqui? — perguntou, sem o acreditar.

— Eles levaram uma jovem que se achava comigo — disse Blake. — Sei que não preciso pedir-lhe que me auxilie a salvá-la.

— Que rumo tomaram? — indagou Tarzan.

— Aquele — disse Blake, apontando o sul.

— Quando?

— Há cerca de uma hora.

— É melhor tirar essa cota de malha — aconselhou Tarzan. — É verdadeiro suplício para se andar a pé. Acabei de ter disso a experiência.

Ajudado pelo homem-macaco, Blake libertou-se da mesma e seguiram ambos os rastros visíveis dos árabes. No ponto em que Ibn Jad regressara para o norte, eles ficaram sem saber qual das duas pistas divergentes seguirem, pois ali desapareciam totalmente os sinais dos pés de Guinalda. os quais o homem-macaco vira durante todo o percurso até aquele lugar.

E os dois perguntavam-se onde reencontrariam suas pegadas, pois não podiam saber que, naquele ponto, resolvendo Ibn Jad afastar-se de Nimmr, a princesa recusara continuar a andar. Assim não procedera enquanto se dirigiam para Nimmr, mas agora, que se distanciavam dessa cidade, a princesa recusava-se terminantemente a contribuir para facilitar o próprio rapto.

A tênue viração que havia, soprava do oriente, tornando inútil o faro de Tarzan. Deste modo, o homem-macaco não podia saber em que direção ou com que grupo de árabes seguira Guinalda. Ele disse a Blake:

— A presunção mais razoável é que a princesa tenha sido levada para o norte, pois sei que o acampamento de Ibn Jad fica para aquele lado. Ele não penetrou no vale pelo sul. Sei disso, porque sir Bertram me contou que só existem duas estradas — uma é aquela por onde vim e a outra é uma passagem para cima da cidade do Santo Sepulcro.

"Ibn Jad desejará fazer a moça sair do vale e chegar a seu acampamento o mais cedo possível, se a vai conservar para cobrar o resgate ou se a pretende vender no norte. O grupo que se dirigiu para Nimmr, foi talvez negociar o resgate com a família da raptada, mas as probabilidades são de não estar ela com esse grupo.

"Todavia, tudo são conjecturas. Precisamos certificar-nos da realidade e, para isso, proponho-lhe que siga os rastros do norte, os quais, tenho a certeza, são os únicos que o farão encontrar a moça, enquanto procurarei alcançar o grupo que se encaminhou para o sul.

"Ando mais depressa que o senhor, por isso se eu tiver razão, e a jovem houver sido conduzida para o norte, voltarei, e, sem grande perda de tempo, o alcançarei. Caso o senhor alcance o seu bando e verifique não se achar a jovem com ele. volte para vir encontrar-se comigo; caso, porém, a encontre, não se arrisque a tentar

recuperá-la sem ser auxiliado, pois está desarmado e para os árabes é coisa tão simples degolá-lo, como tomar uma xícara de café.

"Agora, adeus, e feliz sorte!"

E assim dizendo, Tarzan dos Macacos pôs-se a seguir as rastros do grupo que se dirigira para Nimmr, ao passo que Blake se voltava para o norte, encetando uma sinistra jornada, através das brenhas sombrias da Floresta das Panteras.



## CAPÍTULO 21

# Uma vida humana, em paga de cada jóia

DURANTE toda a noite Ibn Jad e a sua comitiva jornadaaram na direção norte. Malgrado o embaraço criado pela recusa de Guinalda em caminhar, venceram boa distância estimulados pelo desejo de fugir do vale com suas ricas presas, antes de serem descobertos e de terem no encalço a grande hoste de cavaleiros que agora acreditavam plenamente estar aquartelados no castelo que tiveram sorte de encontrar quase deserto.

A sede do ganho dava-lhes mais força e resistência do que as de que normalmente dispunham e o resultado foi que, ao raiar do dia, já se encontravam no sopé da serra alcantilada que Ibn Jad resolvera escalar, de preferência a assaltar o castelo que defendia o lugar que dava fácil saída para o vale.

Achavam-se extenuados ao passar a cavaleiro da barbacã exterior que guardava o caminho e não foram descobertos pelas sentinelas enquanto o último dentre eles não se viu em segurança na velha estrada que conduzia à ravina do alto da serra, além da qual ficava o "menzil" dos árabes.

Os defensores da barbacã arremeteram contra eles, e tão perto se aproximaram de sua retaguarda, que o cavaleiro que os comandava viu e reconheceu Guinalda; mas uma descarga dos mosquetes dos homens do deserto fez os soldados mal armados, de Bohun, bater em retirada. Somente o bravo cavaleiro continuou a investir, lança em riste, mas seu corcel foi derribado por uma bala e o cavaleiro ficou preso sob Ele.

Já passava de meio-dia quando Ibn Jad e seus trôpegos companheiros chegaram ao acampamento do outro lado da montanha. Embora estivessem a cair de fadiga, Ibn Jad apenas lhes concedeu uma hora para dormir, antes de prosseguir a viagem, pois o xeque de el-Guad sentia crescente temor de que lhe arrebatassem o tesouro e a mulher que levavam, antes de chegarem às vastidões arenosas onde ficava seu aduar.

O pesado tesouro fora colocado em vários sacos e estes distribuídos pelos seus subalternos menos inspiradores de desconfiança; quanto à jovem cativa, de sua guarda fora encarregado Fahd, cujos olhos perversos enchiam de medo e asco a princesa.

Stimbol, que intimamente zombara daquela história do tesouro e da bela mulher que os árabes esperavam encontrar em uma cidade misteriosa e oculta, boquiabriu-se de espanto ao ver os despojos trazidos por eles da sua incursão, inclinando-se a

princípio a atribuí-lo às alucinações causadas pela febre que o atacara.

Muito fraco, Stimbol acompanhava tropegamente a caravana, pondo-se o mais perto possível de Fahd, pois sabia que, entre todos, aquele marau sem escrúpulos era provavelmente quem o auxiliaria, pois Stimbol vivo significava, para Fahd, uma grande fortuna, circunstância de que este último nunca se esquecia. Agora, entretanto, surgira nova idéia no cérebro perverso do árabe, que concebera pela moça branca uma paixão que o arrastava às raias da loucura.

Com a fortuna que Stimbol lhe prometera, Fahd compreendeu que se poderia dar ao luxo de possuir só para si aquela "huri" adorável ao passo que, continuando pobre, apenas poderia pensar em vendê-la pelo melhor preço possível. Por essa causa, seu espírito concebia planos sucessivos para adquirir a posse exclusiva de Guinalda e de Stimbol: mas ao lembrar-se da ganância do xeque, via esses planos se desmoronarem.

Ao sopé das montanhas do Santo Sepulcro, Ibn Jad voltou-se para leste, a fim de evitar passar nos domínios de Batando. Além da extremidade oriental da serrania, ele volveria de novo para o sul e por último seguiria para o oeste, longe do norte do território de Tarzan, pois, embora soubesse estar morto o Senhor das Florestas, ainda receava a vingança de sua gente.

Já era bem tarde quando acamparam. Foram feitos às pressas os preparativos para a refeição da noite. Era frouxa e indecisa a claridade do fogo em que se fazia a comida e a das lanternas de papel da barraca do xeque, mas não tão frouxa e indecisa que Ateja não visse Fahd despejar alguma coisa na tigela de comida que preparava para Ibn Jad e que se achava no chão entre este e o candidato a assassino.

Assim o xeque pegou a vasilha, Ateja saiu do compartimento anterior e arrebatou-a de sua mão; antes, porém, de explicar seu procedimento e acusar Fahd, o culpado, compreendendo ter sido descoberta a sua perfídia, pôs-se instantaneamente de pé, e, tomando seu mosquete, invadiu o compartimento das mulheres onde ficara Guinalda aos vigilantes cuidados de Hirfa e de Ateja.

Agarrando a jovem pelo pulso e puxando-a, Fahd ergueu a lona dos fundos da barraca e correu em direção à sua própria. A esse tempo soavam grandes brados na barraca de Ibn Jad. O xeque pedia explicação a Ateja e, ignorando ainda que Fahd escapulira pelos fundos, ninguém seguiu a buscá-lo na repartição destinada às mulheres.

— Ele pôs "simm" na sua comida! — gritou Ateja. — Eu o vi fazê-lo e a prova da culpa é que fugiu apenas soube que eu o vira.

— Valha-me Alá! — exclamou Ibn Jad. — Aquele filho de chacal quis envenenar-me? Agarrem-no e tragam-no aqui!

— Ele ergueu o pano do fundo e fugiu! — bradou Hirla — e levou a cristã consigo.

De um salto os árabes puseram-se de pé, e partiram atrás de Fahd; mas ao chegarem à barraca deste, o mesmo, com uma bala, os fez bater em retirada.

Em sua barraca ele agarrou Stimbol, que dormia sobre uma esteira imunda e o forçou a levantar-se.

— Depressa — silvou-lhe ao ouvido. — Ibn Jad mandou matá-lo! Siga-me, que o salvarei.

Enquanto seus compatriícios se aproximavam enfurecidos mas cautelosos da frente de sua barraca, Fahd, puxando Guinalda, e acompanhado por Stimbol, tornou a passar pelos fundos e em meio às trevas do "menzil" tomou a direção do oeste.

Já caíra o crepúsculo quando James Blake, seguindo os rastros visíveis da gente de Ibn Jad, galgou a última escarpa e encontrou-se na estrada que conduzia à passagem de comunicação do vale do Santo Sepulcro com o mundo exterior.

A cem metros à direita surgiam as torres cinzentas da barbacã. À esquerda via-se o caminho que levava para a direção a que tendia o desejo de seu coração, e rente a ele, dissimulados em densas moitas, estavam homens de armas do rei Bohun; isto, porém, ele desconhecia, pois como poderia saber que fazia horas que os olhos dos guardas se achavam a espiar a sua lenta ascensão dos alcantis?

Extenuado pela subida penosa, após muitas horas de pelejas, sem alimento nem descanso, e desarmado também, Blake não poderia resistir nem fugir quando uma dúzia de homens armados saiu das moitas circunvizinhas e o fechou em um círculo de aço. E por isso James, de Nimmr, foi agarrado e conduzido à presença do rei Bohun; e quando, ao interrogarem-no, Bohun descobriu que ele era o cavaleiro negro que malograra seu plano de raptar a princesa Guinalda, mal conseguia conter sua imensa cólera.

Limitando-se a assegurar a Blake que o mandaria matar logo que descobrisse alguma espécie de morte em proporção com a enormidade de seu crime, o rei Bohun ordenou que o pusessem a ferros; e o americano foi conduzido por guardas a um escuro subterrâneo embaixo do castelo, onde à luz de um archote um ferreiro lhe chumbou uma pesada grilheta a um dos pés e o acorrentaram a uma úmida parede de pedra.

À claridade do archote Blake viu dois homens, macilentos e nus, da mesma forma acorrentados, e divisou a um canto afastado um esqueleto, entre cujos ossos se enferrujavam uma corrente e uma grilheta. Em seguida saíram, em silêncio, os guardas e o ferreiro levando o archote e deixando James Blake mergulhado nas

trevas e no seu desespero.

Tendo Tarzan alcançado na planície, para baixo da cidade de Nimmr, o bando de árabes comandados por Abd el-Aziz, verificou, sem se deixar ver, que a jovem não se achava com ele; em vista disso, apressou-se a voltar e a dirigir-se para o norte, a fim de seguir a pista do outro bando.

Precisando de alimentação e de repouso, ele retardou-se na Floresta das Panteras durante as horas mais calmas do dia, depois de dar caça a Horta, o javali, e de matá-lo prestamente. Tendo enchido seu estômago, o homem-macaco encontrou uma forquilha de árvore em altura onde era pouco provável que as grandes panteras de Nimmr lhe fossem perturbar o sono; e aí dormiu até o sol descambar atrás dos montes do ocidente. Na manhã seguinte, muito cedo, chegou ao "menzil" deserto, onde a gente de Ibn Jad estivera acampada durante sua incursão no vale do Santo Sepulcro.

Havia já algum tempo que ele perdera a pista de Blake, mas via com freqüência os rastos da jovem princesa; e como sua salvação assumira agora a primazia sobre outras quaisquer considerações, ele continuou a seguir a comitiva de Ibn Jad. Dado momento sentiu-se intrigado porque não reapareciam os rastos bem característicos das pequeninas sandálias, de forma medieval, da princesa Guinalda, entre as marcas dos pés dos beduínos.

Ele perdeu algum tempo a procurar a solução daquele enigma e afinal conjeturou o seguinte: Certamente, pelo fato de as delicadas sandálias se estragarem muito com sua caminhada — ou de serem muito justas e, por isso, incômodas para se viajar a pé, arranjam-lhe um par de sandálias de Ateja, com o que se tornava difícil diferenciarem-se os rastos das duas moças, que tinham o mesmo peso e o mesmo porte, circunstância que tornava idênticos os vestígios de seus passos.

Tarzan contentou-se, então, em seguir a pista da comitiva. Foi assim que ele esteve no lugar em que estivera acampada, e onde Fahd raptara Guinalda do xeque sem descobrir que três pessoas se haviam dirigido para o oeste ao passo que a maioria dos árabes se encaminhava para leste.

E enquanto Tarzan seguia a pista de Ibn Jad cem gigantes waziris jornadaavam para o norte, a partir da lagoa das penhas redondas e lisas, acompanhando o rasto velho dos beduínos. Com eles se achava Zeyd, que tanto suplicara que o deixassem ir com os mesmos, quando passaram pela aldeia onde estivera a esperar, que, por fim, o chefe dos waziris consentira.

Quando Tarzan alcançou os árabes, já tinham estes rumado para o sul, depois de contornar a extremidade oriental das montanhas do Santo Sepulcro. Ele viu os sacos

que carregavam e o evidente interesse com que Ibn Jad os vigiava e guardava, e sagazmente calculou que o velho e vil ladrão encontrara realmente o tesouro que buscava; mas não viu sinais da presença da princesa, e também deu pela falta de Stimbol.

Tarzan sentia-se furioso — primeiramente por aqueles bandidos se atreverem a invadir seus territórios; e, ainda, por sentir que de qualquer modo o lograram.

Tinha Tarzan seus próprios métodos para castigar os inimigos incluindo entre eles aquilo que sugeria o seu macabro senso humorístico. Quando os homens procediam culpadamente, agradava-lhe o valer-se de tudo o que lhes pudesse causar o máximo sofrimento; e, a este respeito, era, em verdade, implacável para com seus contrários.

Ele estava certo de que os árabes o acreditavam morto e não se compadecia com seu plano o revelar-lhes, então, o erro em que incorriam; esse erro, ao contrário, era de vantagem ao seu plano de começar a fazer-lhes sentir os efeitos de seu descontentamento e a provar os primeiros frutos de sua vilania.

Tarzan, sem fazer ruído, seguia de árvore em árvore paralelamente à fila dos árabes. Estes, amiúde, se lhe tornavam claramente visíveis; mas nesses momentos ninguém via Tarzan, nem sonhava que seus olhos selvagens espreitavam cada um de seus movimentos.

Cinco homens carregavam o tesouro, embora seu peso não fosse tão grande que um homem forte não o pudesse transportar, só ele, com algum esforço. O mais das vezes era a estes homens e ao xeque Ibn Jad que Tarzan espionava.

A senda batida era larga e o xeque seguia a par de um dos carregadores do tesouro. Reinava grande quietude na selva. Os próprios árabes, sempre a tagarelar uns com os outros, haviam emudecido de fatigados que se achavam; o dia era quente e não estavam acostumados a carregar os volumes que eram forçados a transportar desde que Batando lhes tomara os escravos negros.

Súbito, sem outro sinal precursor, à exceção de seu silvo sinistro, uma flecha varou o pescoço do árabe que caminhava ao lado de Ibn Jad.

Soltando um grito, o ferido caiu de borco no chão. A um brado de alarma do xeque os seus companheiros prepararam os mosquetes para o ataque esperado, mas, para onde quer que olhassem, não viam sinais de nenhum inimigo. Quedaram-se expectantes, a prestar ouvidos, sem que estes fossem feridos por outros sons além dos zumbidos de insetos, ou, a espaços, do pio rouco de alguma ave; mas, ao recomeçarem a andar abandonando o companheiro morto no caminho, uma voz bradou-lhes nitidamente a distância:

— Uma vida humana em paga de cada jóia!

Foi dada a essas palavras uma lúgubre inflexão plangente, pois quem as gritara

conhecia bem a natureza grandemente supersticiosa dos habitantes do deserto e o melhor meio de impressioná-los.

Vivamente abalados ficaram os ânimos naquela coluna que prosseguia a viagem; e não ocorreu a idéia de acamparem até quase à hora do pôr do sol, tão ansiosos estavam para se distanciarem daquela floresta sombria e do horrído fantasma que a habitava; mas a floresta parecia interminável, pelo que foram obrigados a acampar em meio a ela.

Entretanto, as fogueiras e a refeição no acampamento afrouxaram a tensão dos nervos excitados e os árabes se recobram tanto do pânico, que de novo soavam cantos e gargalhadas no "menzil" de Ibn Jad.

Quanto ao velho xeque achava-se sentado na repartição da frente de sua barraca, rodeado dos cinco sacos do tesouro, um dos quais ele abrira para se regalar com a contemplação de seu conteúdo. Em torno dele estavam os seus maiores a bebericar café.

Improvisamente, caiu pesadamente ao chão, em frente da barraca, uma coisa que se foi a rolar para o interior daquela, indo parar entre os árabes. Era a cabeça de um homem! E viram a encará-los sinistramente os olhos vidrados do seu companheiro morto, que haviam deixado bem atrás, no caminho por onde vieram.

Cheios de horror, como petrificados por um sortilégio, conservavam-se a fixar, de olhos arregalados, aquela coisa sinistra, quando de novo saiu da espessura tétrica da floresta o mesmo grito lúgubre e plangente:

— Uma vida humana em paga de cada jóia!

Ibn Jad tremia como num acesso de febre. Os árabes do acampamento reuniram-se em frente à barraca do xeque. Cada qual empunhava um mosquete com uma das mãos, ao passo que com a outra procurava no peito um de seus amuletos, pois todos levavam consigo vários, e aquele que procuravam em tal momento era o em que se achavam palavras cabalísticas, para exorcismarem o demônio, porquanto só este poderia ter feito semelhante coisa.

Hirfa encontrava-se no compartimento da frente da barraca, e Ateja ficara-se no dos fundos, sentada na esteira onde dormia. Ela não viu soerguer-se o pano posterior da barraca nem viu o vulto que se esgueirou sob Ele, entrando ali. O compartimento das mulheres estava quase escuro, pois pouca luz da sala da frente se infiltrava naquele lugar.

Ateja sentiu que uma mão lhe tapava a boca, ao passo que outra lhe agarrava o ombro. E uma voz ciciou-lhe no ouvido:

— Fique quieta! Não lhe farei mal. Sou um amigo de Zeyd. Conte-me a verdade, que nenhum mal sucederá a você ou a Ele. Onde está a mulher que Ibn Jad trouxe do

vale?

O ser que a agarrara retirou a mão dos lábios dela e colocou rente a eles o ouvido. Ateja tremia como varas verdes. Jamais vira algum fantasma. Não podia enxergar o ser que se inclinara junto a ela, mas sabia que era um daqueles temíveis povoadores das trevas noturnas.

— Responda! — sussurrou de novo a voz do fantasma. — Se quiser salvar Zeyd, fale, mas fale a verdade!

— Fahd na noite passada desapareceu do "menzil" levando a mulher consigo — respondeu, aos arquejos, a jovem. — Não sei para onde foram.

Silencioso como chegara, o duende se afastou da apavorada moça. Quando Hirfa a procurou daí a instantes, encontrou-a desmaiada.

# Esposa de um macaco

IMERSO em completa escuridão, Blake estava sentado no pavimento de pedra de seu calabouço. Depois que os carcereiros partiram, ele dirigira a palavra aos companheiros de cárcere, mas apenas um lhe respondera frases desconexas que convenceram o americano de ter o infeliz enlouquecido com os horrores de sua clausura naquele subterrâneo imundo.

Afeito à liberdade, à luz, à vida ativa, o jovem já começava a ressentir-se do horror de sua situação e perguntava-se quanto tempo levaria para papaguear igualmente coisas incoerentes, na extremidade de uma corrente a enferrujar-se e, depois, para reduzir-se a uma ossada dispersa no pavimento infecto e pegajoso.

Em meio à obscuridade e ao silêncio completo, é como se não existisse o tempo, pois não há modo de calcular-se a sua passagem. Blake não saberia dizer quanto tempo ali ficara no ambiente abafado e úmido de seu ergástulo. Certo momento adormeceu, mas, ao acordar, não poderia afirmar se dormira um momento ou a duração do tempo em que o ponteiro percorre todo o mostrador do relógio. E que importava isso? Naquele lugar, um segundo, um dia, um ano nada significavam para Blake. Só duas coisas para ele tinham agora significação — e eram a liberdade ou a morte. E estava certo de que em breve invocaria satisfeito esta última. Dado momento um ruído quebrou o silêncio do subterrâneo. Aproximavam-se passos. Blake começou a prestar ouvidos. Daí a instantes percebeu um bruxuleio que se avivava aos poucos, até um archote resinoso iluminar, por fim, o interior da prisão. A princípio ficaram-lhe os olhos tão ofuscados pela claridade, que não pôde ver quem ali entrara. Quem quer que fossem essas pessoas, elas se haviam adiantado, indo parar à sua frente.

— É ele — disse uma delas.

— Não nos reconhece, nobre Cavaleiro Negro? — perguntou o outro homem.

Blake olhou-o fixamente. Afinal, um leve sorriso iluminou-lhe o rosto, ao ver uma larga faixa enrolada ao pescoço do mais moço.

— Penso que foi a estocada que lhe "sapequei" — observou.

— Que "sapecou"? Que quer dizer com isso? — inquiriu o mais velho.

— Presumo que os senhores dois não vieram aqui condecorar-me, sir Wildred — disse Blake com um sorriso sarcástico.

— O senhor fala por enigmas! — disse Wildred. — Viemos soltá-lo, para o jovem



rei não acarretar desgraças sobre os cavaleiros do Santo Sepulcro, pondo em prática a resolução que tomou. Eu e sir Guy o ouvimos dizer que o ia queimar vivo, amarrado a um poste e por isso nos dissemos que enquanto corresse sangue em nossas veias, não consentiríamos que a tão valoroso cavaleiro fosse dada morte infamante por um tirano qualquer.

Acabando de assim falar, Wildred agachou-se e com uma grande lima começou a cortar os rebites que fechavam a argola articulada da grilheta.

— Vão auxiliar-me a fugir?! — exclamou Blake. — Mas, se forem descobertos... o rei não os punirá?

— Ninguém saberá — disse Wildred — embora eu de bom grado corresse tal risco por um nobre cavaleiro como o senhor. Sir Guy está a montar guarda na barbacã esta noite e não será difícil levá-lo até lá, para que ele o deixe sair. Deste modo, poderá descer a encosta, em direção a Nimmr. Não o podemos fazer passar pela porta da cidade, porque esta se acha guardada pelos dois mais vis instrumentos de Bohun; mas talvez amanhã, sendo possível, sir Guy ou eu próprio lhe levemos um cavalo na planície, para prosseguir a viagem.

"Conte-nos uma coisa que nos tem intrigado muito — prosseguiu Wildred. — O senhor tomou, e, aliás, galhardamente, a princesa, mesmo rente ao nariz de Bohun e, no entanto, mais tarde ela foi vista em poder dos mouros. Como sucedeu isso?"

— Viram-na, então? — perguntou Blake. — Em que lugar?

— Além da barbacã exterior. Os mouros levaram-na para a passagem que conduz não se sabe para onde — respondeu Wildred.

Blake narrou-lhes tudo o que ocorrera desde que tornara Guinalda a Bohun, e, ao acabar de falar, já os rebites se achavam também cortados. E Blake levantou-se livre, afinal.

Wildred levou-o por alguns corredores secretos a seu próprio alojamento, onde lhe deu alimento, novos trajes e uma cota de malha, pois acharam que, para dirigir-se a um país desconhecido, conforme a intenção que revelara, precisava ir convenientemente armado e montado.

Já era meia-noite quando Wildred fez Blake sair ocultamente pela porta do castelo e seguir com ele a cavalo para a barbacã exterior. Nesta já encontraram sir Guy. E poucos minutos depois Blake se despediu de seus cavalheirosos inimigos e, montado em um possante cavalo de batalha, com suas próprias cores a palpar na ponta da lança, passou sob a ponte levadiça e, à pálida claridade do céu estrelado, tomou o caminho que levava às grimpas das montanhas do Santo Sepulcro.

Toyat, o rei dos macacos, saboreou um suculento besouro que achou sob a casca

podre de uma árvore tombada. Ao seu redor encontravam-se os grandes selvagens antropóides de sua tribo. Era à tarde; e os macacos achavam-se à sombra de grandes árvores ao lado de uma clareira natural da mata. Achavam-se satisfeitos e em paz com todo o mundo.

Para aquela direção seguiam três pessoas; mas, como o vento soprasse para o lado delas, nem Toyat nem os seus companheiros sentiram o cheiro dos Tarmanganis. Os detritos vegetais que forravam a trilha da mata tornavam balofo o chão úmido, pois chovera na noite antecedente e os passos das três pessoas não produziam sons audíveis aos macacos. Além disso, eles andavam de mansinho, porque não se alimentavam havia dois dias e procuravam caçar algum animal para comerem.

Um dos três era um homem grisalho, desfigurado pela febre, e a amparar com um pedaço de galho de árvore os passos vacilantes; havia também um árabe mal-encarado, a carregar um longo mosquete, e a terceira pessoa era uma jovem, cujas estranhas vestes de tecidos preciosos se achavam esfrangalhadas e sujas. Tinha o semblante manchado de terra e desfeito pelos sofrimentos, mas, apesar disso, era de quase celestial beleza. Ela caminhava com esforço, e embora, de exausta, às vezes tropeçasse, não perdia certa realeza de seu porte, nem deixava de exprimir altivez o seu bem formado mento soerguido.

O árabe ia à frente. Foi ele quem primeiro avistou um macaco novo a brincar na ourela da clareira, para além dos macacos adultos da tribo de Toyat. Ali estava o alimento desejado! O árabe ergueu sua arma antiga e fez pontaria. Puxou o gatilho. Seguiu-se um estampido, acompanhado dos guinchos de dor e de terror do balu atingido pelo tiro.

No mesmo instante os macacos ficaram alerta, prontos para ação. Iriam fugir do temido e odiado pau trovejante do Tarmangani, ou vingariam o ferimento do balu? Quem o poderia saber? Hoje poderão fazer uma coisa, e, amanhã, em circunstâncias idênticas, fazer outra. Nesse dia optaram pela vingança.

Chefiados por Toyat, que urrava medonhamente, os macacos avançavam para proceder a investigações. E foi a vista desse bando a avançar para seu lado que se deparou ao olhar terrificado dos três, quando se adiantaram depois do tiro de Fahd, para saber se por fim iriam comer alguma coisa ou se deveriam soçobrar em maior desânimo, enfraquecidos como já estavam e com a fome a corroer-lhes as entranhas.

Fahd e Stimbol dispararam para trás a correr. Em sua covarde precipitação, o árabe empurrou para um lado Guinalda, o que a fez cair ao chão. Vendo a moça por terra, um dos macacos da frente pulou sobre ela, e já ia cravar os dentes em seu pescoço quando Toyat o agarrou e o fez afastar-se da mesma, pois reconheceu que era uma mulher. O rei dos macacos já tinha visto outra Tarmangani e resolvera ter uma delas como esposa.

Compreendendo o outro símio, de gigantesco porte, que Toyat lhe desejava tomar a presa, e enraivecido pelo ato brutal do rei, dispôs-se a contestar incontinenti o direito de Toyat a usurpar-lhe essa posse. De caninos à mostra avançou ameaçador para Toyat, que arrastara a jovem para a clareira.

Toyat, por sua vez, também arreganhou os dentes, rosnando.

— Vá-se embora! Esta é a esposa de Toyat.

— É de Goyad! — retrucou o outro, continuando a avançar.

Toyat voltou-se urrando:

— Eu mato você!

Goyad não se intimidou; mas súbito Toyat tomou Guinalda em seus felpudos braços e fugiu com ela para a selva. Goyad precipitou-se, a urrar e guinchar, em seu encalço.

De olhos arregalados de horror, a princesa Guinalda debatia-se para livrar-se da horrível criatura peluda que a carregava. Jamais ela vira um grande macaco, nem ouvira falar que tais seres existissem e considerava-os, por isso, como uma hedionda e baixa espécie de homem daquele mundo exterior em que, segundo lhe diziam sempre, havia, perto, exércitos sitiando de mouros, e, mais além, a uma grande distância, um maravilhoso país chamado Inglaterra. Ela jamais tentara imaginar que mais coisas poderiam ali existir, mas via um lugar horrível, povoado de monstros medonhos, entre os quais, naturalmente, se incluíam dragões.

Toyat não havia ainda percorrido grande espaço quando, compreendendo que não poderia continuar a fugir, sobrecarregado como estava pelo peso de sua nova esposa, e não tendo idéia de renunciar à mesma, voltou-se inopinadamente e enfrentou o rígido Goyad. Goyad não se deteve. Avançava a espumar, pêlo eriçado e dentes à mostra — verdadeira imagem de selvageria bestial, da pujança e do paroxismo da fúria.

Largando a jovem, Toyat avançou para reagir ao ataque de seu súdito rebelde, ao passo que Guinalda, enfraquecida pelos trabalhos a que não estava afeita, e pela falta de alimentação, e aterrada pela sua horrível situação, caía arquejante no chão da mata.

Preparando-se para a luta em perspectiva, Toyat e Goyad esqueciam tudo o mais. Se Guinalda aproveitasse aquele temporário esquecimento em que a deixaram, teria escapado aos macacos; mas achava-se muito aturdida e extenuada para aproveitar aquele ensejo.

Paralisada e aniquilada pelo horror da situação, ela observava aqueles pavorosos e primitivos homens-feras a preparar-se para lutar pela sua posse.

Mas Guinalda não era a testemunha única daqueles selvagens preliminares de combate. Da moita em que se ocultara, essa outra testemunha tinha cravado o olhar interessado nessa cena. Absorvidos pela iminência da luta, Toyat e Goyad não notaram que se movia a intervalos a folhagem da moita atrás da qual se achava o outro espectador, movimento esse causado pelo corpo deste, cada vez que respirava ou a cada leve mudança de sua posição.

Porventura esse espectador não achava grande interesse esportivo naquela briga iminente, pois exatamente no instante em que os símios se iam engalfinhar, ele ergueu-se e saiu para a clareira. Era um grande leão de juba negra e cujo pêlo à luz do sol apresentava um tom dourado.

Toyat foi o primeiro a vê-lo. Com um ronco enraivecido ele virou-se e fugiu, deixando o adversário e sua presa entregues ao destino que a providência lhes teria reservado.

Julgando que o antagonista houvesse desistido da luta por sentir medo dele, Goyad bateu com a mão no peito e soltou o berro de vitória dos macacos; em seguida, gingando o corpo como um campeão vencedor, voltou-se para tomar posse da presa. Mas nesse instante viu entre si e a moça o leão, de pé, a encará-lo fixamente.

Goyad fez alto. Quem não o faria em caso tal? Estava à distância de um pulo do leão, mas este não se agachava para o bote. Goyad recuou roncando; e, vendo que o leão não fazia menção de persegui-lo, o grande macaco volveu-se súbito e correu para a mata, a lançar amiudados olhares para trás na direção do grande felino, até que as folhagens das árvores lhe interceptaram a vista.

Então a fera voltou-se para a moça. Pobre princesinha! Sem esperança de salvar-se, conformada, ela jazia no chão a olhar arregaladamente aquela nova máquina de tortura e destruição. O rei dos animais encarou-a um instante e em seguida caminhou para seu lado. Guinalda juntou as mãos e rezou — não pela vida, que já se resignara a perder, mas para ter morte rápida e sem padecimento.

A fera chegou-se rente a ela. Guinalda fechou os olhos para não ver-lhe o vulto temeroso. Sentiu no rosto o balo quente do leão, cujo cheiro fétido lhe penetrou as narinas. O leão rodeou-a, farejando-a. Santo Deus! Quando se acabaria aquele martírio? Havia-se esgotado a capacidade de sofrimento de seus nervos supliciados. Guinalda desmaiou. Isto foi a misericordiosa cessação de seus padecimentos.

## CAPÍTULO 23

# Jad-bal-ja

TOMADOS de pânico, os membros restantes da coluna de Ibn Jad infletiram para o oeste, apressando-se, em marchas forçadas, a fugir da sinistra floresta do fantasma. Abd el-Aziz e os que haviam partido com ele da Floresta das Panteras, para Nimmr, não se haviam reunido aos companheiros. Nem se reuniriam mais, porque na planície, para baixo da cidade-tesouro dos sonhos dos beduínos, os cavaleiros de Gobred os haviam descoberto, e apesar dos mortíferos trovões de seus antigos mosquetes, os bravos cavaleiros de Nimmr, de lança em riste, os acometeram; e mais uma vez soou o vitorioso grito de guerra dos cruzados, após sete séculos de silêncio, para anunciar um novo combate de guerra sem fim — a guerra para a posse da Terra Santa.

Vindo da direção do norte, um cavaleiro vestido de cota de malha cavalgava através das florestas da terra dos galas. Na ponta de sua lança palpitava um pendão azul e prata. Os jaezes de seu grande cavalo eram ricos do ouro e da prata do tesouro de sir Wildred, o cavaleiro do Santo Sepulcro.

De olhos esbugalhados de assombro, os guerreiros galas fugiam quando avistavam a distância aquele solitário anacronismo.

Voltando para o oeste, Tarzan dos Macacos achara os rastos de Fahd, Stimbol e Guinalda, e os seguira.

Rumando o norte marchavam cem gigantes cor de ébano, veteranos de cem batalhas — os famosos waziris — e com eles seguia Zeyd, o namorado de Ateja. Um dia eles encontraram rastos recentes a cruzar seu roteiro em diagonal, para o sudoeste. Eram rastos de calçados árabes, de dois homens e de uma mulher; e, quando os waziris os mostraram a Zeyd, o jovem beduíno jurou que os de mulher eram de Ateja, pois quem melhor que ele conheceria a forma e o tamanho de seus pequeninos pés, ou a forma das sandálias que ela mesma fazia? Zeyd pediu aos waziris que se desviassem algum tempo de seu rumo e o ajudassem a descobrir a sua amada. Quando o chefe estava a refletir sobre esse pedido, o ruído de qualquer coisa a mover-se na selva atraiu todas as atenções.

Enquanto prestavam ouvidos, avistaram um homem de andar cambaleante.

Era Fahd. Zeyd o reconheceu incontinenti, pelo que mais certo ainda ficou de serem de Ateja as pegadas de mulher.

Zeyd aproximou-se ameaçadoramente de Fahd.

— Onde está Ateja? — perguntou.

— Como o posso saber? Há dias que não a vejo — respondeu Fahd. Ele dizia a verdade.

— Mentira! — bradou Zeyd a apontar o chão. — Aqui estão os rastos dela e os seus.

O olhar de Fahd demudou-se de expressão. Ele descobria uma oportunidade para fazer sofrer o homem a quem odiava. Àquela observação, limitou-se a encolher os ombros, dizendo:

— Por Alá! Uma vez que o sabe, não o posso negar.

— Onde está ela? — repetiu Zeyd.

— Morreu. Eu desejava evitar-lhe este golpe — respondeu Fahd.

— Morreu?!

Bastava o sofrimento que repassava esta palavra para comover um coração de pedra — mas não o do beduíno Fahd.

— Raptei-a da barraca do pai — acrescentou Fahd, desejando torturar o mais possível o rival. — Dias e noites seguidos ela me pertenceu; depois um enorme macaco arrebatou-ma. Já deve estar morta a esta hora.

Mas Fahd fora demasiado longe. Ele ultrapassara os limites da tolerância de Zeyd. Com um grito de furor este, desembainhando a "khusa", saltou sobre Ele, e, antes que os waziris pudessem intervir ou Fahd defender-se, a afiada lâmina mergulhava três vezes na coração do mentiroso.

Cabisbaixo e taciturno Zeyd acompanhava os waziris na continuação da sua viagem para o norte, quando, um quilômetro para trás deles, um homem acabado, ardendo em febre, tropeçou no caminho e caiu. Duas vezes tentou erguer-se com o resultado de tornar a cair ao chão. E ali ficou como um feixe de ossos recoberto de farrapos imundos — às vezes a delirar, outras tão mudo e imóvel, que parecia morto.

Do norte vinha Tarzan dos Macacos, acompanhando o rasto de Guinalda e de seus dois companheiros. Bom conhecedor dos meandros do caminho, ele tomava atalhos passando de árvore em árvore, e por isso deixou de encontrar os waziris no ponto em que o caminho deles se cruzava com o de Fahd, no lugar onde Zeyd matara o rival; e daí a pouco suas narinas sentiam o cheiro dos Manganis, a distância.

Rápido ele se dirigiu para o lado dos grandes macacos, receando sucedesse à jovem algum mal, se por infeliz acaso ela tivesse caído em poder dos antropóides. Tarzan chega à clareira onde os símios preguiçavam pouco tempo depois da volta de Toyat e de Goyad, que já haviam desistido da contenda, uma vez que da presa

disputada se apossara um terceiro mais forte que eles.

Terminadas as cerimônias preliminares do encontro, e tendo os macacos reconhecido Tarzan, este perguntou-lhes se não viram uma Tarmangani que passara recentemente por ali.

M'walat apontou para Toyat. Então Tarzan dirigiu-se ao rei.

— Viu a mulher? — perguntou, receando pela sorte dela, pois lhe desagradavam os hábitos do rei-macaco.

Toyat indicou o sul com o polegar, dizendo:

— Numa.

E continuou a caçar para matar a fome. Mas Tarzan compreendeu tão bem o que o macaco queria dizer, como se em vez daquela palavra ele o explicasse com cem.

— Onde? — inquiriu Tarzan.

Toyat apontou o lugar onde abandonara Guinalda ao leão. E o homem-macaco prosseguiu a andar tristemente, na direção mostrada, a fim de investigar o acontecido, já adivinhando o que iria encontrar. Haveria, pelo menos, de arrebatá-la a Numa sua presa, e dar sepultura conveniente à desventurada jovem.

Lento e lento Guinalda recobrava os sentidos. Ela não abria os olhos, mas permanecia muito quieta perguntando-se a si mesma se aquilo era a morte. Não sentia dor alguma.

Daí a pouco teve acordo de estar a sentir um cheiro penetrante e desagradável. Uma coisa qualquer moveu-se mui perto dela, tão perto, que a sentia encostar-se em seu corpo, levemente, e nesse contato ela sentia como que o calor de outro corpo.

Abriu medrosamente os olhos e súbito compreendeu de novo o horror de sua situação, pois viu o leão deitado rente a ela. A fera tinha as costas voltadas para seu lado, a nobre cabeça erguida, e com a juba negra quase lhe roçava o rosto. O leão cravava o olhar, atento, em direção ao norte.

Guinalda conservou-se quieta. Daí a pouco ela mais sentiu do que ouviu um surdo ronco que parecia partir do fundo do peito do carnívoro.

Vinha-se aproximando qualquer ser! Até Guinalda o percebeu. Mas não lhe traria socorro, pois quem a poderia socorrer contra aquele terrível animal?

Houve um farfalho entre os ramos das árvores a uns trinta metros dali e improvisamente uma gigantesca figura de semideus pulou ao chão. O leão levantou-se e encarou aquele homem. Os dois permaneceram assim, a observar-se um ao outro por breves instantes. Em seguida o homem chamou.

— Jad-bal-ja! Venha aqui!

O grande leão dourado levantou-se e, atravessando a clareira, foi parar em frente ao homem. Guinalda viu o animal olhar o rosto do semideus e viu este bater-lhe afetuosamente na cabeça felpuda; mas, enquanto isso fazia, o olhar do homem, ou deus, ou quem quer que fosse, se fitara em Guinalda; esta notou a súbita expressão de alívio da fisionomia dele, ao perceber que ela nada sofrera.

Parando de acariciar o leão, o homem-macaco atravessou a aberta e foi ajoelhar-se ao lado dela.

— A senhora é a princesa Guinalda? — perguntou.

A moça acenou que sim, admirada de que ele a conhecesse. Não pôde responder por outro modo, porque ainda se sentia muito abalada para poder falar.

— Está ferida? — inquiriu ainda o desconhecido. Movendo a cabeça ela disse que não.

— Não tenha medo — disse o homem em voz branda, para tranquilizá-la. Sou um amigo. Agora a senhora está salva.

No modo como ele o disse, havia algo que encheu Guinalda de tal sensação de segurança, que mal lhe dariam a mesma todos os cavaleiros do reino de seu pai.

— Não sinto medo... Já não o sinto mais — limitou-se ela a dizer.

— Onde estão seus companheiros? — perguntou Tarzan. Ela contou o que lhes sucedera.

— Então deles estamos bem livres — comentou o homem-macaco — e não tentaremos encontrá-los. A mata os chamará a contas do seu próprio modo e no momento oportuno.

— Quem é o senhor? — perguntou a jovem.

— Sou Tarzan.

— Como sabe meu nome? — inquiriu ela.

— Sou amigo da pessoa a quem a senhora conhece como sir James — explicou Tarzan. — Eu e ele estávamos à sua procura.

— O senhor é amigo dele? — exclamou a princesa. — Oh, que bom! Então é meu amigo também!

O homem-macaco sorriu e disse:

— Para sempre!

— Por que o leão não o matou, sir Tarzan? — interrogou ela, considerando-o como simples cavaleiro, pois em sua terra somente havia este título, à exceção do de príncipe, pertencente a sua própria família, e do de rei, do falso rei Bohun, da cidade



do Santo Sepulcro. A razão era que, na hoste que naufragara na costa da África, por ocasião da terceira cruzada, só havia cavaleiros, a não ser um filho bastardo de Henrique II, que fora o primeiro príncipe Gobred. Nunca mais tendo ficado em contacto com algum rei inglês, depois que em Chipre se separaram do rei Ricardo, Gobred não se arrogara o direito de agraciar com títulos de nobreza os seus súditos, por ser essa uma prerrogativa do rei.

— Por que o leão não me matou? — repetiu Tarzan. — Porque ele é Jad-bal-ja, o Leão Dourado, ao qual criei desde pequeno. Toda a sua vida me conheceu como seu amigo, e senhor. Por isso não me atacaria e se não a assaltou também, foi devido à sua longa associação com seres humanos. Mesmo assim, fiquei receoso ao vê-lo perto da menina, pois um leão é sempre um leão.

— O senhor mora perto daqui? — inquiriu a jovem.

— Muito longe — disse Tarzan — mas devem estar por perto alguns dos meus, pois do contrário Jad-bal-ja não se acharia aqui. Mandeí chamar os meus guerreiros e sem dúvida ele os veio acompanhando.

Compreendendo que a jovem sentia fome, Tarzan mandou o Leão Dourado a ficar vigiando enquanto ia buscar-lhe alimento.

— Não tenha receio dele — disse Tarzan — e lembre-se de que não terá melhor protetor para espantar possíveis inimigos.

— Acredito-o... — respondeu Guinalda.

Tarzan voltou trazendo-lhe alimento e, em seguida, como o sol ainda ia alto, partiu para Nimmr com a princesa, a carregá-la, pois ela, achando-se muito fraca, não podia andar; e ao lado dele seguia Jad-bal-ja, o grande leão dourado, de juba negra.

Durante a viagem, Tarzan muitas coisas ficou sabendo sobre Nimmr, e também descobriu que, pelos modos, o amor de Blake era plenamente correspondido pela jovem, pois nunca a princesa parecia tão contente como quando falavam sobre sir James; ela fazia-lhe perguntas sobre o remoto país do mesmo e sobre sua vida passada, a cujo respeito, infelizmente, Tarzan nada lhe poderia dizer.

No segundo dia os três chegaram ao lugar da grande cruz. Desse ponto Tarzan chamou as sentinelas para que fossem receber sua princesa.

Guinalda instou com o homem-macaco para ir com ela até o castelo receber os agradecimentos de seus pais, mas Tarzan disse-lhe precisar partir incontinenti para procurar Blake; e, ao ouvir tal razão, ela deixou de insistir.

— Se o achar — disse-lhe a princesa — diga-lhe que as portas de Nimmr estarão sempre abertas para ele e que a princesa Guinalda aguarda o seu regresso.

Do lugar da cruz de pedra, Tarzan acompanhado por Jad-bal-ja começou a descer,

desandando pelo mesmo caminho. Antes de voltar-se para entrar no túnel que a levaria aos domínios de seu pai, a princesa Guinalda ficou a contemplá-los, até se encobrirem em uma curva.

— Nosso Senhor o abençoe, generoso cavaleiro — murmurou então ela — e vele sua pessoa e o faça voltar junto com o meu bem-amado!

# Caminhos convergentes

DESCENDO pela floresta, Blake procurava algum fio condutor para atinar com o paradeiro dos árabes raptos de Guinalda, experimentando ora um ora outro caminho, seguindo esta ou aquela pista, para abandoná-las depois.

Em uma tarde chegou improvisamente a uma grande aberta onde existira, outrora, uma aldeia dos nativos. A mata não a invadira ainda e, quando ali chegou, avistou uma pantera agachada distante, para um lado, e, defronte dela, o corpo de um ente humano. A princípio Blake julgara estar morto aquele ente, mas daí a pouco viu-o tentar levantar-se e se afastar de gatinhas.

O grande felino roncou avançando para ele. Blake deu um grito e esporeou o cavalo, mas Sheeta, a pantera, não lhe prestou atenção, sendo óbvio não pretender desistir de sua presa; mas quando Blake se achou mais próximo, a fera voltou-se para ele, com um rosar colérico.

O americano perguntava a si próprio se seu cavalo não recusaria avizinhar-se da pantera, mas não precisava ter esse temor. Nem o teria, se mais familiarizado estivesse com os costumes do vale do Santo Sepulcro, onde um dos esportes prediletos dos cavaleiros das duas cidades inimigas era caçar à lança os gigantes felinos, quando estes se aventuravam a sair da floresta de seu nome.

O ginete de guerra cavalgado por Blake já havia enfrentado muitas dessas feras, e bem maiores que aquela que ali estava, por isso precipitou-se para o lado dela sem dar mostras de receio ou inquietação, enquanto a criatura que ia servir-lhe de pasto encarava o cavaleiro com os olhos arregalados de assombro.

Ao achar-se à distância de pulo, Sheeta ergueu-se rápida para investir contra o cavalo e o cavaleiro. Deu o salto, mas de caminho encontrou em cheio a ponta metálica da grande lança, e esta penetrou tão fundo que para seu manejador foi difícil arrancar-lhe do corpo. Feito isto, ele tocou o cavalo para o lado do ser que jazia inerte no chão.

— Meu Deus! — exclamou, quando seus olhos, baixando-se, fixaram o rosto dele.  
— Stimbol!

— Blake!

O moço desceu do cavalo.

— Estou morrendo, Blake — murmurou Stimbol. — E antes de morrer quero dizer-lhe que estou arrependido. Procedi como um patife. Bem mereci o que me está sucedendo.

— Não pense em morte, Stimbol! — disse Blake. — Você ainda está vivo. A primeira coisa a fazer é irmos para um lugar onde haja alimento e água.

Curvando-se, ele ergueu-lhe o corpo macerado e colocou-o na sela.

— Há poucas milhas atrás, encontrei uma aldeia dos nativos. Seus habitantes fugiram ao ver-me, mas lá voltaremos para tentar conseguir o que comer.,.

— Que está fazendo aqui? — perguntou Stimbol. — E, em nome do rei Artur, por que se apresenta nesse aspecto?

— Contar-lhe-ei tudo quando chegarmos à aldeia — disse Blake. — É uma narrativa muito longa. Estou a procurar uma jovem que há poucos dias foi roubada pelos árabes.

— Céus! — exclamou Stimbol.

— Sabe alguma coisa sobre ela? — perguntou Blake.

— Eu estava com o homem que a roubou — disse Stimbol, — ou, pelo menos, que a roubou de outros árabes.

— Onde está ela?

— Morreu, Blake!

— Morreu?

— Um bando de macacões apanhou-a. Decerto no mesmo instante mataram a pobre menina.

Blake ficou longo tempo silencioso e cabisbaixo, enquanto, sentindo o grande peso da sua armadura, caminhava à frente, puxando o cavalo que carregava Stimbol.

— Os árabes não lhe fizeram mal? — perguntou daí a pouco.

— Não — disse Stimbol. — O xeque raptou-a para receber um resgate ou para vendê-la no norte, mas Fahd, por sua vez, roubou-a do xeque. Ele também me levou consigo, porque lhe prometi uma fortuna se me salvasse e evitei que ele importunasse a jovem, dizendo-lhe que não lhe daria um centésimo, se ele tal fizesse. Comovia-me a situação da pobre moça e mentalmente eu resolvera salvá-la, se possível.

Quando Blake e Stimbol se avizinhavam da aldeia, os pretos fugiram de novo, deixando os homens brancos em plena posse da mesma. Blake não demorou muito a encontrar alimento para ambos.

Sem se descuidar do bem-estar de Stimbol, Blake foi dar capim para o cavalo e em seguida voltou para junto do amigo. Estava a relatar a este o que sucedera consigo, quando súbito ouviu o barulho da aproximação de muitos homens. Evidentemente eram os moradores da aldeia que voltavam.

Blake preparava-se para lhes ir ao encontro com demonstrações de amizade, mas à primeira olhada na turba que se aproximava teve impressão diversa da esperada, pois não eram os amedrontados pretos que pouco antes vira fugir para a mata.

Com alvas plumas a ondear sobre a cabeça, uma horda de espadaúdos guerreiros vinha descendo o caminho sinuoso.

Traziam às costas grandes escudos ovais, e empunhavam compridas lanças de guerra.

— Estamos aviados! — disse Blake. — Os pretos da aldeia mandaram buscar seus irmãos mais valentes.

Os guerreiros entraram na aldeia e, ao verem Blake pararam, com evidente admiração. Um dos mesmos acercou-se dele e, com grande surpresa de Blake, falou-lhe em excelente inglês:

— Nós somos os waziris de Tarzan e estamos a procurar nosso chefe e senhor. Acaso o viu, Bwana?

Eram os waziris! Blake sentiu ímpetos de abraçá-los, pois estava a dar tratos à bola para saber o que fazer de Stimbol. Ele só, nunca conseguiria restituí-lo ao mundo civilizado, mas agora sabia que suas preocupações iam findar.

Se não fosse a tristeza de Blake e de Zeyd, geral seria o regozijo na aringa aquela noite, pois, sem preocupações pela sorte de seu senhor, os waziris avançaram com denodo na caçava e na espécie de cerveja dos pretos da aldeia.

— Não é possível Tarzan morrer — disse o chefe a Blake, quando este lhe perguntou se não sentia receios pela segurança de seu senhor; e bastaram essas simples palavras em tom convicto, para Blake, também, ficar quase convencido.

Penosamente prosseguiram sua viagem os árabes de el-Guad, em Beny Salem, a cambalear sob o peso de suas meias cargas. As mulheres carregavam mais do que isso. Ibn Jad vigiava o tesouro com olhos gananciosos.

Súbito, sem se saber donde, veio uma flecha trespassar o coração de um dos carregadores do tesouro, bem à frente de Ibn Jad. E uma voz cava soou na selva:

— Uma vida humana em paga de cada jóia!

Os beduínos, aterrados, estugaram os passos. Qual seria a vítima imediata? Seu desejo era lançar fora o tesouro, mas a ganância de Ibn Jad não lho permitia. Vislumbraram, atrás de si, um grande leão. Este aterrava-os, também, porque não se aproximava ou afastava — e sim, acompanhava-os, quieto, a espreitá-los. Por isso nenhum árabe se deixava ficar atrás.

Escoou-se uma hora. O leão caminhava bem à vista, atrás da comitiva. Nunca os

homens de Ibn Jad fizeram tanta questão de ficar à frente da coluna. Cada qual queria ser o mais da frente.

Súbito novo grito dado por outro carregador do tesouro. Uma flecha varara-lhe os pulmões.

— Uma vida humana em paga de cada jóia!

Os árabes atiraram ao chão o tesouro, gritando:

— Não carregamos mais esta coisa maldita!

E de novo soou a voz misteriosa:

— Carregue o tesouro Ibn Jad! Carregue-o! Foi você quem matou para obtê-lo. Carregue-o você mesmo, assassino e ladrão!

Os árabes, então, puseram o tesouro em um só volume e o puseram ao ombro de Ibn Jad. O velho xeque cambaleou ao seu peso.

— Não posso! — gritou alto. — Sou velho e fraco.

— Carregue-o ou... morrerá! — trovejou a voz sinistra, enquanto o leão se mostrava atrás deles, no caminho, a encará-los fixamente.

Ibn Jad oscilava sob o grande peso. Não podia andar tão depressa como os outros e por isso ficava para trás tendo o leão como única companhia; mas foi só por pouco tempo. Ateja viu-lhe os apuros e foi postar-se ao seu lado, com um mosquete em cada mão.

— Não tenha medo, meu pai — disse ela. — Não sou o filho que o senhor tanto desejava, mas posso protegê-lo como um filho!

Já crepusculava quando os primeiros homens da caravana beduína chegaram a uma povoação indígena. Já se encontravam nela e se viam cercados por cem guerreiros antes de compreender que estavam entre os pretos que mais temiam — os waziris de Tarzan.

O chefe negro desarmou-os incontinenti.

— Onde está Ibn Jad? — perguntou Zeyd.

— Vem mais para trás — respondeu-lhe um dos árabes. Olhando a estrada, Zeyd, em dado momento, viu duas pessoas a aproximar-se. Uma era um homem curvado sob uma pesada carga, e a outra era uma jovem. O que ele não viu foi o vulto de um grande leão, na sombra, atrás de ambos.

Zeyd parou de respirar, porque por um momento o coração cessara de bater-lhe.

— Ateja! — exclamou, correndo a encontrar-se com ela e a estreitá-la em seus braços.

Ibn Jad entrou cambaleante na aldeia. Relanceando o olhar nas caras carrancudas

dos temidos waziris, as pernas fraquejaram-lhe de todo e ele caiu ao chão, quase enterrado sob o tesouro que lhe recobriu a cabeça e os ombros.

Hirfa deu súbito um grito e apontou para trás o caminho. Todos os olhares se voltaram para essa direção. E viram então penetrar na zona de luz de uma fogueira da aldeia um grande leão dourado, ladeado de Tarzan, o Senhor das Florestas.

Quando Tarzan entrou na aringa, Blake foi-lhe ao encontro e apertou-lhe a mão.

— Chegamos muito tarde! — disse tristemente o americano.

— Que quer dizer? — perguntou o homem-macaco.

— A princesa Guinalda morreu!

— Que disparate! — exclamou Tarzan. — Deixei-a esta manhã à entrada da cidade de Nimmr.

Foi preciso Tarzan repetir-lhe uma dúzia de vezes, para Blake convencer-se de que suas palavras não eram um gracejo cruel. E uma dúzia de vezes Tarzan precisou repetir-lhe as palavras de Guinalda: "Se o encontrar, diga-lhe que as portas de Nimmr estarão sempre abertas para ele e que a princesa Guinalda aguarda o seu regresso!"

Mais tarde, nessa mesma noite, Stimbol, por intermédio de Blake, pediu a Tarzan que fosse à palhoça onde ele se achava.

— Graças, meu Deus! — exclamou, sinceramente. — Julguei que o tivesse matado. Essa idéia tem sido minha tortura, mas agora, que sei que não o fiz, acredito que até vou sarar.

— Cuidaremos de sua saúde, sr. Stimbol — disse o homem-macaco — e logo que esteja bem são, fá-lo-emos levar até à costa.

E em seguida retirou-se. Ele cumpriria seu dever para com aquele homem que lhe desobedecera e tentara matá-lo, mas não fingiria uma amizade que não sentia.

Na manhã seguinte prepararam-se para partir da aldeia. Ibn Jad e seus árabes, à exceção de Zeyd e de Ateja que pediram para ir servir Tarzan na casa deste, foram conduzidos, por uma escolta de doze waziris, à mais próxima povoação dos galas. Ali entregues a estes, que sem dúvida os venderiam como escravos na Abissínia.

Stimbol foi carregado por quatro waziris em uma padiola, quando a coluna abalou para o sul, rumo dos territórios de Tarzan. Outros quatro carregavam o tesouro da cidade do Santo Sepulcro.

Vestido novamente com sua armadura, Blake montou seu grande ginete de guerra no momento da partida dos waziris. Tarzan e o Leão Dourado achavam-se de pé ao lado dele. Blake inclinou-se, estendendo a mão ao homem-macaco.

— Adeus, prezado senhor!

— Adeus? — perguntou Tarzan. — Não vai conosco até a minha casa?

Blake abanou negativamente a cabeça e, respondeu:

— Não. Vou voltar para a Idade Média e para junto da mulher a quem amo!

Tarzan e Jad-bal-ja quedaram-se parados na estrada, contemplando sir James afastar-se, a cavalo, em direção à cidade de Nimmr, com o azul e prata de seu pendão a palpitar galhardamente na ponta de sua grande lança.

**FIM**



# Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[1. Tantor, o elefante](#)

[2. Os companheiros da selva](#)

[3. Os macacos de Toyat](#)

[4. Bolgani, o gorila](#)

[5. Os Tarmanganis](#)

[6. Ara, o raio](#)

[7. A cruz de pedra](#)

[8. A insídia da serpente](#)

[9. Sir Richard](#)

[10. O regresso de Ulala](#)

[11. Sir James](#)

[12. “Amanhã você morrerá”](#)

[13. Na barraca de Zeyd](#)

[14. Espada e escudo](#)

[15. À sepultura solitária](#)

[16. O grande torneio](#)

[17. Os mouros](#)

[18. O cavaleiro negro](#)

[19. Lorde Tarzan](#)

[20. “Eu amo-o”](#)

[21. Uma vida humana, em paga de cada jóia](#)

[22. Esposa de um macaco](#)

[23. Jad-bal-ja](#)

[24. Caminhos convergentes](#)